

O AMOR é uma CANOA

Um livro sobre livros,
escritores e os seus atormentados editores.

*Quinta Essência**

leYa



Ficha Técnica

Copyright © Ben Schrank
Todos os direitos reservados.
Tradução para a língua portuguesa © Texto Editores Ltda., 2014
Título original: Love is a Canoe
Diretor editorial: Pascoal Soto
Editora executiva: Maria João Costa
Produção editorial: Equipe Leya
Revisão: Marília Courbassier Paris
Capa: Maria Manuel Lacerda
Diretor de produção gráfica: Eduardo dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057
Schrank, Samantha
O amor é uma canoa / Ben Schrank; tradução de Helena Ruão. – São Paulo: LeYa, 2014.
ISBN 9788544100325
Título original: Love is a Canoe
1. Literatura norte-americana 2. Romance I. Título II. Ruão,
Helena
14-0285 CDD–813
Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura norte-americana

2014
Texto Editores Ltda.
[Uma editora do Grupo LeYa]
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo - SP
www.leya.com.br

Para Lauren, que ajudou muito.

Introdução de *O casamento é uma canoa* de Peter Herman, publicado pela Ladder & Rake Books, outubro de 1971

Caro leitor,

Neste breve volume irei partilhar com você algumas histórias que me foram contadas há uma década, durante o verão de 1961, quando eu tinha doze anos. A finalidade destas histórias é entreter. Mas são também lições de vida.

Nesse verão de 1961, os meus pais se divorciaram. Eu me senti desorientado e sozinho. Durante aquelas semanas de julho e agosto, enquanto meus pais passavam as noites discutindo sobre seus pertences, fui mandado para a casa dos meus avós, Hank e Bess Latham, que viviam numa velha cabana junto ao lago Okabye, em Millerton, Nova York.

Naquela temporada que passamos juntos, fizemos longas caminhadas ao redor do lago, durante as quais aprendi os nomes de muitas coisas da natureza até então desconhecidas para um menino da cidade como eu. Nós nos divertimos fazendo piqueniques com frango frito e limonada ao entardecer, na grama que se estendia desde o alpendre de trás da cabana até o final do lago. Joguei beisebol e dancei quadrilha com os outros garotos da região. E praticamente todos os dias, meu avô e eu íamos pescar no lago Okabye, em sua canoa *Old Towne*.

As histórias contadas pelos meus avós passaram a ser as lições às quais recorro na minha vida feliz de trabalhador esforçado, vizinho amável e cidadão honesto. Mas do que mais me recordo, e que compartilho com vocês nestas páginas, é de tudo o que os meus avós me ensinaram sobre como ser um bom marido e amante.

Embora nunca tivessem admitido diretamente, meus avós adoravam partilhar a sua filosofia sobre o amor. Sentiam-se muito incomodados com

os meus pais pela forma como maltratavam o próprio casamento. Acredito que quisessem me afastar daquele ambiente e evitar que seguisse os passos deles. Meus avós fizeram algo insólito: levaram-me, um rapaz infeliz, prestes a entrar na adolescência, para dentro do seu mundo e falaram-me sobre o casamento deles, mostrando-me como nutrir uma relação verdadeiramente amorosa.

Tenho pena de que o leitor não tenha estado conosco naquele verão. Mas as coisas extraordinárias que aconteceram e a minha necessidade de compartilhar isso foram o que me incitou a escrever este livro. Esforcei-me ao máximo para encher este volume com todas as lições que aprendi com os meus avós sobre o amor. As histórias deles destinam-se a quem queira lê-las. Acredito que quem o fizer sairá beneficiado.

Peter Herman, Nova York, 12 de abril de 1971.

Emily Babson, julho de 2010

– Trouxe tudo! – exclamou Eli. Entrou com a bicicleta pendurada numa mão, de maneira que o quadro ficava ao nível de sua orelha, e na outra sacudia um saco de papel cheio de mercadorias.

Do centro do apartamento, de pé junto à ilha da cozinha, Emily sorriu para ele. Estava observando a massa para uma torta descongelando.

– Trouxe a farinha de milho? – perguntou ela.

Eli deixou a porta da frente bater atrás de si, pousou a bicicleta, que girou mais uma vez antes de ficar encostada na parede, e atravessou a grande sala de estar até entrar na cozinha. Beijou-a. Ele cheirava a ferro e óleo da fábrica de bicicletas de que era dono e, por baixo desses, um outro cheiro que ela já desistira de nomear mas que hoje lhe recordava azeitonas verdes, o que não fazia sentido nenhum. Ela adorava o cheiro dele. Eli tinha o cabelo escuro, que usava um pouco comprido, e os olhos eram castanhos, embora por vezes ela os visse dardejear de violeta. Deixou a massa da torta e pousou a mão no peito dele.

– Esqueci. Mas trouxe todo o resto.

– A torta de mirtilos não vai ficar boa sem isso.

– Fica, sim. Deve ficar. De qualquer maneira, ainda devemos ter aí. – Beijou-a de novo. Eli Corelli era tão alto quanto a mulher, embora mais encorpado, o que o fazia parecer mais baixo nas fotografias. Quando Emily o conheceu, depois de uma palestra que ele deu na New School, achou que as suas pernas eram como troncos de árvore e gostou imediatamente disso, de ele ser tão sólido que se algum dia quisesse deixar-se cair, ele a apanharia.

Embora fosse sábado, ambos tinham passado a manhã trabalhando e o plano para o resto do dia era fazer uma torta para o concurso organizado por Sherry, a irmã de Emily. Não era habitual Emily ir às festas de Sherry, organizadas nos intervalos do seu trabalho como atriz, mas gostou do tema.

– Telefonei para ela e soube em primeira mão – disse Emily. – Há duas categorias: doces e salgados. Com um grande vencedor no final. A nossa torta de mirtilos pode concorrer com a empada de frango, embora esteja calor demais para isso.

– Espero que uma sobremesa tenha sido a escolha certa. – Eli abraçou Emily pela cintura.

Emily deu um empurrão à massa pousada na bancada. Tinha comprado-a no dia anterior e ia demorar ainda pelo menos uma hora até descongelar completamente. Dissera sim à festa de tortas da irmã mais nova na segunda-feira, antes que a timidez a fizesse retrair-se, e agora sentia certo nervosismo. Havia muito que Emily aceitara o fato de Sherry ser uma pessoa sociável e ela não. Sherry era um arraso. Tinha o cabelo preto, enquanto o de Emily era apenas castanho muito escuro. Os amigos fotógrafos adoravam captar o rosto anguloso de Sherry, pela quantidade de sombras que descobriam quando o iluminavam. O rosto de Emily era bem mais arredondado e suave, e ela tinha mais facilidade em se bronzear. Habitualmente apresentava o nariz e as faces salpicadas de sardas. Usava franja para evidenciar os seus traços. As duas irmãs não eram as melhores amigas – os melhores amigos de Sherry eram atores e atrizes como ela, e mudavam a cada um ou dois anos. Emily era apenas três anos mais velha do que a irmã. Mas ambas possuíam o mesmo instinto protetor em relação à outra. Mas sendo sincera, Emily era obrigada a admitir ser a pessoa mais próxima de Sherry em Nova York. Emily fora excessivamente tímida nos seus vinte anos, mas, de repente, surpreendeu a todos, até a si mesma, ao conhecer Eli e casar-se com ele. No entanto, em vez de se sentir mais confiante por ter um marido que todos adoravam, recolhera-se à concha do casamento. Condenava-se por manter essa situação e pensava muitas vezes em esquemas que pudessem alterar a dinâmica, antes de se solidificar e ela perder completamente a sua identidade em favor da vida de casal. Antes de estar com Eli, treinara-se a gostar de ioga, que praticava pelo menos duas vezes por semana, a mudar para um *merlot* depois de beber um Manhattan ou começar logo com *merlot*, a não sentir remorsos quando ia comprar roupa e acabava sempre por trazer mais um casaco de caxemira preto. Aprendera a cuidar de si mesma. Agora sabia que precisava se esforçar para sair deste novo estado e acreditava ser algo obrigatório antes de decidirem ter filhos. Emily estava consciente do

raciocínio calculista subjacente à sua decisão de ir à festa, consciente da atitude premeditada e do quanto isso a incomodava, mas estava decidida a ir mesmo assim. Eli nunca parecia se incomodar com as coisas, como acontecia com ela. Amava-o. Mas se sentia frequentemente frustrada consigo mesma e invejava o marido.

– Quanto mais penso nisso, mais vejo que não é possível ganharmos com uma simples torta de mirtilos. – Eli se pôs a abrir as portas dos armários. – Estamos na época dos mirtilos. Todo mundo vai aparecer com a mesma torta.

– Não temos de ganhar. A ideia é fazermos uma torta deliciosa, só isso; não uma monstruosidade *avant-garde* de bacon e pêssago. Quero que a nossa torta seja apreciada.

– Apreciada? Não, minha querida. É muito fácil fazer uma torta de que as pessoas gostem. Mas eu quero que as pessoas *adorem* o que quer que façamos. Quero ver garfos entrando nas bocas e suspiros de êxtase saindo. Quero ver dedos sendo lambidos, é isso que eu quero. – Eli continuava dando voltas pela cozinha. Franziu o cenho. – Quero muito ajudá-la a fazer isso, mas não sei o que se passa aos sábados à tarde que preciso sempre de uma sesta.

– Não vou dormir, mas o acompanho.

Foram de mãos dadas até o quarto. Haviām alugado o andar correspondente ao piso do salão de uma antiga e enorme casa de pedra calcária, na Clinton Street, na vizinhança de Carroll Gardens, no Brooklyn. As grandes janelas da sacada da fachada frontal eram praticamente iguais às que Emily tinha sonhado ter quando chegara a Nova York há uma década. Emily as lavara e pintara quando se mudaram para lá. O resto do apartamento estava razoável, embora um pouco maltratado, com uma geladeira barulhenta e um assoalho que poderia ser maravilhoso se o senhorio tivesse se dado ao trabalho de lixá-lo e poli-lo. Eles tiveram o cuidado de tornar toda a casa clara e luminosa, exceto o quarto, decorado com um tapete cor de chocolate e persianas que tapavam a luz por completo. Eli pintara as paredes do quarto com um tom vermelho-escuro quando se mudaram, dois anos antes, poucos meses após o casamento. Era uma cor muito mais sensual do que Emily teria imaginado gostar de ver num quarto. Quando a mãe veio a uma

conferência e ficou dormindo no sofá, Emily teve o cuidado de manter a porta do quarto fechada.

Deitaram-se na cama, por cima dos lençóis.

– Conseguiu fazer o que queria, hoje? – perguntou Emily.

– Não. O pessoal do Japão quer mais dezoito bicicletas, e os prazos estão apertando. Não gosto nada desse estresse todo.

– Manda uma torta pra eles! – Ela riu, formando pequenas rugas em volta dos olhos. Sabia o quanto ele gostava de vê-la rir. Ele afastou a franja da sua testa e a beijou.

– Talvez até mande, se conseguirmos fazer uma merecedora de amor eterno...

Eli continuou a falar de trabalho. A *Roman Street Bicycles*, que fundara seis anos antes, produzia quadros para bicicletas de velocidade única, imensamente requisitadas por todo o mundo, e Eli estava tendo problemas em gerir o crescimento da empresa. Cismava em se envolver na manufatura de cada peça, mas se queria continuar atendendo a demanda, em breve isso deixaria de ser possível. Emily também estava pensando em trabalho, num projeto para uma empresa que pretendia mudar a imagem de uma marca de colchas de algodão.

– Qual seria um bom adjetivo para uma colcha? – interrogou-se em voz alta.

– Eu sabia que não estava prestando atenção em mim. – Eli enterrou o rosto no pescoço dela.

Colcha quentinha, pensou ela. Colcha macia. Há tantas coisas que não valem a pena serem repensadas, pensou Emily. A equipe dela já tinha recebido quantias consideráveis algumas vezes para sugerir que uma empresa não mudasse nada. Mas um bom consultor de marca não podia fazer isso sempre. Eli passou o braço por cima dela, a mão deslizando por suas costas. Ela continuava a se surpreender por ao fim de quatro anos juntos ainda serem capazes de adormecer entrelaçados. Achou que ia precisar de uma palavra abstrata para qualificar a colcha: *Moomja* ou qualquer coisa assim. *Eli*. A colcha Eli...

– Me beija – disse ela. – Me beija um minuto antes de adormecer. – Ele o fez e ela se sentiu feliz por saber o que podia esperar do marido. Podia fazer isso e ficar toda cerimoniosa com qualquer outra pessoa, mas nunca com ele. Estar muito acomodada ao seu casamento? Por que isso é ruim?

Emily não se considerava uma pessoa sonhadora. Acreditava que a vida era feita de compromissos e esse era certamente um justo.

Acordou uma hora mais tarde sentindo a testa suada. Limpou-a e soprou umas duas vezes, abrindo bem os olhos para tentar ver na escuridão do quarto. Sentiu cheiro de cebola frita. Puxou o cabelo para trás e foi até a cozinha. Eli mexia qualquer coisa numa tigela. Vestia calças cáqui e mais nada. Ele tinha o logotipo da Roman Street Bicycles, composto pelas letras RSB enroscadas nos raios de uma roda de bicicleta, tatuado na omoplata esquerda. Várias vezes ela arranhava a tatuagem como se pudesse eliminá-la com as próprias unhas. Eli não gostava nada quando ela fazia isso. Agora Emily tocava suas costas sem arranhá-lo enquanto observava a cozinha em desordem.

– Que aconteceu? – perguntou ela. – O que fez à base da minha torta?

Eli olhava para dentro de uma tigela de vidro. Pedacos de ovo boiavam num molho verde que parecia não ser capaz de tomar liga. Havia montinhos de vegetais em tábuas de cortar e especiarias espalhadas por todo o lado. Formas de torta untadas de manteiga. Embora ela não visse nada cozinhando em panelas, o aroma era agora mais complexo do que simplesmente de cebola.

– Tive uma ideia – anunciou Eli.

– Isto não é torta de mirtilos. Eu te adoro, Eli, mas isso não tem ar de receita vencedora.

– Mas é, não se preocupe. Vi que havia ovos na geladeira e temos batatas e o presunto que comprei com aquele vale de oferta da *Staubitz*. Mas o molho verde é fundamental. A nossa arma secreta. Telefonei ao meu tio Frito. Vamos optar pelo salgado, com uma torta de café da manhã para o jantar, que no fundo é um empadão em forma de pastel, e ganhamos. Vou conquistar os votos masculinos, você vai ver.

– Quem é o tio Frito?

– O meu tio Frito, que vive no México, o inventor da Frito pie. Ele me deu excelentes dicas, ainda bem que liguei.

– Não consigo entender por que só o fato de a sua mãe ser do Chile faz você se achar no direito de reivindicar e ao mesmo tempo denegrir toda a América do Sul – disse Emily. Ela era judia e tinha crescido em Milton, nos arredores de Boston. Mas seus pais se divorciaram quando ela e Sherry estavam no ensino fundamental e a mãe tinha ido dar aulas no

Bates College, no Maine. Por isso, Emily se sentia completamente do Nordeste e até um pouco orgulhosa.

– Tenha calma, Senhora Descontração. Esta torta começa com um paladar sutil e depois explode em fogo. Ou assim será, se eu conseguir fazer tudo como deve ser. – Eli coçou o queixo. – Pode ir tomar banho. Me deixe aqui fazendo coisas sul-americanas secretas.

– Assim não é trabalho de equipe – comentou Emily.

– Às vezes um dos membros da equipe só precisa do apoio incondicional dos outros para que todo o grupo acabe vencedor – respondeu Eli. – Aliás, é isso que acontece muitas vezes. Olha o caso do Lance Armstrong. – Pegou uma colher e mergulhou-a na tigela. – Prova.

– Não. Se está à espera de apoio incondicional, é melhor não. Que substância ilegal você adicionou aí, Lance?

– Prova.

E ela provou, sentindo o sabor defumado e picante do molho, e tudo aquilo que Eli tinha dito que seria.

– É delicioso – disse ela. – Então o melhor é ir me arrumar. Você vai conseguir os votos masculinos e os femininos.

Quando Emily saiu do quarto, trazia um vestido de verão azul-escuro com bolinhas brancas.

– Está muito sexy – comentou Eli. – Mais tarde você pode levantar esse vestido até as coxas e fazer comigo a dança da vitória em cima de uma mesa. Pode até deixar que os rapazes tenham um vislumbre da sua calcinha.

Emily reparou nos dois grandes sacos de papel no balcão da cozinha. Amanhã faria a torta de mirtilos e a levaria para o trabalho na segunda-feira.

– E que roupa vai usar? – perguntou ela.

– Isso é fácil. – Eli vestiu uma camisa às pressas e calçou os chinelos que encontrou ao pé da porta. – Ah, vou precisar da sua ajuda com o discurso.

– Discurso?

– Não quero ficar sem palavras quando ganharmos.

Sherry vivia na Lorimer Street, em Williamsburg, em cima de um restaurante recém-falido chamado Baba. Tinha namorado durante pouco

tempo com Nicola, o dono do restaurante. Sherry costumava trabalhar em produções teatrais da Playwrights Horizons e nas novas peças de Kenneth Lonergan e Annie Baker. Como era uma pessoa pontualmente engraçada e de beleza clássica, muitas vezes voava até Hollywood ou Vancouver para desempenhar algum papel secundário em filmes protagonizados por Anna Faris.

– Já sei, estou toda suada – disse Sherry a Emily assim que Eli se afastou para servir as tortas.

– Não seja boba. Parece saída de um sonho – comentou Emily.

Sherry usava um vestido preto com uma larga faixa branca no meio. O batom era vermelho vivo. Tinha o hábito de morder o lábio inferior como agora.

– Dá para perceber que estou vestida como uma garçonete de beira de estrada?

– Dá, sim – respondeu Emily. – Não se preocupe, a ideia funciona.

O Baba tinha sido uma loja de vinhos antes de se transformar em restaurante, um local para saborear vinho e petiscos, até que Nicola desistiu e foi para Miami gerir um negócio de bufê. Mas Sherry ficou com a chave e era amiga do senhorio. Agora o exíguo espaço enchia-se de pequenas mesas de café redondas, e em cada uma havia uma torta com uma bandeira numerada espetada. A sala cheirava a vinho e estava muito barulhenta.

– Você falou que eram vinte pessoas – disse Emily. – Isso está mais para quarenta.

– O amigo do Micky vem aí com a sua banda de música *klezmer* – anunciou uma voz perto do ouvido de Emily.

– Ouvi dizer que a categoria verdadeiramente desafiadora é a de salgados – afirmou Eli, juntando-se a elas. – Houve alguém que até fez uma *mince pie*. Isso vai funcionar com voto secreto ou com painel de juízes?

– Papeizinhos com os números depositados num chapéu e no fim vemos qual foi a que teve mais votos – explicou Sherry.

– Vou comer. – Eli pegou um prato de plástico. – Voto secreto. Gosto disso.

Sherry e Emily trocaram um sorriso. Outra característica de Eli era ser um garoto com trinta e sete anos. Embora Emily só tivesse trinta e dois,

nunca se sentia mais nova do que ele. Sherry afastou-se e Emily ficou observando o marido, que, por sua vez, observava sorratamente a reação das pessoas que experimentavam as tortas. Nunca se afastava muito da mulher, não deixando passar mais de um minuto sem que tivesse pelo menos um braço em volta dela. Gostava de abraçá-la bem acima da cintura, a mão apoiada nas costelas, logo abaixo do peito. Ou deixava deslizar a mão para o fundo das costas. Poderiam muito facilmente ser afastados um do outro. Mas isso não aconteceu. Ele conhecia a timidez dela e bastava manter-se dentro do seu ângulo de visão para que ela não se sentisse sufocada. Ele estava ali, guiando-a, fazendo-a se sentir com forças, aconchegada, segura e feliz. Nunca conversara sobre isso com Emily. Simplesmente sabia.

Embora as pessoas continuassem a dizer que a banda de música *klezmer* iria aparecer a qualquer momento, ainda não tinha chegado, por isso Sherry foi ao apartamento buscar uma base com caixas de som e alguém ligou lá o seu celular. De imediato se ouviu uma canção antiga de Neil Young: “Sugar Mountain”. Emily tentou prestar atenção à música. Lá fora começara a chover e a chuva de verão repentina fez as pessoas que se encontravam perto das janelas rirem e exibirem os ombros molhados. Emily pensou que Eli era como uma música de Neil Young que não queria parar de ouvir. As pessoas continuavam a chegar. Uma jovem baixinha de cabelo escuro escancarou a porta e entrou de rompante. Tinha aquele tipo de cabelo com cachos longos e soltos de que Emily não gostava.

Criatura indomável, pensou Emily, enquanto a mulher sacudia a água do cabelo e olhava ao redor. Não estava sendo justa. A mulher era linda, uma beleza caótica. Tentou colocar-se na posição dela. Seria insuportável chegar atrasada, molhada, de mãos vazias e ainda ter todo mundo olhando de cima a baixo. A jovem deixou cair uma mochila com padrão de camuflagem e abriu um sorriso dirigido a ninguém em especial. Emily resistiu à tentação de lhe dizer que deixasse a mochila mais longe da porta, onde qualquer estranho que viesse espiar a festa poderia alcançá-la e roubá-la.

– Jenny? – chamou Sherry. – Olá! – Sherry aproximou-se e abraçou a jovem, que usava uma saia jeans, chinelos e uma blusa sem mangas de listras horizontais azuis e brancas que mostravam os seios pontiagudos e bamboleantes.

– Olha, eu não preparei nada. Saí agora mesmo de um táxi, recém-chegada do JFK. Mas estou pronta para devorar qualquer uma das tortas!

– Jenny, esta é a minha irmã, Emily. A Jenny vai se mudar de Los Angeles para cá e esta é a viagem de reconhecimento, por assim dizer.

– Pois é, sabe, venho ver se encontro um apartamento e um trabalho. – Jenny fez uma cara de incômodo, revirando os olhos e franzindo o cenho. Emily notou que Eli voltava. Andara fazendo pressão para que as pessoas votassem na torta dele, o que ocasionou uma série de piadas sobre propaganda eleitoral demasiado perto de um local de votação.

– Isso está dando o que falar – disse ele. – Excelentes reações. Adoro que as malaguetas estejam deixando as pessoas suadas.

– E este é Eli Corelli, o meu cunhado.

Jenny ergueu as sobrancelhas. Ela já tinha pegado um prato e uma fatia de torta de pistache e groselhas, uma que praticamente não tinha sido tocada.

– Da Roman Street Bicycles, não é? – perguntou Jenny com a boca cheia. – Claro que sei quem é. Já andei nas suas bicicletas.

– Tem uma?

– Não, tenho uma velha que nunca uso. Em Los Angeles não temos oportunidade de andar o suficiente para justificar comprar uma RSB. Estou ansiosa para andar de bicicleta outra vez.

– Quem é que fez a torta chamada *Uncle Frito's Special*? – gritou alguém. – Estamos prontos para votar!

– Peço desculpa – disse Eli com um sorriso. – Tenho de me colocar à disposição para quaisquer perguntas de última hora.

– Apesar de que a ideia é ninguém saber quem fez o quê – exclamou Sherry, quando ele já virava as costas.

– Tenho de me apressar em comer antes que desapareça tudo. – Jenny deu um breve abraço em Sherry. – Está superchique. Eu bem que podia aprender alguma coisa com você.

– De onde a conhece? – Emily observou Jenny usando os dedos para tirar bocados da crosta de uma imitação da *Momofuku Crack Pie*.

– Da faculdade. Ela é muito engraçada. Tem um milhão de passatempos estranhos, por isso é uma pessoa que se adapta a qualquer cena. Foi sempre assim.

– Cena? – Emily sorriu. – Ela também é atriz?

– Não... é como você e a cena do *design* industrial. Não se faça de boba, sabe o que quero dizer – declarou Sherry. – Bebe esse vinho. Foi aquele cara rico ali que o trouxe, por isso deve ser bom.

– Jenny devia ligar para o Eli – sugeriu Sherry.

– Por quê?

– Ela geriu a carreira de alguns fotógrafos em Los Angeles e acho que correu muito bem. Certamente pode ajudar a empresa do Eli. Ajudá-lo a entender como fazer a empresa crescer, sabe? Não é disso que ele está sempre se queixando?

Emily fez que sim com a cabeça. Eli estava novamente por perto. Estendeu a mão na direção do marido e ele abraçou-a pela cintura.

– De que é que estão falando? – perguntou Eli. – Aquele sujeito tinha muitas críticas a fazer à minha torta.

– Não se preocupe – disse Sherry. – Pela minha experiência, as doces nunca ganham das salgadas. Mas, ao mesmo tempo, acho que talvez tenha ido longe demais.

– Tanto faz. Sou um gênio incompreendido.

– Estava aqui dizendo que seria bom se conversasse com Jenny para trabalhar com você. Ela é fantástica quando se foca numa coisa. É especialista em alavancar empresas.

– É mesmo? Talvez possamos combinar qualquer coisa. Estou mesmo precisando de ajuda – disse Eli, dando um gole demorado na cerveja.

Emily olhou em volta da sala cheia de pequenas mesas, algumas já só com as bases de torta vazias e com as marcas dos cortes das fatias, outras que mal tinham sido tocadas e já começavam a abrir nas dobras da massa, tortas que desde cedo não haviam convencido ou que as pessoas já não aguentavam.

– Não se preocupe – declarou Emily –, eu ajudo você a limpar. E acho que tem razão. Se ela é boa em organização, acho que o Eli devia contratá-la. Ele precisa disso.

Sherry sorriu e disse:

– Está falando dessa confusão? Não estou preocupada. Se essa coisa com a Jenny funcionar, fazemos de conta que isto foi um *mitzvah*. Eu conto para a mamãe.

– Ela só se importa com o que a faz feliz – comentou Emily.

– Bem, se a Jenny ajudar o Eli e isso o fizer ter mais sucesso e for bom para você, então eu fico feliz. Por isso eu conto para a mamãe, está bem? – Sherry lançou um piscar de olho a umas pessoas que acabavam de chegar à festa. – Tenho certeza de que amanhã, quando falar com ela, vai me perguntar sobre hoje à noite e se você se divertiu e foi sociável e simpática... o que é hilariante porque, na verdade, quão sociável é ela? Muito pouco. Vou mencionar isso amanhã. Talvez.

– Eu sou sociável! – exclamou Emily num tom acima do normal. – E qual é o problema, afinal? Não há problema nenhum, na verdade.

Sherry dirigiu uma sobrancelha erguida a Emily:

– Há um pouco, considerando a atitude defensiva que está tendo em relação a esse assunto.

– A Emily tem uma alma sensível. – Eli puxou Emily para perto e tentou beijá-la no topo da cabeça, mas ela se esquivou. – E eu a adoro por isso.

– Muito obrigada – disse Emily. – Adoro ser rotulada. E agora podemos parar de falar de mim, por favor?

Peter Herman, julho de 2010

– Lisa? – Peter chamou a mulher. Ela estava no banheiro e ele não queria interrompê-la, mas não hesitaria em fazê-lo, caso não obtivesse resposta nos próximos segundos. – Está bem?

Levantou-se para ir até ela. O telefone tocou.

Peter ficou olhando para ele. Geralmente era Henry, dando-lhe as últimas notícias da pousada. Henry adorava telefonar e discutir os problemas que davam boas histórias – cozinheiros drogados, empregadas grávidas e alianças de casamento perdidas. Haveria sempre quartos vazios e jovens empregados que não resistiam a dar bom uso aos colchões confortáveis. E depois havia discussões e dias de trabalho perdidos e inevitavelmente alguém era despedido. O cotidiano da pousada podia ser um trabalho esmagador. Durante grande parte da sua vida ativa, Peter sempre fora o melhor em lidar com as pessoas. Fizera um bom trabalho, mantendo a calma e fazendo uso do charme adquirido nos seus vinte anos, quando se mudou para Millerton pouco depois da publicação do seu pequeno livro *O casamento é uma canoa*. Embora Peter estivesse um pouco distante do trabalho na pousada, agora que Lisa estava tão doente, Henry ainda lhe telefonava para pedir ajuda.

O telefone continuava tocando. Peter o pegou da mesa de cabeceira ao lado de uma pilha de exemplares do *Poughkeepsie Journal* e do *New York Times*, que Lisa ainda gostava de ter ao alcance das mãos, embora já não se desse sequer ao trabalho de fazer de conta que conseguia ler.

– Sim?

– Olá, gostaria de falar com Peter Herman.

– É o próprio.

Lisa saiu do banheiro. Ficou à porta, o cabelo castanho-avermelhado quase grisalho puxado para trás numa trança frouxa que Peter aprendera a fazer poucos meses antes. O rosto dela fora se tornando pálido ao longo dos anos, assim como o azul dos olhos. A simples visão dela usando o

robe roxo o deixava aliviado. O ar carrancudo com que fixava o telefone transformou-se num sorriso. Eram onze horas da manhã e ela achava que devia preparar-se para dormir. Ele fez um sinal para que se aproximasse, mas ela se manteve junto à porta do banheiro.

– Eu me chamo Katherine e estou ligando por causa do seu livro.

– O melhor é me escrever uma carta e enviá-la aos cuidados da Ladder & Rake. Eu não respondo a telefonemas.

– Peço desculpas... compreendo a sua posição, e não quero incomodar, mas o seu livro é tão importante para mim! Há uma passagem no início, depois de explicar como o casamento é uma canoa e, mais à frente, quando diz que a viagem que fez nela foi impelida pela paixão... deixe-me ver se a encontro... bom, o que interessa aqui é que eu estou tendo problemas com a paixão e de como me manter na canoa e...

– Ouça, ouça... Katherine, não é? Vou lhe explicar a situação. O problema é que você telefonou para minha casa. A minha mulher está doente. Consegue entender como o seu telefonema é invasivo?

– Claro. Mas, Peter, já que consegui falar com você...

– Adeus. – Apertou o OFF e atirou o telefone para o tapete. Respirou fundo e pousou as mãos na zona lombar. Pesava pouco mais de seis quilos do que quando estivera na faculdade. Tinha um par de *blazers* dessa época que ainda lhe serviam e, embora tivesse adquirido alguma barriga, ainda era capaz de caber na Levi's que usava nos anos 1970, quando a filha, Belinda, nascera. As costas começavam a se curvar, por isso perdera aqueles centímetros extra que o elevavam para além do metro e oitenta. Todavia, dava graças por serem ainda raras as manhãs em que precisava girar o corpo para sair da cama, em vez de se levantar de um salto.

Abriu os braços e esperou. Lisa caminhou calmamente até ele.

– Quem era? – A voz de Lisa continha um vestígio do antigo ciúme. Ela não se importava de ter de partilhá-lo com Millerton, mas ao longo dos anos fora odiando cada vez mais o fato de ele ser obrigado a se ausentar para ir a Nova York ou para dar uma entrevista. Peter optara por levar uma vida mais caseira porque ela preferia assim, e isso não o incomodava nem um pouco.

– Oh, Lisa! Quem era? – Não queria lhe dizer que a ligação era de uma fã do *Canoa*. Ela não gostava nem nunca gostara dessas pessoas, e se tentasse minimizar a importância da ligação, ela ficaria perturbada, mas

sem compreender por quê. Por isso começou a cantar a bem conhecida música do The Who:

– *Who? Who?*

– Para com isso, Peter... Para!

– *Who are you? Who are you? Come on, tell me, who are you?*

Ela começou a rir e, sentando-se finalmente ao lado dele na cama, encostou a cabeça ao seu peito batendo nele com os punhos nas coxas.

– É mesmo estranho – disse ele.

– O quê?

– Você não é uma pessoa especialmente brincalhona e, no entanto, cá estamos nós sempre na brincadeira um com o outro. É uma mudança.

Ela não respondeu.

– Lisa?

Ela ergueu os olhos para ele. Peter queria parar com aquilo. Sabia que estava sendo um pouco cruel. Mas estava começando a perdê-la e isso o deixava com raiva. Ele havia construído seu eu adulto de modo a assegurar a estabilidade dela. E agora que tanto dela já havia desaparecido, era óbvio que ficava ressentido – de vez em quando –, antes de voltar ao seu novo papel de auxiliar de saúde.

Como ele não se mexeu, Lisa puxou os lençóis de flanela para trás e, agarrando-o pelos ombros, tentou empurrá-lo com ela para a cama. Ele sentiu um pouco de saliva no peito e lembrou-se de como há trinta e cinco anos, logo após o nascimento de Belinda, costumavam adormecer abraçados e ele acordava com o pijama encharcado de leite materno.

– Espera! O que está fazendo? – disse ele.

– Me deitando. É hora de dormir.

– Não, não – discordou Peter. – Não está vendo o sol? É quase hora do almoço.

– Hora de deitar.

– Não. – Peter conteve o tom de crítica na voz. – Por favor, não.

– Pelo menos beijos, então.

– Sim, beijos! – Num movimento súbito, Peter tomou-a nos braços e a beijou, a grossa trança caindo pesadamente no ombro dele.

– E agora? – perguntou ela após cerca de meio minuto de silêncio. Peter sabia que Lisa já não se lembraria de que queria ir dormir. Mas o telefonema deve ter penetrado em qualquer outro lugar, num recanto mais

emocional da mente, porque numa voz diferente ela disse: – Aquela ligação era sobre o quê? Mais alguma estupidez sobre o *Canoa*?

– Não, não – respondeu ele. – Nada com que deva se preocupar. – Ele acariciou seu pescoço e seus ombros, e ela fechou os olhos.

A sua relação com Lisa seguira sempre um caminho definido e ele nunca imaginara que teria de reaprender a conhecê-la. Tornara-se bastante competente em cuidar dela, mas Lisa nunca antes precisara dele e ninguém o tinha preparado para essa inversão de papéis. Não houve tempo para que ela lhe explicasse como lidava com o marido. Quando eram mais novos não se preocuparam em aprofundar o sentido da sua vida conjunta, além do que podia ser encontrado nas passagens do seu livro. Observava-a agora. Teria ela alguma vez lido o livro? Lido com atenção? Claro que sim, tinha de acreditar nisso, mas agora era tarde demais para perguntar.

Ninguém parecia compreender o quanto ele lutava com a ideia de perdê-la. Achavam-no uma pessoa muito sábia. Afinal, tinha sido o criador de *Canoa*, uma obra lembrada, citada e celebrada por se manter há quase quarenta anos nas livrarias. Na verdade, era apenas um punhado de simples lições de vida, não mais complexas do que se poderia encontrar em cartões comemorativos ou letras de música *country*. Ele era o personagem principal. O oráculo! O livro tinha sido muito importante para muita gente. *O casamento é uma canoa* ajuda as pessoas! Peter Herman, não pode negar! Quando tentava negar, as pessoas não o deixavam, mesmo quando zombavam do livro no minuto seguinte. Acabara percebendo que, quando as pessoas decidem que uma coisa que outra pessoa fez passa a ser delas, ninguém deve se atrever a mudá-la. Sentem isso como um roubo. Foi dessa pessoa um dia, claro. Mas agora é delas. Depois de alguns anos de luta, tinha desistido. O seu pequeno livro pertencia muito mais aos leitores do que a ele.

– Vamos tratar de lhe dar o almoço – disse ele. – Mais tarde temos médico.

Ela balançou a cabeça em negação, e a expressão de desânimo nos lábios era um lembrete do que fora a sua personalidade durante tantos anos. Ela trilhava o seu próprio caminho, não se deixando manipular por ninguém. Não por ele, certamente.

– Pronto, está bem, não almoce. Então, pelo menos, me beije.

Ela voltou a negar com um gesto de cabeça.

Ele fez beicinho, a puxou pelas orelhas e a beijou. Esta nova versão dela riu e o perdoou.

E por que não? Ele ainda era um homem alto e encantador, com uma espessa cabeleira grisalha e selvagem. Começara a ter esperança de que essa nova leveza na personalidade dela tivesse surgido por ter começado a vê-lo como ele tinha sido quarenta anos atrás. O que estava agora se tornando realidade era o fruto do trabalho árduo dessa época, quando tentara enganar o mundo, fazendo-o pensar que era um cavalheiro de bom coração, com seu casaco verde de *tweed* e camisa azul-clara, com uma história dos sonhos como pano de fundo de um livro extraordinário e uma incapacidade cativante de não ser melhor do que os outros, nunca. Era um homem distinto, uma espécie de Gregory Peck de traços mais suaves, um Gregory Peck do interior. Na época em que Reagan era presidente, Peter encaixava-se tão bem quanto qualquer um em Hudson Valley. Se o fato de ter escrito o *Canoa* fazia as pessoas verem-no como um estudo de contrastes, a conclusão inevitável era a de que tais contrastes não eram particularmente marcantes.

– Não vou – disse Lisa. – Hoje não vou ao médico.

– Está bem, não vamos. Você é teimosa. Lembra como é teimosa? – perguntou. Tinham sido felizes durante quarenta anos. Cinquenta até, arredondando um pouco, e por que não arredondar? Arredondar a verdade havia sido a coisa mais inteligente que aprendera a fazer.

– Não, você... – dizia ela agora – você é que é teimoso. Pare de me bajular para me enganar. Foi você... quem telefonou?

– Era da Ladder & Rake.

Estava testando-a. Mencionar a Ladder & Rake costumava fazê-la arregalar os olhos e dilatar as narinas. Zangava-se por os *royalties* não estarem corretos, preocupada por poderem querer afastá-lo dela para algum evento, novamente recordada do mundo invasor para lá da sua pequena cidade. Mas agora não mostrava qualquer reação. Como está perdida, pensou ele, enquanto avaliava o trabalho irregular que fizera na sua trança.

– Desce comigo – sugeriu ele. – Tem bolachas e queijo cheddar da Pantomime. Primeiro vamos tentar comer qualquer coisa. Depois logo vemos o que vamos fazer quanto ao médico.

Ela disse:

– As pessoas o chamam de... Hubbel Gardner.

Ele disse que não com a cabeça, observando-a tentar encontrar outras palavras. Fazia ruídos, procurando a melodia de uma canção. Mas estava perdida. A sua voz transformou-se numa série de notas baixas sem sentido que perambulavam contra os cantos do quarto luminoso no piso superior da casa, tão espaçoso quanto uma pessoa do campo poderia desejar, com janelas de sacada salientes com vista para o lago Okabye, tapete listrado de cinza e verde sobre um assoalho de madeira de carvalho e paredes de estuque brancas, sólidas como pedra.

Pegou a mão dela e fixou o olhar no rosa perfeito dos seus lábios. Não tinham envelhecido. Mais ninguém além dela o tratara por Hubbel Gardner. Umas semanas antes haviam visto o filme *O Nosso Amor de Ontem* em DVD, na televisão lá de baixo, porque ela adorava a Barbra Streisand. Ele detestava o filme quando era novo e até tinha falado disso numa entrevista, como uma espécie de antítese ao *Canoa*. Embora soubesse que era uma referência um tanto estapafúrdia, que nunca fizera muito sentido. Mas os absurdos pós-publicação nunca afetaram o livro.

– Você diz isso porque se lembra de ter visto o filme *O Nosso Amor de Ontem* comigo? – perguntou. – Está brincando?

– *My funny valentine...* – tentou ela cantar, mas se esqueceu da letra. Baixou o rosto, sorrindo para as mãos. Ele a abraçou e a ajudou a se levantar com toda a gentileza. Ela se lembraria deste abraço, o mesmo velho abraço desajeitado. Deixou-se levar, fazendo-o sentir um imenso amor pela confiança que ela depositava nele.

Pelo menos, ainda confiava em Peter, tanto quanto antes. Tinham se amado muito. Agora perdera aquele amor estável que tinha com Lisa, vendo-o substituído por este longo adeus.

Peter não gostava nada de ouvir os médicos. Não tinha a capacidade que Lisa tivera um dia de absorver e analisar a informação que partilhavam. Mas sabia que, independentemente da lógica analítica que aplicasse para compreender a doença de Pick e a luz do fim do túnel, a doença de Pick significava que o tempo juntos tinha um prazo e que tudo o que se passava de errado com Lisa nunca iria melhorar.

Stella Petrovic, julho de 2011

– Está dizendo que este ano é o cinquentenário de quê? – A voz de Helena Magursky era ao mesmo tempo áspera e estridente. – Não tenho certeza de ter ouvido bem.

Stella Petrovic franziu a testa, observando Helena Magursky, presidente e CEO da Ladder & Rake Books, inclinar-se para a frente um centímetro por segundo. Estavam há vinte minutos na reunião semanal de quarta-feira às nove em ponto – ou quando Helena quisesse começar e ela está sempre atrasada, mas aí de você se começar a reunião antes de ela chegar –, recentemente rebatizada de “Livre pensamento/novo faturamento”.

A lenda viva que era Helena Magursky fora a razão de Stella ter abandonado a Orange Blackwell e ter vindo para a muito maior Ladder & Rake, assim denominada por ter começado como uma editora de manuais de *bricolage* e jardinagem, fundada nas traseiras da loja de ferragens Olitski Brothers, em Woburn, Massachusetts, em 1907. A LRB teria se mantido uma editora local medíocre, não fosse Helena ter sido contratada assim que se formou no City College como secretária do único vendedor sediado em Nova York, em 1968. Passou por quase todos os cargos da empresa, incluindo vários que inventou. Mais do que uma vez, Helena salvara a Ladder & Rake da falência e de fusões. A razão para tal, diziam, era porque entendia de conteúdos. De conteúdos e de público-alvo, e não tinha medo de cobrar adequadamente a esse público os conteúdos da sua preferência. Helena era uma divorciada de longa data e tinha uma filha, Elizabeth, uma médica pediatra que vivia em Chicago com o marido e a filha. Durante décadas, Helena fora a mãe da Ladder & Rake. E assim era tratada, como uma mãe, uma mãe severa a quem todos queriam agradar.

Neste momento, Helena era o centro das atenções na melhor sala de conferências da Ladder & Rake – a Dreiser Room –, um espaço comprido e estreito no vigésimo terceiro andar do número 38 da East Fifty-Seventh Street, com janelas viradas para a zona residencial e para o Central Park.

– O livro é *O casamento é uma canoa* – explicou Lucy Brodsky, a atual assistente de Helena.

– Sim, bem me parecia ter sido isso que ouvi. – Helena esticou o lábio inferior, fazendo uma cara séria. Deixara o seu cabelo preto se tornar grisalho e hoje o usava num rabo de cavalo mais para o topo. Empurrou o lábio inferior para cima com os dedos e olhou para Lucy.

– Quer que pulemos este assunto? – perguntou Lucy. Helena calou-a com um impulso do queixo.

– Deixa a jovem editora refletir um pouco e terminar o argumento que está tentando formular, seja ele qual for – disse Helena a Lucy. Esta também usava um rabo de cavalo no alto, um terno cor de carvão da J.Crew que moldava o corpo e uma blusa cinza-clara. Stella pensou que Lucy deveria abandonar o mundo editorial e tornar-se uma executiva de contas júnior numa agência de publicidade tradicional como a J. Walter Thompson ou a Leo Burnett. Encaixaria melhor. Mas Stella sabia que Lucy aceitara o trabalho como assistente de Helena porque adorava livros e queria manter-se fiel à sua escolha de curso, com especialização em Inglês. Por isso, Lucy suportava aquele rol de constantes alterações de humor de Helena, tudo para que um dia talvez pudesse mudar de cargo e tornar-se assistente editorial. Stella sorriu. Não acreditava que Lucy fosse conseguir. Stella trabalhara um ano em marketing antes de passar para a área editorial e, embora aquele ano tivesse sido uma experiência desagradável, aprendera muito. Agora Stella era editora, e numa idade muito jovem. Fora sempre o seu sonho e estava vivendo-o neste momento. As faces e pescoço de Stella ruborizavam sempre que falava do quanto gostava de Alice Munro, no colégio, e depois de Mary Gaitskill, na época da faculdade no Wisconsin. Agora seria um sonho se descobrisse um novo Junot Díaz ou uma nova Miranda July ou um Tom Vanderbilt, uma vez que aprendera a se interessar também por livros de não ficção. Deve cultivar a sua paixão, pensou Stella. Deve encarar o mundo empresarial de frente e não ter medo de cometer erros graves; porque um dia estará completamente certa.

Stella aclarou a garganta e repetiu:

– O quinquagésimo aniversário dos acontecimentos nos quais a obra *O casamento é uma canoa* se baseia...

A porta se abriu e Alex Wales, diretor da contabilidade nacional, entrou e sussurrou qualquer coisa a Lucy que, por sua vez, fez o mesmo a Helena. Esta ergueu a mão pedindo silêncio e conseguindo-o.

– Um momento – disse Helena.

Stella ficou imóvel. Algumas semanas antes, a superior direta de Stella, Melissa Kerrigan, que ela praticamente não via, dera-lhe uma cópia da lista de fundo de catálogo de livros de não ficção da LRB, pedindo-lhe para tentar descobrir se algum daqueles títulos já praticamente esgotados poderiam ser reeditados e obter novamente bons resultados de vendas.

– Quero dizer, não estamos à espera de que torne o impossível possível, mas pelo menos tente descobrir se algum desses livros pode ser ressuscitado. – Melissa rira e desaparecera, mantendo o padrão que tinha criado desde que contratara Stella.

Era uma tarefa horrível, mas Stella sabia que nunca seria capaz de comprar os direitos de grandes obras se não fizesse primeiro algum trabalho bobo para Melissa. E fora assim que descobrira o *Canoa*. Era o décimo quinto ou décimo sexto livro de não ficção que levava para casa e estava tão de pé atrás com aquele como com todos os outros, muitos dos quais deixara abandonados no banco da linha número 7 do metrô. Mas, quando se deu conta, estava realmente lendo aquele livro. Era esquisito. Percebeu que ouvia o seu novo namorado, Ivan, e andava de mãos dadas com ele exatamente da maneira que o livro aconselhava. Depois da fase de escutar o outro e de andar de mãos dadas ter funcionado e de acabarem os dois, muito depois da meia-noite, aos amassos num estacionamento assustador de um prédio de habitação social perto do apartamento onde viviam, percebeu que as lições piegas do *Canoa* não saíam da sua cabeça. Achou que, se acreditava no *Canoa*, era capaz de convencer os outros a fazerem o mesmo. Foi assim que, certo dia, ao tomar uma longa chuvairada enquanto Ivan dormia, teve a ideia de promover um concurso.

Stella cruzou as mãos pousadas na mesa e esperou. Tinha acabado de fazer vinte e oito anos. O cabelo, demasiado comprido, era cor de mel e ela usava-o quase sempre solto. Tinha uma propensão para tecidos axadrezados: *pied de poule*, *tweed* e *bouclé*. Hoje usava um vestido castanho e branco com um padrão ondulado, muito ao estilo Ray Eames, acompanhado de um casaquinho de malha vermelho vivo.

Helena gostava de longos silêncios e de uma sala de conferências excessivamente quente, por isso jovens assistentes cochichavam entre si que a Dreiser Room deveria se chamar *Drowsy Room*, Sala Sonolenta.

– Humm... – Helena olhou ao redor da sala e sorriu. – Vamos ouvir o que a Stella tem para dizer. Mas primeiro deixem-me terminar um assunto com o Alex, porque ele parte hoje ao fim da manhã numa visita à Amazon. Portanto relaxem um pouco, vamos deixar a Stella reorganizar os pensamentos que eu já volto.

Todos na sala sorriram e aproveitaram a oportunidade para começar a sussurrar. Como Stella estava no centro das atenções, ninguém falou com ela. Então, ela ficou olhando ao redor, começando a contar coisas. Colunas jônicas enquadravam três pontos de entrada uniformemente espaçados. Havia cinquenta e nove pessoas sentadas na sala, vinte e sete à mesa e o resto em cadeiras encostadas ao longo das paredes laterais. Doze janelas em três sacadas. Dezoito estantes e entre elas, em recantos iluminados por luzes de halogênio, havia catorze capas emolduradas de *best-sellers* que receberam o primeiro prêmio do *New York Times*, todos eles publicados desde janeiro. Stella parou de contar e começou a encostar o dedo no microfone encaixado na mesa à sua frente. Sempre que o fazia, ele descia e voltava a subir, como um pequeno periscópio. Tornou a encostar.

– Não brinque com isso.

Stella levantou o olhar e viu Melissa Kerrigan, sentada algumas cadeiras à sua direita.

– Desculpe. Olá, Melissa. Não a tinha visto aí.

– Mas se tivesse, – murmurou Melissa – teria me dito que estava imaginando alguma coisa grande para esta manhã, não é?

– Claro! – Stella sorriu. – Na verdade, eu mencionei isso, mas depois a reunião foi cancelada várias vezes, por isso talvez você tenha se esquecido.

Melissa ficou olhando para ela e não respondeu. Stella voltou a abaixar o microfone à sua frente, que subiu um centímetro. Continuou a carregar. Stella afastou o olhar da chefe. Esta era a primeira reunião de quarta-feira de manhã em mais de um mês. Eram sempre canceladas quando Helena estava fora, e ultimamente ela tinha estado ausente com frequência, primeiro numa conferência em Colônia sobre O Futuro do Livro, depois

numas férias com a filha num *spa* em Montana e, por último, numa conferência de vendas de um grupo de imprensa especializada, que pertencia a um setor completamente separado da atual casa-mãe da LRB, a Timmler Products Incorporated. O grupo de imprensa especializada precisava da opinião e observações de Helena, uma vez que não tinham lucro há dois anos e estavam em risco de fechar as portas. O ramo editorial era mais simples, pensou Stella. Eram necessárias obras na lista de mais vendidos. Todos sabiam como era fácil desaparecer na estrada do esquecimento. Não era segredo nenhum. Sem livros no topo da lista? Dê o fora daqui. Você aceitou o emprego. Sabia com o que teria de lidar. Investira muitas horas de trabalho árduo e muito dinheiro da empresa nos livros que escolhera e rezara para que tudo corresse bem. Mas depois... não teve livros nas listas? Mais cedo do que tarde você está acabado e está na hora de você partir.

Stella não se importara de esperar por essa reunião. A espera tornava tudo mais intenso e a intensidade a deixava entusiasmada. Adorava livros e era ambiciosa, sabia disso. Fora a sua ambição que a trouxera para a Ladder & Rake. Daí o seu enorme fascínio por Helena. Stella pensava nos aumentos percentuais semanais da BookScan e nas surpresas que surgiam nas listas do *Times* e do *USA Today* durante o sexo matinal com Ivan. Quando um livro de receitas de dieta baseada em toranja e alimentos germinados que tinha indicado era mencionado no *The View* e decidiam fazer uma reedição corrida e as caixas começavam a chegar com rapidez do armazém para os centros de distribuição de Ingram e Levy, todo o processo voltava a povoar seus sonhos. Lera em algum lugar que os trabalhadores da UPS tinham pesadelos com caixas. Ela *fantasiava* com caixas; caixas achatadas e retangulares recheadas de pacotes de doze ou vinte e quatro livros, fechadas com fita adesiva e envolvidas com uma fita amarela de plástico dizendo “só abrir nesta data”. Ah, sim, caixas cheias de livros que iriam brotar como margaridas frescas nos stands de novos lançamentos, passando depois pelo caixa. Por isso, ali estava ela sentada, em silêncio, concentrada e cheia de entusiasmo. Sentindo o pescoço ficar escarlate e cobrindo-o, aguardando a atenção de Helena. Desde que chegara à LRB, Stella começara a idolatrar Helena até mais do que imaginara. Agora observava como Helena despachava um responsável de vendas.

– OK, o *Canoa*. Conheço bem o *Canoa* – disse Helena –, fui eu quem praticamente o inventei... você diz que é o quinquagésimo aniversário dos acontecimentos? Vejam só, até a palavra é estranha... os acontecimentos? Esta conversa faria eu me sentir velha, se me deixasse levar por esse tipo de sentimento, coisa que não faço. – Helena massageou a zona do colo mexendo a grossa corrente de ouro que usava todos os dias.

Stella disse:

– Em quais as lições se baseiam, sim.

– Sim, e então?

Stella continuou:

– Eu pesquisei e acho que é algo que podemos explorar...

– Como? – interrompeu Helena.

A sala foi ficando mais silenciosa. Algumas das pessoas com cargos superiores e sentadas mais perto de Helena começaram a exhibir sorrisinhos arrogantes e a se mexer nas cadeiras.

Helena prosseguiu:

– Não sabemos nada do Peter Herman desde que a nossa querida Jane Segal foi de carro até a casa dele para entrevistá-lo. Num sábado sentaram-se os dois para tomar um chá e após duas perguntas absolutamente inócuas, ele a expulsou de casa.

Em voz baixa, mas de forma que fosse perceptível para todos, Helena murmurou:

– Temos mesmo de continuar com isso?

O comentário e o que implicava provocou uma onda de cotoveladas e revirar de olhos em toda a mesa.

Mas Stella era paciente. Analisara a fundo o *Canoa* e tinha certeza de que Helena iria ouvir seus argumentos. Aquilo era apenas o momento da ironia habitual. Desde que começara a trabalhar na LRB, Stella já ouvira ocasionalmente Helena aludir a um começo de vida bem mais duro do que a sua biografia oficial revelava. Por isso, Stella calculava que Helena tinha subido a cacetadas e que era uma espécie de lutadora de rua. Stella não se incomodava com isso. Podia ser muitas coisas, mas medrosa não era uma delas. Sabia que se não fizesse barulho e não criasse um sucesso que a fizesse ser notada agora, desperdiçaria a oportunidade de conseguir ser uma editora de nome na LRB. E depois perderia dois ou mais anos da sua

vida passando despercebida até arriscar uma nova tentativa numa outra editora. Não podia deixar que isso acontecesse.

– Vamos organizar um concurso – continuou Stella. – Fiz alguma pesquisa e o *Canoa* é um livro muito especial.

– Lembra como Erica Jong se referiu ao livro quando lhe pedimos que escrevesse uma daquelas novas introduções há cerca de uma década? – sussurrou um dos tenentes de Helena ao seu ouvido direito. – “A arte de amar para leigos.”

– Ah, foi? – disse Helena. – Essa é boa.

– E Maureen Dowd? – interveio Sara Byrd, a editora-chefe, responsável pela área de literatura feminina, a Ladder & Rake Romantic. – Ela reapelidou de “A arte de amar leigos”! Porque ensina a amar e aturar qualquer tipo de pessoa! Ela até enviou um exemplar à Hillary!

– O que não faz muito sentido, porque não é sobre isso que o livro é. – Helena ficou subitamente muito séria. – Embora esse gênero de extrapolação seja mesmo o estilo da Maureen Dowd. Vê, Stella? Sabemos que é um livro especial, já que essas mulheres tão importantes e inteligentes se dignaram a criticá-lo. Todos sabíamos disso antes de você dizer. Mas, por favor, continue. Desperdice mais o nosso tempo. Entre em detalhes. Satisfaça o seu capricho. Não deixe nada de fora.

Stella respirou fundo. Sentia as palmas das mãos secas. O calor que sentia nas têmporas recusava-se a se transformar em transpiração.

Já tinha estado em salas como aquela. E já tinha conseguido ganhar o respeito, se não o carinho, de audiências como aquela. Prosseguiu:

– Como todos à volta desta mesa saberão, o *Canoa* continua a ser um dos livros de autoajuda mais lidos do país. Mas o que temos são vendas estáveis de cerca de onze mil exemplares por ano... isso num ano bom. E a tendência é descer, não subir. A razão disso é que as pessoas partilham os livros! Não apreciam a nossa edição a ponto de quererem conservá-la. Emprestam o livro a um amigo e essa pessoa o passa a outra e assim por diante. Mas com um grande plano de marketing e uma nova edição especial podemos fazer renascer o *Canoa*. Podemos torná-lo um fenômeno. Para isso, lançamos um concurso. Só preciso falar com o departamento de publicidade e preparar um comunicado de imprensa...

Neste momento, Stella arriscou. Fez uma pausa. Acreditava que se estivesse seguindo uma direção errada, Helena a interromperia. Um

segundo, dois segundos. Nenhuma interrupção.

Levou um dedo à testa e limpou com deferência uma gota de suor inexistente.

– Por causa disso – o quinquagésimo aniversário dos acontecimentos que são base da obra *O casamento é uma canoa*, o preeminente livro de aconselhamento matrimonial dos séculos XX e XXI – o autor de *Canoa*, Peter Herman, convida um casal a visitar sua casa durante um dia, com refeições e aconselhamento caseiros incluídos. O dia passado com Peter Herman será apreciado pelo casal vencedor para o resto da sua feliz vida matrimonial. Este é um concurso do tipo “Salve o seu casamento”. O concurso e a nova edição vão empurrar o livro de volta aos stands das livrarias e até o topo das listas de mais vendidos. Todo mundo tem problemas no casamento, por isso é algo com que todos se identificam. Podemos até pôr Mr. Herman e o casal vencedor nos programas da manhã, como o *Good Morning America*...

– A não ser que o casal se recuse a falar com a imprensa – interrompeu Helena. – E depois o que é que acontece se os pobres diabos se separam? Isso para não falar do Peter... Não o vejo em Nova York por mais que algumas horas desde os anos 1980. Chegamos a fazer um *tour* literário com ele que teve muito sucesso, mas isso foi na época em que inventei os *tours* literários, o que fiz de propósito para ele, ou antes, para escritores como ele. Na verdade, eu devia telefonar ao Peter. Lucy?

Lucy assentiu e Stella reparou que ela já tinha escrito uma nota no seu iPad.

– Embora a qualidade ambígua do nosso concurso não vá prejudicar um clássico – disse Stella, começando a se sentir mais otimista. – Se fizermos segredo, mantemos o mistério. Compre o livro para aprender o que eles aprenderam.

Então Stella calou-se. Sabia que tinha errado ao falar de mais. O entusiasmo era o mesmo da faculdade, quando começava a divagar e perdia os debates. Mas estava disposta a aprender com seus erros. Chiu! Cale-se! Enterrou os dedos nas coxas e franziu o cenho. Correr grandes riscos, pensou. Arriscar tudo! Só assim se pode vencer.

Todos na sala olhavam para Helena, mantendo a respiração suspensa.

– Huumm... – Helena fez um gesto afirmativo com a cabeça.

– Você teria que garantir, no mínimo, fotos do encontro. O casal ao lado de Peter Herman, todos os três sorridentes. Talvez um vídeo. Vai precisar de alguém que filme.

– Posso prometer tudo isso – respondeu Stella de imediato. Helena ficou com um ar carrancudo. Depois, inclinou-se para a frente, como um drogado entrando em estado de dormência, até a sua ampla testa se encostar à mesa e a corrente de ouro retinir contra a borda. Nada disso era estranho àquela sala. Essa era a cena de uma grande mulher em séria reflexão. A audiência aguardou, focando no pedaço de cabelo prateado. Por fim, Helena ergueu a cabeça e pestanejou para todos.

– Está bem! – disse Helena. – Está decidido. Isto é, devo dizer que no geral detesto a ideia. Mas faça isso. Certifique-se de que o volume central de vendas não seja afetado. Quero mais pormenores daqui a duas semanas. E isso deve estar pronto para ir adiante no outono. Pode ir! Gosto de histórias inspiradoras. Por isso, torne-a inspiradora e todos iremos adorar. Dê-me uma bela história para contar no Conselho de Administração da TPI. Muito bem, próximo ponto?

– Um momento... – disse Lucy.

– Pelo amor de Deus, Lucy! Não vamos passar o que resta das nossas vidas miseráveis nesta sala horrorosa, não acham? Ainda há pouco estava tudo correndo bem. Vamos lá, qual é o próximo ponto na ordem de trabalhos?

– Não sei... não está aqui. – Lucy olhava espantada para o iPad e o sacudia.

– Então estamos com sorte – disse Helena. – Isso significa que a nossa reunião terminou.

Stella escondeu um sorriso. Não queria que achassem que estava rindo de Lucy nem que Helena visse tal coisa. Sabia que Helena protegia as suas assistentes com unhas e dentes, não importava o quão ineptas pudessem ser, já que as contratara e assumira a responsabilidade de as ensinar. Assim, Stella mordeu o lábio, arrumou as suas coisas e saiu da sala o mais depressa que pôde. Melissa Kerrigan estava na saída da porta conversando com Jenny Oh, a responsável pela Target Corporation. Stella balançou a cabeça e murmurou um “olá” a Jenny, que vivia em algum lugar perto dela e que, tinha certeza absoluta, fazia todos os esforços para evitá-la no

metrô. Stella atravessou o corredor e já estava a espera do elevador quando ouviu a voz atrás de si.

– Ah, Stella?

Virou-se. Ela se atreveria a tratá-la por Helena? Os nomes de ambas tinham uma sonoridade similar. Deveria mencioná-lo? Por toda a volta, nas paredes, havia quadros suavemente iluminados com fotografias ampliadas de capas de *best-sellers* dos últimos cinquenta anos. *O Vale das Bonecas* e *Love Story*, a autobiografia de Michael Caine e uma seção especial dedicada às memórias dos ex-presidentes. Cada capa mais feia que a anterior. Mas eram capas de *best-sellers*. E eram *best-sellers* porque Helena era uma conhecedora de públicos e conteúdos. E tantos outros, por mais incrível que parecesse, não eram.

Helena estava agora a menos de meio metro, cheirando a lavanderia e a demasiada base.

– Já falou com o Peter Herman? – perguntou Helena.

– Ainda não. A mulher dele morreu no outono passado, por isso achei melhor me manter a distância. Claro que enviamos flores, uma mensagem de condolências e um donativo... como empresa. Mas achei melhor esperar até apresentar a minha ideia a você antes de o contatar. Pelo que sei, é um homem muito reservado...

– Eu sei muito bem que tipo de homem ele é – disse Helena. – Já que praticamente fui eu quem o inventei.

– Claro – concordou Stella.

– E também sei da morte da mulher. Muito triste. Mas é melhor que ele seja viúvo, vai por mim. Todo mundo adora um homem que amou a sua mulher, tratando-a com todo o carinho até a hora da morte. A minha alma já começa a fazer desta história uma coisa boa. Espera. Quero dizer o contrário.

Stella deu um passo para trás e reprimiu um sorriso.

– Certo. Isto é, sim, eu também. Vou me dedicar cem por cento a este assunto.

– Se for preciso, vá visitá-lo. Espera... talvez ele não queira. Mas acho que a sua ideia tem potencial e quero vê-la ter o maior sucesso. Os seus colegas do departamento de multimídia são capazes de lhe dar seguimento nisso. Não me pergunte como, mas calculo que seja isso que irão dizer. É o que sempre dizem. Reúna-se com eles e veja se não é exatamente isso

que respondem. Quando entrar em contato com o Peter, diga-lhe que a Helena manda cumprimentos.

– Sim, sim, claro que o farei.

– Certo – disse Helena, mas não se mexeu.

Tinham as duas, como Helena sempre tinha, a sombra de Lucy, que segurava o iPad à sua frente da mesma forma que uma adolescente abraça os livros e os cadernos, protegendo os seios dos rapazes. Uma meia dúzia de pessoas também se encontrava nas redondezas de ouvido alerta.

Stella não era pessoa de deixar silêncios por preencher, por isso, perguntou:

– Editou... o livro dele?

– Bem, pode-se dizer que sim. Concebi praticamente metade daquele livro sozinha, raios. Esse, o *Small is Beautiful* e apoiar o *Fernão Capelo Gaivota* fizeram a minha carreira. E acredite no que lhe digo: trabalhar com o Peter foi muito mais divertido do que ter de lidar com os outros. Mas tanto quanto sei, e considerando o pesadelo sem fim que estamos vivendo, não me resta outra hipótese senão confirmá-lo diariamente, a quem é que isso interessa? Precisamos faturar agora, ninguém quer saber o que faturamos em mil novecentos e bolinha, entende?

– Entendo – respondeu Stella. Helena continuou a fixá-la.

Stella deixou-se ficar ali quieta, desejando ser mais parecida fisicamente com Helena. Se ao menos fosse mais... preto e branco como Helena e Lucy. Mas não. Tinha sempre um ar desalinhado, com certo toque *hippie*, o que não era de espantar, uma vez que era uma entre cinco filhos criados por um casal, ambos arquitetos paisagistas, que passavam a vida mudando de casa quando ela era pequena e que agora viviam numa fazenda de cultivo de flores, nos arredores de Charlottesville. Stella era a única dos irmãos que trabalhava em um escritório. No entanto, nunca conseguira ser suficientemente corporativa, não importava o quanto tentasse. Tentara até o inverso, ser exatamente não corporativa, e durante várias semanas fizera questão de chegar ao escritório como se fosse passar a tarde sentada na esplanada, debaixo de um guarda-sol, de um *Biergarten* em Williamsburg. Também não tinha funcionado.

– Muito bem – disse Helena. – Então diga a esse velho lobo solitário que eu mando cumprimentos e, quando estiver tudo acordado, traga-o a Nova York para nos encontrarmos para um café da manhã e conversarmos

sobre os velhos tempos em que a vida era simples e os livros feitos de papel. – Helena voltou-se para Lucy.

– Onde vamos agora?

– Ver Bob Payne – respondeu Lucy. – Saber as novidades sobre o novo litígio com a Google.

– Ah, merda, que porcaria. O dia vai de mal a pior... – Helena continuou imóvel. – Stella? – chamou num tom mais agudo.

– Sim? – Stella baixou o olhar, fitando os olhos castanho-escuros de Helena. Eram velados, mas Stella podia ver sua beleza. A beleza de serem capazes de convencer as pessoas a fazerem tudo o que ela queria.

– Quando tentar fazer uma maluquice como essa, ou, na verdade, quando tentar fazer seja o que for, pergunte-se sempre: onde está o romance? Entendeu?

– Entendi. – Stella sorriu, tentando não parecer demasiado concentrada nas palavras de Helena, como se estivesse memorizando uma a uma.

– Vamos lá – disse Helena com uma gargalhada –, diga isso como se tivesse mesmo de descobrir onde está o romance.

Stella respirou quase fundo. Lembrou-se de como se sentia com Joe, com quem estivera antes de Ivan, que sempre mantivera o romance e o sexo num limite mínimo... o idiota.

– Onde está o romance? – perguntou, arreganhando os dentes.

– Isso mesmo – disse Helena, sorrindo. – Vá encontrá-lo. Helena foi embora. Stella ficou ali, no hall dos elevadores, sentindo-se mais alta, mais leve e mais aprumada. Sabia que deveria ter medo da atenção que acabara de receber, que havia inimigos à espreita em cada esquina e que nem sequer conhecia alguns deles. Mas, ao mesmo tempo, uau! Helena era obviamente brilhante porque tinha visto o potencial da ideia dela... e tinha pensado nele. Stella sentiu que a decisão de ir para a LRB e de se aproximar de Helena fora a correta. E embora desconfiasse, ainda não sabia onde estava o romance... naquilo. Mas agora Helena a estava ajudando e Stella, definitivamente, sentia-se inspirada. Ia encontrá-lo!

Extraído de *O casamento é uma canoa*, **Capítulo 1, Primeiro dia**

Na manhã do meu primeiro dia, antes de ir pescar com o vovô, estive ajudando Bess com as tarefas domésticas. O vovô tinha ido à vila comprar mantimentos e algumas coisas que, segundo disse, poderíamos precisar para a pescaria.

Bess e eu começamos pelo menor quarto, que ficava acima da cozinha. Desdobrou, atirando ao ar, uma colcha de verão, que flutuou e caiu na cama de solteiro onde minha mãe dormia quando criança e que eu iria agora usar durante a minha estadia.

– Reparou? – perguntou Bess.

– É uma colcha bonita – comentei.

– Não é só bonita – explicou Bess. – É uma colcha de retalhos extraordinária. É feita com quadrados de diversos materiais de alta qualidade, com uma costura dupla tão forte que nem um gato selvagem furioso seria capaz de destruir. É mais resistente do que parece. Entende o que digo?

– Claro – respondi, hesitante. Ainda não tinha certeza se queria estar ali ou não. Sentia falta dos meus amigos. Mas o mundo dos meus avós era tão novo e diferente que sequer me atrevia a me mostrar mal-humorado diante deles.

– Agora vamos abrir as janelas, para que o ar puro do lago Okabye possa refrescar a casa.

– Está bem. – Obedientemente, fui até o corredor e abri a janela no topo do segundo lance de escadas.

– Leve como uma pena e forte como o ferro – disse ela em voz alta, dirigindo-se a mim.

– O quê? – perguntei. Bess veio até mim no corredor; seguimos os dois para um dos quartos de visitas e começamos a fazer a cama.

– As nossas colchas de retalhos – disse ela. – Busca as fronhas, por favor?

Fui, encontrando-as no armário da roupa branca. Quando voltei, ela disse:

– Sente-se aqui comigo um momento.

Sentei-me com ela na beira da cama daquele quarto de visitas imenso que ninguém usava.

– Peter, escuta uma coisa. Sabemos que presenciou cenas muito feias entre sua mãe e seu pai. – Ela me abraçou antes de continuar. Tinha o cabelo loiro, que eu a vira pôr em rolos na noite anterior. Achei que ela cheirava a flores. – Se quiser falar com a gente sobre o assunto, estamos aqui para ouvi-lo. Agora vamos tratar de fazer esta cama.

Acho que ambos sabíamos que eu não seria capaz de conversar realmente com ela. Sentia-me envergonhado demais. Só tinha doze anos. Lançou mais uma colcha de retalhos ao ar. Fiquei olhando, fascinado pelos pedaços de tecido diferentes, agora costurados, rodopiando à luz.

– Pega numa ponta e puxa – disse.

Fiz como ela me indicou e não pude deixar de notar que era leve como uma pena e forte como o ferro!

– Gosto desta colcha – afirmei.

– Sim, esta é das boas... eu a fiz com as velhas camisas do vovô e algum resto de lã italiana que trouxemos no fim da guerra. – Fez uma pausa. – Acho que o ouço chegar.

Agucei os ouvidos e consegui ouvir também.

– Cheguei! – exclamou o vovô. Bess sorriu. Ouvíamos o andar pesado dele na cozinha.

– Está pronto, Peter?

– Já terminamos, Bess? – perguntei.

– Eu não, mas você já. Vejam se conseguem pescar algumas trutas.

– Está bem – respondi, embora nunca tivesse tocado em um peixe vivo. Fui até meu avô na cozinha. Ele era muito, mas muito mais alto do que eu. Era um homem corpulento, sem barba e completamente careca. Vestia uma camiseta branca e jardineiras jeans, sempre com um cigarro *Lucky Strike* nos lábios ou encaixado atrás da orelha.

– Vamos pegar tudo aquilo de que precisamos – disse ele.

Disse que sim com a cabeça, sem saber o que deveria fazer a seguir. Mas, tal como a sua mulher, o vovô sorriu pacientemente para mim.

Em seguida, explicou:

– Só podemos levar o que tiver um propósito. Nada mais do que isso. Sabes por que razão não podemos levar mais? – O avô olhou para baixo, para mim, e esperou a minha resposta. Percebi que ele estava tentando me ensinar uma lição, embora parecesse que há muito não fazia isso.

– Porque senão o barco afunda?

– Exatamente. E para que mais peso? Duas pessoas numa canoa não precisam de mais. Quando eu e Bess saímos de canoa, coisa que fazemos desde muito antes de a sua mãe ter nascido, só levamos aquilo de que precisamos. Não vale a pena ter muitas coisas na canoa porque só atrapalham. Espera até ver a nossa canoa! É muito resistente e, se tratar bem dela ao longo dos anos, como nós temos feito, irá sustentá-lo sem nunca quebrar. Mas foi construída para apenas dois adultos e talvez algumas crianças, no máximo. Se tentar obrigá-la a suportar mais do que isso, o resultado não vai ser bom. Mas vamos precisar certamente do isopor para os sanduíches, do balde com a isca e de uma toalha para você, se quiser nadar.

– Está bem – respondi.

O vovô embrulhou os sanduíches e eu os coloquei no isopor. A casa estava tão sossegada que podíamos ouvir Bess cantarolando a música “Crazy Heart”, de Hank Williams, no piso de cima.

Reunimos tudo o que iríamos precisar e saímos para o amplo gramado da varanda nos fundos da casa. Como eu tinha chegado no dia anterior já depois de escurecer, era a primeira vez que via a canoa. Era antiga, com o exterior pintado de um verde leitoso e o interior tinha vigas de mogno que brilhavam ao sol.

– É fantástica! – exclamei, não me contendo como teria feito na cidade, onde estava aprendendo a parecer *cool* e a não mostrar grande entusiasmo por nada.

– Como disse, eu e Bess fizemos um bom trabalho em tomar conta dela – afirmou o vovô. – Você sabe remar?

Senti o rosto ficar quente, franzi o cenho e balancei a cabeça em sinal negativo, mantendo os olhos na grama brilhante por baixo do meu tênis.

– Nunca remou numa canoa?

– Não, senhor.

– Não me trate por senhor! Eu sou o seu avô. Então, e pescar, já pescou? Só consegui voltar a balançar a cabeça.

O você lançou uma vigorosa gargalhada e deu um tapinha que me fez tropeçar para a frente. Olhei para cima, para ele, cheio de vergonha por não ter me segurado.

– Não há problema. Primeiro vai aprender como lidar com esta canoa; saber a carga que consegue aguentar, aquilo com que é capaz ou não de lidar. Depois vai aprender como remar em conjunto comigo, tal como eu e Bess fizemos quando nos conhecemos, para que um dia possa dar um passeio de canoa ao luar com a sua namorada. E, por fim, ensino você a pescar!

– OK – disse eu, acrescentando baixinho –, obrigado.

– Não me agradeça. Vai trabalhar muito este verão. Vai ter de fazer a sua parte. E quando se der conta, já vai saber remar e pescar!

O verdadeiro amor é uma colcha de retalhos – leve como uma pena e forte como o ferro.

Um bom casamento é uma canoa – precisa de atenção constante e não foi feito para suportar demasiado peso – não mais do que dois adultos e algumas crianças.

Peter Herman, agosto de 2011

Peter Herman se debruçou sobre a cerca branca que rodeava o jardim da frente da Pousada do Lago Okabye. Calçava mocassins e apoiava um dos pés numa das traves horizontais da cerca, os antebraços pousados confortavelmente nos intervalos das ripas verticais. Pousou o queixo nos nós dos dedos e olhou para o trânsito. Quietos como um pássaro num fio elétrico, ali, numa pose que não mudara muito desde que tinha se envolvido no negócio da pousada, quase quarenta anos antes.

Levantou a cabeça e sorriu para uma ex-cozinheira que passava pela pousada, com os filhos, na sua picape. Imaginou que as crianças quando olhavam para ele agora, viam um homem velho com os olhos muito afastados, como um peixe. As orelhas tinham aumentado de tamanho e estavam cobertas por uma penugem branca. Quando estava descontente consigo mesmo, como acontecia naquele momento, achava que o mundo o via como uma espécie de versão caricatural envelhecida do homem elegante que um dia fora. Suspirou e respirou fundo. Trinta anos antes, naquele mesmo local, teria sido capaz de sentir o cheiro dos frangos assando na cozinha do restaurante. Mas, nas obras de alargamento de 1986, haviam quadruplicado o tamanho da cozinha, acrescentado uma padaria, transferindo tudo para os fundos da propriedade. Agora todo o cheiro que ele sentia era da estrada recém pavimentada e do orvalho no final da manhã. Ele inclinou a cabeça para trás, atento ao ranger de uma porta de rede sendo aberta. Era Henry, com certeza. Os passos do velho amigo terminaram com o ruído de grama úmida sendo esmagada.

– Acho que o pessoal já não gosta muito de ter um viúvo rondando por aqui constantemente. Esses dias acabaram, tagarela!

– Bom dia, Henry! – Peter não virou a cabeça, limitando-se a esticar o braço e a dar uma palmada nas costas de Henry Talkington. – O que a Maddie disse?

– Refere-se à sua namorada? Disse: “Ah, porra!” – respondeu Henry. Encostou-se na cerca em posição contrária, de modo a poder olhar através das janelas da sala do café da manhã. Henry era baixo e corpulento, inchado nas regiões que a idade tinha aparado e escavado em Peter.

– Isso não me parece correto. Nunca a ouvi xingar. Uma vez que seja.

– Comigo xinga. Você está perguntando sobre a nossa conversa antes de ela ir para a Califórnia? Ela volta esta semana, acho. Veio almoçar comigo antes de partir. Mas você já deve saber.

Peter esfregou o queixo com o polegar.

– Não estava com vontade de fazer a viagem – declarou.

Henry fez um gesto de cabeça e comentou:

– Eu sei.

Peter esperou que Henry dissesse mais alguma coisa. Lisa falecera havia quase dez meses e agora estava envolvido com Maddie Narayan. Pedira-lhe que abandonasse Millerton e começasse uma nova vida com ela em São Francisco, para que pudesse ficar perto da filha, Anjulee. Ele não tinha certeza se queria. Descobrira recentemente que não estava ainda totalmente pronto para uma visita de uma semana.

– Maddie está apenas tentando entender que tipo de relação vocês têm, só isso – disse Henry. – Ainda não conseguiu racionalizar a coisa e você não está ajudando. O que sabe é que está adorando Bay Area.

Peter limitou-se a olhar para Henry e sorrir. Quando os dois se conheceram, ele é que era o tagarela e Henry era o empregado que ouvia e tratava dos pormenores. Mas desde a morte de Lisa, Henry tinha se tornado o tagarela. Pessoas como Henry, que conheciam Peter há quase uma vida inteira, encarregavam-se agora de preencher os novos silêncios criados por Peter e não pareciam notar a diferença.

– É lógico que ela também não gosta da sensação de ter de andar atrás de você – disse Henry. – Ela ama você. E respeita a relação que teve com Lisa. Mas sente que é uma espécie de prêmio que lhe parece sempre escapar. Eu já o conheço. Mas ela não. E não consigo lhe explicar por que é que não cede, embora pense que você deveria.

– Maddie é boa demais para mim. Eu devia ir visitar Belinda em Vassar. Ela deve conhecer algumas professoras mais maduras que sejam solteiras.

– Colegas de trabalho da sua filha? Essas também devem ser boas demais para você!

– Obrigadinha, Henry. O que é que o Manuel pôs no cardápio como prato do dia?

Henry suspirou e fixou o olhar nos sapatos. O sol quente brilhava através dos bordos e refletiam no alto da sua careca. O vento era suave e os dois homens ficaram em silêncio. Peter percebeu que o velho amigo Henry o tinha encurralado uma vez mais com a sua argumentação, de que estava na hora de Peter deixar a pousada, vender a casa para poder pagar as dívidas e aventurar-se numa nova vida com Maddie.

– Sanduíches de peixe-gato – disse Henry. – Levemente frito. Acompanhado de uma remolada de raiz de aipo. E batatas fritas, não que eu vá permitir que um de nós dois as devore.– Está bom?

– Muito bom. Já o vi preparando esse prato antes. Não é exatamente peixe-gato, mas é parecido.

– Peixe miúdo? – Peter contraiu os lábios como se tivesse provado alguma coisa estragada.

– Ou isso. É peixe fresco, creio. Do tipo que vem de Orient, de balsa.

– Maddie lhe disse quando é que volta à Califórnia? Não gosto de lhe fazer muitas perguntas, por isso pergunto antes a você.

– Ela vai manter este ritmo de idas e vindas com regularidade. Também está pensando em vender a casa. Aparentemente, está mais à sua espera do que imaginava, segundo ela.

Peter abanou a cabeça e comentou:

– Por que razão alguém se daria ao trabalho de esperar por mim... esse é o verdadeiro mistério.

– Concorde. Ela tem cinquenta e dois anos e é uma bela mulher – comentou Henry. – Pode querer voltar a casar. Devia descobrir se você será capaz, antes de fazê-la perder mais tempo.

– Obrigado, Henry. Agradeço a conversa esclarecedora.

– Sempre às ordens. Agora saia dessa maldita cerca!

Lisa acabara de completar sessenta e dois anos quando a doença se manifestou, embora, mais tarde, Peter tivesse se dado conta de que já há algum tempo se desenvolvia: um crescimento de proteínas Tau que tinham obrigado as suas células cerebrais a encolher, pressionando-as e afetando sua capacidade de ser ela mesma, o “eu” que era carinhoso com ele e que cuidava de ambos. Ele partira do princípio de que o recente e constante

mau humor na sua personalidade representava algum tipo de reconfiguração que surgia com a idade. Também se sentia parcialmente culpado. Ela cometia erros inéditos e ficava incomodada com as contas, preocupada por passar essas tarefas para as mãos de Peter, uma vez que ele sempre foi o que não tinha jeito para lidar com dinheiro. Peter se sentia culpado por isso, achando que a tinha sobrecarregado.

O que sobrara a Peter depois da morte de Lisa? Uma carapaça com bom aspecto de um ser que sempre evitara, mas que agora não tinha outra escolha senão conhecer. Quarenta anos antes, regressara a Millerton um ano depois da publicação do *Canoa*, porque trabalhar em Manhattan para a McCann Erickson como *copywriter* estava minando sua capacidade de escrever um segundo livro. Tinha alguns milhares de dólares e a arrogância que acompanhava o sucesso de um jovem adulto. Por isso voltou e encontrou a mulher que beijara aos doze anos... só que nessa época ela era conhecida por Honey e era a filha do dono da pousada.

– Peter Herman! Lemos o que escreveram sobre você no jornal – dissera ela.

– Andaram rindo às minhas custas?

– Essa agora – disse Lisa com uma careta –, eu não colocaria as coisas dessa forma. Tenho certeza de que o seu livro é muito bom e pretendo lê-lo.

Estávamos no verão de 1972. Ele tinha andado para cá e para lá na Main Street até encontrá-la saindo da estação de correios. Ela usava umas jardineiras Levi's e tinha o cabelo preso num coque despenteado. Não pareceu a Peter que estivesse com pressa de arranjar um homem, e isso era muito agradável, depois de todo o amor apressado e sem barreiras a que assistira em Manhattan.

– A verdade é que vim para pedir a sua mão em casamento – dissera ele com sinceridade.

Ela tinha vinte e quatro e ele vinte e três anos. Casaram-se nesse outono, na pousada, um casamento de conto de fadas que servira de primeiro capítulo para uma vida de enredo harmonioso.

O *Times* deu a notícia: “O autor de *O casamento é uma canoa* casa com a mulher do seu livro.” Peter Herman e o seu amor de infância entraram na sua própria canoa. De repente, tornaram-se gerentes da pousada, com uma filha, Belinda. O segundo livro?

Bem, nunca aconteceu.

Lisa, que sempre tivera intenção de ajudar os pais na pousada, descobrira que tinha talento para o negócio. Em poucos anos conseguiu assegurar que a pousada gerasse um fluxo de caixa positivo no fim de cada mês. As empregadas que brincavam com Peter durante o trabalho não encaravam Lisa porque sabiam que se roubassem nem que fosse apenas alguns dólares, seriam apanhadas por ela. Peter percebeu que tanto a mulher como os empregados dependiam dele como fonte de boa disposição. Todos precisavam da frivolidade dele para encobrir a guerra interminável entre o pequeno furto que corrói um negócio como este e o desejo vigilante da mulher de manter a pousada como um local honesto e rentável.

– Somos uma equipe – dissera ela em 1978, quando Belinda tinha três anos. Nessa época, os pais de Lisa já tinham reformado e mudado para Key West, para supervisionar algumas pensões onde haviam investido suas poupanças. Lisa deixava Peter todas as manhãs para gerir a pousada de Millerton a partir de um conjunto de escritórios existente nos fundos da cozinha.

O ano de 1979 foi o último em que ficou em casa tentando escrever no escritório que um dia pertencera ao seu avô. Na maioria das vezes deixava-se ficar sentado à mesa rabiscando. Ou comia um *bagel* recheado de queijo-creme e tomate, que o aconchegava até adormecer. Sabia que não estava com uma crise de inspiração. Compreendia simplesmente que não tinha mais nada que precisasse dizer. Durante a tarde, ia até a pousada para ajudar Lisa com as tarefas. Por vezes almoçavam com Henry que, nessa época, era subgerente.

– Correu tudo bem com a escrita hoje? – perguntava ela.

Quando já não aguentava mais responder a essa pergunta, veio com a ideia de construir uma nova pousada em Hudson, ali perto. Peter não tinha grande jeito para os negócios, ambos sabiam. Mas ela o amava, por isso deixou que ele tentasse, durante muitos e muitos anos, tornar a pousada de Hudson um sucesso.

À noite, em casa, ele franzia o cenho, tentando entender por que não era capaz de fazer a pousada de Hudson dar lucro, quando a do lago Okabye não tinha quaisquer problemas.

– Não fique cismado – ela gostava de dizer. – Sabe que não gosto.

E então, ela afastava a papelada, levantava-se e começava a cantar, ali na varanda dos fundos, parte da música de Peter Seeger, “Where Have All the Flowers Gone?”.

– Não se esqueça de que tenho um coração de *hippie* – dizia ela a plenos pulmões, embora a verdade fosse que, no fundo, era uma pessoa paciente, que nunca se queixava, e uma excelente dona de pousada. Era divertida quando percebia que era disso que ele precisava para seguir em frente. Ele acompanhava-a assobiando e marcando o ritmo com os pés. Lisa tinha uma voz de contralto forte. Cantar os fizera ultrapassar uma série de situações difíceis. As semanas em que correram boca a boca pela cidade os comentários sobre as bebedeiras dele e as intimidades brincalhonas que tinha com as empregadas azedaram os ânimos de todos os aposentos em ambas as pousadas. Essas semanas se transformaram em quase uma década nos anos 1980. Mas Peter e Lisa permaneceram juntos. E Peter continuou a não escrever. Nem sequer tentava. Depois chegou 1993, um ano de poucas cantorias, em que Lisa teve de concentrar todas as suas energias na falência da pousada de Hudson e em vender ações da pousada do lago Okabye ao Lockport Savings Bank, cujo gerente conhecia desde a escola primária. Lisa foi obrigada a trabalhar arduamente para evitar que perdessem as duas pousadas. Foi Henry quem acabou por usar todas as suas poupanças e comprar as ações ao Lockport Savings. Essa jogada fez de Henry sócio. Lisa nunca jogou a culpa em Peter.

Lisa adorava duas coisas: cantar e números. Envelheceram juntos, ela mantendo sempre o negócio solvente, os fornecedores pagos e sentindo-se apenas ligeiramente amarga, tal como achava que devia. Depois do longo passo em falso dado por Peter com a pousada de Hudson, Lisa teve de se esforçar para domar as contas diariamente. E conseguiu. Salvou-os da falência. Quando adoeceu, Peter pensou se aqueles anos de esforço para manter as finanças sob controle teriam sido a causa. Quando os números descobriram o ponto fraco no seu cérebro sublevaram-se, desejosos de vingança.

Peter sentiu-se de mãos atadas, incapaz de travar a perda de suas economias. Sabia que em breve seria obrigado a vender a sua parte na pousada ao Henry. O Lockport Savings passara a ser o First Niagara e percebia que nem valia a pena dar-se ao trabalho de saber quem trabalhava lá. Todas as suas relações com os bancos tinham azedado. Isso porque, no

fim da vida, antes de terem absorvido completamente o diagnóstico e as implicações da doença de Pick, Lisa usara as poupanças para jogar no Poker Junkie, no PartyPoker e no Full Tilt Poker – e em todos os casinos on-line – com um cérebro que já não era capaz de controlar. Calculava que as proteínas Tau no cérebro dela faziam aquilo para libertá-la, porque a alma estava magoada por tantas vezes ter sido obrigada a salvá-lo, e ao dinheiro de ambos, durante quase quarenta anos. Se fosse verdade, ele não poderia culpá-la. Quando descobriu que não tinha mais nada para escrever depois do *Canoa*, dedicara-se a trabalhar, construindo algo que só serviu para drenar o dinheiro todo. Se a vida era apenas dinheiro, então Lisa tinha passado grande parte da sua a reparar os danos causados por Peter. Se a vida fosse mais do que isso, então os dois tinham se saído bem como casal. Tinham uma filha linda e inteligente. Lisa rira mais e durante mais tempo com Peter do que teria acontecido sem ele. Se Peter fosse honesto consigo mesmo sobre as opções que tomara, teria de admitir que a vinda para Millerton e a união com Lisa eclipsara o grande palco que o *Canoa* lhe poderia ter proporcionado. Mas Peter não pensava dessa maneira com frequência – sobre dinheiro, escolhas, nem nada disso. Só quando era forçado.

Atualmente o seu rendimento pagava a eletricidade, a gasolina, o seguro e pouco mais. E como tinha feito o *leasing* de um novo Subaru antes de descobrir que Lisa iria ter despesas médicas permanentes, acabara por dever mais do que possuía. De seu, tinha apenas a casa e um quinto da pousada. Millerton era uma cidade muito pequena e todos conheciam a sua situação. As pessoas sabiam que as finanças dele precisavam ser remediadas e queriam ajudar. Queriam-no de volta, à sua eloquência e simpatia, com dinheiro suficiente e sem grandes necessidades. E se não fosse possível ter um Peter assim, então não o queriam por perto. Achariam uma ótima ideia que ele se mudasse com Maddie Narayan; porque, se considerassem que ele estava afundando Millerton, quereriam vê-lo pelas costas.

Algumas semanas antes de Lisa dar entrada no hospital pela última vez, tinham passado o final do dia na varanda dos fundos com duas canecas de chá.

Ouviam Jim Foxton no lago, remando na sua canoa. Várias vezes Jim convidava Peter a acompanhá-lo. Mas, em certa ocasião, Peter o tinha ouvido se gabar no bar Sally Forth sobre o fato de ir passear de barco com o mais famoso remador do mundo e, desde aquele momento, nunca mais aceitara o convite de Jim. Isso fora há mais de vinte anos.

– Quando me for, quero que viva rodeado de mulheres – disse Lisa. – Isso me faria feliz. Estou com frio. Vamos para dentro comer qualquer coisa.

Peter não se mexeu.

– Desejo isso para você porque vou morrer muito cedo. – Ela chorava baixinho.

Daí a alguns minutos, ele iria aquecer uma sopa de ervilha diluída com água. Colocaria o pão no forno, um pão de alho saboroso que ela o ensinara a fazer quando se casaram, e que ele ainda fazia: um pão branco e espesso com manteiga e finas lascas de alho.

Ela só comia sopa e pão.

– Mulheres sensuais e fogosas – disse ela. – É isso que quero para você.

– Não diga isso.

– Quero que esteja de coração aberto ao que aparecer. Condescendente. – Ele observou a boca dela perder a forma, atrapalhada com a palavra difícil. Lisa continuou: – Não, não é isso. Apenas favorável. É só isso que espero de você. Que se mostre favorável a esta mudança em sua vida. Em nossas vidas. Eu quero que seja feliz. Eu sei que nunca o deixei descobrir por si mesmo que tipo de homem devia se tornar.

Ele beliscou as próprias orelhas e esboçou um O com a boca. Depois de ela morrer, arrependeu-se daquele momento, e de muitos outros, em que escolheu fazer de conta que não a entendia ou, pelo menos, não a absolver da culpa. A sua vida inútil não era totalmente culpa dela.

– Não fique só com a Maddie Narayan. – Lisa sorriu e mostrou-lhe a língua. – Eu sei que você tem uma relação especial com ela.

Peter ficou surpreso. Não tinha uma relação especial com Maddie. Mas Lisa não estava totalmente enganada. Ele tinha relações especiais. Ao longo dos anos entregara-se aqui e ali a um abraço longo e indecoroso ou a um beijo com uma garçonete ou camareira depois do horário de trabalho do Sally Forth. Talvez até um pouco mais. Não gostava de pensar nessas coisas. Depois de ele e Lisa ultrapassarem aqueles primeiros anos de

casamento e ele ter encontrado o equilíbrio, nunca mais se atrevera a se lançar em casos que pudessem trazer consequências sérias. Bem, talvez sim, uma ou outra vez. Mas nunca de maneira tão estúpida que o forçasse a pensar se deveria abandonar a mulher.

Ele disse:

– Do que é que está falando?

– Sei muito bem do que falo. Olha que vou estar observando-o. – Em seguida, perdeu a linguagem e emitiu um som desconexo.

Observou o lindo cabelo dela. Havia anos que ela o pintava de castanho-avermelhado, mas deixara de o fazer quando descobriram a doença, e agora, de repente, tinha raízes de três centímetros de denso cabelo grisalho. Ele gostava mais do grisalho do que do castanho-avermelhado, mas não sabia como dizer aquilo. Tinha medo de que ela o visse como cabelo de moribunda. Queria tanto que ela vivesse, por isso interrompia abruptamente o início de qualquer conversa que parecesse abordar a morte dela. Mas, no entanto, parecia que as conversas iam sempre parar nesse tema. Sentia-se estúpido e confuso e, uma vez mais, desorientado, sem saber que tipo de pessoa deveria ser. Pior, que pessoa deveria se tornar?

Um dia, ouvira por acaso uma conversa entre ela e Henry, no escritório, quando ia à pousada buscar o bolo que os cozinheiros tinham preparado para o jantar de despedida de Belinda, antes de sua ida à universidade. Passava por ali, com ar absorto, mas despertou ao ouvir o seu nome.

– Eu digo ao Peter aquilo que ele quer saber – disse Henry.

– Não sobre a nossa situação financeira – retorquiu Lisa. – Não podemos deixar que se envolva. Nunca mais. Estou velha demais para ficar consertando tudo mais uma vez.

Henry soltou um assobio, dizendo:

– Está bem, faremos como quiser.

Peter contornou a esquina e viu Lisa se afastar de Henry. Se não tivesse ouvido a conversa, poderia ter suspeitado que os dois teriam algum caso.

– Olá, querido – disse Lisa. – Estava aqui dizendo ao Henry que nos encontramos em casa às seis para o piquenique.

– Estou indo agora buscar o bolo.

– Que bom! – Lisa forçou Henry a juntar-se a ela num aceno de cabeça concordante. – Acredita nisso? Dezoito anos e ela está prestes a partir. –

Desviou o olhar dos dois homens. – Por que não vão os dois para casa? Só preciso tratar de mais umas coisinhas aqui.

Peter aceitara a mentira inocente. Entendia qual era o seu papel. Tinha jeito para se relacionar com pessoas, era péssimo em lidar com dinheiro... era como se fizesse parte da mobília na cidade: querido e respeitado, sem nunca mudar a sua maneira de ser.

Sempre fora um sedutor. Tomava conta da filha. Nunca preso demais a qualquer trabalho. Bem tratado por uma boa mulher que não tinha medo de contornar a verdade, se isso fosse necessário, para mantê-los juntos, felizes e sem dívidas.

O pior foi quando Lisa esteve internada no hospital Lambert durante três dias seguidos. Deram-lhe medicamentos que lhe permitiram recuperar algumas das memórias distantes e ela imediatamente tentou lhe contar todos os segredos que tinha guardado. Um homem num seminário financeiro em que participara na Carolina do Sul num verão. Outro em Sonoma County, onde tinha estado certa vez, no final dos anos 1970, durante uma semana, com as colegas da Universidade de Buffalo, onde tinha sido secretária da república estudantil. Uma inesperada perda de dinheiro, proveniente dos *royalties* do livro dele, que ela nunca recuperara, quando, cheia de otimismo, investira em um negócio de árvores de Natal de um amigo, eram ambos muito jovens. Na verdade, entre o dinheiro que ela o encorajara a gastar na pousada de Hudson e os maus investimentos que ela própria tinha feito, eles haviam perdido quase todo o dinheiro dos *royalties*. As perdas inexplicáveis e as infidelidades ocultas estavam se revelando agora.

– Como fui sortuda por ter passado a minha vida com você – sussurrou ela. – Deveria guardar os meus segredos, não acha? Você não quer saber.

Era verdade, não queria.

– Sabe, acho que tem razão. Você tem sorte por ter casado com um homem que compreende verdadeiramente o que torna um casamento feliz.

– Ambos riram do comentário.

O corpo dela foi se tornando cada vez mais rígido. O médico começou a se preocupar menos com a debilitação progressiva das células cerebrais saudáveis e mais com as simples infecções que ela já não era capaz de combater. Desenvolveu uma pneumonia e o médico disse não haver

grande esperança. Explicou que a pneumonia era mais forte do que ela, que era muito grave e que avançava com a rapidez de um relâmpago. Começaram a lhe dar analgésicos fortíssimos. Ela flutuava, enquanto o marido a observava da cadeira ao lado da cama.

Peter secou as lágrimas com um lenço trazido por ela após uma caminhada que fizera nas montanhas da Escócia com a irmã Gwen, que vivia na Flórida e morrera apenas dois anos antes.

– Você teve momentos com outras mulheres, não teve? – perguntou ela.

Ele se limitou a encolher os ombros. Ela conseguia sempre, embora de forma intermitente, encontrar a sua voz. Perto do fim, cheio de vergonha, ele se flagrava desejando que ela deixasse de ser capaz de acessar essas zonas julgadoras e cruéis dela mesma. O zumbido das luzes do hospital foi interrompido pelas vozes entrecortadas das enfermeiras no corredor.

– Não deve se lembrar do Erich Fromm – dizia uma enfermeira mais antiga a uma mais jovem, agora ao alcance do ouvido de Peter, cuja audição permanecia tão boa como quando era rapaz... e já era um bisbilhoteiro nessa época também.

– Não, mas sei quem é o Mitch Albom. *Às Terças com Morrie* para casais! Imagina a grana! Imagina ter isso como guia do meu casamento. Aposto que ele teria conseguido salvá-lo. Aquele homem ali dentro poderia ter salvado o meu casamento. Tenho certeza disso.

– Eu lhe empresto o meu livro.

– Um pouco tarde.

– Ainda pode ser útil... para o próximo. Espera, vou pôr um lembrete no celular.

Ouviu o ruído dos sapatos das enfermeiras se afastando no corredor. Anos antes, tinham oferecido a Peter um exemplar do *Às Terças* e ele achou-o de fraca qualidade... talvez até uma espécie de derivado da sua obra. Gostava mais do Dr. Phil, porque já haviam se correspondido e o Dr. Phil mencionara o *Canoa* em um dos seus programas. Gostava do Dr. Phil.

Peter nunca tivera pretensões de ser um gênio. Claro que tinha inventado partes da história, ornamentado quando necessário, brincado um pouco com o fio condutor dos dias passados com os avós até as histórias ficarem sucintas e singelas, e por vezes até grandiosas, no seu sentimento de “aceitar o entardecer, mas acolher o alvorecer”. Mas o *Canoa* não era um exercício cínico. O livro transmitia de forma reiterada verdades

simples. Não era culpa sua que o mundo adorasse a ideia da existência de um livro recheado de respostas a perguntas para as quais não há resposta possível.

A capa da mais recente edição do livro era uma fotografia das mãos entrelaçadas de um casal. A luz do sol por trás era rubra, dourada e branca, fazendo cintilar as alianças polidas. Que droga. Ele nunca tinha usado uma.

Extraído de *O casamento é uma canoa*, **Capítulo 2, Sobre o desejo**

Nosso primeiro dia de pesca de verdade terminou sem um único peixe no balde verde. Senti-me culpado, como se a culpa por aquele triste balde estar vazio fosse toda minha.

O vovô disse:

– Amanhã, logo pela manhã, saímos outra vez para pescar.

A voz dele era firme à saída do lago. Rodeava-nos uma luz crepuscular de um dourado profundo, firmando-se como uma promessa de que aquela noite, aquela noite fresca de meados de julho, seria muito agradável.

O vovô mostrou-me como saltar da canoa, arrastá-la para terra, virá-la e colocá-la nas vigas de suporte presas à doca minúscula.

Lembro-me de que estava pensando num cigarro que fumei com um amigo umas semanas antes, na Third Avenue, em frente a uma loja de doces. O meu cérebro estava tão podre que quase me enfiei no meio do trânsito, pensando: *Não é de se admirar que os adultos estejam sempre fumando*. Gostaria de um cigarro naquele momento, depois do nosso dia de pescaria.

– Ouviu o que eu disse? – perguntou o vovô.

Eu sacudi a cabeça em negação.

– O que se passa? Está sonhando acordado?

– Acho que sinto saudades da minha casa.

– Então, rapazes, não vão entrar? – chamou Bess do alpendre.

Olhei para cima. Vi que ela sorria e pensei com preocupação se seria capaz de ler meus pensamentos.

– Sim, já vamos – respondeu o vovô. – Mas não fismos nada.

– Não faz mal. Eu assei um frango.

– Isto é que é uma mulher fantástica! – exclamou o vovô. – O que é que eu digo sempre?

– Não comece a dizer essas coisas ao rapaz – respondeu Bess, abanando a cabeça em desaprovação.

– Se não eu, quem mais fará? – perguntou o vovô. Olhou para mim e apontou para ela, dizendo: – Sou um servo dela, isso é tão certo como estar vivo. Tudo o que ela quiser, tudo o que ela desejar, seja leite, ar fresco ou andar de mãos dadas, será também o meu desejo.

– Ele está exagerando nos elogios – disse Bess. – Mas esse é o meu belo homem: sem medo de manter a vida tão doce como o mel. Vamos, subam os dois para jantar.

Desejo?, pensei, eu sei o que é o desejo. Sou eu quando quero pôr as mãos em um *Winston* e fumá-lo na estrada, onde eles não possam ver.

O vovô se virou para mim como se estivesse pensando em algo muito importante que não se dirigia só a mim, como se as suas palavras não fossem apenas para mim, mas também para vocês, leitores.

– Desejo, meu rapaz, é o que o seu coração quer quando não está acorrentado pela sua cabeça.

E, naquele momento, percebi que o desejo de que ele falava não tinha nada que ver com cigarros.

O desejo pela pessoa amada nos dá força para continuar a remar.

Emily Babson, agosto de 2011

– Espera, estou vendo uma pessoa conhecida – disse Emily.

– Sherry, depois volto a te ligar. Olá!

Emily terminou a conversa que estava tendo com a irmã e atirou o celular na bolsa. Estava sozinha na seção de livros de autoajuda numa livraria da Smith Street, a alguns quarteirões do seu apartamento. Ultimamente era muito ágil em desligar o telefone, antes que Sherry tentasse introduzir o assunto do que estava acontecendo entre Emily e Eli, porque falar disso iria tornar o problema real... e muito rapidamente. Emily não queria fazer uma tempestade num copo de água. Se e quando isso acontecesse, então Sherry teria a sua cota de culpa.

Emily tirou da estante um exemplar de capa mole da obra *O casamento é uma canoa*. Sherry enviara a Emily uma edição antiga do livro numa espécie de cesta, quando esteve em Los Angeles para a apresentação dos episódios-piloto de uma série televisiva alguns anos antes. Tinha-o enviado juntamente com um *post-it* que dizia “Lembra disso?”. Antes do divórcio dos pais, quando Emily acabara de fazer treze anos e Sherry tinha dez, a mãe costumava ter aquele livro no banheiro do quarto principal na casa de Milton, onde Emily e Sherry cresceram.

Ficou ali na livraria silenciosa, tentando convencer-se – mais uma vez – de que Eli, seu marido há quase três anos, tivera uma espécie de epifania umas semanas antes, numa viagem de negócios a Los Angeles, e que ia fazer uma coisa qualquer sem fins lucrativos em nome da empresa. Ele praticamente não tinha proferido uma palavra sobre o assunto. Emily tinha começado a suspeitar de que ele estava procurando uma nova solução de negócios para a empresa com Jenny Alexandretti, que agora o ajudava em tudo o que estivesse relacionado com a Roman Street Bicycles. Eli já raramente fazia perguntas a Emily sobre como conduzir o negócio. Desde que Jenny se mudara de Los Angeles para Nova York, há um ano, e

começara a trabalhar na Roman Street, que Eli se tornara um pouco evasivo. Alguma coisa não estava bem. Emily estava certa disso.

O fato mais interessante que Emily soube sobre Jenny Alexandretti era que o pai dela era um fotógrafo famoso que fotografara a filha nua quando esta tinha doze anos, imagens essas que ainda podiam ser vistas na internet. Sabia que Jenny já não falava com o pai. Eli tinha lhe contado, na época em que o nome de Jenny ainda surgia em conversa. Ficara sabendo por Sherry que Jenny, desde que começara a trabalhar na Roman Street, tinha tatuado várias peças de bicicleta pelo corpo. Primeiro uma forquilha, contara Sherry. Depois uma cremalheira. Sherry não se lembrava do nome da última peça que Jenny tatuara nem em qual parte do corpo, mas assegurara a Emily que nada disso tinha a ver com Eli. Jenny é que era o tipo de pessoa de ficar obcecada por cenas. Daí as tatuagens. Porque ela é uma pessoa um pouco perdida, dissera Emily. Exatamente, respondera Sherry. Nada de preocupante. Só uma alma errante que, graças a Sherry e a Eli, encontrara a sua vocação. Mas agora Emily suspeitava de que entre Eli e Jenny já tinha acontecido um beijo. O que significava que havia algo com que se preocupar.

Emily voltou a pôr o *Canoa* no devido lugar e dirigiu-se para a seção de revistas. Procurou a revista sobre bicicletas onde a Roman Street colocava a sua publicidade. Eli tinha sido capa da publicação em maio último. Sublimara o nome da revista, só se lembrava de que era estúpido e de que não gostava. Se Eli a tivesse consultado, o teria aconselhado a publicar anúncios mais modestos, mas em revistas de maior destaque, como a *Sports Illustrated*. Na época em que o namoro dos dois se tornara sério, Eli pedia-lhe opinião sobre tudo o que se relacionasse com o marketing da Roman Street. Inicialmente, de modo um pouco tímido. Mas Emily sabia que ele tinha consciência de que a ajuda dela na condução do negócio fora essencial para o sucesso da empresa. Eli nunca negara esse fato.

Conhecera Eli cinco anos antes, quando foi convidado para dar uma palestra em um curso noturno de design industrial que Emily estava frequentando na New School, onde ele se formara. Ela sempre gostara de assistir a palestras. Em todas as ocasiões que podia, ia à New School ou à Parsons ou ao FIT assistir a palestras sobre design. O trabalho dela na Yes era explicar às pessoas o que é o design industrial, de publicitar o design de excelência e a sua relação com a tecnologia. E era boa no que fazia.

Com alguma frequência ia visitar a sede da OXO na 26th Street, onde fora criada a linha de utensílios Good Grips. Era conduzida a uma sala de conferências, onde um designer já se encontrava sentado com um novo utensílio de cozinha. Ela diria: “Vejo que tem aí uma peça interessante. Fale-me dela.” E os designers tentavam, acabando sempre falhando. Então, com muito jeito, ela descobria o melhor nome para o objeto, a melhor descrição. Criava todo um conceito inovador de pensar um novo objeto, para que as pessoas o desejassem e acreditassem que precisavam mesmo possuí-lo. Em seguida, avançava para outra empresa, para outro objeto.

Descobriria esse talento ao terminar a faculdade, quando viera para Nova York. Nessa época trabalhava à noite numa firma de advogados, fazendo a revisão de textos legais, e durante o dia como assistente *freelancer* numa grande empresa de design que trabalhava majoritariamente com *branding* para festivais de cinema e de música. Pensava em fazer um curso de pós-graduação em história da arte ou, no mínimo, ir para a Faculdade de Direito e detestar, mas ter algum dinheiro no futuro e tema de conversa com o pai durante os raros jantares que aconteciam quando ele estava trabalhando num caso da sua firma fora do escritório de Nova York. Foi então que decidiu assistir a uma conferência na Universidade de Nova York, num terceiro encontro romântico que teve com Gordon Dubrow, um aluno de pós-graduação em Ciência da Computação e Teoria das Ondas. Tinham se conhecido num passeio que fizera certo sábado com uma amiga pelo New York Harbor, num velho barco à vela. Gordon estava sozinho no barco. Ela observara-o cerca de meia hora, enquanto ele olhava obsessivamente para as ondas, estendendo de vez em quando a mão, tentando seguir o seu padrão, parecendo fazer um passo de dança dos anos 1980. Sentara-se ao seu lado e os dois acabaram por conversar sobre barcos. Nessa conferência, ela sentou-se de mãos dadas com Gordon, ouvindo um professor da Nova Zelândia falar sobre o que a teoria das ondas poderia significar para o design de barcos. Foi nessa época, quando se deu conta de que tinha mais jeito para explicar a Gordon como é que os grandes navios deviam ser desenhados para serem eficazes em alto mar do que ele a ela, que percebeu que não queria construir coisas. Queria explicá-las. E assim descobrira uma carreira. Tinha então se apaixonado por Gordon, acabando por passar seis nebulosos anos com ele.

Durante os seus vinte anos, sempre que ficava sem trabalho ou simplesmente tinha uma noite livre, ia assistir a palestras sobre matemática ou ciência. Mas também ia a conferências sobre antropologia no Museu de História Natural, ou conferências sobre história da arte no Met ou no MoMA. Ia assistir à exibição de documentários e ficava para a sessão de perguntas e respostas. Procurava palestras sobre planeamento urbano no Museum of the City of New York e sobre têxteis no Cooper-Hewitt. A sua mais recente obsessão era Gary Hustwit, o realizador dos documentários *Helvetica* e *Objectified*. Ainda gostava mais dos *tweets* dele do que dos filmes. Ele sabia como explicar o mundo. Acreditava que ambos partilhavam o mesmo dom. Ele fazia os seus temas soarem melhor e de forma mais clara e, quando estava no seu melhor, mais fascinantes. Emily também era capaz de fazer o mesmo.

Frequentemente sentia que a sua profissão era inútil e, quando olhava mais para baixo, infantil. Sentia-se culpada por não estar mais com os amigos e ir a mais festas. Detestava ser capaz de ser tão ousada numa reunião e, no entanto, disparar como uma flecha para o outro lado da rua ou esconder-se atrás de um carro quando via um conhecido. Ao longo dos anos, a melhor forma que encontrara de unir essas partes de si mesma tinha surgido ao se inscrever para fazer parte de um e-mail Listserv que mantinha um grupo exclusivo, de nunca mais de cento e onze membros, atualizado quanto a eventos de design industrial em Nova York e tendências globais nessa área. Erguia as sobrancelhas em jeito de cumprimento aos outros membros da Listserv nos eventos e seguia-os no Twitter, embora nunca escrevesse *tweets*. Aparecer nos eventos e mostrar reconhecimento silencioso pelos outros não era exatamente relação de trabalho e nem precisamente vida social, e isso a fazia se sentir bem. Menos tímida. Embora odiasse essa palavra. Compreendia que tinha escolhido racionalmente fazer parte de um pequeno mundo cheio de pessoas estranhas que admitiam livremente preferirem trabalhar com objetos do que com seres humanos. Sentia-se feliz e até um tanto orgulhosa por ter encontrado o seu lugar naquele grupo. Quando, vez ou outra, contribuía com um pensamento ou publicava um artigo no Listserv e recebia respostas positivas, ficava tão animada que tinha de parar de ver os e-mails pessoais durante alguns dias até voltar a pousar os pés no chão e cair em si novamente.

Eli tinha sido um conferencista convidado, na época em que Emily estava tentando esquecer Gordon Dubrow, que abandonara Nova York por um excelente cargo de professor na Oregon State University. O último ano com Gordon começara com a oferta de trabalho na OSU. A proposta gerou uma discussão intensa de dois dias que subia constantemente de tom e que girava em torno do modo como o trabalho de Gordon seria sempre teórico e de como provavelmente nunca iria construir um veleiro da sua autoria. No fim da discussão, Emily percebeu que estava apenas o atacando. Tinha passado grande parte daquele ano tentando entender que, embora se amassem, ela não iria sair de Nova York. E quando ele se ofereceu para ficar, ela também disse que não. Havia ali um desequilíbrio. Embora Emily o amasse, ele amava-a mais. Ela entendeu, mas não se atreveu a articular isso, com medo de magoá-lo, como quando discutiram sobre o veleiro que ele nunca iria construir. Sentiria falta dele. Mas ela queria permanecer em Nova York, onde, por mais tímida que fosse, poderia se valer da fonte interminável de palestras e da promessa de se manter sempre ocupada e empenhada. Também suspeitava de que queria alguém mais calmo, alguém que estivesse um pouco fora do mundo que tinha construído para si mesma. Apesar de que, se Gordon a tivesse agarrado pelos ombros e exigido que ela se mudasse com ele para a Costa Oeste, provavelmente teria ido. Mas ele não o fizera.

Eli começara a palestra falando sobre a sua primeira carreira como designer gráfico e do quanto tinha gostado; mas que o fascínio pelo design de bicicletas era cada vez mais forte. Já tinha construído uma bicicleta e chegara à conclusão de que poderia ser mais do que um passatempo. E assim, durante viagem à Itália, lhe surgiu a ideia de criar uma empresa, a Roman Street Bicycles. Quanto mais tempo permanecia à frente da classe, menos falava. Em vez disso, mostrava fotografias em PowerPoint. Começou com uma bicicleta de velocidade única com quadro em aço, pintada de prateado. Mostrou como estampava “Roman Street” ou “RSB” em cada uma das peças usando tinta branca espectral. Mostrou fotografias de si mesmo apertando as mãos de esguios proprietários de lojas independentes de bicicletas em Williamsburg e Fort Greene e na Third Avenue, em Gowanus. Havia fotografias das bicicletas dele nas janelas das lojas. Mostrou como a cidade tinha sido recentemente pavimentada com ciclovias, tantas e em tantos lugares que parecia uma vasta rede de

fios verdes. Dentro de dezoito meses, iria começar a importar tubos de aço da China e a fabricar bicicletas completamente novas numa fábrica no sul do Bronx, onde os trabalhadores eram em sua maioria ilegais, mas pagos como se não fossem. Mostrou fotografias das fábricas na China e da dúzia de empregados que tinha no Bronx. A palestra descarrilou completamente, quando começou a mostrar imagens do que o inspirava: antigas bicicletas Bianchi, fotografias de mulheres trabalhadoras andando de bicicleta em Roma na década de 1950, Greg LeMond, a equipe de ciclismo nacional italiana e pessoas que vivem nos subúrbios e trabalham na cidade pedalando pelas ladeiras de Seattle completamente ensopadas.

Depois, em vez de baixar a cabeça e se esgueirar durante os aplausos, Emily lutou contra os obstáculos que impusera a si mesma e dirigiu-se para a frente da sala para falar com ele. Queria saber o quanto do que ele fazia era moda e o quanto era construção de bicicletas personalizadas. O quanto era verdadeiramente para os ciclistas? Ele ficou ali muito ereto e ela teve medo de que ele pudesse não gostar das perguntas ou do tom dela, mas ele a convidou para uma bebida no Café Loup.

Tinha os olhos tão escuros. Falava muito com as mãos, grossas. Fez modelos de bicicletas na frente dela, mostrou logotipos desenhados em guardanapos que acabaram descartados e, por fim, pegou suas mãos, enquanto explicava como era construir uma bicicleta e depois usá-la para que ela o levasse aonde ele quisesse ir. Emily não lhe contou sobre Gordon e a teoria das ondas e o veleiro não construído. Não lhe disse o quanto estivera apaixonada nem o quanto era recente o que havia sentido. Para compensar essas omissões, não fez grandes perguntas sobre o passado dele.

– Sei que está sendo difícil encontrar palavras para explicar tudo isso – declarou Eli.

– Não tem problema, – disse ela com um sorriso – eu entendi tudo o que disse.

Ela observou as mãos dele. Ficou sabendo que era cinco anos mais velho. A coisa indescritível que não tinha acontecido com Gordon em seis anos aconteceu com Eli em apenas algumas horas. Era capaz de se imaginar casada com ele.

Agora Emily imaginava Eli estampando “Roman Street” entre o par de covinhas que vira acima do traseiro de Jenny. Na cabeça de Emily, Jenny

começava a se parecer com Megan Fox, mas mais inteligente e com aqueles cachos de cabelo incríveis e indolentes. Emily fantasiava situações como encontrar Jenny pedalando por engano a sua bicicleta Roman Street pela avenida entre o Brooklyn e o Queens, e atropelá-la com um carro enorme.

A estupidamente perfeita Jenny. A Jenny descontraída de Los Angeles. Alguma coisa Emily não tinha dado a Eli que ele encontrara em Jenny. Enquanto Emily gostava de tudo o que era explicável, Jenny tinha acessado uma parte de Eli que era inexplicável. E agora Emily sentia-se infeliz, assustada e confusa.

Abanou a cabeça para afastar os pensamentos, recordando a si mesma de que Eli era um excelente marido. A coisa mais estranha em relação a ele talvez fosse uma bola de beisebol autografada por Thurman Munson que guardava na gaveta das meias. Nunca encontrara revistas pornográficas fetichistas, um cartão USB suspeito, cuecas com marcas de batom inexplicáveis ou um envelope fechado à cola cheio de fotografias de alguma garota da escola ou da faculdade. Nunca encontrara nada desse tipo. Ele era obcecado pelo trabalho e poucas coisas mais lhe ocupavam o pensamento, e ela sempre gostara de homens assim, desde a adolescência. Durante anos e anos não precisara se preocupar com nada, até que aparecera Jenny.

Tirou o celular da bolsa para voltar a ligar para Sherry e ficou parada olhando para ele.

Malditos sejam os celulares. Certa manhã, há umas duas semanas, tinha pegado o celular de Eli e vira uma mensagem de Jenny que dizia: “Estou ansiosa para vê-lo no trabalho hoje.” Depois disso, Emily começou a ver as suas próprias mensagens que trocava com o marido e notou que não havia muitos *estou ansiosa/o por*. Ambos eram culpados de uma quantidade imensa de *vou chegar atrasada/o*, pedindo ao outro que não ficasse triste com mais essa redução no tempo que passavam juntos. Havia também muitas mensagens sobre comida e a que horas iriam comer. As mensagens que ele trocava com Jenny não eram obscenas. Eram solícitas e amigáveis. Num nível mais amigável do que entre simples colegas de trabalho. “Você esteve fantástico hoje! Consegui o nome de um investidor de quem acho que vai gostar muito. Me liga mais tarde? Quero falar com você antes de ir dormir.” E depois, quando voltou de L. A., uma

mensagem de Eli para Jenny que dizia: “Obrigada pelo grande abraço, esposa do trabalho.” Um grande abraço da esposa do trabalho. Emily pretendia ser a sua esposa do trabalho e de casa. Mas isso tinha acabado. Ainda assim, ela tinha esperança. Só tinha de descobrir como conseguir aguentar a relação no meio dessa tormenta, além de Jenny. Se ao menos tivesse uma ideia sobre como fazer isso.

A tela de fundo do seu celular era uma fotografia de Eli piscando o olho. Ao olhar para a imagem dele, pensou nas suas pernas musculosas e em como o amava. Encostou-se em uma estante. Estava metida numa grande confusão.

Emily guardou o celular e antes de sair da seção de revistas, pegou o exemplar de agosto da *Vogue* e foi ainda buscar o segundo romance de Ida Abarra, *Me on You*, uma mulher de ascendência etíope-americana que estudara na Sarah Lawrence College na mesma época que ela, uma pessoa de quem não fora muito próxima, mas por quem sentia uma grande admiração. Sempre tivera conversas muito engraçadas com a Ida nos jantares a que iam logo depois da faculdade, e que terminavam sempre em bebedeira coletiva, em apartamentos minúsculos no Lower East Side e em Greenpoint, antes de os casais se formarem e se mudarem para um lugar mais suave nos bairros de casas de tijolo no Brooklyn.

Vou ser solidária e comprar o romance de Ida, pensou. O celular vibrou.

– Já acabou a conversa com quem quer que tenha encontrado? – perguntou Sherry. – Só me restam mais alguns minutos antes de entrar em cena.

– Não, ainda estamos conversando – sussurrou Emily. – Desculpa. – E desligou novamente.

Adorava a irmã mais nova, mas não estava com disposição para a ouvir falar do encontro amoroso que tivera com um produtor de cinema depois de terminado o espetáculo. Sabia que estava sendo horrível, mas não conseguia evitar.

Estava muito calor dentro da livraria, uma livraria um tanto estranha, aliás, pertencente a uma rede pequena que surgira há seis meses; um espaço bem iluminado, com muitas mesas de madeira branca e algumas poltronas gigantescas forradas com lona, onde adolescentes apalpavam as coxas uns dos outros às escondidas.

Caminhou na direção da frente da loja. Ela e Eli iam fazer o jantar juntos. Precisava comprar peixe, porque era segunda-feira e costumavam se portar bem no início da semana, antes de sucumbirem, na quarta ou na quinta, e pedirem comida tailandesa ou comerem simplesmente cereais ou espaguete reaquecido, em pé na cozinha e acompanhado de cerveja.

Então, antes de entrar na fila para pagar, deu meia-volta e foi buscar a edição de *O casamento é uma canoa* que vira antes. É verdade que já tinha o livro em casa, mas esta era uma edição diferente que parecia ter uma versão resumida dos exercícios originais. Sempre adorara aquele livro. Lera e relera o exemplar que ficava no banheiro dos pais quando era criança. Aos doze anos, fantasiava ser a moça chamada Honey que Peter Herman tinha beijado e com quem mais tarde casara. De repente se deu conta de que já tinham passado vinte e um anos. Desde essa época que, onde quer que vivesse, tinha sempre um exemplar do *Canoa*.

Detestava as pessoas que falavam mal do livro. Adorava a elegância da sua escrita, a simplicidade das lições e o fato de serem inegavelmente certas e verdadeiras. O *Canoa* mantinha vivo o sonho do casamento ideal. Ajudara-a a não prestar atenção no casamento dos pais, tão gélido como New England e que durara catorze frágeis anos. Ela e Sherry costumavam dizer na brincadeira que durara doze anos a mais do que devia. Quando Emily estava no sétimo ano e Sherry no quarto, a mãe se recusara a celebrar o Natal e o pai, a celebrar o Hanukkah, transformando as férias em um período de pesado silêncio. Emily e Sherry compreenderam silenciosamente que a vida em casa tinha estagnado e que não iria durar, por isso Sherry passou a estar sempre com os amigos e Emily passava grande parte do tempo sozinha, lendo. Esse resultado matrimonial era exatamente o oposto do que se encontrava descrito no *Canoa*, exceto por grande parte do capítulo onze, um que Emily saltava sempre quando lia o livro. Adorava aquele livro. Embora, desde que terminara a faculdade, o mantivesse na prateleira mais alta da estante, para que os amigos não o vissem e implicassem com ela.

Pagou e sorriu para a pessoa do caixa, pensando que deveria partilhar mais de si com os outros e não ser tão carrancuda e reservada. Mas a verdade é que só sabia falar sobre objetos... não encontrava maneira de explicar a si mesma. E isso talvez estivesse também começando a interferir no seu relacionamento com Eli.

Já na rua, telefonou para Sherry.

– Emily, o que anda aprontando?

– Nada.

– Já falou com a mamãe esta semana?

Depois do divórcio, a mãe tinha deixado a casa de Milton, onde criara as filhas e preparara refeições saudáveis para o marido advogado, e reivindicara a sua existência como Rebecca Bauman. Agora dava aulas de Composição de Inglês no Bates College, tinha o senso de humor de uma Joan Baez em meados de carreira e falava com as filhas quase exclusivamente sobre os relacionamentos delas e o seu percurso acadêmico. Não revelava quase nada acerca da sua vida pessoal. Era possível que fosse lésbica e tivesse vergonha de admitir. Embora ambas as coisas fossem altamente improváveis, Sherry e Emily esperavam que fosse essa a explicação. Ou outra coisa semelhante. Ambas preferiam imaginar que a mãe escondia uma vida melhor e mais enriquecedora do que a que partilhava com elas.

– Já – respondeu Emily com um aceno. – Ela desconfia sempre do pior, por isso a vontade dela é arrancar a cabeça de Eli. Não sei muito bem em que é que isso possa ajudar. Ainda tive de ouvi-la discorrendo sobre os problemas que está tendo com o livro de Henry James. Ela diz que está perto. Eu acho que está mentindo para si mesma.

– O quê? – perguntou Sherry. Emily podia ouvir a voz de Nancy, a outra mulher que participava na peça, também falando no celular no camarim que ambas partilhavam. Sherry ficava sempre tensa antes de entrar no palco e os dentes dela rangiam. Enquanto ouvia o trepidar dos dentes da irmã, Emily lembrou-se do momento em que a mãe escancarara a porta do banheiro do quarto principal que Emily pensava ter trancado. A mãe a encontrara lendo o *Canoa* e rompeu num riso histérico. “Excelente, Emily! Continue lendo! Continue sonhando! Esse livro estúpido... decora ele todinho! E faz de conta que não está ouvindo uma palavra do que está acontecendo!” Depois, a mãe saiu do banheiro correndo e desceu outra vez para a sala de estar, para prosseguir a discussão com o marido. Emily não dava grande importância às tiradas ou ao sarcasmo da mãe, mas também não era suficientemente franca, mesmo sendo criança, para dizer à mãe que era exatamente aquilo que estava fazendo.

– Emily? Tenho mesmo de desligar. É verdade que mamãe nunca vai conseguir acabar aquilo. Liga mais tarde ou amanhã de manhã. Olha, o mais provável é que não seja tão ruim quanto mamãe pensa e, por favor, para de desligar o telefone! É só uma coisa de esposa do trabalho, que é exatamente o que eles estão dizendo. É só isso.

– *Grande abraço à esposa do trabalho.* Odeio isso. E também odeio a forma como essa frase estúpida ficou gravada no meu cérebro. Prepare-se porque vou te ligar em breve – disse Emily.

– Consegue ouvir os meus dentes rangendo? Detesto aberturas – disse Sherry, e desligou.

Emily começou a descer apressada a amena August Street. Viu que a peixaria estava fechando. Parte dela queria brincar com o cara que estava tentando descer o portão e convencê-lo a lhe vender o último pedaço de atum. Quando encarnava a vendedora que havia dentro dela, era muito boa em convencer pessoas. Mas não, não. Era tarde demais. O melhor era seguir em frente. Ultimamente o seu *timing* andava terrível. Azucrinava a cabeça de Sherry momentos antes de ela entrar no palco, escolhia caminhos estranhos para casa, assistia com obsessão a palestras indiscutivelmente aborrecidas sobre temas como o design das moedas bizantinas e evitava o marido.

A bolsa pesava no ombro. Sua vida parecia perdida nas nuvens e ela ali, comprando livros que já tinha para trazerem-na de volta à terra. Certamente havia alguma coisa congelada que pudessem aquecer e comer. Seria suficiente. Umas costeletas que Eli tinha cozinhado para uns amigos há duas semanas. Não, costeletas descongeladas eram nojentas. Ele podia prepará-las em um momento em que ela não comesse em casa. Tinha certeza de que havia massa. E provavelmente também feijão congelado.

O marido era simplesmente uma pessoa motivada e ocasionalmente distraída, que tinha lhe dito: “Você faz de mim uma pessoa melhor” quando a pedira em casamento no Café Loup, ao fim de pouco mais de um ano de namoro. Dizia-lhe constantemente o quanto adorava o que ela fizera com as vidas dos dois. No entanto, agora, saber que ele era uma boa pessoa não ajudava. Tinha de acreditar que não se passava nada entre ele e Jenny. Que estavam apenas em um daqueles tipos de caso amoroso “Se tudo fosse diferente”, porque ambos eram pessoas atraentes de uma maneira sombria e sexy, e também porque a Roman Street andava

imparável ultimamente, em transição de marca *cool* com sérios problemas de fornecimento para a preparação de planos de crescimento e parcerias de distribuição, e uma reportagem na Forbes.com. E, afinal, o que era um grande abraço? Um grande abraço não era um beijo. E Eli era um escritor tão ruim que duvidava de que fosse capaz de eufemismos.

Ele não ia viajar tão cedo e Emily iria estar mais atenta e tratando de matar o que quer que estivesse crescendo. Haveriam de conseguir ultrapassar esta fase. Iria encontrar uma maneira.

Emily contava os minutos para que a peça de Sherry terminasse e pudesse voltar a ligar para descobrir mais sobre Jenny e saber o que fazer. Já que Sherry tinha sido colega de Jenny na Amherst, devia conhecer todas as suas histórias terríveis, e Sherry devia a verdade a Emily sobre o que quer que tivesse omitido quando apresentou Jenny ao Eli no concurso de tortas, há mais de um ano. Qual o problema de Eli ter ganhado o concurso e, como gesto de celebração, ter contratado Jenny naquele exato momento? Na época, tudo fora divertido e festivo, e até Emily ficara suficientemente embriagada para começar a cantar “We are the champions” sem parar, com Jenny, a irmã e Eli.

Jenny começara a trabalhar com Eli algumas semanas mais tarde e desde então ele andava menos estressado. Precisava de muita gente à sua volta para manter o negócio funcionando. E Jenny, a pequena e sexy esposa do trabalho, era uma bênção. Até tudo aquilo que fizera Emily mostrar o seu apoio ao conhecê-la começar a parecer muito errado. Portanto, sim, Sherry não tinha o direito de ficar zangada por Emily desligar o telefone na sua cara, tendo em conta que Sherry havia acabado com a sua vida. Se não diretamente, pelo menos contribuía, colocando a porcaria das rodas da bicicleta em movimento.

Peter Herman, início de setembro de 2011

Maddie Narayan parou a caminhonete Mercedes preta, novinha em folha, na rampa de entrada da casa de Peter Herman. Saiu e envolveu o xale púrpura nos ombros. Embora fosse início de setembro e um fim de tarde ainda quente, em uma hora o tempo iria esfriar. Peter a observava.

– Está sempre preparada para qualquer eventualidade – disse ele em voz alta.

– É essa a minha recepção?

– Desculpa. A viagem foi boa? – Peter desceu ao encontro dela.

A entrada ficava virada para um pequeno gramado recém-aparado. Além dele, por trás do carro de Maddie, havia a longa rampa para os automóveis, ladeada por bordos-açucareiros. A caixa de correio metálica pintada de azul era visível apenas no ponto onde a rampa se encontrava com a Lakeview Road. Encontrou-o no caminho de tijolo que conduzia à casa e ele se inclinou para beijá-la. Maddie cheirava sobretudo a limão e o cabelo era preto e brilhante, cortado acima dos ombros, balançando ao andar. Ela sorriu e ergueu o queixo pontiagudo na direção dele.

– A viagem foi boa. A Anjulee está tão linda e emana tanta felicidade que não contive as lágrimas. Quando o bebê nascer, vai ser muito saudável.

– Fico contente. Gostaria de conhecê-la um dia. Está tudo bem na sua casa?

Ela ergueu uma sobrancelha curiosa. Acabara de vir da casa nos arredores de Hudson, que ficava a trinta e cinco minutos dali.

– Está, claro. Por que a pergunta?

– É só que... uma casa abandonada...

– Peter, por favor.

Ele colocou os braços em volta dela. Era macia na zona da barriga e mais baixa do que ele, com o cabelo preto espalhado pelos ombros.

Quando ela ergueu o rosto, fez com que ele percebesse que adorava se perder naqueles olhos negros tão familiares.

– Estou pronto – disse ele. – Por que não me fala das maravilhas da cidade de São Francisco?

– É realmente um lugar extraordinário – respondeu ela. Pousou as mãos nos ombros dele, continuando a olhá-lo sem pestanejar.

Ele adorava a perspicácia daquela mulher, uma mulher respeitável, de meia-idade, que nunca contraía uma palavra. Tão perspicaz e digna! Porém, ele sabia que não era correto amar a forma como uma pessoa era, em vez de amar simplesmente a pessoa.

Escrevera um ensaio e dera palestras sobre o assunto algumas vezes, um quarto de século antes. Mas depressa descobriu que as pessoas não gostavam do conceito por ser demasiado honesto e, portanto, demasiado brutal. Então, deixou de falar no assunto. Quando lhe perguntavam sobre o ensaio, admitia que a verdade subjacente ao conceito lhe escapava. Então, esperava um segundo e completava:

“Dito de outra forma, eu sei que o escrevi, mas não estou certo de ter compreendido o que quis dizer.” O comentário arrancava sempre uma gargalhada.

– Espera – dizia ele agora, pegando um buquê de papoulas e centáureas azuis, pousado numa cadeira na entrada, que comprara da Jo na Country Garden Florist, na cidade. Esticou o buquê na direção dela.

– Está vendo? – disse ele, e beijou-a novamente.

– As minhas preferidas – respondeu ela.

– Espero que deem vida à sua casa abandonada. Venha comigo para o alpendre dos fundos.

Ela o seguiu enquanto atravessavam os aposentos da frente, mas deteve-se na cozinha. Ele olhou para trás. Aquela característica dele era muito ruim, sempre com um olhar crítico, frio e se distanciando das pessoas. Maddie poderia fazê-lo feliz. Tinha sempre uma conversa inteligente e gostava de conviver com ele. E também era divertida. Era até capaz de ser modesta sobre a sua respeitabilidade.

– Vou fazer chá – disse ela. – Demora apenas uns minutos.

Ele saiu para o alpendre dos fundos, acendeu os candeeiros de parede de cada lado da porta da cozinha e se encostou no cercado da varanda. Ficou observando Maddie. Estavam perto o bastante para conversar, mas não o

fizeram. Ela não tinha conhecido bem Lisa, embora tivessem se conhecido quando esta adoeceu e precisaram de um consultor financeiro. Maddie tinha trabalhado como administradora financeira para vários museus em Nova York. Mas decidira se mudar para a sua casa de campo quando se separou do marido, James, que era o CFO norte-americano de uma empresa siderúrgica sediada na Índia, o tipo de homem implacável que Peter por vezes via na televisão, na fila da frente dos jogos dos Yankees. Deixara-a por uma mulher muito jovem, uma consultora da McKinsey. Maddie ficara com parte do dinheiro e a casa de campo de Hudson Valley. Ele ficou com o apartamento na Riverside Drive. O divórcio estava praticamente concluído.

– Quer se sentar comigo? – perguntou Maddie ao sair da cozinha com uma bandeja.

Ela se acomodou numa cadeira de vime, pousou a bandeja numa mesa baixa entre eles e se recostou. Tinha o hábito de enfiar os braços dentro do xale quando não estava usando as mãos. Peter gostava disso... a economia do gesto o deixava encantado.

– Só estou aqui há um dia, mas já parece uma semana – disse ela.

– Mas, se decidisse realmente se instalar aqui, os dias não lhe pareceriam tão longos.

– Que absurdo! Ficar saboreando o tempo gélido que vem aí? Acho que não.

– Adoraria fazer fogueiras para você. – Ele tentou não parecer hesitante.

– Não quero ficar aqui, Peter. Quero ir. Podemos fazer fogueiras em São Francisco.

Peter não respondeu. Pegou uma caneca de chá e bebeu um gole. Teria preferido beber um uísque, mas Maddie torcia o nariz quando ele bebia. Todos pareciam fazer isso. Olhou para o lago escuro. Maddie emitiu um ruído com a garganta e disse:

– Por que não admite que está farto de que as pessoas lhe peçam para ir dar uma volta de barco com elas no lago? Eu iria odiar.

– Isso, na verdade, nunca acontece.

– Está sempre acontecendo. Comigo ao seu lado já aconteceu duas vezes! Lembra na Gilmor Glassworks? Foi horrível.

– Eram apenas turistas. E não tenho culpa de que a Jessie Gilmor ainda goste de brincar comigo. É bom para o negócio.

– Não foi nada engraçado. Ter de tirar fotografias com os turistas não teve graça nenhuma.

– E na Pantomime também. – Ele sorriu.

– Sim, lá também! Você acha que Arthur é seu amigo, mas repara no que ele faz sempre que você está na loja! Isso não é proteger e cuidar de um vizinho.

– Não – concordou Peter –, imagino que não. Mas não há muito negócio por aqui. Fazemos o que podemos para cuidar uns dos outros.

– Cuidar uns dos outros? Você acha que eles gostam de tê-lo por aqui, mas está enganado. Henry quer fazer obras na pousada. Quer ser livre para tentar novamente expandir-se para Hudson. Talvez até mesmo para Rhinebeck.

– Então é disso que vocês dois falam durante os almoços? – Peter fez cara séria e levantou-se. – É impossível ter sucesso em Hudson. As intrigas do pessoal da loja de antiguidades matam o seu negócio ainda antes de abrir as portas. Henry já devia saber disso.

– Henry se dá bem com essas pessoas. Por que ele não poderia tentar? E de que você acha que falaríamos senão dos nossos planos? Está parecendo paranoico e muito pouco solidário com o seu amigo.

– Por favor, Maddie. Não entendo por que não consegue ter mais paciência comigo.

– Estou tentando! – Ela balançou a cabeça e desviou o olhar dele. – Desculpa. Talvez seja porque a vida era tão agradável e nova na Costa Oeste e aqui é sempre tudo igual.

Peter pegou a mão dela e perguntou:

– Quer comer? Posso fazer sopa e torradas.

– Sopa de lata? Eu tenho comida boa no carro. Voltei para casa e, quando percebi, estava cozinhando para você. – Sorriu para ele e disse: – Vou buscá-la.

Mas Peter manteve a mão dela na sua, beijando as pontas de seus dedos. Com a mão livre, acariciou-a ao longo do braço, percorrendo o caminho até o peito. Ouviu a respiração dela se alterar.

Ela declarou:

– Não gosto de pressioná-lo. Mas quando saio daqui e vejo o mundo, não consigo evitar querer voltar e levá-lo comigo para mergulharmos nele! Com certeza vou vender a minha casa no próximo outono. Depois vou

para São Francisco e só consigo sonhar com o quanto poderíamos nos divertir lá. Você podia escrever! Podia, e você sabe disso. É estar aqui que o paralisa.

– Por que não deixa esse assunto em paz? – Peter afastou-se e agitou as mãos num gesto de frustração. – Devíamos nos divertir juntos, não discutir toda a hora.

– Não acredito que queira que eu o deixe em paz.

– Eu fico feliz só de você estar aqui – disse ele.

– Não acredito nisso. E não sou capaz de ficar aqui com você, vendo-o envelhecer e não fazer nada. Não gosto de ser tão dura, mas a situação exige que eu seja.

– Devíamos ir comer – disse ele, mudando de assunto. Finalmente tinha anoitecido.

– Vou buscar a cesta no carro – anunciou ela. – Amanhã de manhã podemos ir até minha casa e nadar na piscina. Quero usá-la antes de perdê-la.

O telefone tocou dentro de casa e Peter não fez nenhum movimento para atender.

– Quer que eu atenda? – Maddie sorriu e entrou em casa.

– Não lhe faria nenhum mal – disse Peter, de forma que ela ouvisse. Embora soubesse que se a pessoa do lado de lá da linha fosse a filha, Belinda, isso poderia acontecer. Precisava combinar um jantar para que Belinda e Maddie se conhecessem. Estava adiando e Belinda estava ficando impaciente. Sabia que a filha ficaria mais contente e menos preocupada com ele assim que conhecesse a sua namorada. Mais uma vez, a sua falta de iniciativa fazia-o parecer displicente.

– Não – disse Maddie segundos depois. – Não vou chamá-lo ao telefone, a menos que me diga qual o motivo do telefonema. – Ela ficou quieta, à escuta. Em seguida, ele a ouviu dizer: – Um momento, por favor.

Ela voltou ao alpendre e anunciou:

– É uma mulher, da sua editora, chamada Stella Petrovic. Diz que sente muito por telefonar à noite, mas que não tem conseguido encontrá-lo durante o dia e não queria deixar mensagem. Quer falar com ela?

– Uau! – Peter curvou-se, sentindo a zona inferior da barriga cair contra a fivela do cinto. – Não recebo um telefonema da LRB há muito tempo.

– Então? Quer falar com ela? Ela está esperando.

– Não, não vou falar com ela agora. – Virou-se e escondeu o sorriso. Não queria que Maddie ouvisse o tom afetado que tendia a usar com qualquer pessoa ligada à LRB. – Anota o número, por favor. Falo com ela, mas não agora. Não posso falar com ela esta noite, só isso.

Depois do jantar, fizeram sexo na grande cama de dossel que ele usara quase toda a sua vida adulta. Maddie era lenta no sexo, lenta e boa. Totalmente diferente do que era nas conversas. Nunca era fria ou distante como Lisa. Peter não queria desrespeitar a memória de Lisa, mas ficava um pouco louco por Maddie quando estavam na cama. Ela o agarrava com força antes de adormecer primeiro, como acontecia na maioria das noites em que estavam juntos. Depois, virava-se e enroscava-se em si mesma. Peter ficou atento a cada respiração dela. O quarto estava tranquilo, embora a lua refletida no lago derramasse alguma luz.

Ele sabia que devia fazer o trabalho de casa e começar a pensar em deixar Millerton e se mudar para São Francisco. Sabia que devia pedir a Maddie para ajudá-lo a estruturar a venda da sua parte na pousada a Henry por um valor adequado, pagar as dívidas remanescentes que o assombravam quando passeava por Millerton, vender ou alugar a casa e iniciar a próxima etapa da sua vida.

Em vez disso, pensou num tipo de noite diferente. Um entardecer no hospital. Quase nove horas da noite e ainda havia luz, em julho passado.

Lisa estava deitada de lado, olhando para ele, sentado na cadeira. Ela disse:

– Você se lembra. Eu era pobre quando o conheci.

Nessa época, quando Lisa falava, ele não sabia se estava ouvindo as drogas, as diabólicas proteínas Tau que eram o centro da doença de Pick ou a mulher que ele conhecia; já deixara de tentar descobrir a diferença.

– Sim, lembro. – Embora ela nunca tivesse sido pobre.

Deu um jeito nos cravos que trouxera. Umas estúpidas flores que faziam os dois felizes, mas incapazes de combater o cheiro de hospital.

– Há uma coisa que preciso de lhe contar – disse Lisa.

– Outro segredo? – Peter levou as mãos à cabeça. Não era capaz de ouvir mais revelações. – Deixa para depois. Não há pressa.

– Está tudo bem. Eu sei o quanto me amou. Está tudo bem. Eu o perdoo.

– Perdoa?

– Por não se ter dado inteiramente a mim.

– Lisa, por favor.
– A Belinda está a caminho? – perguntou ela, virando-se de maneira a fitar o teto amarelo.
– Eu a vi esta manhã. Mas, sim, ela está a caminho.
– Nunca esteve real e verdadeiramente apaixonado por mim.
– Lisa, isso não é justo. Sempre fui apaixonado por você. – Perguntou-se como pudera, ao mesmo tempo que a perdera de vista, ter perdido também a capacidade de ser sincero consigo mesmo. Mas já não devia ter importância. Não agora.
– Às vezes. Nem sempre.
– Às vezes? – repetiu ele. – Às vezes não é suficientemente bom?
Ela deixou as mãos nas dele e ficaram ambos quietos. Chocava-o com a ânsia dela em destruir a história das suas vidas.
– Seja sincero conosco agora. Fomos felizes. Isso é suficiente. – Ela parou de falar e adormeceu.

Tocando as costas quentes de Maddie, pensou em quando trouxera a cítara e tocara músicas de George Harrison para Lisa, ao entardecer. O que fora uma brincadeira de faculdade tornara-se um passatempo em que ele não era nada mau.

Tinha fechado a porta do quarto e ficara tocando notas soltas para ela durante quase uma hora, até que uma enfermeira entrou e gentilmente lhe pediu para parar.

Depois, sentou-se na poltrona do hospital, com braços forrados de uma imitação de couro vermelho, nos quais sentia a pele colar e descolar, a cítara ainda pousada no colo. Tocou uma corda e ficou ouvindo o som. Havia trinta e oito cordas, e ele tocou uma e depois outra, deixando cada nota soar solitária e límpida antes de se desvanecer e tocar a seguinte. Pousou o instrumento, temendo a enfermeira.

– Ah, Lisa! O que posso fazer? O que eu posso fazer por você?
Já tinha umedecido os lábios finos dela com água, ajeitado as almofadas e endireitado o lençol azul-pálido sobre suas pernas inchadas.

Certo dia, no final dos anos 1990, enquanto esperava para cortar o cabelo, Peter leu um artigo na revista *People* sobre George Harrison e descobriu que era igual a ele. O músico tinha começado com certa imagem de impostor e agora era celebrado pela *persona* que criara, não pela pessoa

que era. Lisa sabia disso. Ele não tinha lhe dado o amor profundo e transformador que ela merecia e, em troca, ela tinha perdido o dinheiro que ele ganhara com o livro. Mas, ainda assim, se amavam. No início, ele fora morno, quando deveria ter sido ardente. Agora estava falido e um pouco nervoso. Vivia sentido com as consequências da vida que tivera com Lisa.

Às sete horas da manhã seguinte, Maddie os conduziu ao longo das estradas orvalhadas que cruzavam e recruzavam as Taconic, a caminho da casa dela, para um mergulho na piscina.

Ele acariciou seu cabelo. Tinham feito sexo novamente ao amanhecer, e ambos se sentiam um pouco cheios de si por serem capazes de o fazer tantas vezes em tão pouco tempo. Embora o médico lhe tivesse sugerido viagra quando Peter lhe falara sobre Maddie, ele descobrira que não precisava. Sentia orgulho disso e queria se vangloriar, mas não tinha ninguém a quem contar. Não se imaginava contando isso ao Henry. Talvez os homens de São Francisco fossem mais abertos a conversas desse tipo?

– O que escreveu no seu livro é verdade? – perguntou Maddie. Ele olhou para ela e, de repente, sentiu o quão pouco se conheciam, sentimento esse que depressa se transformou em raiva, e com essa raiva, parte da sua falsa perplexidade se desmoronou.

– Não devia me conhecer o suficiente para entender a pouca importância que isso tem para mim?

– Vem cá – disse ela. Ia pegar a mão dele e conduzir apenas com uma mão. Ele já podia prevêê-lo. Estendeu o braço e ficaram de mãos dadas. Virara para o longo caminho de acesso à casa. A sua casa ficava no alto de uma montanha e era feita de pedra. Subiram o caminho de cascalho em silêncio até ela parar e desligar o motor.

– Não estamos nos dando muito bem – disse ela. – E você agora quer que eu peça desculpa por fazer uma pergunta dessas?

Ele abanou a cabeça em negação e agarrou sua mão com força, como apoiando-se para não cair. Olhou pela janela. Podia ver a névoa da manhã evaporando-se do topo das árvores. Gostava tanto de Maddie. O sexo era melhor do que qualquer coisa que poderia ter imaginado para si naquela fase da vida. Mas a verdade era que a serenidade que caracterizava o âmago de Maddie o fazia se sentir incrivelmente só. Ainda assim, o que mais ele tinha? Mais nada. Disse:

– Houve um capítulo que adicionei à segunda edição, sobre a Bess ter adormecido ao volante do Buick Skylark e ter conduzido ela e o vovô à Rock Road Spook, exatamente onde a estrada cruza com o riacho, tendo sido levados pela corrente e arrastados para o fundo do rio. Mas não tão fundo que não pudessem ser vistos. – Parou e olhou para o norte. Continuou: – A menos de oito quilômetros daqui. Eles se afogaram à vista da estrada antes que alguém conseguisse se aproximar o suficiente para arrancá-los dali. Quando, finalmente, os alcançaram, os corpos deles estavam entrelaçados num abraço tão desesperado que cada parte deles se tocava. Isso foi verdade. Eu apenas o escrevi de um modo mais belo do que a realidade.

– Eu chorei quando li essa parte – disse Maddie.

– Eu chorei quando a escrevi. – Será que chorara mesmo? Era a resposta que tinha na ponta da língua à afirmação de alguém de que chorara ao ler o *Canoa*, tão rotineira como o agitar do rabo de um cavalo quando as moscas do meio-dia não param de zumbir. Pelo andar da carruagem, não iria ter um fim como aquele para a sua vida.

– Há dois tipos de pessoas – disse Maddie. – Aquelas que são capazes de ver a sabedoria no seu livro e respeitá-la e aquelas que zombam dele porque são pessoas cínicas.

– Não, há três tipos de pessoas. As duas que acabou de mencionar e depois há um terceiro tipo, que alterna constantemente entre o cinismo e o romance do compromisso.

– Agora parece que estamos falando de todos os tipos de pessoas. – Ela virou-se para ele e sorriu. – Estou ansiosa para nadar.

Saíram do carro e ele a seguiu até a casa, observando o contorno do traseiro dela através da saia. Espera. Deveria deixá-la guiá-lo pelo resto da vida. Qualquer outra coisa era um absurdo.

Chamou-a:

– Espera!

– O que foi?

– Já lhe prometi que vou com você quando for para a Califórnia?

– Peter, não brinca comigo.

– Estou prometendo agora.

– De verdade? – Ela parou em frente a casa silenciosa e inclinou a cabeça para o lado, examinando-o.

– Prometo, Maddie. Vou me mudar com você. Está na hora. Fazemos bem um ao outro. Eu gosto de nós.

– Peter! Tem noção do quanto me deixa feliz?

Ele sorriu e a abraçou, pressionando o corpo contra o dela.

Emily Babson, início de setembro de 2011

– Você deve ser a Emily!

– Sim, sou eu. – Emily agarrou a bolsa com as duas mãos. Olhou além da moça, para a sala cheia de gente. Tinha esperança de chegar um pouco antes do meio da festa, mas parecia ter se enganado nos cálculos. Estava atrasada. A festa rugia no seu auge e o ambiente era quente, a sala para onde olhava estava repleta de gente.

– O Eli está sempre falando de você. Deve ser tão divertido estar casada com ele! Emily e Eli... tão legal! Eu fico com o casaco. – Emily entregou-o à bonita jovem de vinte e dois anos vestida com uma camiseta da Roman Street Bicycles. Nunca tinha visto aquela camiseta. Tinha passado apenas uma semana desde o Dia do Trabalho e o tempo estava ainda muito quente lá fora. Emily não sabia por que vestia um sobretudo.

– Estamos tão animados com esta festa! – exclamou a moça ao se afastar.

– Eu também. – Emily ouviu gente subindo os degraus de pedra atrás dela, não tendo alternativa senão se embrenhar na multidão. Era um coquetel da Roman Street organizado pelos novos advogados de Eli, um casal composto por Rick e Steven, que trabalhava em casa, no bairro de Fort Greene. Eli era brilhante em convencer pessoas a dar festas em sua honra. Adorava presidir festas. E era muito bom nisso.

O pretexto daquela festa era o lançamento da nova aventura de Eli: criar uma organização sem fins lucrativos para a defesa do ciclismo, subsidiária da Roman Street, usando as mesmas listas, recursos e pessoas. Eli tinha percebido que passava muito tempo defendendo os direitos dos ciclistas e que isso nem sempre encaixava com a venda de bicicletas. Queria uma estrutura sem fins lucrativos mais motivada politicamente para essa nova empresa, com o objetivo de atender à “próxima vaga” de ciclismo urbano, colocando, finalmente, as grandes cidades norte-americanas no mesmo plano de cidades como Amsterdã ou Estocolmo. Mas a missão era

demasiado abrangente e ambiciosa, e simplesmente não tinha qualquer relação com a atividade central do negócio. Emily o ajudara a trabalhar a ideia em passeios de fim de semana. No entanto, não falaram sobre o assunto nas poucas semanas cheias de trabalho antes da festa e ela tinha perdido a noção do modelo final da nova empresa. Nem sabia que nome ele tinha decidido lhe dar.

Todo o piso térreo da casa estava aberto e os convidados circulavam pelos diversos aposentos. Emily achou que se dirigiam para o bar, mas logo percebeu que estava enganada. A pressa era para falarem uns com os outros. Ainda assim, conseguiu olhar através da sala e chamar a atenção de Eli. Podia ver que ele sentira a presença dela. Virou-se, sorriu e abandonou a conversa para ir até ela.

– Olá, minha doçura – disse ele, beijando-a. – Você tem sempre um ar gracioso quando entra numa sala. Sinto muito orgulho por estar com você. – Eli cheirava a cerveja e a suor do trabalho, mas nele ficava bem.

– Desculpa o atraso. Espero não ter perdido nada.

– Não se preocupe. Tem sido uma loucura. Antes de o pessoal todo chegar, tivemos uma reunião com uns doadores da Costa Oeste sobre financiamento e fiquei um pouco tenso. – Eli acenava e sorria para as pessoas enquanto falava com ela. – Mas a Jenny agilizou a situação com algumas piadas sobre o preço do combustível no próximo verão e a conversa terminou com promessas reais. Não se esqueça de cumprimentar o Rick e o Steven, está bem? Eles perguntam sempre por você. Não fique tímida agora, OK? Eu queria ficar sempre ao seu lado, mas, sendo o anfitrião, sabe que não vou conseguir.

– Jenny está aqui? – Tinham se passado três semanas e Emily ainda não o confrontara. Só conseguia dizer a si mesma que andavam ambos muito ocupados, colocando de lado a insistência tanto da mãe como da irmã para, pelo menos, falar com ele. A questão do “grande abraço” parecia estática. Passara a odiar a expressão *grande abraço* e tinha a intenção de nunca mais pensar em tal palavra. Andava se treinando para usar apenas *abraço*. Exceto quando aplicada a eles. Eli e Jenny. O seu grande abraço.

– Se a Jenny está aqui? – repetiu ele. Viu Eli cerrar o maxilar e depois dizer: – Claro, claro que está. Deve estar por aí. Seria ótimo se vocês se dessem bem. Olha quantos apoiadores temos. Isso é realmente importante para a Roman Street e para a nova organização, a UBA!

– UBA?

– Urban Bicycle Advocacy! O que acha, senhora das palavras? Queria fazer uma surpresa para você. – Eli sorriu. Tinha dentes brancos e brilhantes. Ela devolveu o sorriso e tentou com todas as forças impedi-lo de trazer Jenny novamente sem realmente se referir a ela. Estava determinada a passar a festa sem trocar uma palavra com ela. Já tinha sido fraternal e solidária uma vez. Isso não aconteceria novamente.

– Senhora das palavras – repetiu ela. – Não me chame assim.

– Desculpa. Eu queria dizer pessoa das palavras – disse ele com um sorriso. – E, então, o que acha?

– Outra sigla.

– Sim, mas esta é diferente. Soa primitiva. Foi Jenny quem inventou o nome. Ela deve estar com o Rick ou com o Steven... estivemos aqui trabalhando o dia inteiro.

– Uau, você e ela... realmente em sintonia com alguma coisa. – Emily mordeu o lábio. Sentia-se incapaz de sorrir.

– Vamos lá, Emily. Podia tentar não perder a paciência num piscar de olhos? Esta noite é muito importante.

– Eu não estava perdendo a paciência – justificou-se, e depois corrigiu:

– Eu não perdi. – Deu um pequeno puxão na camisa xadrez dele. – Não posso ter um pouquinho de ciúmes? O que há de errado em perceber quando alguém tem uma paixonite por você?

– Uma paixonite? – Ele riu-se. – Isto é tudo sobre a UBA.

Ela detestava o nome UBA e poderia ter inventado um melhor em meia hora se tivesse sido consultada. Mas não tinha sido... o que a deixava quase tão irritada quanto o “grande abraço”. Emily tinha sido de enorme ajuda ao dar um rumo ao negócio caótico. E agora estava fora do seu controle. Jenny pensara até no nome. Maldita idiota. A vontade dela era despedir Jenny. Flagrou Eli olhando para ela, abanando a cabeça em sinal de censura à cara feia que ela fazia.

Em seguida, dirigiu-lhe o seu sorriso de lábios apertados e desapareceu no meio da multidão, como um velho *cartoon* de Jules Feiffer de um dos livros que os pais tinham quando ela era criança... ele simplesmente apertou os lábios, enrugando os olhos doces, e desapareceu.

Ela ficou subitamente sozinha, de pé, a meio metro do bar, comandado por um jovem atraente, provavelmente um universitário estudando no

Pratt. Pegou um copo de vinho branco e não se mexeu. Tocou a toalha de mesa e olhou para as filas de copos e para a enorme fatia de parmesão que as pessoas começavam a cortar em pedaços. Também havia taças de gordas azeitonas *kalamata*.

Ia ser uma festa sedenta. Emily adorava azeitona, mas foi comendo uma de cada vez, com cuidado, para que a pele não ficasse presa nos seus dentes. Começou a se criticar por não ser capaz de descontraír nem naquele ambiente de cordialidade que se espalhava pela sala. Tentou se esforçar para mostrar entusiasmo, ou pelo menos para não se sentir muito alta, pálida e desanimada. Será que alguém sabia quem ela era? Duvidava. O sucesso da Roman Street explodira como um rastilho de pólvora e tudo girava em torno de Eli. Observou-o dando abraços nas pessoas. Dava a ideia de que as pessoas esperavam em fila para obter um pouco do seu afeto. O cabelo dele estava ficando mais comprido, o que lhe conferia certo ar de Che Guevara. Não admira que tivesse lhe ocorrido a ideia de uma organização sem fins lucrativos. Virou-se e decidiu que estava pronta para a segunda taça daquele *pinot* surpreendentemente bom... Então, ergueu os olhos e já não conseguiu encontrar Eli. Não queria procurá-lo. Mas não tinha escolha. Não conhecia mais ninguém. E estava com medo de cruzar com Jenny. Jenny era baixa, por isso era uma questão de manter o olhar em frente.

Pelo canto do olho, observou a cozinha e o viu conversando com o marido de uma atriz cujo nome não se lembrava, mas que Sherry tinha beijado uma vez numa peça, há uns quatro ou cinco anos. Ficou à escuta. Eles estavam falando sobre tocar banjo. Eli era muito competente em tocar banjo e um excelente conversador sobre o assunto. Ela franziu o cenho. Este era um evento dedicado a estabelecer contatos e ela não era assim. Eli também não deveria ser. Deveria ser charmoso e desajeitado. Um sábio designer industrial barra amante de bicicletas barra gênio da mecânica. Mas agora via, olhando ao redor, que se isso alguma vez fora verdade, deixara de ser.

– Emily? – Alguém chamava o seu nome atrás dela. Sentiu uma ponta de alívio. Alguém queria falar com ela! E se fosse Jenny? O que diria? Fica longe do meu marido! Como podia dizer tal coisa? Não era capaz.

Virou-se de repente e foi em direção à mulher que a tinha chamado.

– Ida! – Era Ida Abarra, a romancista cujo livro comprara em agosto. Ufa!

Cumprimentaram-se com um abraço e dois beijos. Ida tinha um copo de vinho branco na mão. Disse:

– Há muito tempo que não a via. Quer dizer, vi você na rua há umas semanas, mas você andava sozinha com um ar muito ensimesmado. Não quis lhe arrancar dos seus pensamentos.

– Que vergonha! Espero não ter parecido muito louca – disse Emily. Ultimamente devia andar com aquele ar todos os dias no caminho para casa. Sorriu para Ida, ergueu os ombros e depois deixou-os cair.

– Não, apenas pensativa – disse Ida. – Como está? Espera. Acho que li qualquer coisa sobre o seu trabalho. – Ida tinha uns olhos grandes, o branco bem visível a toda a volta das pupilas negras, e Emily se lembrou de como isso fazia com que as conversas com ela parecessem sempre intensas, não importava qual fosse o conteúdo.

Ida disse:

– Você é a pessoa que vai inventar o nome de tudo o que todos nós tivermos no futuro. Li o artigo sobre você na revista dos *alumni*.

– Ah, sim, a qual aquele sujeito assustador do ano abaixo do nosso está gerindo, o Jeremias Bazelton, careca, de óculos de aros redondos? Ele não para de me mandar e-mails. É verdade, parabéns pelo romance! Eu o comprei.

– E já o leu?

– Ainda não. – Emily olhou para o chão.

– Ainda bem. Não leia. Não é grande coisa. – Ida suspirou e sorriu para Emily. – Já fiz as pazes com ele.

– Tenho certeza de que isso não é verdade. Você era a melhor escritora da faculdade. – Mais do que qualquer outra coisa, Emily esperava que Ida não fosse embora. Ida tinha um copo de vinho branco, maior do que todos os outros. Também tinha uma certa penugem escura acima do lábio superior. Mas não parecia dar a mínima importância a isso, o que era fantástico.

Ida perguntou:

– E então como é que anda? O que mais faz quando não está prevendo o futuro?

– Ah, sei lá. E isso não é exatamente o que eu faço. Sou apenas consultora. É uma besteira.

– Não diga a ninguém, mas a verdade é que eu odeio pessoas inovadoras. Não você, mas gente, tipo, inventores.

Emily riu e olhou para baixo. Ida vestia uma saia plissada verde e botas altas pretas cobertas com um mar de contas cor de vinho – tinha visto umas contas assim num par de sapatos de salto alto da Miu Miu na primavera passada e desejara que as botas pudessem ser ornamentadas daquela maneira. E lá estavam elas: as botas dos seus sonhos, tornadas realidade, nos pés de Ida, onde pareciam ainda mais perfeitas, com apenas algumas contas descuidadamente espalhadas.

– Adoro as suas botas – comentou Emily.

– Estas? Comprei na Century. Obrigada. Mas afinal o que faz aqui? Eu conheço o Steven e o Rick. Foram eles que fizeram o contrato para um filme entre mim e um realizador uruguaio. Então agora sou convidada para as festas deles. Não me obrigam a patrocinar nada.

– Na verdade, estou aqui porque... – Mas Emily deixou Ida interrompê-la.

– Sabia que me casei? – Ida fez um aceno de cabeça e Emily percebeu que ela ainda estava tentando se habituar às palavras. – É verdade, há quase dois anos.

– O seu marido está aqui?

– Não, nem pensar. O Billy odeia esse tipo de coisas. Ele é corretor da bolsa e, à parte, escreve uma *newsletter* sobre o Banco Mundial. Quer que nos mudemos para Washington D. C., mas isso não vai acontecer. Detesto aquela cidade. No Brooklyn, sou um rosto entre a multidão, mas sempre que vou a Washington alguém tenta me espetar uma medalha.

– Isso parece fantástico. – Emily imaginou Ida e o seu marido genial nos bailes do hotel Watergate e nas festas na pista de boliche da Casa Branca, rodeados de poderosos redatores de discursos e grupos de pressão das organizações de comércio internacional.

Tinha certeza de que ficavam até tarde na cama depois disso, rindo e em um ameno papo. Eli não tinha jeito nenhum para conversa amena.

– Não é nada fantástico – disse Ida. – É chato. Mas seja como for, a culpa é minha. Eu o amo. Casei com ele. Portanto, ele está em casa e eu estou nesta coisa casual. Vejo que tem aliança. Com quem se casou?

– Hum... – disse Emily, e então balançou simplesmente a cabeça e fechou os olhos. – Com o Eli – disse Emily com um encolher de ombros –, Eli Corelli.

– O quê?! – exclamou Ida. – É casada com o Eli? Peço imensa desculpa, não fiz a ligação!

– Como poderia? – questionou Emily. – Eu estou aqui e não faço ideia de onde ele está. – Emily ficou preocupada se estaria perto demais de Ida, por isso deu-lhe algum espaço. Mas ela se aproximou. Ambas se apoiaram contra a estante da porta da cozinha, a poucos centímetros uma da outra. Todos tinham de contorná-las para conseguir entrar. Emily podia ver que Ida não se incomodava nem um pouco.

– Uau! Todo mundo adora o seu marido.

– É verdade – concordou Emily. – Espera, com quem é que ele está agora?

Eli encontrava-se na sala de estar com a atriz e o marido. Os três estavam amontoados em frente a uma enorme lareira de mármore preto. Eli tinha nas mãos o banjo de alguém.

– Parecem ser o Trent Norman e a Genevieve Winslow-Homer.

– É esse o nome dela – disse Emily. – Sempre me esqueço.

– Esquece porque ela o roubou de um artista famoso, e se você for um pouquinho parecida comigo, isso lhe causa repulsa. O nome verdadeiro dela é Jennifer Puddle, ou algo do gênero. Vejo-a sempre no ioga. Tem umas pernas muito flexíveis.

– Qual é a que frequenta?

– A Kula.

– Nunca a vi lá – disse Emily. – Tenho feito muito ioga, ultimamente.

– Eu pratico ioga de forma desregrada – disse Ida. – Às vezes, toda a hora. Outras vezes, não faço nem um pouco.

– Ele não me disse que ia tocar – comentou Emily.

Genevieve tinha longos cabelos loiros, lábios pequenos e olhos normais. Nada de especial. Ainda assim, era linda. Assim como o marido.

– Talvez a câmera encontre alguma coisa nela que eu não seja capaz de ver – disse Emily.

– Você é muito simpática.

A atriz estava entre Eli e o marido e começou a balançar a cabeça. Trent estalou os dedos. Ele e Eli pareciam colegas de banda, com as suas

camisas xadrez, calças jeans e cabelo comprido despenteado. Trent segurava um tambor de criança na dobra do braço.

– Preparem-se todos! – exclamou Trent.

– Está bem? – perguntou Ida. – Parece um pouco trêmula.

– Estou bem. Aposto que vão anunciar a nova empresa agora.

– Estão prontos? – gritou Eli.

Todo mundo na sala acenou afirmativamente.

– Espera! Jenny, vem para a frente – chamou Genevieve.

Emily sentiu uma pontada gelada entre as costelas, como se alguém tivesse lhe enfiado um cubo de gelo dentro da camisa. Enquanto Emily e Ida observavam, Jenny Alexandretti apareceu do nada, completando o quarteto. Os cachos escuros eram mais longos do que Emily se lembrava e não usava sutiã sob o vestido púrpura, por isso ela balançava toda. Os seios pareciam maiores, também. Tudo nela parecia maior do que quando Emily a vira pela primeira vez, achando-a um ratinho molhado precisando de ajuda.

– Alguém viu a minha mulher? – perguntou Eli.

– Emily Babson? – chamou Jenny. – Está aí?

– Devia ir até eles – disse Ida.

– Ele só está fazendo isso como parte do espetáculo. Sabe que eu preferia morrer a ter de estar em frente a esta gente toda. – Emily segurou o copo com as duas mãos e respirou fundo.

– Um momento – pediu Eli em voz alta. Afastando a multidão, veio diretamente até Emily. – Por favor, – pediu, quando chegou junto dela – preciso de você.

– Eu fico com o seu copo – disse Ida, tirando-o das mãos de Emily.

– Não saia daí, por favor – pediu Emily, olhando para Ida. – Vou precisar voltar para junto de você.

Emily chegou à frente da sala. Estava de costas para a multidão, olhando para Trent, para a Genevieve de cara pequena e para Jenny.

– Querida, vira. Fica aqui ao meu lado – disse Eli.

– A esposa do trabalho abre caminho para a esposa verdadeira – sussurrou Jenny de forma audível, acrescentando uma risada, um ruído de *huh-huh* que pareceu a Emily *sexy* e totalmente intencional. Muito do tipo *Prefiro homens a mulheres*.

– Vamos começar – disse Eli. – Estamos aqui para anunciar uma nova empresa *pro bono*.

– Como se chama a empresa? – cantou Genevieve Winslow-Homer.

O pequeno grupo aproximou-se mais. Jenny colocou o braço em volta de Emily, dizendo-lhe:

– Não a via há muito tempo. Como está?

– Bem – respondeu Emily, contraindo as costelas e lutando contra a vontade de ver se as pontas dos dedos de Jenny tocavam nas costas de Eli. Mas como conseguiria descobrir? Estavam todos tão espremidos uns contra os outros.

– Urban Bicycle Advocacy! – gritou Eli.

– Sim, UBA – cantou Jenny. – E o que é que vamos fazer?

– Pedalar para o futuro! – respondeu a multidão aos gritos.

Devia haver umas setenta pessoas na assistência, todos batendo palmas e sorrindo.

Eli deu um passo à frente e acenou para a multidão, dizendo:

– Quero lhes apresentar a presidente da Urban Bicycle Advocacy... Jenny Alexandretti!

Foi então que Jenny a empurrou. Dando um passo a frente, ela contornou Emily com o traseiro jeitoso e usou-o para empurrá-la para segundo plano, deixando Emily com as omoplatas encostadas à cornija da lareira. Foi um movimento sutil, uma ligeira pressão na coxa de Emily. Ela se sentiu desaparecer, embora ainda estivesse no palco. Achou que estava imaginando coisas, que não tinha sido empurrada. Mas não. Consequia sentir o traseiro de Jenny pressionando-a, mantendo-a atrás.

As pessoas começaram a bater palmas. Jenny agarrou o braço de Eli e fez uma medida rápida. Emily olhou para a esquerda e para a direita, mas não viu maneira de escapar.

– Obrigada a todos. Gostaria de agradecer ao fundador da UBA pelo meu cargo! – exclamou Jenny. Mais palmas.

– Ah, merda! – Emily praguejara em voz alta sem querer.

Tapou a boca. Olhou para o fundo da sala e viu o gesto de *tenha calma* de Ida dirigido a ela.

– Quero ouvi-los cantar Urban Bicycle Advocacy – cantava Genevieve. Os quatro estavam unidos na frente de Emily, avançando como uma onda

e afastando-se dela para estabelecerem uma maior proximidade com o público.

Todos tentaram cantar Urban Bicycle Advocacy... ao som do “Get Up, Stand Up”, de Bob Marley. Mas não funcionou nem um pouco e a coisa saiu mais como um *slogan*. Trent franziu o cenho e tentou encontrar um ritmo no tambor. Algumas pessoas começaram a se dirigir para o bar.

Emily observou Jenny agarrar a mão de Eli e apertá-la. Ela começou a sussurrar “UBA, UBA”, usando a outra mão para bater ritmadamente no quadril. Emily se encolheu para não ser outra vez amassada pelo traseiro de Jenny.

Jenny começou como num gemido, “Uubah, Uubah...”, chamando a atenção da multidão.

Pouco depois, todos entraram na onda, sussurrando: “UBA, UBA”.

Emily viu dois indivíduos, que deviam ser Rick e Steven, correr escada abaixo, com os braços cheios de matracas, que Emily calculava terem trazido das muitas viagens a diferentes partes da América do Sul. Atiraram as matracas para os braços estendidos da multidão.

Jenny agarrou uma e começou a sacudi-la. Genevieve também. Eli começou a tocar o banjo freneticamente e Trent ia batendo palmas e cantando.

– Uubah, Uubah... Eli exclamava:

– Batam palmas e batam os pés!

– Uubah, Uubah – articulou Emily em silêncio.

– Isso mesmo, vamos todos andar de bicicleta por toda a parte e envergonhar os carros!

– Mais depressa!

– Roman Street, Roman Street!

Emily encontrou os olhos de Ida e fez o gesto de *fica aí* com a boca. Eli gritou:

– Entre todos vocês e a Roman Street podemos sensibilizar as pessoas para o trabalho da UBA e depois todos nós podemos...

– Pedalar para o futuro! – Genevieve e Jenny deram um salto no ar.

Os aplausos foram entusiásticos e todos tentaram dançar sem sair do lugar, para não estragar os tapetes.

– Viva! – Jenny pulava num pé só. Em seguida, os quatro viraram-se uns para os outros e se abraçaram, o que se transformou num abraço

coletivo, enquanto a multidão rugia e depois dispersava, pronta para mais bebidas e comida. Emily ainda estava encostada à lareira.

– Junte-se a nós – disse Jenny, agitando uma mão na direção de Emily, que abanou a cabeça em negação e apontou para o fundo da sala, como dizendo “obrigada, mas tenho gente à minha espera”. Emily disse a si mesma que não ia correr de volta para Ida, mas também sentia que não havia nada a fazer se parecesse que era isso. Atravessou a sala num ápice e chegou à porta que estivera partilhando com Ida.

– Obrigada por ter ficado à minha espera.

– Não pareceu assim tão ruim – disse Ida com um sorriso.

Emily ficou em choque, porque imaginava que ninguém percebera nada, e agora, com aquele comentário se dava conta de que devia ter sido horrível. Fechou os olhos e se desequilibrou, sentindo que Ida colocava o braço à sua volta.

– Eu estou bem – sussurrou Emily. – Olha, não quero monopolizar você. Deve ter outros amigos aqui. – Se Ida a deixasse, ela encontraria um banheiro onde pudesse se trancar e chorar. Tinha um exemplar do *Canoa* na bolsa. Podia se trancar com ele durante cinco abençoados minutos, ler o capítulo da dança em quadrilha e chorar, e de duas uma: ou ficava se sentindo melhor ou escapulia para a rua sem que ninguém percebesse, para chorar mais um pouco.

– Emily. Ei, Emily? – Emily abriu os olhos e viu Ida. Adorava os olhos enormes e brilhantes dela. – Estou tentando entender o que se passa. Ele a nomeou presidente sem lhe dizer? É isso?

– Não, pior. Ele tem um caso qualquer com essa Jenny. Tenho certeza disso.

– Espera aí – disse Ida. Entrou na cozinha e voltou com uma garrafa de vinho branco fresquíssima. Tirou a rolha num ápice e reabasteceu os copos. – A coisa não deve ter ido assim tão longe, se a puxaram para junto deles daquela maneira. Eles deviam querer que você, tipo, os interrompesse. Já passei por isso. Eu e o Billy. Somos uma boa equipe, mas demorou muito tempo para chegar lá. As outras pessoas flertam com você e você responde. Entra numa discussão sobre alguma coisa estúpida e deixa de ter sexo durante duas semanas. Acontece. Mas o seu marido... vejo que ele deseja você. Está apenas um pouco entusiasmado demais, com tanta atenção focada nele.

– A atenção está sempre sobre ele. E nunca tivemos problemas com isso antes, mas agora está dizendo que mesmo se...

– Sim, mesmo se – disse Ida. – Acho que ele está à sua procura.

Emily virou as costas para o aposento e disse:

– Não posso acreditar que acabei de descobrir o que está acontecendo com os negócios do meu marido por meio de uma canção. Você a viu me empurrando?

– Ela é uma atrevida, sim. Ele está vindo para cá – informou Ida.

– Talvez seja melhor não estar aqui – disse Emily. Ela tentou, mas não conseguiu que o rosto e a boca não mostrassem o seu desânimo.

– Não foi incrível? – perguntou Eli.

Emily engoliu em seco e apoiou o lado do queixo no punho fechado antes de se virar para o marido.

– O que achou? Eu sei, um pouco pateta, certo? – Eli olhou para os copos cheios das duas. – Querem que eu vá buscar alguma coisa para vocês comerem? Queijo, talvez? Estava conversando há pouco com os fornecedores do bufê e sei que vão servir agora nas bandejas uns petiscos fantásticos.

– Sim, Eli. Realmente fantástico. – Emily lutou para manter a voz sem expressão. – Só estou colocando a conversa em dia com a Ida. É uma amiga da faculdade.

Eli empurrou o cabelo para trás e, em seguida, apertou a mão de Ida, dizendo:

– Ida, muito prazer em conhecê-la.

– Parabéns pela Roman Street e pela coisa nova – respondeu Ida. Eli aceitou o cumprimento com um aceno.

– Nós queríamos que estivesse envolvida – disse Eli a Emily. – Fico feliz por ter subido no palco conosco..

– E eu estou surpreendida por ter avançado tanto com esta nova empresa. UBA? E Jenny é a presidente?

– É. Já tinha lhe dito, não tinha?

– Não, não tinha. – Desistiu de se conter e deixou que a fúria transparecesse no rosto. – Acho que devemos ir para outro lugar conversar – acrescentou Emily.

Alguém chamou o nome de Eli, mas ele ficou olhando para a mulher.

– Bem, tenho tentado falar sobre o assunto. A estrutura final só ficou definida há três semanas. E só tivemos a ideia do título do cargo para a Jenny esta tarde, como uma espécie de agradecimento. Já que não podemos pagar muito, porque a organização é sem fins lucrativos, damos a ela esse título pomposo. – Eli tentou uma risada. – Não acha que foi inteligente?

– Há um jardim. – Ida tocou Emily no ombro. – Pode ir lá diretamente atravessando a cozinha. – Os olhos de Ida incrivelmente abertos fixavam Emily. – Foi bom vê-la. Vamos combinar uma bebida em breve para conversarmos um pouco mais.

– Eu adoraria – disse Emily. – Mando-lhe um e-mail.

– Tenho de voltar para a festa agora – disse Eli.

– Espera – disse Emily, agarrando-o pelo braço e dirigindo-se a Ida. – Precisamos estar mais em contato. – Deu um abraço de despedida à amiga sem largar Eli. – O jardim. Vamos para lá agora.

– Por quê? – perguntou Eli. – Por que agora?

Emily puxou-o pela mão e sussurrou:

– Me dá cinco minutos.

– Está bem, pronto.

Atravessaram a cozinha a passos rápido, passando pelos empregados que estavam dispendo nas bandejas frango *satay* e torradas cortadas em triângulos decoradas com fatias de carne ou queijo e pontas de aspargos, e desceram as escadas com corrimão de ferro até o jardim escuro. Emily estremeceu no frio repentino do jardim vazio e desejou não ter entregado o casaco. O jardim era comprido e retangular, composto por dois caminhos de ardósia azul, bancos de madeira e pequenas árvores. Podia ouvir os carros passando apressados na Greene Avenue. Emily encontrou uma posição, encarou o marido e disse:

– Não havia me dito que ia colocar ela para gerir a UBA.

– Pensei que tinha acabado de lhe dizer! – Eli olhou por cima da cabeça dela, para as janelas iluminadas da cozinha e o barulho da festa.

Emily sentiu um frêmito nos lábios e disparou:

– Fez alguma coisa com ela em L. A. Eu sei que fez.

– Do que está falando?

– Eu sei que aconteceu alguma coisa. Quando foi lá no mês passado. Sinto isso. Eu vi a mensagem.

– Você não entende. Aquilo foi, tipo, foi uma espécie de abraço.

– Um grande abraço? Por que é que está usando essa palavra?

Eli suspirou.

– Tivemos algo.

– Algo? Poderia ser um pouquinho mais específico?

– Eu quero. Escuta, eu vou ser. Mas, ao mesmo tempo, é melhor não entrarmos em detalhes – respondeu Eli. – Basicamente foi menos do que possa pensar. – Eli pousou as mãos nos antebraços dela. Ela o repeliu. – Olha, Emily, contar a você teria sido uma atitude egoísta. Tornaria tudo muito maior do que realmente foi.

– E então decidiu esconder?

Ela viu-o respirar fundo. E nessa respiração achou poder ver que ele já tinha estado naquela posição antes, se não com outras mulheres, pelo menos com outras namoradas. Ele disse:

– Você tem razão. Tem razão sobre tudo e estou profundamente arrependido. Sei que é a pior coisa que já fiz e lamento muito.

– Como ocultar não funcionou, agora admite?

– Está falando do que aconteceu quando eu e ela estávamos bêbados? Isso foi como um abraço! Um abraço. Sim. Escuta, este não é o lugar para falarmos sobre isso. Eu me sinto péssimo. Mas, Emily, aquilo aconteceu porque estava tudo correndo muito bem no negócio. Foi estúpido, como um cumprimento. Sinto vergonha só de falar disso.

– Um cumprimento? De verdade, Eli? E agora o que decide é estar com ela, fazer planos com ela, mentir e esconder coisas de mim! Merda! Passei o verão todo sabendo que havia algo de errado!

– O verão todo? Isso não é verdade! Por favor. Eu me sinto péssimo por causa do que aconteceu e você tem razão, e sinto muito! Eu sinto muito. Mas as duas coisas não estão relacionadas. A UBA é dela. Ela encontrou os investidores, eu estou apenas ajudando. Olha, não torne as coisas piores do que são.

– Eu é que torno as coisas piores? Está brincando comigo?

– Já disse que sinto muito! Você quer decidir o que é certo e o que não é. E, no fim de contas, não importa porque, na sua opinião, nada é certo. – Ele franziu o cenho e abanou a cabeça. – Eu às vezes detesto isso, que faça isso.

– O quê? Agora detesta a maneira como eu sou?

– Não. Esquece. Não vamos estragar esta noite, por favor? – Esboçou um sorriso de súplica e prosseguiu: – Podemos passar o tempo que quiser falando sobre o que aconteceu e eu juro que nunca mais volto a fazer uma coisa destas. Estraguei tudo e sei disso. Não sei o que viu na mensagem a que se referiu, mas não aconteceu nada de mais. Só não vamos falar sobre isso hoje à noite, está bem?

– Eli? – Um homem espreitou pela porta aberta da cozinha.

– Sim, Rick, já estou indo – respondeu Eli. – Eu sei que tenho de estar aí em cima.

– Temos de fazer outro brinde. Os Neuberger vieram, e trouxeram mais umas pessoas, por isso é muito importante que façamos outro brinde. Olá, Emily.

– OK, está bem – respondeu Eli.

– Por favor, nos dê um minuto – disse Emily.

– Este brinde é importante – disse Rick antes de fechar a porta da cozinha.

Eli afastou-se de Emily, em direção ao fundo do jardim. Ela ficou vendo-o tocar nas plantas trepadeiras que cresciam na cerca. Estava mais escuro lá atrás do que ela achava que a cidade deveria ser.

– Não posso acreditar que isto está acontecendo – disse Emily. – E você não vê a situação crítica em que estamos. Não percebe a importância disto. A sua cabeça não é sequer capaz de calcular.

– Eu percebo! E vou perceber. Mas olha, se realmente me ama, me dá algum tempo agora, OK? Dê o tempo necessário para fazer o que tenho a fazer nesta festa e então serei todo seu. Devo tudo a você. Eu sei disso. E eu a amo.

– Você me deve? – Ela deixou a cabeça inclinar para um lado. – O que quer dizer com isso? Somos casados. O que me deve não está em questão. Por favor... – Ela caminhou até a parte de trás do jardim, apoiando-se na cerca como guia até junto dele. Estendeu a mão e tocou em seu rosto carrancudo. A respiração dele era quente e podia sentir seu suor no rosto e pescoço.

– Como é que chegamos aqui? – perguntou ele. – Eu não quero que isto esteja acontecendo e você também não. Mas agora? Me dá o tempo de que preciso agora. Depois corrigimos tudo, prometo.

– O que aconteceu é de extrema importância, Eli. Estou muito magoada. Muito magoada mesmo.

– Eu sei. E quero me concentrar em você. Mas preciso voltar para a festa. Só mais uma hora, OK?

Ele se aproximou e a beijou nos lábios antes que ela pudesse reagir. Então se virou e atravessou o jardim em passos largos. Ela achou que ele parecia um cervo saltando córregos. Não, um cervo não. Parecia um sátiro. Não, a figura do próprio diabo. Ele agarrou o corrimão da escada impulsionando-se para subir os degraus até a porta da cozinha. Uma vez lá em cima, seguramente longe dela, virou-se. Ela não conseguiu ver sua expressão. Tinha certeza de que ele não dissera nada. Ele entrou na casa, deixando a porta aberta. Emily ouviu uma explosão de palmas.

Olhou para a luz refletida nas altas janelas da cozinha e ouviu a onda de ruído da festa. Virou-se e enfiou os dedos através da cerca e das videiras. Só havia uma maneira de sair do jardim e era subindo as escadas, passando pela porta e entrando na cozinha. Teria de atravessar todas aquelas salas repletas de gente.

– Eli? – sussurrou para si mesma. – Você voltou para a festa?

O jardim estava tranquilo. Apenas o som da marcha lenta dos carros na rua. Tapou a boca com a mão e colocou o outro braço à volta do peito, olhando para a luz bruxuleante que escapava das janelas da casa.

Extraído de *O casamento é uma canoa*, **Capítulo 3, Casamento e intimidade**

Certa tarde, por volta das cinco, depois de termos estado no lago horas a fio sem apanharmos nada, me sentei no alpendre, com as pernas balançando, para aparar um pau. Meu avô tinha me dado um canivete, com lâmina de sete centímetros e cabo de madrepérola, e eu tinha começado a talhar pauzinhos, com a ideia de, no fim, fazer uma jangada em miniatura.

Podia ouvir meu avô e Bess movimentando-se atrás de mim na cozinha. Não sabia o que estavam fazendo. Eu me sentia entediado, daquela maneira que só os meninos conseguem estar quando dizem que estão entediados, mas querem dizer algo mais profundo: que estão confusos, à deriva. Mas, pelo menos, sempre tinha paus para afiar.

– O que vamos fazer? – perguntei. Já estava lá há cerca de dez dias e começava a pensar em nós três como um grupo. Não uma família verdadeira, mas três pessoas que vivem juntas.

– O vovô e eu vamos dar um passeio a pé.

– Em volta do lago? Para que lado? – perguntei, entusiasmado. Gostava muito mais das caminhadas pelo lago que nos conduziam à cidade, porque chegando lá, podia comprar um pacote de figurinhas de beisebol e ver a classificação dos Yankees.

– Vamos pelo caminho mais longo, e depois subimos até o cume.

– Tudo bem. – Apoiando-me no chão do alpendre, me coloquei de pé.

– Você pode ir até a cidade sozinho – disse Bess.

– Sozinho? – Levantei uma sobrancelha e me atrevi a encará-la. Não gostava do que estava ouvindo.

– Sim, pode ir. – Bess aproximou-se de mim. – Aproveite algum tempo sozinho e nós vamos fazer o mesmo. Nós o amamos, você sabe disso. Mas queremos um pouco de tempo para ficarmos juntos. – Ela me beijou na testa e me deixou ali, no alpendre.

Tinha um pedaço de pano de camurça e comecei a embrulhar o pau e o canivete. Ouvi o vovô e a Bess falando dentro de casa, mas não prestei atenção. Em vez disso, desci as escadas e fui até o gramado. Dei um chute na grama, tirei o canivete e o atirei ao chão, com força, para que ficasse enterrado na terra macia.

– Então, meu rapaz – disse o vovô, que veio por trás de mim sem que eu me desse conta. Quando queria, era capaz de se mover muito silenciosamente para um homem tão grande. – Escute uma coisa. Não fique chateado. Nós reservamos um pouco de tempo todos os dias para ficarmos a sós: só eu e a minha Bess. Você entende. – Fez um gesto de continência de brincadeira e voltou para dentro de casa.

Peguei no canivete, limpei-o nas calças e voltei a embrulhá-lo na camurça juntamente com o pau. Corri para guardar o embrulho no meu quarto e vesti as calças jeans. E lá me pus a caminho, um tanto magoado, sem olhar para trás.

Ao entardecer desse dia, desci até a Main Street e foi aí que vi pela primeira vez Honey, caminhando ao lado dos pais. Nesse momento tive certeza de que algo muito bom provém de dar às pessoas mais próximas tempo para si próprias. O que aconteceu depois de ter visto a Honey, pergunta o leitor? Esse é um assunto para outro capítulo.

Encontrem tempo para estarem juntos todos os dias, apenas os dois, na canoa de vocês.

Peter, setembro de 2011

– Eu vou aí e o demito pessoalmente – disse Peter. Escancarou a porta do armário do vestíbulo e agarrou o casaco. – Chego aí em vinte minutos.

– Peter, não estou lhe pedindo que intervenha – disse Henry. – Eu cuido disso.

– Deixa eu ver se entendi – continuou Peter, voltando para a cozinha, onde pegou a caneca de café e bebeu um gole. – Um cozinheiro está aí há três semanas; fecha a cozinha ao fim do dia, bebe um par de garrafas do nosso vinho, fica dormindo nos sacos de arroz, acaba ateando fogo em uma parede com um cigarro e você vai ter uma conversa com ele?! Está despedido!

– Não. Primeiro, tenho de mandar vir o pessoal do seguro e registrar a ocorrência e tudo isso. Eu sei como tratar deste assunto – disse Henry.

– Isso é uma loucura. Ele está despedido. Eu vou para aí.

– Para. Será que estou falando chinês?

– Por quê?

– Não pode demiti-lo. Ele é novo. Nem sequer sabe quem você é. Estava apenas tentando dizer como às vezes é imensamente chato gerir este negócio. Só isso.

Peter sentou-se à mesa da cozinha, acenando na direção das árvores do lado de lá da janela.

– Eu entendo.

– Acredita nesse imbecil? Não se preocupe que nós cuidamos de tudo. Que tal vir almoçar aqui? Estamos testando um prato de berinjela.

– Vou mais para o final da semana. Não suporto berinjela. Antes eu gostava, mas agora não.

– Recebi alguns e-mails para você.

– Está bem. Isso pode esperar. Desculpa não ter entendido o que estava dizendo. Falo com você depois.

Peter terminou a ligação e se levantou. Apoiou a caneca de café na pia, passou-a na água fria e colocou-a na prateleira de madeira.

Lambeu os lábios secos e sentiu o cheiro desagradável de velho que escapava pelos espaços cada vez maiores entre os seus dentes.

Com esforço, saiu da cozinha e dirigiu-se ao aparador da sala de entrada. Estava com medo de telefonar para Maddie, agora que lhe dissera que se mudaria com ela para a Costa Oeste. Certamente mais alguém precisava dele. Certamente... Sim. Encontrou o número de telefone da jovem da Ladder & Rake. Stella. Nome sexy.

Trabalhara com algumas jovens durante os muitos anos de contato com a LRB. As suas preferidas eram as atiradas; algumas tinham sido estranhamente ineptas, outras, bruscas e uma ou duas empreendedoras. Essas espertas ignoravam Lisa e se esforçavam para arrancá-lo dela. Tinham de lidar com os editores, mas também muito interessadas, embora de forma cautelosa, em um novo livro dele. Um novo livro significava muito dinheiro. Mas todas viviam com medo de que ele não retornasse as ligações e que Helena descobrisse que o tinham perdido.

Discou o número. Secretária eletrônica. Pediu desculpa pelos dias que demorara a ligar de volta e disse que estava à disposição para falar.

Em seguida foi dar uma caminhada no lago. Sentiu o frio no rosto e envolveu o pescoço num velho cachecol de lã de Lisa.

Prosseguiu seu caminho. Há muito tempo que não pensava na LRB. Na festa de um milhão de exemplares que tinham organizado em honra dele no final dos anos 1970. Depois, a festa dos vinte e cinco anos de publicação do livro na Grill Room do Four Seasons. Helena organizara os dois eventos. Será que ela ainda trabalhava lá? O mais provável era ter se aposentado e ido viver na pequena casa que soubera que ela comprara na aldeia de Sag Harbor, onde poderia passar o dia fazendo jardinagem e as noites em jantares íntimos com o Ed Doctorow e a mulher, o Louis Begley e o resto dos velhos amigos do mundo editorial. Ou talvez tivesse abandonado aquela vida esnobe. Talvez tivesse um marido novo... acreditava que ela terminara de vez com o antigo. Um novo marido significaria adaptar-se a uma vida nova. Talvez houvesse enteados, além da filha, Elizabeth. Tinha certeza de que ela ainda tinha uma relação muito próxima com Elizabeth. O pouco de fofoca que lhe chegara aos ouvidos

fora de que Helena ficara destroçada quando a filha fora para Stanford e nunca tinha superado o fato de ela estar tão distante.

Chegou à enorme rocha negra de que sempre gostara e ficou sentado nela até sentir o choque térmico através das calças cáqui forradas. As nuvens estavam baixinhas. Talvez um cóccix gelado e o tempo fresco fossem bom. Massageou os joelhos com as mãos. Lisa ficara sentada ao lado de Helena em alguns jantares, nos primeiros anos, quando ele e a mulher ainda se arriscavam a ir a Nova York em reuniões de publicidade e marketing. Helena tinha sido fundamental para o sucesso do livro, por isso Lisa tolerava-a o melhor que podia.

OK. Já chega de ócio. Sentia a bunda ficando congelada. Foi assobiando baixinho a sequência de abertura do filme *Por um punhado de dólares* no caminho de volta para casa. Tinha visto o filme na noite anterior, assim que teve certeza de que Maddie não ia visitá-lo. Surpreendia-o o quanto ainda gostava dos filmes que vira quando era jovem. Se Maddie não aparecesse hoje à noite, planejava procurar o *Quando explode a vingança* no Netflix e vê-lo no computador de Lisa, se fosse preciso. Belinda tinha lhe presenteado com alguns CDs com as trilhas sonoras de Ennio Morricone quando o flagrara assistindo a *Três homens em conflito* tarde da noite, no ano anterior, na época em que Lisa estava morrendo e ela aparecera para uma visita. Encontrara-o encolhido no sofá, limpando as lágrimas na manga da camisa. A única coisa que conseguira dizer no momento foi: “Eu adoro esta música.” Os discos deviam estar em um dos armários do térreo e ele ia encontrá-los. Podia até colocar uma caixa de som numa das janelas que abriam para o alpendre dos fundos e ficar ouvindo a música enquanto olhava para o lago. Claro. Devia fazer uma coisa dessas, pelo menos uma vez, antes de ir viver em um condomínio fechado em São Francisco.

O telefone estava tocando quando entrou pela porta das traseiras.

– Alô? Não, agora é um bom momento para falar – disse ele, assim que se acomodou com o telefone sem fio na cadeira dura junto ao aparador na sala de entrada. Tentou cruzar as pernas. Não, não conseguia.

Stella demorou algum tempo para se apresentar. Então, ouviu-a dizer:

– Na verdade, nós queremos você tal como é.

– Querem-me como sou? Não estou entendendo. – Ele riu, mas absteve-se da piada fácil, de dizer: Quer dizer acabado? De mudança? Saindo da

cidade?

– Você já ajudou tantas pessoas. Agora queremos levar você e o seu livro a um público ainda maior. Foi por isso que tivemos a ideia de um concurso.

– Um concurso?

– Gostaríamos que o casal vencedor do concurso o visitasse no final do outono. Só terá de conversar com eles. Eles serão os vencedores.

– Conversar? Quer dizer, conversar sobre o casamento?

– Sim. Eu sei que parece estranho, mas achamos que realmente vai ter o efeito pretendido junto ao público. Não concorda?

Ele respirou alto o suficiente para que ela pudesse ouvir. Não achava que tivesse realmente ajudado qualquer um dos casais com quem tinha conversado ao longo dos anos. Na maioria das vezes conseguira se safar habilmente de qualquer tipo de conversa mais profunda. Houve aquele período, no final dos anos 1970, quando, à noite, podiam encontrá-lo no bar Sally Forth, bebendo um bom uísque de graça e conversando com quem quer que aparecesse. Mas, depois, o negócio acabara indo mal e tiveram de fechar o bar. Não se lembrava muito bem dessa época. Claro, o *Canoa* tinha surtido um efeito profundo em algumas pessoas. Ele sabia disso. Mas estar na companhia do autor não melhorava a experiência de leitura, isso era certo. Por outro lado, Peter era geralmente muito bom em fazer as pessoas sentirem-se contentes por terem-no abordado; consideravam-no emocionalmente intuitivo. E até era.

– Bem, eu escrevi o livro sobre isso, não foi? – perguntou, em parte para se reassegurar e em parte para ver o que ela diria.

– Sim, claro que sim. É curioso que coloque as coisas dessa maneira, porque eu digo exatamente o mesmo aqui no escritório.

– Sendo assim, preciso ficar onde estou durante mais algum tempo, não é?

– Quer dizer, ficar em Millerton? Sim, claro – disse Stella. – Para receber os vencedores.

– Não sei.

– Podemos lhe oferecer... quarenta mil dólares como adiantamento pela sua participação. E outros quarenta mil daqui a seis meses, se as vendas aumentarem substancialmente, digamos, cerca de duzentos por cento. Posso lhe enviar toda a documentação relativa a isso.

– A minha mulher é que costumava tratar da parte de negociação – explicou ele. – No começo, não tinha um agente. Depois, a minha mulher passou a ser o meu agente. Nunca tínhamos certeza se tínhamos feito um bom negócio. Mas sempre tivemos o cuidado de pedir o melhor que podia ser oferecido.

– Tenho poder para lhe oferecer a melhor alteração possível de seu contrato. Isso posso lhe assegurar.

– Sabe, quanto mais falo com você, mais gosto da ideia. Vamos fazer.

– Fantástico! – exclamou Stella. – E espero que não me considere atrevida demais ao dizer que estou surpreendida por estarmos em total sintonia no que diz respeito a este concurso! Depois de tantos anos de... recolhimento.

– Era isso que eu estava fazendo? Acho que não. Estive apenas cuidando da minha vida. – Havia outra coisa que queria perguntar. Queria saber se Helena tinha se aposentado. – Diga-me, a Helena Magursky ainda trabalha na LRB?

– Sim, é a nossa presidente. Ela perguntou por você. Tem alguma mensagem que queira que eu lhe transmita?

– Não, não. Estava apenas curioso. Ela foi a minha primeira editora. Há muitos anos que...

– Eu trabalho aqui há cerca de um ano – disse Stella. – Nem consigo exprimir o quanto estou entusiasmada por trabalhar com você agora!

– Sim, também estou ansioso por isso.

– Quer ver o nosso material de marketing antes de o lançarmos? Não posso lhe garantir o direito de aprovação, mas posso, pelo menos, envolvê-lo no processo.

– Não, não. Faça como quiser. Tenho certeza de que fará bem o seu trabalho. Confio em você. Só quero conhecer o jovem e simpático casal. Que seja um casal jovem, por favor. E sólido. Deve ser sólido, pessoas bonitas. Isso vai tornar as coisas mais simples.

– É claro! Enviaremos algumas das cartas que escreverem e você poderá selecionar a sua preferida. Aí tentaremos obter todas as informações que conseguirmos sobre o casal.

– Isso é muito inteligente. Foi um prazer falar com você, Stella. É melhor me telefonar durante a manhã. Estou mais... Sou melhor pela manhã.

Depois de terminar o telefonema, descobriu com surpresa que estava com vontade de entrar no carro e ir até a cidade conversar com Henry e verificar os danos do incêndio. Henry tinha razão. Ele podia observar, mas não podia interferir na vida da pousada. Também, para que arranjar problemas? Só queria almoçar com um velho amigo. Mas Henry que nem se atrevesse a obrigá-lo a comer berinjela.

Comunicado de imprensa para o concurso
“Passe um dia com Peter Herman”,
patrocinado pela Ladder & Rake Books,
um selo da Timmler Products, Inc.

Um concurso de aniversário da obra *O casamento é uma canoa*

A obra *O casamento é uma canoa*, do autor Peter Herman, com reedições sucessivas desde que foi publicada pela primeira vez pela Ladder & Rake em 1971, é o mais notável livro de autoajuda do nosso tempo sobre amor e casamento.

O casamento é uma canoa é a história verdadeira e fascinante do décimo terceiro verão de Peter Herman, passado com os avós no lago Okabye, perto de Millerton, Nova York, em 1961. Ao longo desse verão, Peter aprendeu com os avós valiosas lições sobre a vida e o casamento, em grande parte, enquanto pescava trutas com o avô.

Mr. Herman escreveu o livro logo depois de se formar pela Universidade de Columbia, onde se licenciou em Inglês. Escrevia durante as manhãs e a hora de almoço, na época em que trabalhava como redator publicitário na McCann Erickson, em Nova York. A primeira edição foi lançada em outubro de 1971, quando Mr. Herman tinha vinte e três anos. É sua única obra publicada.

Este livro sensacional começou a sua vida com uma edição especial de capa dura que tinha uma gravura de duas figuras remando numa canoa num lago ao pôr do sol, uma imagem tipicamente americana e atemporal, transmitindo uma certa nostalgia. O *Canoa* vendeu 5.900 exemplares na primeira edição, edição essa que é agora rara e de valor incomparável. Desde então, *O casamento é uma canoa* continuou a chegar às livrarias, em edição de bolso, pela Ladder & Rake Evergreen, com três revisões

distintas, cinco novos prefácios e vários posfácios, adendos e notas para novos e antigos leitores. Existem mais de dois milhões de exemplares de *O casamento é uma canoa* impressos, tendo sido editado em trinta e oito países.

O livro nunca entrou nas listas dos mais vendidos do *New York Times* ou do *USA Today* porque os analistas especializados em publicação têm-no classificado como o livro de autoajuda mais partilhado do mundo. Simultaneamente, o volume de vendas ao longo de tantos anos deve ser atribuído à sabedoria universal inegável que cada leitor descobre nas histórias desta obra.

O ano de 2011 marca o cinquentenário dos acontecimentos em que o livro se baseia. Para comemorar este aniversário, a Ladder & Rake irá realizar um concurso, com início em 1o de outubro e término em 1o de novembro. Os vencedores do concurso – um casal sortudo, com problemas cotidianos normais – irá visitar Peter Herman.

O texto de participação no concurso não deverá ter mais de duzentas palavras. As doze cartas mais convincentes serão lidas por Peter Herman, que depois irá selecionar o casal vencedor. Então, num sábado de novembro, no final da temporada da queda das folhas, o escritor irá acompanhar o casal num passeio em torno do lago Okabye, seguido de um chá e depois um jantar em sua casa, no norte de Nova York.

O casal vencedor também irá desfrutar de um fim de semana gratuito na Pousada do Lago Okabye, em Millerton, Nova York. Os vencedores irão receber o catálogo completo dos mais importantes livros de autoajuda da Ladder & Rake, e uma primeira edição autografada de *O casamento é uma canoa*.

Cem vencedores do segundo prêmio irão receber exemplares autografados da nova edição comemorativa do quinquagésimo aniversário de *O casamento é uma Canoa*, a ser lançada com uma seleção de novos comentários, numa bela edição de colecionador de capa dura, ao preço de quarenta dólares e disponível nas livrarias no final de dezembro de 2011.

Emily, setembro de 2011

– Estou falando sério – disse Eli. – Por favor, me dá a mão.

Emily e Eli atravessavam a ponte de Brooklyn a pé, em direção a Manhattan. Eli tinha os óculos de sol postos, por isso Emily não conseguia ver seus olhos. O cabelo estava em pé em alguns lugares e usava uma camisa branca e peluda da Patagônia que o fazia parecer um carneiro, um lindo carneiro de cabeça escura.

Ela lhe deu a mão, mas não falou. Ele tirou os óculos escuros e lançou o mesmo olhar suplicante, que era uma constante desde a festa da UBA. Tinham passado por vários dias ruins, discutindo o que acontecera e qual o significado disso para cada um. Eli não parava de pedir desculpa. Emily não conseguia decidir o que fazer. Dizia a si mesma que eram casados e que não era capaz de imaginar que aquilo que tinha acontecido pudesse destruir o seu casamento. Tentou se convencer de que a infração tinha sido pequena e de pouca importância. Conversara com a mãe, que concordara com aquele ponto de vista. No entanto, sentia que deixara de saber em que pé estavam como casal e que, por mais frustrante que fosse, deixara de ter uma visão clara do futuro dos dois. Voltara a se sentir numa posição em que achava que nunca mais teria de estar, tendo de ser paciente e esperar para ver aonde a sua vida iria conter este sentimento de solidão e perda.

Chegaram ao local onde terminavam as tábuas de madeira e começava a calçada de cimento. Emily sentiu de imediato saudades das tábuas. Eram assustadoras porque qualquer louco poderia serrá-las, fazendo todo mundo cair no East River, mas, ao mesmo tempo, nas tábuas, a pessoa se sentia suspensa, flutuando... sentindo o ar circular a sua volta. O cimento significava que a sensação flutuante tinha terminado. Os passos eram mais difíceis e ela se virou para trás para ver a madeira da ponte.

– Cuidado com os ciclistas – avisou Eli.

– Sim, não se preocupe. – Olhou para ele.

Iam assistir à nova peça de Sherry, *Flight*, no Minetta Lane Theatre. Mas ainda tinham algumas horas e não estavam com fome. O tempo estava muito ventoso e, de repente, Emily soltou a mão da de Eli e aconchegou mais o casaco. Sentira tanto orgulho de si mesma, apenas há algumas horas, por ter conseguido ter coragem suficiente para vestir a saia cinza-clara, calça legging cor de carvão e sapatos baixos de camurça castanhos! Vendo-se no espelho, imaginou-se parecida com Gwyneth Paltrow, na sua época mais sombria, em que usava o cabelo castanho-escuro. Eli entrara no quarto e elogiara a sua beleza e aquele toque furtivo nos olhos dele a levou de volta diretamente àquele terrível jardim muito rebuscado em Fort Greene. Recordou os minutos em que ficara sozinha no jardim antes de Eli voltar a descer as escadas, depois do brinde, pedindo-lhe mais uma vez que o perdoasse. Apática, retornara para dentro da casa com ele, foi buscar o casaco no gancho na sala e saiu. Eli não a impedira. Isso estava na lista de coisas que não tinha certeza de ser capaz de esquecer.

Haviam passado quatro dias. Estava fazendo uma lista mental dos momentos em que Eli a tinha indiscutivelmente desiludido.

Eli abria a boca, parava e engolia as palavras. Até que, finalmente, disse:

– Nesta peça... a Sherry tem um bom papel secundário?

– É um *ensemble*.

– Pensei que esta era aquela sobre o fotógrafo que acaba de voltar do Iraque!

– Essa foi a anterior.

– Eu fui ver a última – disse Eli, cauteloso. – Aquela sobre a família só de mulheres nos papéis principais, a do Tchekhov.

– Essa foi a penúltima. – Emily limpou as lágrimas que lhe vinham sempre aos olhos com o vento.

– Me conta o enredo desta.

– Não.

– Não?

– Não, não quero contar o enredo da peça da Sherry neste momento.

Eli respirou fundo e respondeu:

– O que você quer que eu faça? Eu sei que é horrível! Eu sou horrível! Estou furioso comigo mesmo. Mas eu te amo. E posso esperar... espero o

tempo que for preciso para que me perdoe.

– Não vamos falar sobre isso.

– Então, me fala da peça. Para não termos de falar sobre o assunto. Por favor.

– Está bem – concordou ela. – Preparado? A Sherry me falou tanto da peça que já sei a história de cor.

– Tenho uma ideia – disse Eli. – Sei que estamos indo para o cruzamento com a Bleecker Street e a Sixth Avenue, mas vamos desviar mais para oeste, por Tribeca. É mais tranquilo e não há tantos turistas. Se acharmos que estamos atrasados, podemos pegar um táxi.

– Parece bom.

– OK, estou preparado. A peça.

Ela começou:

– Um homem alado cai, atravessando o teto de um apartamento no último andar de um prédio, onde está acontecendo um jantar, numa cidade não identificada. O jantar é em homenagem a um jovem casal que vai anunciar o noivado aos pais da noiva, que são contra o casamento dos dois. Não confiam no noivo por causa de um investimento financeiro que quase levou a família toda à falência.

– Ele é um anjo – comentou Eli.

– Talvez seja. Continuando, o homem alado cai no apartamento no exato momento em que estão comendo ostras. Sherry teve de aprender a abrir ostras sem se cortar. Eles atiram as conchas no homem, que é uma espécie de gaivota ou ave marinha.

– É uma metáfora?

– Sim, é um ser parasita, como uma ratazana. Então, ele começa a conversar com as pessoas, que acabam revelando a ele todos os seus problemas, e ele responde, dizendo que considera os problemas delas extremamente fascinantes, que são problemas da terra e não do ar.

Eli, olhando em frente, acenou com a cabeça em afirmação e disse:

– Entendi.

– Entendeu? – perguntou ela. – Eu não. Achei que é, tipo, a pior fala que já ouvi. – Ela arqueou uma sobrancelha na direção dele.

– Vai, você deveria estar rindo disso?

– Não, estou mesmo ouvindo. Ele é um anjo, certo? Os anjos falam assim.

- Acho que já disse que isso ainda não está estabelecido.
- Sherry é a noiva?
- Sim. Ela não me contou o final. Quer que seja surpresa. Pode até ir embora com o homem alado. Sei que alguém vai embora com o homem alado.
- Atravessando o telhado?
- Esperemos que sim.

Eli juntou os lábios. Ajeitou os óculos, mas então os tirou de súbito. Os olhos castanhos-violeta brilhavam e a ela pareceu que o pôr do sol se refletia neles.

Demoraram o passo em razão da multidão de gente no City Hall Park. Uma adolescente observou Eli com interesse. Vestia calças jeans justas e um casaco de penas e empurrava um carrinho de bebê, acompanhada do namorado. Duas mulheres seguranças sentadas num banco junto à porta da saída do antigo Palácio da Justiça de Nova York observaram Eli através da fumaça dos seus cigarros. Não havia dúvida de que eram lésbicas, mas mesmo assim fizeram com toda a lentidão a avaliação completa. Emily costumava achar isso engraçado, o fato de ele ser tão atraente. Porque não importava. Ele era dela. E mais uma vez, sentindo como uma ferida aberta sempre que o pensamento a atingia, ele simplesmente já não parecia pertencer a ela. Começou a chorar.

Ele se virou para ela num ápice, dizendo:

– Está tudo bem. Vamos conversar outra vez. Vamos começar comigo lhe pedindo desculpa como se fosse a primeira vez que o faço. Foi a segunda pior coisa que fiz, abandoná-la naquele jardim. E a primeira coisa foi o que fiz com a Jenny, uma perfeita idiotice. Eu me envolvi com ela e fomos longe demais, lamento muito. Vou me arrepender para sempre. Só quero que este problema desapareça e que as coisas voltem a ser como eram antes.

- Você se envolveu com ela?
- Foi só isso. Sexo. Não significou nada.
- Você me abandonou naquele jardim, e agora me conta isso?
- Sim. Sexo. Pronto, já disse. E me odeio por ter feito aquilo. Jenny e eu tivemos uma reunião ontem. Ela vai se mudar para Los Angeles. Nunca mais vai ter de vê-la. Eu provavelmente também não. Não ia te contar até ser oficial, mas vamos fazer de conta que já é oficial.

– Mudar-se para a outra ponta do país é uma grande reação a algo que você insiste em tentar minimizar. – Emily desacelerou o passo.

– É e não é. Ela quer voltar para L.A. Essa questão também a incomoda. Nunca deveria ter acontecido.

Caminhavam ao longo da Church Street, na zona dos minúsculos restaurantes de *fast food*. Emily tinha sido consultora do logotipo e do caderno de encargos da 5 Napkin Burger. O restaurante estava vazio. Em seguida, passaram por alguns bares onde certa vez tinham caído numa grande bebedeira, há vários anos, quando ainda namoravam. Ela havia bebido vários uísques *sour* e acordara no dia seguinte com uma ressaca tão grande que quase nem conseguia ver. Lembrava-se de ter vomitado no banheiro do seu antigo apartamento em Mott Street, enquanto Eli estava na cozinha fazendo panquecas de mirtilo; foi aí que sentiu o começo da sua paixão por ele. Não tinham o hábito de beber. Mas naquela noite tinham se descontrolado e estavam se apaixonando. Passaram pela Babezta, uma loja que vendia roupas de criança. Ela fixou o olhar numa minúscula camisa de tecido escocês, vermelha e verde, que era absolutamente adorável, mas desviou logo o olhar.

– Pode me dar a mão – disse ela.

– Tem certeza? Mesmo que estejamos discutindo?

– Não quer? – perguntou. – Só estou pedindo que me dê a mão.

Deram as mãos e seguiram em direção à parte alta da cidade. Ela já não sabia em que rua estavam. Viu que era a Hudson, uma rua agradável e arejada, mas agora num estado caótico em razão do temporal daquela tarde de sábado.

Emily respirava com a boca aberta, lutando contra a raiva. Sexo. Pelo menos agora tinha um nome concreto. Sexo era mais claro do que “grande abraço”. Apertou a mão dele o mais que pôde. Mordeu o lábio inferior até sentir dor e o que achou ser sangue na língua.

– Estou falando sério sobre ela se mudar daqui – disse Eli. – Eu sei que é irrelevante para a situação em que estamos agora, mas ainda assim é verdade. Ela se preocupa com a empresa. Eu percebi isso e ia... aliás, preparei tudo para ela ir embora. Ela pode gerir a UBA em qualquer lugar. A ideia é ela levá-la para Los Angeles, onde faz mais sentido. Na verdade, em Nova York não precisamos de mais organizações de defesa do ciclismo. E lá ela tem o namorado.

– Não quero falar sobre ela.
– Nunca mais vai precisar. – Eli não parava de acenar com a cabeça. – Nunca mais.

– Você não pode obrigá-la a se mudar. E isso não resolve a questão. Não deve pensar que vai.

– Ela é que quer. Acho que o namoro é sério. Ela estava tentando se afastar dele quando se mudou para cá. Mas percebeu que o ama.

– Ela traiu ele também?

– Para com isso. Não foi assim. Para de dizer isso.

– Desculpa – disse Emily. Mas o arrependimento não era verdadeiro; sua mente tinha divagado um momento, para além deste impasse, para uma realidade onde poderiam estar melhor. Ele parecia arrependido. Provavelmente, aquilo já lhe acontecera mais de uma vez. Ela descobriu que era capaz de admitir isso para si mesma. Havia coisas piores. Um milhão de coisas piores. Chegara à conclusão inteiramente lógica de que era pior do que o que qualquer um dos dois dizia em voz alta, porque ele estava levando o problema muito a sério. E, no entanto, até mesmo a mãe tinha começado a dizer que era um problema com solução. Mesmo assim, sexo era uma traição. Andava, olhando para frente, sem perceber que largara a mão de Eli. Então, quando percebeu que não o sentia ao lado, virou-se para trás.

Ele estava de joelhos na calçada, de frente para ela. Não estava rindo, nem sequer sorrindo. Apenas olhava para ela.

– O que está fazendo?

– Por favor, volta para mim, Emily.

– O quê?

– Estou de joelhos.

Ela olhou em volta, envergonhada, e reparou que estavam no pequeno triângulo de parque entre a Hudson e a Duane, o Duane Park. As pessoas passavam por eles. Olhavam para trás, para Eli, que mantinha os olhos nela.

– Por que está fazendo isso? Parece um monge. – Deu alguns passos na direção dele.

– Prometo que nunca, nunca mais, volto a fazer uma coisa dessas. Nada do que fiz. Você é tudo para mim. Essas últimas semanas têm sido como

uma divisora de águas. Eu estraguei tudo. Nunca mais vou fazer besteira. Juro.

Ela continuou a fixá-lo. A voz dele era diferente, solene e sem qualquer leviandade. Sim, ele pertencia a ela. Poderiam conseguir que tudo voltasse a funcionar. Ela gostava disso.

– Está sendo pedida em casamento?

Emily olhou para a pessoa que falava. Não era nenhuma louca, apenas uma mulher idosa, passeando com um cão minúsculo de pelo enrolado. A mulher parecia encantada. O cão latiu à dona. Queria continuar o passeio.

– Estou? – perguntou Emily, cobrindo a boca em seguida.

– Que lindo! – A mulher pegou no cachorro e sussurrou: – Diga que sim, ele tem um ar tão sério. É tão bonito. Não quero atrapalhar o momento, mas diga que sim.

Eli abriu o seu sorriso notável.

– Não acha que ela deveria aceitar?

Duas mulheres dobraram a esquina do parque. Uma delas disse:

– Ela parece a ponto de chorar. Convença-a a dizer que sim antes disso!

Então, mais algumas pessoas perceberam a situação, exclamando: “Diga que sim, diga que sim!” Até um homem em um caminhão gritou a expressão, assim como alguns adolescentes que estavam junto da fonte, no meio do pequeno parque. Simultaneamente, havia outras pessoas que passavam e ignoravam a cena. Mas mesmo as que ignoravam, sorriam.

Emily franziu o cenho. Respirou o ar frio em golfadas e depois exclamou: “Sim!”, tão alto quanto podia. Só para que os deixassem em paz. Para acabar com aquilo.

Houve aplausos dispersos e Eli se levantou de um salto e a abraçou.

– Não foi incrível? – perguntou. – Adoro a tranquilidade deste parque. E não foi espetacular, com tanta gente nos apoiando? Você sabe que eu planejei isto tudo.

Ela não quis dizer que ainda se sentia insegura. Inclinou-se e o deixou beijá-la com ardor, a boca dela suavizando-se contra a dele, o beijo longo, se não apagando completamente, pelo menos roçando, sensualizando tudo o que tinha corrido mal.

Deram as mãos e continuaram o caminho pela Hudson Street.

– Quero que fique tudo bem – disse ela. – Mas odeio o que aconteceu. Quero que saiba disso. Odeio e não vou esquecer.

– Aceita o meu pedido de desculpas?
– Ela vai mesmo embora?
– Sim. Prometo que vai. Mas isso não é importante. O que é importante é que sou fiel a você.

– Quero que ela vá embora. Quero que seja como se isso não tivesse acontecido.

Emily cerrou o maxilar. Estava derrotando Jenny Alexandretti. Fazendo-a sair das suas vidas e forçando Eli a ser verdadeiramente humilde e arrependido e ainda mais dela. Ou dela, novamente.

– Você é quem manda. Eu te amo tanto. Não precisa se preocupar mais. Ela vai morar com o namorado em Los Angeles e eu e você podemos voltar a ser como éramos.

– Não como éramos – disse ela. – Não com você se sentindo livre para fazer o que fez.

– Não, melhor. É claro que nunca vou voltar a fazer aquilo. Vou ser uma pessoa melhor.

Emily não respondeu ao melhor. Não confiava no melhor. Queria que ambos fossem diferentes do que tinham sido. Queria nunca mais ter outro momento como aquele no jardim. Eli teria de se livrar de uma parte de si mesmo que ela não sabia que existia nele. A parte que era capaz de ter um caso. Não tinha certeza se seria possível. Mas teria de deixá-lo tentar.

– Promete? – Ergueu os olhos para ele. Eli tinha o braço à sua volta e ela deixou-se ser puxada contra o corpo dele, a bochecha afundada na camisa peluda.

– Prometo – respondeu ele. – Nunca mais vamos ter um momento tão ruim como aquele.

– Você não se colocou de joelhos nem quando me pediu em casamento.

– Então é como... como se agora estivéssemos realmente casados.

Ela não respondeu. Sentiu-se um pouco melhor, mas não suficientemente bem para admitir a Eli. Ainda não.

Stella Petrovic, outubro de 2011

Caro Peter Herman,

A minha mulher vai me deixar. Fizemos como disse e não resolveu. Eu sei que não nos podem devolver o dinheiro do livro estúpido que ela comprou.

Mas não posso pelo menos receber alguma coisa? No livro não havia nada sobre problemas exteriores. Vamos chamá-los assim, OK? Eu não tenho muito dinheiro e ela também não. Portanto, não temos. Mas os nossos pais às vezes nos rebaixam emocionalmente – na verdade, muitas vezes, agora que penso nisso. Ambos trabalhamos muito em empregos dos quais não gostamos. Você não fala de como resolver esse tipo de situação. Só diz: apoiem-se, apoiem-se, apoiem-se. Na canoa. Nós nunca entramos na canoa.

Por que é que estragamos tudo, quando no livro parece tudo tão fácil? Estou muito zangado. Só tenho vontade de morrer.

A única coisa que temos a lhe agradecer é o fato de não ter escrito mais nenhum livro estúpido.

Gostaria de ganhar este concurso para que a minha mulher e eu possamos ir a sua casa falar dessas coisas com você.

Likami Sobstory, Fukyu, MA

Pelo menos, o discurso tinha várias camadas... e senso de humor. Por alguma razão, Stella tinha começado a receber cartas pelo correio normal, dúzias delas diariamente, embora tivesse especificado que poderiam enviar por e-mail. Selecionara um par de assistentes de marketing para ler os e-mails, mas não conseguia evitar ser ela a abrir os envelopes. Pegou o abre-cartas e abriu mais um envelope. Subiu ao seu nariz um fedor de

cinzeiro. Encolheu-se e resmungou. Com um braço tapando o nariz e a boca, leu:

Caro Peter,

Por favor, mantenha esta carta confidencial porque, no caso de ganharmos o concurso, posso decidir não revelar o conteúdo do que vou escrever agora. Eu faço amor com um homem que não é o meu marido.

O meu marido é boa pessoa, me ajuda em casa, certifica-se de que os dois meninos levem os lanches, me ama e até faz um bom trabalho em manter as contas em ordem. Mas não me satisfaz fazendo amor. Não, isso é uma coisa que eu gosto de fazer com um homem do meu trabalho e às vezes com um outro que é amigo dele. Fazemos em estacionamentos, na parte de trás do carro dele. Às vezes há outros. Fora isso, somos normais. Será que sou viciada em sexo?

Pode ajudar, a mim e ao meu marido? Eu sei que ele sabe, porque às vezes o ouço chorando à noite no banheiro. E fico tão zangada e grito com ele sobre isso, sobre o que faço, sem lhe dizer o que é que faço. Eu sei que nós temos solução. E se eu pudesse aprender como fazer com que o meu marido me satisfaça? Pode nos ensinar como conseguir isso? Nós somos muito abertos sexualmente. Ou, pelo menos, eu sou. Podia ficar nos vendo tentando fazer e nos dizer o que é que está errado. Porque eu quero deixar de ter sexo em traseiras de carro com pessoas que são praticamente estranhas e voltar a fazer dentro de casa com o meu querido marido!

Matilda Gutierrez, Houston, TX

Caro Peter Herman,

Preciso de ajuda com a minha mulher. Ela anda ameaçando me deixar. É tudo por causa de dinheiro. Mas como é que eu posso ser responsável pelo estado miserável da economia deste país? Preciso que me ajude a lhe explicar isso.

Obrigado pela sua atenção.

Alan Chowski, Filadélfia, PA

Caro Peter Herman,

O meu marido se chama David e grita comigo quando estou doente. Ele tem um problema com doenças, por isso, quando eu tusso, ele me tranca no porão até que eu diga que não voltarei a tossir. Pode fazer ele parar com isso???

Outras vezes, ele é bom para mim; vivemos numa boa casa, mas eu sei que é um abuso. Ele é o ganha-pão da casa, com o seu trabalho de diretor de escola, e quando eu digo que devíamos recorrer à terapia de casal, ele me responde que ainda iria ser pior se eu descobrisse todos os problemas que tenho. Talvez ele tenha razão. Não sei, mas se ganhássemos o concurso, talvez ele sentisse vergonha de ir comigo visitá-lo e nós dois juntos podíamos arranjar uma maneira de o David não me obrigar a lavar a minha roupa todos os dias para afastar os germes. E de queimar a roupa íntima no fim de cada menstruação.

Está ficando impossível e eu quero fugir, mas talvez o seu concurso seja a solução.

Espero que ganhemos para podermos visitá-lo e conversar.

Anne-Marie Wilkinson, Sherman Oaks, CA

Stella tinha preparado uma espécie de minuta para esses tipos de carta, semelhante ao que fazia com as cartas de rejeição de manuscritos não solicitados. Continha uma listagem de linhas SOS nacionais, páginas na internet e organizações de aconselhamento. Duvidava de que fosse muito honesto em termos empresariais, mas isso não a incomodava – entendia que estava mostrando um elevado padrão moral.

Pegou uma minuta do topo da pilha e escreveu na parte superior da folha: “Os seus problemas parecem ser muito sérios. Por favor, recorra à ajuda de que precisa imediatamente” e enviou-a para Anne-Marie

Wilkinson. Depois atirou o resto das cartas na caixa de cartão que guardava no armário atrás da mesa.

Já se amontoavam algumas centenas delas, cada uma mais desesperada e perturbadora do que a anterior, em combinações chocantes. Nunca imaginara poder haver tantos casamentos terríveis e estava preocupada que toda aquela tragédia humana a contaminasse de algum modo. E se levasse os problemas dos outros para a sua vida privada com Ivan? Suspeitava de que isso já estava acontecendo.

Ainda não tinha encontrado um concorrente cujo casamento parecesse ter solução. E certamente não conseguira uma lista das dez melhores. Tinha planejado desde o início encontrar uma carta de um casal que reunisse todas as condições para ser divulgado e que não estivesse em perigo de se separar. Mas, aparentemente, assim que alguém se dava ao trabalho de participar de um concurso daquele tipo, a hipótese de o casal se manter junto era descartada. Olhou para as citações do *Canoa* que tinha imprimido com fonte 28 em papel branco e fixado no quadro de cortiça.

Ame infinitamente e sem questionar, como se os longos dias de verão nunca fossem terminar.

– Capítulo 14, Sobre a dúvida

Lembre-se de que, quando um homem quebra uma promessa no amor, quebra uma promessa a si mesmo também.

– Capítulo 3, Casamento e intimidade

Pegou o celular e enviou uma mensagem a Ivan.

Onde vai estar mais tarde?

Estava deprimida demais com o concurso para soar mais simpática. Se não conseguisse contornar a situação, Helena Magursky iria ordenar que cortassem em dois seu cartão de identificação da empresa. Ou não. Se não conseguisse fazer do concurso um sucesso, iria simplesmente evaporar, como a marca de café que deixava na sua caneca da LRB ao fim de cada dia. Deixaria de ser convidada para as reuniões. Já ouvira dizer que o mesmo acontecera a outros. Bons editores subitamente ostracizados, deixados de fora de redes de e-mail versando os livros que eles próprios

editaram e ignorados nas reuniões importantes até serem vistos a desfilar pelo corredor acompanhados de uma das jovens do departamento de RH, de mala na mão e, por vezes, chorando. Para! Stella sabia que estava sendo ridícula. Era inteligente e iria correr tudo bem. Rezava apenas por uma boa carta.

Ivan respondeu à mensagem. Iriam se encontrar dali a algumas horas no Randy's Shake-It-Up, um bar novo, perto do apartamento dela, que fazia ovos recheados incríveis. Certamente estaria abarrotado de gente. Também podiam ir para a casa dela, ver um filme no computador e comer os vegetais tailandeses com tofu que tinham sobrado do fim de semana. Talvez Ivan topasse isso e, mais tarde, podiam fazer sexo. Ou talvez não. Céus, ultimamente andava tão “é pegar ou largar”... Claro que culpava o trabalho deprimente por isso, pois parecia tomar conta de tudo. Mas não tinha sido tudo ideia dela? Exato, o melhor era se decidir pelos ovos recheados, umas bebidas borbulhantes com uísque e, depois, sexo apaixonado. Jogar fora as sobras. Ainda era jovem e merecia se divertir.

Leu uma nova mensagem de Ivan:

Hoje nos molhamos, amanhã descobrimos como salvar esta canoa de afundar.

Ah! Expirou o mais alto que conseguiu e abriu mais uma carta.

Caro Peter,

Se me perguntar, e o meu marido fala isso constantemente, eu não sei amar. Será que podia me ensinar? Mas eu não quero ir visitá-lo com o meu marido, quero encontrá-lo sozinha, nua e vulnerável...

Stella amassou a carta, arremesou-a no ar e se afundou na cadeira.

Extraído de *O casamento é uma canoa*, **Capítulo 4, O que é o casamento?**

Na maioria das manhãs, saíamos para o lago por volta das oito horas. Claro que o vovô e a Bess acordavam sempre mais cedo do que eu. Assim que ouvia movimento, me esforçava para acordar porque queria mesmo! Queria pescar peixe. Adorava o ritmo dos nossos dias.

Eram umas onze horas da manhã de sexta-feira, no fim da nossa segunda semana juntos. Não tínhamos apanhado nada e estava muito calor. Ouvíamos Roger Miller cantando “In the Summertime You Don’t Want My Love” vindo do rádio de algum trabalhador, do outro lado do lago. Eu tinha na cabeça o meu boné dos Yankees. Lembro-me de tê-lo tirado e usado para limpar o suor da testa.

– Quer comer agora, Peter? É cedo, mas vejo que está com fome.

– E muita.

O vovô abriu o embrulho de papel vegetal com os sanduíches que a Bess preparara para nós. Estavam recheados com mortadela, azeitonas e fatias grossas de queijo *Muenster*, que o vovô comprava de seu amigo Jake Duncan, gerente da mercearia *gourmet* no A&P da cidade. Havia ainda folhas frescas de alface americana, colhidas na horta na noite anterior, e fatias grossas de pão caseiro que Bess fazia questão de fazer de poucos em poucos dias, com a geleia de tomate que o vovô e a Bess tinham feito na manhã do 4 de Julho, antes de termos ido todos até a cidade comprar bombinhas.

O vovô disse:

– Falamos com a sua mãe no telefone ontem à noite. Ouviu?

– Não – respondi. – Devia estar lendo o *Rei Artur*. Ou então já estava dormindo Como é que ela está?

– Vai ficar bem. – Fez uma expressão séria e olhou para a extensão do lago, na direção do som metálico do rádio.

– Vô?

– Sim, Peter?

– O que acha que aconteceu entre a minha mãe e o meu pai?

O vovô limpou a boca com um lenço azul de algodão que guardava no bolso das calças. Virou a cabeça para a esquerda e para a direita, a tal ponto que eu comecei a me preocupar se ele não estaria se machucando.

– Isso vai ser difícil de ouvir. Mas os seus pais... bem, o que acontece é que eles simplesmente cagaram no casamento que tinham, foi isso que fizeram.

Tentei não me engasgar. Nunca o tinha ouvido dizer palavrões e aquela palavra, *cagaram*, assim conjugada em verbo, mas, no entanto, um palavrão, resvalou aqui dentro e me esbofeteou como ninguém até o momento tinha feito.

– Estão sempre discutindo! E sem mostrar nenhuma ternura e amor de que um casamento precisa. Bess e eu podíamos perceber daqui. Isso me deixa furioso, posso dizer.

– Por quê?

– Educamos a sua mãe o melhor que pudemos e maldita seja se ela prestou atenção um momento que fosse, porque... – O vovô se interrompeu.

– Por que o quê?

– Porque nada disso teria acontecido se ela tivesse prestado atenção!

– Isso não é justo! – exclamei. Apoiei a testa nos joelhos e pus os braços em volta da cabeça, de modo a não conseguir ver mais nada que não fosse o fundo escuro da canoa e os meus tênis, para não sentir o tremor proveniente do meu choro ou as palavras que ecoavam em meus ouvidos.

– Está bem, tem razão. Não foi justo o que disse. Peço desculpa. Não conte à Bess que falei assim. Ela não ia gostar.

Ficamos quietos. O lago que nos rodeava parecia sussurrar: “Calma, muita calma. Vai demorar algum tempo para sarar.”

– Por que é que a minha mãe não prestou atenção?

– Porque passava grande parte do tempo bebendo e no restante sentia vergonha. Pelo menos reconheceu que você tinha certo jeito para contador de histórias e, nesse aspecto, é mais parecido comigo e com Bess. Vou fechar a matraca agora.

Levantei a cabeça e disse:

- Vê? O que queria que ela soubesse?
- Uma coisa muito simples.
- Está bem, me conta; eu não vou esquecer.
- Vai, sim.
- Vá lá, vovô, por favor?

Ele ergueu as sobrancelhas e levantou um dedo ao céu quente azul e branco e disse:

– O casamento deve ser *in loco*. Quando estamos juntos, temos de estar verdadeiramente um com o outro. Deve saber que, mesmo quando não é perfeito, é sagrado. Nunca deixe o *loco* do casamento erodir. É um solo sagrado que deve sempre comemorar e se sentir grato por poder viver a sua vida nele. Seja forte nisso! Mantenha-se fiel a esse princípio.

– Mas ela não é forte, vovô.

– Eu sei. A culpa não é dela. Eles estragaram tudo juntos. Dói, mas a culpa não é de ninguém. Mas você pode se lembrar do que acabei de dizer, não pode? Guarde dentro de você, para um dia, quando crescer e se casar. Você é um rapaz da cidade e é forte.

– Sim – respondi. Compreendi que o vovô estava desesperado, que precisava acreditar que eu faria na minha vida o que a filha não fizera na dela. – Vou me lembrar.

O casamento de vocês é sagrado.

Quando estiverem juntos, estejam verdadeiramente um com o outro.

Emily, outubro de 2011

– Eu não disse que concordo com a mamãe – disse Sherry.

– Você está dizendo isso! Está agindo como se concordasse.

– Bem... – Sherry franziu a testa. As duas estavam na sala de estar de Emily. Era fim de tarde de segunda-feira. Sherry estava enroscada numa poltrona de camurça vermelha que Eli tinha obtido em um fabricante de móveis de Bushwick em troca de uma bicicleta, em parte para fazer uma surpresa a Emily, dissera. Ela não gostava tanto da poltrona como ele.

– Você fica muito bem nessa poltrona, Sherry. Ela lhe dá um ar sexy – comentou Emily.

– Já te disse que me livro dela se arranjar alguém que a entregue – disse Sherry. – É um pouquinho estranho que a mamãe diga que é um problema com solução, sabe? Mas, eu acho que concordo com ela.

– Fiquei surpreendida pela convicção com que ela disse aquilo – comentou Emily.

– Quando é que ele volta para casa?

– Daqui a uma hora, provavelmente. – Emily se esticou mais no sofá, pôs as mãos atrás da cabeça e olhou para o teto.

O ambiente estava iluminado de forma suave e elas ouviam o último álbum dos National; Emily tinha namorado com o vocalista da banda antes de ele casar e ainda recebia os álbuns antes do público geral. A maioria das músicas dos National e grande parte da música de que Sherry gostava soavam sempre as mesmas a Emily, mas ela nunca admitiria. Estavam bebendo vinho tinto. Tinham acabado de comer tacos de salada e carne que mandaram vir do restaurante Oaxaca, na Smith Street.

Eli estava no Bronx, ajudando a embalar uma dúzia de bicicletas destinadas a uma loja em Austin.

– A mamãe foi fantástica, na verdade. Ela me contou uma história sobre uma época em que papai começou a dar carona para umas assistentes bonitas e que ela lhe disse que ele tinha de parar com isso e ele parou. Ou

seja, papai parou com as escapadelas. Foi a mesma situação. Um caso sem importância no começo do casamento e eles conseguiram esquecer tudo.

– De verdade? – perguntou Sherry, arrastando as palavras.

– Sim, isso foi antes de o papai parar de beber. É inacreditável que nunca tenha destruído nenhum carro.

– Teve vários acidentes.

– Não sei por que razão se casaram. São duas pessoas com personalidades completamente opostas. Mas, voltando ao assunto, mamãe me disse que acredita em mim e no Eli. Nunca tinha me dito isso.

– Ela quer que você tenha filhos. – Sherry inclinou um pouco a cabeça.

– *Eu* quero que tenha filhos.

– Eu concordo com vocês. Este seria o momento ideal para começarmos. Tenho trinta e três anos.

– Pois é – concordou Sherry. – Mamãe nunca me contou essa história. Pensei que já tínhamos ouvido todas as histórias terríveis pelo menos umas nove vezes.

– Se tiver sorte, nunca terá de ouvi-la contar essa.

– Não é que eu não queira casar, eu quero – disse Sherry. – Então e agora? Volta tudo ao normal?

Emily examinou a irmã mais nova. Sherry tinha o cabelo penteado para trás. Usava um batom vermelho e um vestido vermelho-escuro de ar *vintage* da Mayle que tinham comprado juntas em uma liquidação. Daí a pouco, Sherry teria de ir se encontrar com o amigo e produtor no Black Light Basement, um novo *lounge* situado em frente ao antigo Don Hill's, na zona mais a oeste de Manhattan. Ela não tinha pressa de se casar.

– Agora tentamos consertar a situação – respondeu Emily. Esticou-se para se servir de mais vinho. – Continuamos tentando ser carinhosos e românticos e a reconstruir a confiança. Talvez devêssemos sair com você hoje – sugeriu. – Uma espécie de *double date*.

– Eu não vou ter um encontro romântico – disse Sherry com uma gargalhada.

– Acredita que o Eli é capaz de mudar? Acha que ele não vai voltar a me fazer uma coisa dessas?

– Os nossos pais não se separaram porque ele a traiu daquela vez. Não foi isso que mamãe quis lhe dizer?

– Não acho que ela fosse capaz de dizer para eu não me separar só para lhe dar netos.

– Ele ainda faz você se sentir *sexy*?

– Quer perguntar se ainda temos relações sexuais? Sim, claro que sim. Ainda esta manhã bastou eu tocar no ombro dele para mergulharmos num sexo intenso. Fazemos isso constantemente.

– E é bom?

– É sexo de reconciliação. Mas, sim, é. – Emily bebeu um pouco de vinho. – Sei que disse que concorda com ela, mas acha que mamãe pode estar errada e eu estou louca? – perguntou.

– Não, nem pensar! Claro que detesto ver você assim triste, mas você quer sempre tanto, Emily. Acho que isso é bom, mas também é muito difícil, sabe, viver de acordo com as suas expectativas. Não que eu esteja do lado dele.

– Eu quero demais? Espera, o que quer dizer com isso? Está defendendo ele?

– Óbvio que não. Mas você tem tendência a ser um pouquinho controladora. Ao mesmo tempo, merece tudo aquilo que deseja. Sabe bem que é isso que quero dizer. – Sherry se levantou e foi se olhar no espelho por cima da lareira. – Talvez tenha sido um aviso da parte dele... para lhe dar um certo espaço, entende?

– Sherry, o que está dizendo é repugnante.

– Eu sei. Mas ele é um homem grande; e precisa de um mundo amplo, onde possa jogar. O que acontece às pessoas tímidas como você é que têm tendência em serem muito reservadas. Você pode ser bastante introvertida, se é que me entende. – Sherry continuou a se olhar no espelho.

– Falei com mamãe sobre isso. Abordamos esse assunto. Você é melhor do que qualquer uma de nós controlando as coisas, mas Eli é uma pessoa difícil de controlar.

– Então você e mamãe conversaram e “psicanalisaram” a coisa toda e a conclusão a que chegaram é que eu sou controladora. Sou a vítima, mas vocês duas pensam que eu sou controladora. – Emily se endireitou no sofá.

– Não é bem assim, você sabe disso – disse Sherry com um revirar de olhos.

Emily olhou para uma das prateleiras em cima da estante e viu o *Canoa*. Foi até lá, tirou o livro e disse:

– Lembra disso?

Sherry se voltou e olhou para o livro nas mãos de Emily.

– O que é?

– *O casamento é uma canoa*. Este é o exemplar que você me mandou de Los Angeles, há uns anos.

– Você tem lido?

– É como canja de galinha.

– Ouvi alguma coisa sobre esse livro recentemente... já não me lembro o quê. Esquece, não seja ridícula, Emily. Terapia de casal, talvez, mas não um livro bobo. Eu o mandei por brincadeira, porque me lembrei do quanto você gostava dele quando eu tinha uns nove anos. – Sherry voltou a se olhar no espelho da lareira, continuando: – Se soubesse o quanto valoriza os meus presentes, tinha lhe dado mais.

– Que tal me presentear com o seu esforço para compreender, por um segundo que seja, a seriedade da minha situação?

– Então por que é que você trouxe a tona uma porcaria de um livro de autoajuda?

– Porque o livro reflete verdadeiramente sobre as relações. Mamãe não. Ou seja, é bom que tenha conversado com ela, mas mamãe é uma pessoa emocionalmente covarde e você sabe disso. Rezemos para que nenhuma de nós acabe como ela. Se eu ficar com Eli, será porque decidi me empenhar e enfrentar o nosso problema. Coisa que ela não fez com papai.

– Emily, eu te amo e entendo o que quer dizer – disse Sherry. Estava com o celular na mão.

– E agora você está indo embora. – Emily se sentou, com força, no sofá. – Desconfio de que a verdade que não está querendo dizer é que se fosse com você, abandonaria Eli.

– Isso não significa que seja a atitude mais correta. Nós somos diferentes. Não fique chateada comigo – disse Sherry depois de ter chamado um táxi.

Eli chegou em casa vinte minutos depois de Sherry ter saído. Tocou a campainha porque se esquecera da chave, por isso ela teve de ir abrir a porta para ele. Na entrada, ele a abraçou e fixou os olhos nela profundamente como fazia agora todos os dias. Começara a notar que

quando ele fazia isso, quando focava os olhos nela daquela forma intensa, ela se sentia menos só do que habitualmente. Aprendera a não se importar com o sentimento de solidão. Grande parte do tempo, o seu trabalho a obrigava a ficar sozinha escrevendo. Mas agora que Eli lhe dava tanta atenção quando estavam juntos, ela começara a perceber que a mudança era muito agradável.

Eli disse:

– Antes de mais nada, quero lhe dizer que decidimos ir ainda mais longe do que tínhamos planejado inicialmente. Eu me reuni com Rick e Steven e o melhor para as duas empresas é fazer um *spin-off* da UBA. É o que faz mais sentido. Eu não quero me envolver em negócios sem fins lucrativos. A UBA será inteiramente sediada em Los Angeles.

Emily fez um aceno de cabeça. Eli aprendera a não mencionar o nome de Jenny. Repousou a mochila junto à porta da entrada e perguntou:

– E você? O que fez hoje?

– Sherry esteve aqui.

– E ela saiu para ir a algum lugar divertido?

– Exatamente – respondeu Emily esboçando um sorriso. Eli se aproximou. Ele cheirava a suor limpo e ela se sentiu rendendo a ele. Ele foi tomar banho e ela deixou-se ficar onde estava, no balcão da cozinha. Encostou-se na parede porque descobrira que quando suas costas doíam, inclinar-se ali a aliviava. Poucos minutos depois, ele voltou vestindo apenas cueca e uma camiseta azul com o logotipo da Roman Street.

– O que me diz daquela viagem ao México? – perguntou ele.

Tinham planejado ir no fim do inverno ou início da primavera. A Cidade do México era uma boa escolha porque havia muito mercado para as bicicletas dele. E Emily poderia passear e conhecer a cidade. Ela sabia que ia adorar ir lá.

– Vem cá me dar um beijo – disse Emily.

– Podemos marcar a viagem?

– Vem cá. Estou aqui esticando das costas.

Eli se aproximou e pressionou seu esterno com a palma da mão.

– Eu cuido de você.

– São as costas que doem. Pode fazer uma massagem em mim.

– Desculpa! – Com uma risada, virou-a e começou a massagear suas costas.

– Só precisa continuar fazendo isso se quiser – disse ela.

– Eu quero – respondeu Eli.

Ela deixou a cabeça cair para trás, subitamente impressionada com o seu discernimento. Não era assim tão direcional, era? Não, não achava que fosse. Talvez estivesse se tornando mais inteligente em termos emocionais, o que seria bom, sobretudo se conseguissem ultrapassar esta fase, sendo mais felizes do que antes de ele ter se desviado do caminho. Começava a imaginar que isso fosse possível.

– Ei, Emily? – disse Eli. – Está lendo meus pensamentos?

– Não. Mas sabe muito bem o que está fazendo.

Queria que ele a desejasse, mas não queria ceder tão facilmente. Sabia que ele adorava o cheiro dela, aconchegar o rosto no pescoço e deslizar as mãos para dentro do sutiã de renda. Como fazia agora. Fechou os olhos e voltou a abri-los, só para espiar quais eram as intenções dele, uma vez que ainda não confiava completamente nele, ainda não. Eli estava com os olhos fechados, beijando-lhe o pescoço, o colo e os ombros.

Ela se pegou pensando na época em que se conheceram, aqueles primeiros meses. Começou por inserir um momento daquela época, uma memória de um pensamento que tivera: “Quando estivermos casados, há a possibilidade de outras mulheres se atirarem nele; se eu quiser me manter com ele, terei de passar por traições. Isso pode acontecer uma vez ou outra. Serei capaz de suportar isso?”

Recordou a antiga Emily que se apaixonara por ele e disse a si mesma: “Está bem, se ele consegue me fazer tão feliz, sou capaz de perdoá-lo. Admito que fico contente por ele ser meu. Mas temos de ser capazes de controlar essa situação. Temos realmente que trabalhar para que nosso casamento funcione.”

Peter, outubro de 2011

– Considerando que Belinda é uma mulher lésbica que não mostrou qualquer interesse em partilhar com você a educação dos filhos, não querendo viver perto de você para que pudesse visitar crianças que ela ainda não tem, é uma preocupação que não me parece que deva abordar agora – disse Maddie no momento em que ela e Peter entravam na sala de jantar de Sally Forth. – Embora eu não entenda por que nos mantêm longe uma da outra. Ela me parece ser uma pessoa inteligente e amável.

– Eu só disse que ela pode vir a ter filhos – replicou Peter.

– Sim, pode. Mas a Anjulee vai ter um filho agora. Por isso, me mudar para mais perto dela antes do fim do ano é uma necessidade, pelo menos para mim.

– E eu prometi que faria isso.

– Sim – Maddie parecia estar falando consigo mesma –, prometeu.

Henry estava sentado na mesa mais perto da lareira. Acenou para eles. Passava pouco das três, numa tarde de quarta-feira.

– Olá aos dois – cumprimentou Henry. – Maddie, está linda, como sempre.

Peter deu uma olhada em Maddie, confirmando como estava bonita, usando calças cáqui que moldavam o corpo, *mocassins* e um xale roxo repousado descontraidamente por cima de uma camisa de tom escuro.

– Volto já. – Peter foi ao banheiro. A próstata estava se tornando um problema, mas não tinha vontade nenhuma de ir ao médico. Parte do que corra mal com Lisa foram as excessivas visitas ao médico.

Pelo menos, graças a Deus, o banheiro ainda mantinha o papel de parede feito com histórias em quadrinho eróticas com imagens de Sally Forth, do desenhista Wally Wood. A pousada tinha mudado tanto ao longo dos últimos anos que, olhando ao redor, Peter agradeceu em silêncio a Henry por ter tido o bom senso de deixar as centenas de imagens da maravilhosa Sally Forth de fartos seios. No início dos anos 1980, Peter

fora responsável pelas decisões de decoração de ambas as pousadas, depois de os pais de Lisa as terem reformado. Tivera a ideia brilhante de forrar os banheiros masculinos das duas pousadas com os livros de histórias em quadrinho de Sally Forth que comprara de um veterano do Vietnã numa venda de garagem em 1975 e que escondera no porão. Lisa nunca entrava no banheiro masculino, por isso nunca descobrira. Peter ficava contente por ainda permanecerem ali. Embora tivessem uma aparência velha e amarelada, ainda era muito divertido olhar para aquelas imagens.

Antes de sair, ao voltar a examinar os desenhos sexy de Sally Forth, percebeu que obviamente Lisa sabia sobre o papel de parede. Ela sabia de tudo. Ele tinha escrito o livro, entrado na vida dela, e tudo depois disso fora de autoria dela. E ele tinha concordado. Tivera a coragem de vir para Millerton atrás dela. Ela não esperara muito de Peter, depois disso. E claro que ele tinha sido um bom pai para Belinda. Ambos foram.

– O banheiro está ótimo – disse Peter ao sentar-se à mesa.

– Devíamos tirar aquelas tirinhas indecentes e pintar as paredes – disse Henry –, mas não consigo me convencer a fazer isso.

– Fico feliz por ouvir isso.

– O que há lá dentro? – perguntou Maddie. Bebeu um gole de chá, que Peter calculou ter sido preparado por Henry antes da chegada deles.

– Nunca saberá. – Peter tocou suas costas e ela sorriu. – Alguma hipótese de um uísque vespertino?

– Durante o dia somos mais uma espécie de café – disse Henry.

– Isso deve ser a coisa mais estúpida que já ouvi – respondeu Peter. – Aquilo é um bar ou não? Vejo uma garrafa de Johnnie Walker ali mesmo! Por isso, me sirva um copo com um cubo de gelo. Por favor!

– Pronto, está bem – cedeu Henry. – Mas sirva-se você.

Peter levantou-se de novo e foi para trás do bar. Todavia, nesse momento se lembrou de que Maddie não gostava de vê-lo consumir bebidas alcoólicas e quando se deu conta estava de braços esticados a uns centímetros da garrafa, como que acenando para ela. Esperava que não estivessem olhando para ele e virou-se rapidamente para eles, pousando as mãos no balcão do bar como se fosse o *barman*.

– Antes de falarmos sobre essa sua grande proposta – disse Peter em voz alta –, eu tenho uma para você.

– Qual é? – perguntou Henry.

– Vai haver um concurso. – Peter contou-lhes a história. Sentiu-se como quando era pequeno, falando cheio de entusiasmo com uma menina sobre um jogo de beisebol do qual tinha participado; o jogo era mentira, mas o interesse dela não. Embora agora a situação fosse oposta, percebeu enquanto falava, observando a expressão nos rostos de ambos e vendo-os perder o interesse. Quanto mais pensava, mais o concurso se tornava importante. Por que é que eles não mostravam interesse? Não, para eles, tudo o que importava era amizade, dinheiro e os seus cuidados com o futuro e a família.

Para eles, o concurso estava tão longe como qualquer outro meio de comunicação e talvez o achassem um pouco irrelevante e estúpido. Calou-se. Viu Maddie sorrir para ele. Não importava se soava estúpido ou não, ela olhava para ele como se o amasse. Era perturbador.

Finalmente, Henry afirmou:

– Não sei se queremos esse tipo de publicidade.

– Como? O que é que pode trazer de mal? – Peter saiu do bar e voltou a se sentar à mesa. Deixou as mãos caídas ao lado do corpo e respirou fundo, fazendo a barriga inchar como um balão.

– Um concurso para salvar o casamento? O vencedor ganha uma estadia de duas noites aqui? E conselhos seus? Não faz da pousada o lugar ideal para uma lua de mel dos sonhos, não acha?

– E desde quando é que teve essa fama? – perguntou Peter.

– Nós recebemos recém-casados! – justificou Henry.

– Ah, me poupa! De Albany, uma ou duas vezes por ano. Bem-vindo ao presente, Henry. As pessoas agora vivem as suas vidas publicamente. Estive falando com a minha editora e, acredite em mim, isso é absolutamente normal.

– Acha que eu não vejo como a sociedade vem abandonando o conceito de privacidade? – perguntou Henry.

– Acho que você é um caipira em termos culturais! – exclamou Peter, batendo com as palmas das mãos na mesa.

– Parem já com isso! – interrompeu Maddie. Estendeu a mão, pegando a de Henry. – Claro que o casal vencedor vai ficar aqui na pousada. Vamos deixar o concurso do Peter de lado um pouco.

– Henry, não tinha uma proposta para fazer ao Peter?

– É isso mesmo – respondeu Henry, respirando fundo antes de continuar. – Nós geramos valor aqui na pousada. Mas, ao mesmo tempo, assumimos mais dívida do que...

Henry continuou o seu discurso e Peter ficou com os olhos fixos no velho amigo, sentindo o peito e a testa quentes. Meio minuto passou até que Peter finalmente disse:

– Repete isso.

– Desculpa, Peter, mas esta é a quantia que este caipira tem para lhe oferecer.

– Essa é a quantia? – Peter dirigiu a pergunta a Maddie, que não reagiu. E Peter, na verdade, não tinha ouvido o montante.

Tentou sorrir. Perguntou:

– Isso é uma conspiração?

Henry era capaz de fazer os olhos faiscarem por trás dos óculos e, enquanto Peter o observava, ele fez isso. Peter tinha vontade de lhe chamar de idiota, mas se conteve.

– Eu criei mais valor do que contribuí para a dívida – disse Peter, cauteloso. Era um peixe fora d'água no que dizia respeito a questões financeiras e os três sabiam disso.

– Claro – disse Henry prontamente –, claro que vale mais do que estou lhe oferecendo. Mas eu estou comprando dívida, Peter, não valor. Estou lhe dando a oportunidade de ficar completamente livre de dívidas.

– Sim, a vinte centavos por dólar. Isto é, se é que eu ouvi bem?

– Eu podia me recusar a comprá-la! – cuspiu Henry, e Peter sentiu a saliva do velho amigo atingir seu rosto. Henry prosseguiu: – A ideia não foi minha, Maddie é que veio falar comigo.

– Mas você é que definiu o preço. Sobe para vinte e cinco centavos – propôs Peter.

Henry abanou a cabeça e disse:

– Deve confiar em mim. Sabe que nunca faria nada para prejudicá-lo.

Mantendo os olhos postos na mesa, Maddie disse:

– Peter não me fez qualquer promessa em relação aos seus negócios. Eu é que fui intrometida e estamos fazendo o seu querido amigo Henry perder o tempo dele.

– É isso mesmo. E não vou aceitar! Não vou ceder! Vamos encontrar outra solução. – Peter se levantou, dizendo: – Não vivi a minha vida toda

para passar os anos que me restam numa retirada covarde! Sou dono da minha própria casa e prefiro hipotecá-la a desistir da pousada.

– A sua casa não vale o suficiente para resolver o problema. Este era meio caminho andado para libertá-lo. – Maddie parecia estar falando para si mesma. Repousou uma mão em cima da outra na mesa com um ar incrivelmente tranquilo.

– Não – afirmou Peter. – Digo “não” a tudo isso.

Virou as costas e saiu em direção ao estacionamento, passando por uma das empregadas que, tendo terminado o turno, se preparava para ir para casa. Foi fácil convencê-la a lhe dar uma carona.

Meia hora depois, estava ao telefone com Stella Petrovic, sentado na cozinha, com um copo de água fresca à sua frente. Percebeu que era incapaz de parar de bater os dedos na mesa enquanto falavam.

– Se não gosta das cartas que está recebendo, por que não suaviza o argumento de vendas? Não se trata de um casal com problemas. Trata-se de um casal que vai fazer um *checkup*, entende? O *slogan* de salvar o casamento perturba as pessoas. É mais uma conversa saudável, só isso.

– Continue – pediu Stella. – Estou escrevendo o que diz.

– É sobre um casal com alguns anos de casamento que vem me visitar e... não é nada de que possam se envergonhar... conversar comigo sobre o casamento e o seu significado. Só precisamos de um bom casal, com um relacionamento sólido. Queremos salvar pessoas, mas não queremos morrer tentando.

– Quem me dera ser uma mosca e poder assistir a essa sessão – disse Stella.

– Sessão?

– O tempo que vocês vão passar juntos: a tarde e a noite de que estamos falando.

– O melhor é pensar nisto como uma visita. Há uma certa doçura nesta aceitação. Acredite no que digo, partilhar sabedoria e resolver problemas não é a mesma coisa. É o ângulo da sabedoria que está faltando a...

– Sim? – Ela soava ansiosa. Ele sorriu. Quem não gostaria de conversar com uma jovem ávida de Nova York, instruída para tratá-lo com todo o respeito? Ele quase riu alto. Uma hora antes se sentia terrivelmente velho. Mas agora estava melhor. Falando com pessoas que não compreendiam totalmente o que ele era... isso o fazia se sentir bem.

Continuou:

– É um projeto nostálgico. Como um catálogo da Restoration Hardware que costumava receber pelo correio, com produtos dos anos 1950 e 1960 restaurados. A nostalgia vende. Ambos sabemos disso.

– Tem toda a razão, Peter. Só não apareceu ainda a carta ideal. Eu não quero reuni-lo com um casal que seja diferente do que acabou de descrever. Ninguém ia querer um casal que arruinasse o sentimento nostálgico daquilo que se tornou o projeto de uma vida para você.

– Muito bem dito. Agradeço o cuidado que está tendo.

– E nós estamos tremendamente agradecidos por ter aceitado!

Ele se levantou e começou a passear pela casa, tentando imaginar como seria a visita dos vencedores. Onde é que iriam se sentar?

Disse:

– Vai encontrá-los. Eles estão por aí.

– Tenho certeza que sim. Convenci o departamento de marketing a gastar mais em anúncios, tanto em revistas como em sites, mas claro que o custo adicional também faz elevar o risco e a pressão...

– Ahã – concordou ele, meio distraído. Olhou para a rampa de entrada da casa e viu Maddie estacionando o seu silencioso Mercedes.

Stella disse:

– Eu não faria nada disso se as histórias do seu livro não fossem tão importantes para tanta gente. Isto é, eu só descobri o *Canoa* há alguns meses, mas agora que o conheço, as palavras que escreveu parecem saltar à vista em toda a parte. Perguntei aos meus pais se conheciam o *Canoa* e até eles já ouviram falar do livro. A minha mãe o ofereceu a uma amiga que estava passando um mau bocado. O que quero dizer é que o *Canoa* parece que faz parte da história americana...

Maddie saiu do carro com toda a calma. Viu Peter olhando para ela e franziu o cenho. Virou-se novamente para ir buscar o xale no carro. Ele pensou: “Eu arranco ele num instante. Puxo a blusa de seda para baixo e afasto as alças do sutiã dos ombros e deixo as minhas mãos cobrirem seus seios fartos.” Sentia certo orgulho por aquele pensamento atrevido. Mas pela expressão no rosto dela, não parecia que Maddie estava no mesmo clima. Embora ao longo dos meses que já tinham passado juntos, ela o houvesse surpreendido mais do que uma vez com súbitas sessões de sexo vespertino.

Stella ainda falava, mas ele a interrompeu, dizendo:

– Espero que um dia desses possamos nos conhecer pessoalmente, Stella. Mantenha-me a par de tudo.

– Certamente. Vamos encontrar um vencedor.

– Claro que sim.

Desligou o telefone e foi encontrar Maddie à porta. Sentia um pouco de dor nas costas, talvez por ter estado aninhado no banco junto à janela, numa posição desconfortável.

Ela entrou e perscrutou seu rosto com os olhos negros.

– Peter – disse, pousando a bolsa na mobília junto à porta de entrada. Atravessou a casa até a cozinha e ele a seguiu.

– Quer ir dar uma volta no lago? – perguntou ele, percebendo de imediato que não.

– Passear? Você virou as costas e me abandonou lá na pousada. Foi assim tão horrível, Peter?

– Não gostei do rumo que a conversa estava tomando.

Ele tentou brincar, fazendo o movimento em câmara lenta, assim esperava, arqueando o pescoço para trás com um gemido de dor, como se tivesse levado um murro no queixo e logo em seguida um tiro no peito. Cambaleou até ficar encostado à zona de trabalho do balcão da cozinha, sentido os contornos suaves e recuperando o equilíbrio.

– Ainda precisa vender a sua casa. Podemos esperar até a próxima primavera para nos mudarmos. – ele disse.

– Tem sessenta e dois anos. Já passa da hora de recomeçar a sua vida e fazer outra coisa. Por que perder tempo?

– Perder tempo? Acho que não expliquei bem o significado deste concurso. É muito importante para mim. Faz parte do meu legado.

– Do seu legado? Não sei se concordo que um concurso baseado numa campanha de marketing realça um legado, mesmo estando disposta a me forçar a concordar que um único livro possa constituir um legado.

– Ainda vende. Ainda está... tanto quanto sei, ainda continua a ser reeditado. – Interrompeu-se um momento, retomando em seguida: – Por que está tentando me arrastar com você? Também pode ser divertido para você.

– Tem razão. – Ela inclinou a cabeça. – Tentei explicar isso mesmo ao Henry.

– Explicar o quê?

– Como a minha fé nos outros sempre me arranja problemas.

Ele desviou o olhar e inspirou por entre dentes.

– Vamos dar uma volta a pé? – sugeriu.

– Não – respondeu ela, continuando a abanar a cabeça. Ele teve vontade de beijá-la no ombro, por isso atravessou a cozinha gelada e beijou, puxando a gola de sua camisa para baixo. Ela o afastou.

– O que posso fazer, Maddie? – perguntou ele.

– Desculpa, Peter. Eu fiz sempre a vontade do meu marido e me arrependo disso agora. A minha filha precisa da minha ajuda. Você prometeu e agora está com dificuldades de cumprir essa promessa. Eu compreendo.

Ele sorriu. Tinha prometido? Sabia que as suas promessas não eram de confiança.

Maddie prosseguiu:

– Há pouco você queria uma bebida. Acompanho você, mesmo sabendo que não devo confiar em você. Que tal vinho branco? Tem alguma garrafa?

– Deve haver alguma por aí.

Saindo da cozinha, foi à despensa, mesmo sabendo que o vinho não estava lá, para tentar ganhar tempo e ter uns minutos para se recompor, para não revelar com mais certeza o que ela já descobrira sobre ele.

– Quer cantar uma velha canção comigo? – murmurou para si mesmo, de joelhos, apalpando por entre velhas garrafas de vinagre de maçã e frascos de doce de morango. Havia vinho na cozinha. Receava que ela o encontrasse e o apanhasse em mais uma mentira, além da de ter medo de sair de Millerton com ela, mesmo que, aparentemente, tivesse prometido.

Ela o chamou:

– Sabe uma coisa? Esquece. Vamos dar espaço um ao outro esta noite.

Ele a ouviu abrir a porta da frente.

– Espera! – Peter levantou-se com esforço. – Não vá! – Seguiu-a até o alpendre da frente, apoiando as duas mãos na grade. – Maddie, espera!

Ela parou e se virou, no meio do caminho entre ele e o carro.

Ele disse:

– Vou me entregar a uma nova vida com você. Eu... eu sei que estou sendo um pouco esquivo. Exatamente como você diz. Mas tem este

concurso. – Deu-se conta de como estava falando alto, praticamente gritando, e que devia parar de gritar, mas não era capaz, por isso continuou. – Peço desculpa pelo que aconteceu esta tarde. Me deixa só respeitar o compromisso que fiz quanto ao concurso e depois parto com você. Não lhe parece razoável?

– Desde quando “razoável” tem alguma coisa a ver com romance? Acho que devia ler o seu... como chama? O raio do seu livro!

Emily, outubro de 2011

Em vez de se encontrar com Ida Abarra sozinha para uma bebida, Emily telefonou para ela do escritório na manhã do dia do encontro e perguntou se ela e Eli podiam ir jantar com Ida e Billy.

– Claro! – respondeu Ida. – Eu nunca convidei Billy para nada. Ele vai adorar. Mas devo lhe avisar que deixei as bebidas alcoólicas há uma semana.

– Isso é fantástico, Ida! Parabéns!

– Obviamente, não falamos sobre o assunto nem contamos a ninguém e estamos morrendo de medo, mas sinto que é a coisa certa a fazer. Já tenho trinta e quatro anos, estou mais do que na idade. Você tem quantos anos?

– Trinta e três – respondeu Emily com um aceno. O seu pequeno escritório era *open space*, mas não queria se expor muito em frente aos outros. Ninguém no trabalho se metia com ela. Como era uma das poucas pessoas na Yes capaz de explicar o que a empresa fazia verdadeiramente, os colegas tratavam-na com todo o cuidado.

– Tem tempo – disse Ida.

– O Eli fez trinta e nove há poucos meses. Ele, sim, está pronto.

– Já resolveram aquele problema que tinham da última vez que a vi?

– Mais ou menos. Ele está muito arrependido. Estamos encarando a situação como um ponto de partida.

– Escuta, eu assisti a tudo e pensei muito sobre isso, sei que vai ficar tudo bem com vocês. Prometo. Quer se encontrar com a gente no Frankie's às... sete e meia? Podemos tomar uma bebida enquanto esperamos... isto é, eu não posso, mas vocês três, sim. Vai precisar de mais do que uma, se o Billy ficar divagando sobre o que a Christine Lagarde devia fazer no FMI, o que seguramente vai acontecer. Já está avisada.

– Imagino que negociar nos mercados internacionais signifique que tenha de trabalhar a qualquer hora. Deve ser muito estressante – disse Emily a Billy, no bar do Frankie’s.

– Nós chamamos isso de *trading* na conta internacional – disse Billy sem olhar para ela.

Emily fez um aceno de cabeça e respondeu:

– Sim, eu sei. – Ida tinha ido ao banheiro. Fora uma sorte terem arranjado espaço no balcão, porque o lugar estava cheio de gente. Emily estava mais perto de Billy do que gostaria. Mas ele parecia nem reparar. Assim como ignorou o fato de ela entender perfeitamente qual era o trabalho dele. Emily suspirou. Tinha pedido um copo de vinho; Billy bebia *bourbon*, que tinha pedido, dizendo “Tem...?” seguido de um nome de que ela nunca ouvira falar; o *barman* respondera que não e ele lançara outro nome.

Agora, fazendo uma careta, bebia a quarta escolha de *bourbon* e o *barman* claramente o detestava. Era um pretensioso e Emily percebia por que razão escolhera Ida. Ela era um troféu.

– Na verdade, já ouvi falar do seu marido – disse Billy. – Todos adoram alguém que consegue fazer um objeto de tecnologia simples como uma bicicleta com as suas próprias mãos. É um grande empreendedor.

– Não use palavras tão pomposas com ele – disse ela. – Estou brincando... mas você vai ver. Ele é inteligente, mas da forma como um excelente designer é inteligente. Com isso quero dizer que ele não é pessoa de grande eloquência. Deixa, estou brincando. Logo perceberá que é uma brincadeira.

Billy fez um aceno sem um sorriso, o que fez Emily sentir que tinha falado demais. Billy era um homem alto, com uma juba de cabelo castanho encaracolado, que Emily associou a cabelo de *trader*, e usava uma camisa de ar extremamente caro e óculos muito chiques. Ida voltou do banheiro e o casal ergueu uma sobrancelha um ao outro. Ao lado da agitação nervosa de Billy, Ida parecia ainda mais bonita do que sozinha.

– O que quero dizer é que gosto do fato de o seu marido realmente fazer coisas – disse Billy.

– O Billy adora esse conceito – comentou Ida. – Eu também faço coisas, mas ele diz que não é a mesma coisa.

– Palavras não são coisas.

Ida mordeu o interior das bochechas, dizendo:

– Eu faço livros.

– É verdade que livros são coisas, mas coisas feitas de palavras... – Billy revirou os olhos e sorriu para Emily, que ficou sem saber como reagir.

– Muito obrigada, querido – disse Ida. – A Emily também trabalha com palavras.

– Não, ela explica coisas às pessoas. Acabamos de falar sobre isso.

– O trabalho dela é importante – disse Ida. – Tem um envolvimento com o mundo real que eu não tenho.

– Exatamente o que eu estava pensando! – respondeu Billy com uma risada.

– Não começa. – Ida abanou a cabeça e olhou para o marido.

– É? Então não me provoca.

Emily disse:

– Eli não vai demorar, prometo. Houve um problema... – Era algo sobre cumprir um prazo de entrega de uma bicicleta que estava fazendo para um milionário que vivia em algum lugar no Oeste. O ricoço ia dar um passeio de bicicleta com o Robert Redford? Era uma coisa desse tipo, mas não se lembrava exatamente o quê. Baixou os olhos para os sapatos. Ou talvez tivesse mentido para ela e estava atrasado como sempre, talvez por ter falado com Jenny no telefone. Ela sabia que ainda conversavam. Tinha de aprender a aceitar esse contato com Jenny. Aceitar, pelo menos a curto prazo.

Eli surgiu apressado e abraçou Emily pela cintura. Beijou-a e, encostando o nariz no pescoço dela, estendeu a mão a Ida e depois a Billy, dizendo:

– Peço mil desculpas pelo atraso! É um grande prazer conhecê-los.

– Anote – disse Ida a Billy. – Quero o mesmo tratamento mais tarde.

– Eu também – respondeu Billy. – Mas qualquer bom estatístico lhe dirá que não podemos todos ver os nossos desejos se tornarem realidade na mesma noite, ou o mundo explodiria.

– Está bem, cale-se um pouco agora. – Ida lançou uma piscadela a Emily. – Eli, quer beber alguma coisa? Posso pedir duas bebidas para você? Eu estou grávida, mas ainda é segredo, por isso fico sentindo o aroma da minha e depois você pode beber.

Foram conduzidos a uma mesa num canto menos iluminado do restaurante, junto às janelas que davam para o jardim dos fundos. Emily se sentou e olhou para os fornos do outro lado da sala, sentindo o aroma de legumes assados. Deu uma dentada numa *focaccia* e reparou como tinha uma aparência oleosa, de madeira, e um pouco decadente, mas no bom sentido, e imediatamente desejou que a sua vida inteira fosse composta por jantares como aquele...apressou-se em afastar aqueles pensamentos para poder aproveitar a noite que estava realmente tendo. Sorriu para Ida, que começou a falar. Minutos depois, Billy e Eli já se encontravam reclinados nas respectivas cadeiras, um em frente ao outro, mergulhados numa conversa sobre financiamento. Billy conhecia investidores de capital de risco e tinha certeza de que iriam adorar as ideias de Eli. Mas qual a melhor forma de aplicar muito dinheiro sem perder o toque de manufatura? A Roman Street era um negócio moderno pós-boom. Era tão física e ecológica, que todos queriam um pedaço de bolo, mas o número de fatias era limitado. Emily não conseguia tirar os olhos de Eli. Desejava que ele lhe desse a mão enquanto conversava. Então, no momento em que desejou com mais força, ele estendeu a mão e pegou na dela, não apenas por um segundo, mas deixando a mão junto à sua por cima da mesa, como se desejasse ficar assim para sempre.

– Viu? – sussurrou Ida.

– O quê?

– Vocês dois estão bem – disse Ida, voltando em seguida à história que contava. – Então, hoje estou almoçando com uma pessoa de uma revista, ela está me dando sugestões e eu respondo algo tipo, não, nem pensar que vou entrevistar algum mestre de sutiãs para escrever um artigo; era só o que faltava, com a minha experiência ainda me dispor a tais experiências. Então fiz sugestões para artigos sobre assuntos em que realmente penso e ela responde tipo, não, não quero artigos para *pensar*. Estou falando de sutiãs. Pense em sutiãs. Parecia que estávamos num *sketch* do *Funny or Die*, juro.

– Mas por que sutiãs?

– Ela quer que eu escreva um artigo sobre como tirar as medidas e comprar o sutiã mais adequado e qual a sensação que tenho ao usá-los. Porque, como sou escritora, sou capaz de descrever a sensação do tecido nas mamas melhor do que ninguém. Me deu até ânsia de vômito.

– Quem é que arranja essas reuniões para você?

– A minha agente. O que significa que, em algum momento, ela teve uma conversa com a editora da revista sobre as minhas mamas.

No meio das gargalhadas, Emily sorrateiramente admirou os seios perfeitos de Ida e pensou que a agente publicitária era muito boa no que fazia.

– E a história não acaba aqui – continuou Ida. – Telefonei à minha agente para me queixar do almoço e ela me disse que eu deveria entrar num concurso estapafúrdio de que tinha ouvido falar, baseado num livro qualquer de autoajuda. Sobre um rapaz numa canoa? Canoa? A canoa do amor?

– *O casamento é uma canoa?* – Debruçando-se sobre a mesa, Emily fez um gesto a Ida para que se aproximasse também, o que ela fez.

Ida prosseguiu:

– O vencedor será recebido pelo autor na casa dele, que vai ouvir os seus problemas e contar as suas antigas histórias. Então, quando começar a ficar chato, vão passear e admirar a queda das folhas de outono. Como se isso fosse interessante! Seria uma proeza se eu e o Billy ganhássemos. Eu respondi a ela algo do tipo: melhor você me atropelar com uma canoa e eu escrevo sobre isso.

– O quê?

– Hum? – Ida mostrou um ar confuso. – Que parte você não entendeu?

– *O casamento é uma canoa?* Tem certeza? – Emily tinha as mãos pousadas nos joelhos. Ida gesticulou na direção do prato de Emily e experimentou os raviólis de abóbora que ela tinha pedido.

– Hum, sim, é isso. É esse mesmo. Ela acha que tenho chance de ganhar o concurso porque já me viu com essa besta – disse, projetando o queixo na direção do marido. – Ela sabe que não vamos nos separar, mas que estamos nos enlouquecendo, isso é certo. Por isso, a minha carreira se resume sempre a algum estúpido truque publicitário. Embora a artimanha seja principalmente, e no fim das contas, sobre o fato de eu ser negra. – Ida desviou o olhar. – Pelo menos não me veio com esse argumento.

– Aposto que ela também associa os seus seios fantásticos à sua cor – disse Emily muito depressa.

Ida soltou uma gargalhada respondendo:

– Não duvido.

– Esse concurso... está acontecendo agora?

– Sim, acabou de abrir.

– Eu adoro esse livro – disse Emily, sentindo-se imediatamente envergonhada pela confissão.

Ida se inclinou na direção dela e sussurrou:

– Devia concorrer!

– Não conseguiria. Sou muito tímida. Mas adoro o livro. A minha mãe tinha ele no banheiro quando eu era pequena.

– Acho mesmo que devia participar. Vai ver o outro lado do espelho. Ou, pelo menos, teria um efeito catártico, não acha? Não pense em ganhar, isso não tem importância nenhuma.

– Talvez, talvez tenha razão. Devia participar. – Emily agarrou na mão de Ida, apertando-a.

– De que estão falando? – Eli sorriu às duas e deu um gole na bebida.

– Decidimos abrir uma empresa para competir com a sua – apressou-se Ida em responder. – Vamos ressuscitar os patins dos anos 1970.

– Eu investiria nessa, seguramente – disse Billy. – Tenho uma fantasia que envolve duas mulheres de patins.

Ida se esticou para a frente e espetou dois dedos nas costelas do marido, dizendo:

– Cala a boca, Billy! – Instalou-se de imediato um silêncio pesado, provocado pelo tom forte dela. O constrangimento que se seguiu foi preenchido com os movimentos da garçonete que chegou para recolher os pratos.

– Desculpa – disse Ida, sorrindo. – Só que tem algumas piadas que não quero voltar a ouvir, sabe? Talvez sejam meus hormônios. – Relaxou a mão e deu uma palmadinha no estômago do marido.

Emily ficou olhando para o casal, observando Billy franzir o cenho à mulher. Ele ajeitou a gola da camisa e Ida voltou a lhe dirigir um olhar furioso.

Lá fora, na rua, os quatro se despediram, dizendo o quanto tinham gostado de se conhecer. Ida e Emily ficaram vendo Billy e Eli trocarem cartões de visita.

– Ainda tenho muitos meses disponíveis antes de hibernar, por isso, me liga – disse Ida ao abraçar Emily. – E participa do concurso.

– Telefone para você em breve – respondeu Emily. – Mais uma vez, parabéns pela... hum... por tudo.

Emily desceu a rua acompanhada de Eli, que colocou o braço sobre seus ombros, puxando-a para mais perto, como sempre fazia agora.

– O que achou deles? – quis ela saber.

– Ele é muito inteligente. E ela também. Quem me dera ter entendido metade do que ele disse sobre a análise de países em desenvolvimento. É uma ótima maneira de ver o mundo.

– Sim, mas como casal, o que achou?

– Como casal?

– Quero dizer, eles não se dão bem. Você percebeu, não?

– Se eu percebi? – disse Eli apontando para o próprio peito. Riu. – Sim, acho que percebi. Eles têm aquela coisa do *timing* contando histórias que achei engraçado. Aquela coisa do “não, conta você”. Mas não são um desastre como casal. Ele a ama. Ela é muita areia para o caminhão dele.

– Que simpático você dizer isso! – Emily se sentiu iluminar por dentro. Olhou para cima e a lâmpada do poste na esquina da casa deles que estava queimada há tempo parecia ter sido finalmente substituída. Tinha muita vergonha de contar a Eli que ligara para o 311, para dar parte do problema, por isso guardou o contentamento para si. Adorava ligar para o 311.

– Simpático? – repetiu Eli. Abriu a porta de casa e entraram.

– Quero apenas dizer que nós dois vimos. Eles vão ficar bem, só estão um pouco frágeis emocionalmente agora porque ter um filho assusta. São um casal muito legal.

– Legal? – disse Eli. – Não sei se esse é o melhor termo para descrevê-los. Astuto?

– Exatamente! Astuto é a palavra certa – disse Emily. – Muito bem pensado. – Beijou-o. Ele sorriu, exibindo um ar confuso, como um cachorrinho que não sabia porque estava recebendo um elogio, pensou ela. Os dois estavam do lado de dentro da porta, ainda com os casacos vestidos. A casa tinha o cheiro dos dois, pensou: a azeitonas, a aquecedores, a casacos de lã e ao interior dos tubos das bicicletas. Eli foi ver se tinha alguma mensagem no celular e Emily dedicou-se a abrir faturas. Pouco tempo depois de casarem, Emily descobriu que Eli nunca se dava ao trabalho de cuidar das contas, por isso ela assumiu a

responsabilidade da gestão financeira do casamento. Abriu uma carta da Fresh Air Fund, o que a fez voltar a pensar em crianças. Começava a sentir falta delas.

– Devíamos oferecer uma bicicleta a uma das crianças da Fresh Air Fund – disse Emily para si mesma.

Eli levantou o olhar do telefone e disse:

– Sabe, Emily, na verdade não sou assim tão otimista em relação ao Billy e à Ida. Comparados com a gente? Não estaremos nós...bem, melhor do que eles? Mesmo eu tendo sido responsável por este grande sobressalto no caminho. Isto é, não estou me esquecendo disso. Mas não acha que estamos mais em sintonia do que eles?

Ela achava isso? Não, não achava. Mas gostava da ideia de vê-lo refletindo, fazendo comparações entre eles e o outro casal. Ficou subitamente zangada consigo mesma por ser tão pragmática, por ficar pensando no correio enquanto o marido meditava sobre o casamento dos dois e sobre o valor da relação.

– Sim – respondeu ela. – Adoro que tenha ficado pensando sobre a nossa noite. E também entendo o que quer dizer sobre eles.

– Estou exausto, mas ainda bem que insistiu para sairmos – disse Eli. Despiu o casaco, deixando-o cair no chão e foi para o fundo do apartamento ainda às escuras.

Eli adormecia sempre num piscar de olhos. Assim que Emily ouviu a sua respiração regular do sono, escapuliu da cama. Tinha de confirmar a história do concurso na internet. Era verdade. Nem podia acreditar, e leu a informação várias vezes. Tinha aberto há duas semanas. Estava espantada por tal informação ter lhe escapado. Nunca prestava muita atenção à cultura pop. Não que não lhe interessasse. Não, pensou, é mentira. Realmente não lhe interessava. Lia artigos sobre tecnologia e a seção de negócios do *Times*. Raramente passava pela seção de artes e quando o fazia era com um sentido de obrigação e apenas por estar à procura da exibição de algum documentário ou de simpósios sobre design, dos quais normalmente já tinha conhecimento. E, por causa disso, quase deixara escapar o concurso.

Poderia concorrer? Iria participar, mas na manhã seguinte. Só por brincadeira; mais um momento de catarse decorrente da tarefa de consertar o seu casamento. Foi buscar a bolsa junto à porta da entrada e

tirou de lá o exemplar que comprara no fim do verão, quando os problemas começaram. O que mencionara à irmã estava ainda repousado na mesinha de centro. E havia outro exemplar no quarto. Dada a forma como Eli era tão pouco observador com as coisas da casa, pensou se alguma vez ele iria reparar. De verdade, será que iria ter de atirar o livro na cabeça dele? Aconchegou-se, enrolada num cobertor, na poltrona de camurça vermelha.

Aquela edição começava com “Bases roubadas”.

“Bases roubadas”,
de *O casamento é uma canoa*,
com novo prefácio para a terceira edição,
lançado pela primeira vez numa
publicação em série durante seis
domingos consecutivos, em julho e
agosto de 1982,
na revista *Parade*

Uma outra inspiração para este livro veio de um jogo de bases roubadas que jogamos num final de tarde em meados de agosto .daquele verão.

O vovô e eu tínhamos tomado conta do campo de beisebol no parque privado Robertson, na cidade.

Ele estava ensinando a mim e a outras crianças como roubar bases no beisebol, transformando o exercício em um jogo com pontuações. Éramos péssimos e tínhamos de aprender a fazer imensos *bunts*, o que era muito difícil, parando ou correndo como loucos, tendo de estar muito atentos ao jogo. A tarde chegou ao fim e quando nos demos conta já era quase noite. Perto das oito, a mãe de um dos garotos que vivia ali perto o chamou para casa. Os outros cinco ou seis que tínhamos reunido nos agradeceram e foram embora para suas casas, pedindo desculpa logo na chegada pelo atraso e se deliciando com o jantar *franks-and-beans*.

Eu juntei as pesadas bases, feitas de areia e cobertas com borracha grossa e tela, e as arrastei para a barraca na lateral do campo onde eram armazenadas, enquanto o vovô varria a terra das pistas. Foi então que ouvimos alguém chamar e ao olharmos vimos alguém ainda no centro do

campo, um menino chamado Johnny, que tinha ajudado o vovô a pegar as bolas durante o jogo por ser muito tímido para correr e roubar bases.

– Já terminamos por hoje – disse vovô. – Obrigado pela ajuda, meu rapaz. Tudo pronto para irmos embora!

– Sou eu, o Johnny – disse o rapaz se aproximando.

– Sim, Johnny, eu sei. – Vovô bateu com as mãos nas calças cáqui para limpá-las. Era um especialista em dar tempo à pessoa com quem falava para que se decidisse a dizer o que pretendia sem apressá-la. Mas aquele rapaz, Johnny, limitou-se a olhar para mim e vovô.

– Está aí parado como se tivesse alguma coisa para nos contar, Johnny. Como se tivesse alguma coisa que precisasse nos dizer e estivesse à espera da oportunidade. Bem, a oportunidade chegou.

Johnny fez o que eu teria feito – o que qualquer um de nós teria feito –, deu um pontapé numa pedra.

– Quer que o acompanhemos até a sua casa, Johnny? As sombras da noite o incomodam?

– Não, senhor. Não é isso. Eu não quero ir para casa.

– Nós podemos acompanhá-lo.

– O problema são os meus pais. Não quero vê-los.

– Sim, isso às vezes acontece, não se preocupe. Todos temos de nos esforçar para fazermos da nossa casa um bom lugar para se viver.

– Eu não gosto de ficar lá... – Johnny se afastou um pouco, parando na linha de falta, alguns metros depois da terceira base.

– Vamos ajudá-lo – sussurrou vovô para mim e, depois, em voz alta: – Vamos todos juntos até sua casa ver o que está acontecendo, Johnny.

Johnny veio até nós como se estivesse num transe.

Ele vivia a apenas quatro quarteirões do campo de beisebol, na Thayer Avenue, uma rua larga usada pelos caminhoneiros como entrada na cidade. A casa dele era uma verde, com mais de uma persiana quebrada e um jardim que precisava urgentemente de alguém que passasse umas horas arrancando ervas daninhas.

Fizemos o caminho todo em silêncio e assim permanecemos quando chegamos. Vovô fez um gesto para que Johnny e eu esperássemos, subiu as escadas até o alpendre e bateu na porta.

– Quem é? – ouviu-se uma voz de mulher um pouco trêmula.

– É Hank Latham. Estou aqui com o seu filho Johnny e o meu neto, Peter.

A porta de rede se abriu e a mãe de Johnny saiu, seguida pelo pai do rapaz. Não eram pessoas propriamente bonitas, embora a mulher tivesse cabelo loiro cacheado. O homem vestia uma camisa branca limpa. Ao contrário do marido, a mulher era de estatura baixa; no entanto parecia ocupar mais espaço na minha cabeça. Talvez fosse a forma como o cabelo dela fazia os olhos cor de avelã brilharem como botões de latão num casaco de lã de camelo.

O vovô disse:

– Começamos pelo princípio: eu não tenho o direito de vir a casa de vocês me meter em suas vidas, por isso, se quiserem que eu vá embora, digam, que saio imediatamente.

– Parece um assunto grave – disse o pai de Johnny. – O que está acontecendo?

– Vamos conversar lá dentro – respondeu vovô. – Meu neto Peter e Johnny podem ficar aqui fora treinando com a bola na rua, à luz desse poste. A essa hora quase não há trânsito e não há perigo.

Virou, nos dirigindo um aceno, e entrou em casa. A porta de rede se fechou atrás dele com um baque.

Johnny e eu ficamos ali de pé, quietos. De repente ficou de noite; era como se já passasse da meia-noite e eu tivesse acordado só para fazer xixi, voltando a adormecer num instante.

– Vou ouvir às escondidas – disse eu.

– Está bem – respondeu Johnny –, mas como é que fazemos o som da bola?

Olhei para ele. Estava todo curvado e me fez lembrar um personagem do filme *The Little Rascals* (Os Batutinhas), com a sua camisa cinza e calças jeans sujas. Eu tinha ganhado algum peso desde que chegara em junho e tinha começado a ficar mais ereto. Eu disse: – Eles não vão estar atentos a nós.

Era uma coisa que tinha aprendido na minha própria casa, na difícil primavera anterior ao verão maravilhoso.

Subimos de quatro as escadas da entrada e nos posicionamos um de cada lado da porta da casa de Johnny. O alpendre estava fresco e silencioso naquela noite escura, mas eu ainda conseguia ver algumas

cadeiras espalhadas atrás de Johnny, encostadas umas às outras apontando para todas as direções. Percebia-se que há muito tempo ninguém se sentava ali.

– Muito obrigado – disse o vovô. Imagino que o tenham convidado para se sentar. Seguiram-se uns cinco segundos de silêncio. Ouvia apenas a respiração de Johnny. Reparei que tinha colocado a luva de beisebol debaixo do joelho, uma atitude que achei mais cuidadosa do que esperaria dele.

– Senhor...

– Pode me tratar por Hank.

Olhei para Johnny e o vi de olhos fechados sussurrando.

– Nada? Nem um copo de água?

– Prefiro ir direto ao assunto – disse vovô. – Tem um rapaz ali que não quer voltar para casa ao fim do dia. Peço desculpas por ser direto, mas tem alguma coisa acontecendo.

– E o que o senhor tem a ver com isso? – perguntou o pai.

– Vou embora, se essa for a vontade de vocês.

– Johnny foi falar com o senhor sobre os nossos problemas? – Era a mulher que falava agora.

– Sim.

– Isso é grave – disse a mulher.

– Ele devia ter mais juízo – afirmou o pai com brusquidão.

Mas a mulher deve ter lhe cortado a palavra. Ela disse: – Talvez devamos é agradecer. Temos aqui uma oportunidade para conversarmos e eu vou aproveitá-la. Temos de falar sobre o assunto. Vou lhe contar o que está acontecendo. Meu marido aqui diz que tudo o que faço está errado. E não é só uma coisa ou outra. É tudo, tudo, tudo! Desde a maneira como cozinho as ervilhas, a maneira como faço a cama, o estilo do meu cabelo, até... a maneira como espiro! Dá para imaginar? Dá para imaginar a vida que tenho de viver com este homem? E agora vem o senhor... entra em minha casa sem ser convidado e diz... bem, o que você tem a dizer sobre isso?

Novo silêncio. Não me atrevi a olhar para Johnny.

– Está correto o que Annie disse? – perguntou o vovô.

– Posso tratá-la por Annie? E o senhor é John Sênior, não é? – Ouvimos o pai de Johnny se mexendo desconfortavelmente.

– Sim, está correto. Não sou feliz.

Senti um movimento à minha frente e, ao levantar os olhos, vi Johnny fazer exatamente o que eu faria, o que eu fizera apenas algumas semanas antes no meu quarto, lá em Manhattan: enfiar a luva na boca e morder o couro com toda a força, sentindo o sabor da gordura, do sal e da terra. Sabia que ele iria mastigar e arrancar os pontos de corda de tripa que mantinham a luva unida, assim como eu tinha feito. O sabor de uma luva de beisebol é como carne assada do dia anterior ou peito de frango já com três dias. Mas não dava para comer. Só trincar e sentir a gordura da pele saindo.

– De que gravidade estamos falando? – perguntou vovô. – Ele é violento com a senhora?

– Chega perto. John, você não é feliz. Mas vai ficar? – perguntou Annie.

– Eu quero – respondeu John Sênior. – Não quero ir embora.

– Você passa a vida ameaçando ir embora. E me ameaçando.

– São só palavras. Tenho vergonha delas.

– Você não é culpado de tudo – disse Annie, e eu pude ouvir o tremor na sua voz.

– Não há problema se ele fizer isso – interveio vovô. – Parece que ele sabe que está errado. Ele é capaz de assumir a responsabilidade por hoje, talvez por todo o verão. Durante o tempo que for preciso. Parece ser homem para fazer isso.

– Hank tem razão. Sou capaz, sim. Annie, quando criticá-la, quando lhe disser que devia fazer as coisas de maneira diferente... bem, você pode simplesmente me pôr para fora de casa.

– Para você é fácil dizer! Mas na hora a coisa não é assim tão fácil.

– Pelo menos, tem essa hipótese – disse vovô.

– Isso é verdade – respondeu Annie.

– Vocês dois amam seu filho. Sei que têm uma menina lá em cima dormindo. E pelo que vejo vem outro a caminho.

O pai de Johnny fez um ruído concordando.

– Ouçam, vocês sabem onde eu e a minha mulher, Bess, vivemos. Que tal se forem todos lá em casa no domingo, depois do almoço? Temos uma canoa a mais, por isso podem dar um passeio de canoa com seus filhos e nós levamos o nosso neto na outra. Ao fim do dia fazemos um jantar de frango frito. Pomos duas mesas, uma para os garotos e outra para os

adultos, nós quatro podemos conversar e quem sabe vocês trazem um pouco de leveza e alegria às vidas de um casal de velhotes, o que me dizem?

– O senhor não é velho – disse Annie.

– Nós não nos importamos de ser velhos. Você vai ver que quando chegar lá, também não se importará. Mas ainda falta muito tempo para se preocupar com isso.

Ouvimos movimentações dos três se levantando das cadeiras. Sem dizermos uma palavra, nos levantamos às pressas, corremos para o gramado em frente à casa e tivemos a mesma reação: nos deitamos no chão com as luvas ao lado do corpo, como se tivéssemos nos cansado de jogar e decidido olhar para as estrelas. Apesar de o céu noturno estar encoberto e não haver nenhuma à vista.

– Vamos, Peter – disse vovô. – Vamos para casa. E você, Johnny, acredito que voltamos a nos ver este domingo, lá em casa.

– Sim, senhor.

Johnny subiu as escadas correndo, entrando em casa, sem sequer se despedir de mim. Nós seguimos estrada afora.

– Hoje nem se vê a lua. Bess deve estar à nossa espera. Talvez com uma torta de frutas, se tivermos sorte. Sabe, às vezes, é possível termos o que queremos e sermos o que queremos ser.

– Sempre? – perguntei.

Vovô ficou quieto meditando sobre a minha pergunta. Caminhávamos ao longo de uma estrada citadina, em oposição à estrada rural onde vivíamos, que ficava bem mais longe, no final da colina. Aquelas casas junto à água eram o nosso mundo e estávamos longe dele.

– Eu disse “às vezes”, não “sempre”.

Tap!, fez a mão dele na minha cabeça, agarrando depois meu ombro e pegando minha mão com a sua, fresca e calejada; atravessamos a rua e nos dirigimos para casa, a uns dez minutos de distância. Caminhamos com cuidado, atentos aos monstruosos Pontiacs e Fords que passavam por nós retumbantes, sozinhos ou aos pares, naquela noite sem luar.

– Ouviu a nossa conversa?

– Bem... sim.

– Às vezes as pessoas precisam de um pouquinho de ajuda. Não há nada de mal nisso. Bess? Bess! – chamou a mulher a mais de quarenta metros

de distância. Os vizinhos que fossem para o diabo!

– Sim, já ouvi, venham depressa, antes que a tempestade chegue.

O vovô riu entre dentes e apertou mais minha mão.

Aquela era uma brincadeira entre eles. A noite calma não mostrava qualquer indício de tempestade.

Eram quase nove horas. Tarde, para nós. O jantar foi composto por fatias de peru com molho de carne, feijão-verde e pão francês, com sorvete de baunilha e morango.

Depois fui para a sala de estar, ler os *Contos do rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda*, enquanto vovô contava à Bess tudo o que tinha acontecido na casa do Johnny.

Eu a ouvi dizer: – Deve estar cansado. Vai até a varanda fumar enquanto eu lavo esta louça.

– Bess, você é fantástica... – respondeu.

Vi vovô ir lá para fora fumar o seu tabaco verde de turfa que ele mesmo misturava e que depois calcava no cachimbo de osso esculpido, cor de cobalto. Gostava de se sentar no alpendre dos fundos numa cadeira dura, as pernas da frente no ar, inclinada contra a parede da casa. Lembro-me de ele me dizer que gostava de ficar ali fumando e ouvindo as rãs-touro coaxando nas margens do lago.

Não há nada de mal em pedir ajuda para salvar o casamento.

Emily, 21 de outubro de 2011

Emily enviou a sua carta de participação no concurso por e-mail na sexta-feira de manhã, antes de sair para o trabalho.

De: Emily Babson

<emily.babablackbird@gmail.com>

Data: sexta-feira, 21 de outubro, 2011, 08h48 EDT

Para: Concurso Casamento

<marriageisacontest@ladderandrakebooks.com>

Assunto: Será esta a carta vencedora?

Caro Peter Herman,

Li pela primeira vez O casamento é uma canoa quando tinha onze anos. O seu livro vivia na suíte da casa dos meus pais, na estante entre exemplares como A fogueira das vaidades ou A cultura inculta. A maioria das crianças da minha idade lia Judy Lume ou livros como Ana dos cabelos ruivos, mas eu tinha descoberto a pequena biblioteca do banheiro dos meus pais. Foram incontáveis os fins de semana em que passei lendo, trancada naquele banheiro, enquanto os meus pais discutiam, antes de ganharem juízo e se divorciarem. O seu livro era o meu preferido e o li inúmeras vezes, como só uma criança de onze anos consegue fazer.

Durante o que agora chamamos pré-adolescência, adormeci todas as noites de punhos fechados, determinada a ignorar o tormento que era a vida em minha casa e a me tornar uma adulta feliz, com uma vida semelhante à dos seus avós. Imaginava-me casando com um rapaz que gostasse de beijar, de passear pela natureza e de pensar no mundo em que vivesse, um rapaz como o Peter daquele livro, a personificação de um modo alegre e consciencioso de viver, tão distante do mundo dos meus pais.

Eu era uma criança quieta e cheia de opinião, e, hoje em dia, me arrependo disso. Mas não estava enganada. Tentei virar as costas para o casamento fracassado dos meus pais e tornar o Canoa parte de mim. Acreditava que se o lesse vezes suficientes, poderia fazer parte daquele clube, como as crianças cristãs que conhecia que tinham inveja dos bar mitzvahs e que iam a todos os que havia na nossa cidade. Sei que não estou sozinha. Sei que há muita gente da minha idade que leu o Canoa escondido, e também outros, como o Our Bodies, Ourselves ou Os prazeres do sexo. Achamos que sabemos como ter um casamento feliz, não por aquilo a que assistimos na infância, mas pelo que lemos no seu livro. Todavia, a minha intenção aqui não é fazer um manifesto de gerações. Esta é a minha participação no concurso e quero ganhar. Adorei o seu livro e sempre o usei como um guia para a vida que vivo agora. Se não fosse o seu livro, não tenho certeza se teria me casado. Não teria arriscado, depois de ter visto o que vi em casa. Por isso, em vez das vidas que testemunhei, o seu livro se tornou para mim o fundamento da minha fé no casamento.

Sei que escrever a você é um tiro no escuro. Esta carta é tola, assim como eu. Mas de tão tola é libertadora. Não me sinto tímida nem envergonhada. Estou grata por poder escrever ao homem que me fez acreditar que a vida de casada pode ser fantástica. Uma pequena parte de mim tem esperança de que ele seja capaz de voltar a pôr o meu casamento nos eixos, que começou como um exemplo de pura felicidade, mas que agora declinou para um estado de ansiedade, um estado de perigo que carece de confiança.

O meu marido, Eli, e eu estamos casados há quase três anos e nos encontramos numa fase muito difícil. Eli me traiu. Envolveu-se num romance com uma mulher que trabalha na empresa da qual é dono. Ele me diz que acabou e eu quero acreditar. Apesar da recente decepção, ainda estou apaixonada por ele e acho que ele tem tudo para ser um bom marido. É um homem fascinante e atraente, a ponto de esses seus traços poderem ser considerados uma desvantagem. Quando ainda namorávamos, as mulheres se atiravam para os braços dele e percebi que isso não iria mudar depois de nos casarmos. Não sou ingênua. Mas sabia também que Eli era bom para mim. Normalmente, sou uma pessoa tímida e o Eli é muito sociável. Os amigos lhe telefonam do nada, querendo

apenas estar com ele. Eu não sou assim. Se não fosse por ele, passaria o tempo todo trabalhando ou em casa, pensando em trabalho. Ele me faz sentir uma pessoa inteira. Sem ele, eu me sentiria perdida e constantemente rabugenta, como um aluno numa nova escola.

Até hoje tenho sido muito boa em não exagerar na análise da minha vida pessoal. Mas desconfio que tenho sido preguiçosa com relação ao amor. Agora estou pagando por isso. Estou pronta, portanto, para uma conversa esclarecedora sobre o que podemos ou não exigir do amor e do casamento. Nunca imaginei que um dia teria a oportunidade de conhecer o homem que escreveu o livro que salvou a minha infância. Hoje considero que nada seria mais importante do que me sentar, durante algumas horas, com você e o meu marido e ter uma boa conversa.

Agradeço profundamente a sua consideração. Atenciosamente,

Emily Babson

PS: Acabei de ler esta carta e peço desculpa pela gravidade do tom. Normalmente, não sou assim tão sinistra.

PPS: Peço o favor de este e-mail não ser compartilhado com ninguém sem o meu consentimento.

Stella, novembro de 2011

Stella estava numa reunião sobre capas com o departamento de design que não estava correndo nada bem. Encontravam-se na sala Horatio Alger, considerada uma das melhores salas de reuniões pelo fato de ter janelas. Stella já tinha obtido bons resultados naquele espaço. Mas, desta vez, fosse lá por que razão, não estava conseguindo nada do pessoal de design, da Angela ou do Bobby, nem da diretora deles, Julie, que andava invariavelmente de mau humor por causa do processo de divórcio que se arrastava há mais de um ano. As discussões sobre o acordo faziam Julie se preocupar muito com dinheiro, por isso ficava em casa com os filhos, em Tarrytown, quase todas as noites, o que tornava qualquer saída romântica impossível. Stella sabia tudo isso sobre Julie porque ela lhe confessava os seus problemas nos corredores e no banheiro. Embora Stella tivesse esperança de que ser uma boa ouvinte facilitasse a relação de trabalho, o resultado era o oposto. E aos pobres Angela e Bobby, não era sequer permitido mostrarem as suas sugestões.

Deveriam estar discutindo as propostas de capa para um livro de não ficção sobre o novo modelo de felicidade de crescimento lento para a vida, escrito por um jornalista do *Toronto Sun*, que Stella comprara num pequeno leilão seis meses antes.

– Tem de dar uma sensação de leveza – disse Stella –, mas ao mesmo tempo de inteligência.

– E o livro faz isso? – perguntou Julie.

– Sim, claro! – Stella sorriu e ergueu as sobrancelhas, pensando “Eu sou o sol e ofereço luz e brilho”. – É o pacote completo.

Julie mexeu nas pulseiras de jade do pulso direito e ficou olhando pela janela. Angela e Bobby tinham as imagens das suas propostas na mesa, mas viradas para baixo. Stella tinha tanta vontade de virar as impressões, mas tinha medo de Julie, uma mulher avançada nos quarenta e suficientemente segura na Ladder & Rake para não ter qualquer problema

em gritar com Stella, se ela se atrevesse a se intrometer entre ela e os seus subalternos.

Julie respirou fundo e disse:

– Stella, entendemos o que quer dizer e temos algumas ideias, mas acho que precisa ser mais...

A porta da sala de reuniões se abriu de repente e Lucy Brodsky entrou. Todos ficaram tensos e, com a mesma rapidez, fingiram que não.

– Estávamos só... – Julie se interrompeu e se limitou a gesticular. – Helena precisa falar comigo?

Ninguém queria acompanhar Lucy Brodsky pelo corredor e numa viagem de elevador para encontrar com Helena. Ninguém. Mesmo que a reunião fosse boa, não deixava de ser uma má notícia, porque uma boa reunião levava a outra reunião. E ninguém tinha duas boas reuniões seguidas.

– Não, não é com você, Julie, não se preocupe – assegurou Lucy.

– Stella? Posso dar uma palavrinha com você? É rápido. Pessoal, trago a Stella daqui a pouco.

– Claro! – disse Stella dirigindo-se a ninguém em especial, enquanto seguia Lucy para fora da sala. Stella se virou e piscou com força para Julie, que continuava de braços no ar, agitando furiosamente as pulseiras, tentando alcançar o espaço que Stella acabara de ocupar, como se pudesse puxá-la de volta para um lugar seguro.

– Vamos para o escritório da Melissa – disse Lucy por cima do ombro. – Achei melhor falar com ela primeiro, sabe, como o assunto é o *Canoa*.

– Claro, faz todo o sentido. – Stella revirou os olhos e fez de conta que gritava enquanto seguia Lucy pelo corredor atapetado. Não falava com a chefe há dias. Observou as costas de Lucy. Tinha um ar tão alinhado, com o seu cabelo negro, blusa branca e sapatos pretos de couro envernizado. Stella mordeu os lábios e olhou para seus sapatos Mary Jane da Camper, já gastos. Há quanto tempo prometera a si mesma jogá-los fora? Em vez disso, ganhara o hábito de só usá-los em dias calmos, quando não estava à espera de estar com ninguém importante. Como se isso alguma vez funcionasse.

– É aqui – disse Lucy, como se Stella não soubesse onde ficava a sala da sua chefe.

– Olá! – cumprimentou Melissa, franzindo o cenho. – Estávamos falando sobre o *Canoa*, aqui, eu e a Lucy. E achamos que o melhor era falarmos com você diretamente.

– Claro! – disse Stella. – Excelente!

Melissa estava de pé, usando calças jeans e *blazer* por cima de uma blusa florida de colarinho mole.

– Estava com Julie? – perguntou Melissa. – Está conseguindo dela o que precisa?

– Conseguirei bons resultados, eventualmente – respondeu Stella.

– Ainda bem – disse Melissa. – Vamos nos sentar.

Havia uma mesinha de centro em madeira clara encaixada entre a secretária de Melissa e a porta. As três se acomodaram ao redor dela. Melissa se recostou, cruzando os braços sobre o peito.

– Stella, estive vendo com a Melissa aquela situação do Peter Herman. Como é que está isso? – perguntou Lucy. Stella ficou calada olhando para ela, com vontade de responder: “E você com isso?”, mas não achou que Melissa fosse apoiá-la. Lançou uma olhadela à mesa da chefe. Havia um manuscrito amassado todo espalhado. A pobre mulher devia estar realmente revendo um dos seus livros de autoajuda/memórias e fora interrompida para aquela reunião. Melissa era daquele tipo de editor que gostava mesmo de rever.

– E então? – insistiu Lucy com um sorriso. – Vamos, preciso que colabore.

– O concurso vai extraordinariamente bem – disse Stella. – Recebemos milhares de participações e com certeza as vendas já devem ter aumentado. Não quero dizer que tenha sido um aumento enorme, mas certamente uns nove a onze por cento esta semana. Além disso, acho que já encontramos o vencedor. Só preciso da aprovação de Peter Herman, o que pode acontecer ainda hoje!

– Vamos nos concentrar no Peter. O que está acontecendo com ele? – Lucy tinha uma caneta pousada na tela do tablet.

Stella não tinha uma resposta para lhe dar. Atrás da mesa de Melissa, no peitoril da janela, estavam dispostas várias molduras prateadas com fotografias de Melissa e do marido, administrador artístico, das duas filhas e de *Florence*, a cadela. Tinham sido tiradas no estreito jardim dos fundos em Riverdale. E ali estava Melissa, muito feliz, revendo no seu escritório.

Não era de espantar que Melissa não falasse com ela. Não tinha ambição e sentia inveja da juventude e imprevisibilidade de Stella. Sim, era exatamente isso.

– Stella?

– Desculpem. Ele é fantástico. – Stella se impulsionou para a frente na cadeira. – Está muito entusiasmado com tudo e é... bom, é emocionante estar trabalhando com ele.

– Entendi – disse Lucy. Tocou na tela do seu iPad. – OK, o que acontece é o seguinte: é bom vermos que as vendas do *Canoa* estão subindo. Isso é bom, mas o Peter Herman é um escritor de alto valor, e Helena... – Lucy fez uma pausa. Stella e Melissa ficaram olhando para ela. Lucy se inclinou na direção das duas e continuou:

– Helena não quer que nada corra mal com o Peter Herman, entendem? Por isso, quero, com a maior brevidade possível, um relato simpático do Peter Herman que eu possa entregar à Helena. Você tem algum e-mail ou qualquer coisa assim que eu possa lhe encaminhar? Caso contrário, Helena não vai ficar nada contente. Entende?

– Sim, entendo – respondeu Stella. – Mas estou dizendo que ele está muito entusiasmado. – Flagrou um olhar dardejante de Melissa como que dizendo “fecha a matraca e vamos acabar já com esta reunião”, mas Stella tinha orgulho do seu projeto e queria falar dele.

– É essa a mensagem que quer que lhe transmita? – perguntou Lucy. O sorriso dela se abriu e Stella pensou que aqueles lábios poderiam provocar um corte de papel em alguém. Gostaria de ser como eu, pensou Stella, subitamente. Gostaria de poder libertá-la de Helena e inventar uns esquemas grandiosos. Stella olhou para Lucy e Melissa e pensou: “Na verdade, é o que vocês duas querem.” Grandes editores tiveram grandes ideias. Não ficaram sentados à mesa tentando melhorar manuscritos. Stella se retesou. Por que deveria se sentir intimidada pelas vicissitudes cotidianas do local de trabalho? Um dia, com sorte, Lucy estaria trabalhando para ela! E Melissa continuaria a rever o manuscrito.

– Olha, eu estou muito entusiasmada – disse Stella. – Aliás, todos devíamos estar. Essa ideia maluca vai funcionar.

– OK, vamos chamar isso de uma atualização. – Lucy tocou no iPad e Stella ouviu o som sussurrante de um e-mail sendo enviado.

– Você nos mantém atualizadas, está bem, Melissa?

Melissa assentiu com um gesto de cabeça.

– Com certeza. Stella me atualiza com regularidade, por isso não há problema.

Lucy se inclinou para a frente e disse:

– Aqui entre nós, não faço ideia da razão pela qual Helena se interessa por esse assunto. Isto é, há rentabilidade no fundo de catálogo, mas isso que descobriu é diferente. Seja como for, vamos mantê-la feliz. Só Deus sabe como isso nos facilita a vida, não é?

– Prometo que vai funcionar – disse Stella. – Depois de tudo isso, o *Canoa* vai voltar a ser um enorme sucesso.

– É só marketing – disse Lucy com um encolher de ombros.

– Lamento que tenham de fazer tanta coisa quando não faz parte das funções de vocês. Nem imaginam as coisas horríveis que Helena diz sobre o pessoal do marketing. Melissa, precisa de ajuda para ler aquilo? – perguntou Lucy, apontando com o queixo para a pilha de papéis na mesa. – Prefiro ficção, mas estou mortinha por ler qualquer coisa.

– Este não. – Melissa se levantou e foi para trás da mesa. – Acho que este meu autor o escreveu em alemão e depois o passou pelo Google Tradutor.

– OK, então esse talvez não – concordou Lucy.

– Tenho alguns romances que posso enviar por e-mail – disse Stella.

– Você faria isso? – Lucy sorriu. – Prometo que escrevo excelentes relatórios. É que se não começar a sair da área executiva e a entrar na editorial, juro que me suicido. Adeusinho às duas! – E lá foi Lucy clicando pelo corredor fora.

Melissa se sentou à mesa e manteve o sorriso uns bons cinco segundos depois de Lucy sair.

Stella pensou: “Que diabos, é o inimigo comum... vou arriscar.”

– Ela é imaculada demais para a área editorial – disse Melissa.

– Editorial? Acha que é isso que está fazendo? – Melissa dirigiu um sorriso a Stella, que subitamente percebeu que deixara de conseguir ler a situação.

Levantou-se e disse:

– Peço desculpa por ela ter vindo incomodar.

– Pede desculpa? – Melissa encarou Stella e umedeceu os lábios. – Escuta uma coisa, eu não faço ideia de que merda era aquela que ela

queria dizer. Nem me interessa. Mas quero lhe dizer que estou aqui há oito anos sem um único problema e isso acontece porque tenho juízo suficiente para me manter bem longe da Helena. Esse é o meu único jogo político, entendeu? Portanto, vai lá resolver esse problema do *Canoa*, tá? Porque eu não quero ir parar no radar da Helena.

– Eu posso...

– Não tem a Julie à espera na Alger? Não foi aí que o pau-mandado encontrou você?

– Certo – disse Stella, ganhando de repente consciência. – Desculpe. Eu resolvo tudo num instante.

– Resolve o quê? – disse Melissa. – Não entende, não é? Está enchendo um balão e acha que vai conseguir se agarrar nele e voar por cima das cabeças de todos nós, mas, e se não tiver gás suficiente?

– Certo. Compreendo a metáfora, mas não estou entendendo o ponto de vista – disse Stella, desejando que Melissa lhe dissesse diretamente na cara que não gostava dela e não dissesse com sutilezas.

– Agora é uma boa hora para descobrir. Porque eles estão de olho em você. Da próxima vez não vai ser o soldado raso que vai lhe chamar. Entende?

– Prometo que vou dar uma boa imagem de nós.

– Nós? – Melissa revirou os olhos e tirou da bolsa um recipiente de plástico com fatias de maçã. – Claro que sim. Agora, volte lá para a sua reunião. Não preciso de problemas com a Julie também.

Emily, outubro de 2011

– O que é isto? – perguntou Eli a Emily. Vinha saindo do quarto, onde ambos tinham acabado de se vestir. Estendia o livro na direção dela. Ela segurou a respiração, emudecendo diante daquela imagem tão desejada dele com o *Canoa* nas mãos.

Há muito que percebera que ele não reparava em nada que estivesse na mesinha de centro, em livros ou qualquer outra coisa deixada nas mesinhas de cabeceira. Por isso tinha colocado deliberadamente um exemplar do livro em cima das revistas *Sports Illustrated*, *Bicycling* e *Fixie*, que ficavam numa caixa em aço ao lado do vaso sanitário. E então, quando nem assim ele o encontrou, ela o enfiara na bolsa de seu laptop.

– É aquele livro, o *Canoa*. Quero que dê uma olhada nele – respondeu ela.

– Por quê?

– Porque tenho uma surpresa para você.

Estavam no meio da manhã de sábado e tinham planos de sair.

Antes de ter ido se vestir, Eli tinha descascado e comido uma toranja e agora a casca estava ali: uma espiral perfeita no prato que deixara em cima da pia da cozinha. As espirais que faziam com a fruta eram tão bonitas. Ela tinha o hábito de secá-las porque sempre imaginara que um dia faria alguma coisa com elas, mas ainda não tinha descoberto exatamente o quê. Tinha uma espetada no quadro de cortiça do seu escritório.

Ele começou a folhear o *Canoa*. Pareceu reparar no prefácio e no posfácio, no sumário e nos exercícios. Então olhou para ela, em silêncio e de olhos bem abertos, procurando uma explicação.

– É uma boa surpresa – disse Emily. – Gosto de vê-lo lendo.

– Este livro – Eli ergueu-o entre os dois – é uma espécie de medida cautelar.

– E que mal isso tem?

– Acho que nenhum. – Eli olhou-a e fez um aceno de cabeça. – Eu compreendo. Claro que não tem mal.

– Fico contente por estar tão receptivo. Essa edição começa com uma espécie de história esportiva. Quero que leia. Pode ler enquanto vou ao ioga.

Eli coçou o queixo. Ela o viu ler algumas linhas. Ele se retraiu, mas quando a flagrou observando, disfarçou a hesitação.

– Conhece as várias edições do mesmo livro de conselhos sobre casamento? – comentou ele.

– Conheço. Agora estamos melhor, não estamos? Mas você entende que ainda não sou completamente feliz, que ainda estou me recuperando.

– Sim – respondeu Eli prontamente.

– Quero revelar mais de mim mesma. Isso não é parte do que pede? Que eu seja uma pessoa mais aberta?

– Sim, claro. Aberta. Para que eu possa amá-la. Para que possamos consertar tudo. Como dissemos.

– Isto é parte de como vamos fazê-lo. Eu ainda fico revoltada quando penso no assunto. Muito revoltada. Mas isso está ajudando. Quando eu voltar lhe conto a surpresa e talvez possamos... passar o dia juntos.

– Por que não vamos dar uma volta de bicicleta e assim passamos o dia juntos?

– Talvez. Mas neste momento quero mesmo ir a uma aula de ioga. Depois podemos ficar juntos e, se acabarmos em cima de uma bicicleta, tudo bem.

Ela pegou a bolsa e o tapete de exercícios e praticamente correu porta afora. Totalmente deliberado e um pouco desonesto, pensou. Mas Eli gostava de surpresas. Gostava de pensar nas situações e depois se surpreender com o resultado. Tinha aprendido isso sobre ele logo no início do relacionamento. Isso acontecia quando cozinham juntos. Era especialmente verdade quando ele trabalhava. Por isso, ela inventara uma maneira de ele descobrir o que ela tinha feito que se adequasse ao que ela acreditava ser o verdadeiro ele.

Correu para o Yogasana. Era o terceiro na lista de estúdios preferidos, mas era o mais próximo de casa. Estava atrasada, mas deixaram-na entrar. Na última fila, muito perto dos ruidosos aquecedores, ela ia fazendo as poses, tentando desesperadamente se concentrar. Ficou espantada ao

descobrir que chegada à posição do pino se sentia completamente concentrada, sem pensar em Eli ou no concurso que acabara de ganhar, mas capaz de relaxar e deixar a energia fluir pelo corpo até a ponta dos pés, esticados e apontando para o teto escuro.

– Muito bem, Emily – elogiou o instrutor ao tocar na batata da perna de Emily. – Agora imaginem os seus braços como cabos grandes e fortes ligados à tomada. Isso mesmo. Lindo.

Na extrema tranquilidade do final da aula, enquanto Emily relaxava deixando o corpo morto, sentiu-se feliz e condenou-se de imediato por se deixar cair tão facilmente na felicidade. Talvez por agora ser uma vencedora? Era ridículo e esperou que essa fosse a explicação. Mas também sentira que ia ganhar, no momento exato em que enviou o e-mail. Era bom ganhar alguma coisa. Estava orgulhosa de si mesma. E sentia tonturas só de pensar que ia conhecer Peter Herman. Isso não era destino. Era ainda melhor. Era ela tomando as rédeas do próprio destino... tal como acontecera quando conhecera Eli. Acreditava que esses eram os momentos em que se tornava uma pessoa melhor, quando se esforçava ao máximo.

Quando voltou para casa, encontrou Eli sentado numa cadeira que arrastara para junto das janelas panorâmicas. Ele sacudiu a cabeça de uma maneira que fez Emily desconfiar se não teria cochilado. Mas ainda estava com o livro. Isso bastava.

– Estou gostando – comentou ele.

– Está? – perguntou ela com surpresa.

– Você quer que eu me interesse e eu gosto disso.

Ela se ajoelhou à frente dele, que se debruçou depositando-lhe um beijo na testa e depois nos lábios.

– Tenho uma surpresa.

– Estou cheio de fome. A surpresa implica comida?

– Houve um concurso relacionado a este livro e eu participei.

– Um concurso? Era disso que estava falando com a Ida naquele jantar? Eu sabia que tinha ouvido algo estranho.

Ele ia abanando a cabeça enquanto ela lhe contava.

– Não acredito que chegamos a esse ponto – disse ele. – Não posso acreditar que isso esteja acontecendo.

– Eu sei – respondeu ela –, eu também não. Passamos por uma situação complicada, mas agora somos vencedores. Você tem que ver as coisas por esse ângulo.

– Tenho?

Ela foi até a cozinha buscar água e olhou para a casca de toranja ainda no prato. Ele não tinha limpado. Uma vez tinha explicado a uma colega o significado da casca de fruta espetada no seu quadro de cortiça no escritório e ela a olhara com um ar estranho, dizendo:

– Uau, deve mesmo amar o seu marido!

Emily respondera:

– Sim, acho que sim.

Agora, Eli dizia:

– Sinto como se isto não fosse realmente uma surpresa... É mais como ser empurrado para fazer alguma coisa sem sequer ter sido consultado. Quero dizer, aconselhamento matrimonial? Porque é disso que estamos falando.

– Porque nós precisamos! – Imagens de Jenny Alexandretti povoaram a mente de Emily. Lutou contra a vontade de dizer o nome dela e forçou uma risada. – Não estrague a boa sensação que eu trouxe do ioga com as suas dúvidas.

– Não, não. – Eli abanou a cabeça como se já tivesse jurado a si mesmo não o fazer. – Eu entendo... você está fazendo um pouquinho de pressão. Mas tudo bem. Eu faço o que quiser. Devo isso a você.

Ele entrou na cozinha.

– Obrigada – murmurou ela. – Peter Herman, o tipo que escreveu o livro... tenho certeza de que já deve ser uma pessoa de idade, mas eu costumava sonhar com ele quando era pequena. Conheço esse livro praticamente de cor.

– É mesmo? – Eli a abraçou. Ela usava um top e ele meteu os dedos por baixo do elástico.

– Prometo que vai ser divertido. E vou lhe falar mais do livro e explicar a importância que teve para mim. E conversar com você sobre a minha infância. Esta sou eu, como você queria. Eu estou me mostrando a você.

– Isso é bom – disse Eli.

– E não se esqueça de que somos vencedores.

– Claro. Você... planejou ganhar. É uma excelente escritora.

- Não, não sou. Não diga isso.
- No momento que você decidiu participar, aposto que sabia que ia ganhar.
- Talvez sim. Obrigada por ser legal sobre isso.
- Mais do que isso. Quero fazer o que você quiser. Sabe o que eu penso? Gostaria que voltássemos ao ponto em que estávamos no verão passado, quando víamos a sua irmã com frequência.
- Antes de...
- Sim – disse Eli. – E agora que já passou mais de um ano, vamos ali até o quarto.
- Não aqui?
- Não, lá, onde não há tanta luz – disse Eli. – Quero sentir o seu cheiro no escurinho.
- Isso é uma bobagem.
- Faz a minha vontade. – Eli a puxou pelos braços. – Como eu estou fazendo a sua.
- Você compreendeu a ideia do que ele diz sobre a canoa? Da segurança? – Assim que entraram no quarto, ela ficou surpreendida com o desejo que sentia por ele. Tirou as calças de ioga.
- Eu e você numa canoa. – Eli se ajoelhou e olhou para ela. – Esta cama. Esta cama é a nossa canoa.
- Emily baixou os olhos para ele. Estavam tendo relações cada vez com mais frequência e mentiria a si mesma se não admitisse que se sentia feliz. Feliz, de certa forma, que a fase má tivesse passado e a tivessem ultrapassado e avançado para o amor verdadeiro que sentiam agora. E em breve, preparados para terem um filho.
- Você é maravilhosa – disse Eli. – Sou muito sortudo por estar com uma mulher que me surpreende. Um concurso de aconselhamento matrimonial? Só você, Emily, só você para vencer isso.
- Para – disse Emily. – Eu também sou sortuda.
- Promete que é assim que se sente? Vem cá. Quero te tocar.
- Deixa eu ficar aqui só mais um momento – disse ela.

Stella, novembro de 2011

Agora que já tinha um vencedor, Stella estava na segunda fase: publicidade de curto prazo. Depois de terem concordado que Emily Babson e Eli Corelli eram o casal vencedor, Stella hesitava em voltar a contatar Peter Herman até ter algum sucesso midiático. Tinha sido tão fácil lidar com ele e estava com receio de fazê-lo desperdiçar o seu tempo. Mas o casal vencedor estava motivado, toda a editora curiosa, e Peter Herman satisfeito. Por isso queria se apressar. Tinha passado alguns dias tentando contatar a Elspeth Simon, uma antiga amiga que trabalhava na revista *The New Yorker*. Elspeth acabara de ser promovida para a seção *Talk of the Town*, e estava ficando muito convencida.

Elspeth Simon fora sua colega de quarto no segundo ano da universidade, quando as duas tinham dezenove anos. Há dois anos, e sete anos depois de uma situação semelhante ter acontecido quando eram colegas de quarto, ela tinha roubado o namorado de Stella, Joe, um guitarrista, que, de tempos em tempos, abria os shows de Will Oldham. Joe fora o namorado anterior ao Ivan, e ela tinha demorado algum tempo e algumas relações passageiras até esquecê-lo. Na verdade, tinha havido três, mas Ivan fora o que ficara. E o resultado tinha sido bom. Ainda assim, de vez em quando sentia saudades de Joe, mesmo ele sendo incrivelmente reservado. Era uma pessoa encantadora e gentil, de olhos amendoados.

Na época, Stella tinha deixado Elspeth ficar com Joe sem lutar. O novo casal ficara emocionado com a generosidade de Stella. Tinham sido flagrados por amigos comuns no sétimo aniversário de uma festa *Let's Be Naked* e qualquer pessoa um pouco mais insegura do que Stella poderia ter perdido as estribeiras; pelo gigantesco clichê e pelo fato de uma festa que implicava corpos nus terem sido os mais importantes fatores na relação. Uma coisa do tipo: “Ei, olha para mim! Vê como aos vinte e seis anos ainda tenho tudo no lugar! Vamos aproveitar estes corpos fantásticos

para dar uma trepada sem compromisso!” Sinceramente, tinha tanto de deprimente quanto de repulsivo. E uma pontinha de excitante, pensou Stella.

Até hoje se repreendia por nessa noite ter preferido ir a uma degustação de cabrito para celebrar um novo livro de culinária de April Bloomfield. Comera muito e às dez da noite se sentia muito gorda para se encontrar com Joe em uma festa onde teria de estar nua. Por isso, a ambição já a tinha feito perder um namorado. Mesmo assim, acabara ficando tudo bem. Amava Ivan, talvez, e nunca o teria conhecido se Elspeth não tivesse puxado Joe para um banheiro, ou para onde quer que tenham ido naquela festa, enquanto Stella estava em casa, vendo a barriga subir e descer. Ou talvez Joe e Stella o tivessem feito ao ar livre? Eca!

– Você me deve um megafavor, tal como veio ao mundo, para dizer o mínimo – disse Stella assim que conseguiu falar com Elspeth ao telefone.

– Concordo plenamente – respondeu Elspeth.

– É sobre aquele livro estranho de autoajuda, *O casamento é uma canoa*. – Stella passou a descrever o que precisava. – Já enviei um exemplar por motoboy para você.

– Ah, então é por isso que ele está em cima da mesa – disse Elspeth. – Vai ser um esforço fenomenal, mas acho que consigo cumprir a tarefa.

– Vai ser de grande utilidade – disse Stella. – E acho que vai ajudar nós duas, carmicamente falando.

– Concordo. Vou já cuidar disso.

Extraído de *O casamento é uma canoa*, **Capítulo 5, Sobre começos**

O meu verão não foi passado sempre com os mais velhos. Havia o pequeno Johnny, que se tornou um bom companheiro, se não mesmo um bom amigo. E depois havia as crianças que viviam nas casas dos dois lados do lago. Não brinquei com elas muitas vezes, mas o suficiente para ser convidado para uma festa de aniversário, com direito a quadrilha e tudo, no celeiro da família Linderman, que ficava no alto de uma colina a menos de dois quilômetros da casa dos meus avós. A aniversariante era uma menina de cabelos cor de mel que me disse para eu chamá-la de Honey. Todos faziam o mesmo. Honey Linderman. Tinha treze anos e montava uma égua de um metro e quarenta e dois centímetros, que, segundo ouvi dizer, tinha sido trazida de um estábulo do Wyoming.

– Estava à sua procura – disse Honey quando me viu. – Vem comigo!

Tive de ir atrás dela até o meio do celeiro, onde estavam as mesas de piquenique. Sabia que os meus avós a achavam mimada. Mas ela estava tão feliz que parecia certo mimá-la. Mas praguejava muito. Era *maldito* isto e *para o inferno* com aquilo. Nunca abandonou esse hábito e sempre me perguntei por que razão os pais permitiriam aquilo.

Havia umas vinte ou vinte e cinco crianças naquela festa no celeiro. Primeiro, tivemos direito a um picolé com cobertura de baunilha e sorvete de morango, e cantamos os parabéns a Honey, todos em círculo. Entregamos nossos presentes, que a maioria tinha comprado na loja de Casey na cidade. Havia um caleidoscópio e uma caixa de lápis branca de couro envernizado, presenteados pela melhor amiga da escola. Um menino lhe deu o novo disco de Dion e vi a mãe agradecer e depois escondê-lo.

– Porra, mãe – disse ela de maneira que só nós, crianças, ouvíssemos.

Os adultos chegaram quando a quadrilha começou. Começou com uma dança para crianças, com um violinista que reconhecemos como sendo o farmacêutico da cidade, e o animador, um homem alto de bigode e terno de risca de giz, que ninguém conhecia. Havia também uma cantora, que se levantou e cantou de mãos entrelaçadas. Dançamos e cantamos e eu tinha consciência de que estava suando e de que provavelmente cheirava mal. Olhei para Honey em todas as músicas e ela me devolveu o olhar. Quando calhamos de dançar juntos, tive certeza de que as nossas mãos estavam dadas com mais força do que com qualquer outra pessoa.

O animador anunciou que ia fazer uma pausa. Desapareceu para os fundos do celeiro com a cantora e o farmacêutico. Todos sabíamos que iam fumar e beber uísque. Mas não dissemos nada. Em vez disso, começamos a jogar queimada e a correr. E então Honey veio por trás de mim e tapou meus olhos.

– Vem comigo – disse ela. – Mas não me siga de muito perto. Anda logo.

Logo depois, ela desapareceu. Tinha certeza de que ela ia descer o caminho até os estábulos, a menos de cem metros do celeiro. Havia luar, graças a Deus. Segui-a, mas não de muito perto, assim como ela havia pedido.

– Você me encontrou! – exclamou ela, bem alto, quando entrei. Havia apenas algumas luzes penduradas nas vigas, balançando lá em cima, e ouvíamos os três cavalos da família dela dormindo nas cocheiras, resfolegando enquanto sonhavam.

Lembro-me de observar o belo rosto de Honey, o cabelo aloirado, a pele morena queimada pelo sol de verão e os olhos verdes brilhantes. Talvez ela não fosse bonita. Talvez as sobrancelhas fossem um tanto grossas. A voz era um pouco rouca e havia algo que também parecia não fazer sentido: é que embora parecesse desbocada, eu iria descobrir mais tarde que nos momentos realmente importantes ela era tímida.

Aquele primeiro beijo no estábulo foi superior a qualquer outra coisa. Foi perfeito. Rodeava-nos o cheiro de forragem úmida e de sorvete de morango da festa, que ficara nos nossos dedos.

Nós nos beijamos duas vezes e ficamos abraçados, nossos braços compridos envolvendo as costas um do outro. Hesitávamos sobre o que mais poderíamos fazer.

– Não diga a ninguém – pediu ela. – Não conte a ninguém sobre isto.

– Gosto muito de você – disse, não me importando se ela contaria a alguém ou não, ciente de que aquele pensamento era o meu primeiro passo em direção a uma certa maturidade. Inútil naquele momento, mas, ainda assim, lá.

– Chiu! – Ela estava zozza. – Cala a boca!

Corremos de volta para a festa, sem fôlego, separados por uns vinte segundos, certos de que tínhamos enganado todo mundo, embora, naturalmente, quem estivesse interessado facilmente descobriria onde tínhamos estado e fazendo o quê.

Bess e vovô já tinham chegado e estavam bebendo com os outros adultos. Eu me aproximei e me coloquei no meio deles.

– O que estão bebendo? – perguntei.

– Pode provar – disse vovô. Assim fiz. Era limonada misturada com uísque, preparada pelos pais de Lisa. Desde então que adoro aquele sabor estranho meio agri-doce.

– Está se esforçando para se comportar como um cavalheiro? – perguntou vovô, agarrando com a mão um pedaço de cabelo castanho da minha nuca.

– Sim – respondi –, e corri de volta para tentar encontrar Honey e dançar um pouco mais.

Mais tarde, a caminho de casa pela estrada enlaurada, corri em círculos à volta dos meus avós, como um menino muito mais novo, pensando no momento em que voltaria a ver Honey.

Na sua terceira revisão, Peter acrescentou o seguinte:

Menos de uma década mais tarde, eu iria voltar a Millerton me sentindo tão só como quando era garoto, para enterrar os meus avós e encontrar Lisa novamente.

Casei com ela na Câmara Municipal de Millerton e a festa foi naquele mesmo local, o celeiro da família dela em Millerton. Ela ainda era a mesma: teimosa, encantadora e com ideias definidas sobre o amor.

Não estou sugerindo que todos devêssemos nos casar com a primeira garota que beijamos. Mas, pensando melhor, por que não?

Quando estamos apaixonados, se seguirmos o caminho que o amor nos oferece, por que não nos mantermos apaixonados? Por aquela pessoa... mesmo que seja um pouquinho desbocada!

O mais provável é que o verdadeiro amor não esteja longe.

Extraído da revista *The New Yorker*,
14 de novembro de 2011,
Seção *Talk of the Town*

ÁGUAS REVOLTAS

Não sei se acontece o mesmo com você, mas quando chegamos em meados de novembro ficamos ansiosos pelas festas caseiras, com os nossos amigos ao redor de um *fondue* e de um jogo de Scrabble acompanhado de um uísque escocês. Mas, há uns dias, decidimos sacudir a rotina com um revigorante passeio de canoa. O desejo de uma viagem como esta foi atiçado por notícias vindas da Ladder & Rake Books, que planeja reanimar *O casamento é uma canoa*, o livro de aconselhamento matrimonial, da autoria de Peter Herman. A LRB criou um concurso destinado a celebrar o cinquentenário dos acontecimentos em que os conselhos do livro se baseiam, relacionados com o verão que Herman passou quando criança com os avós, no lago Okabye, no interior de Nova York.

Um casal felizardo já foi selecionado para passar um sábado com Herman, o autor que se tem mantido em silêncio durante a última década (todos sabem onde vive, mas ninguém parece disposto a dar indicações). Não quisemos perseguir o sábio. Preferimos deixar a tarefa de uma conversa íntima com Herman sobre casamento para os vencedores do concurso. Nosso desejo era simplesmente remar em um lago da região incontestavelmente silvestre do estado de Nova York.

Uma investigação mais atenta nos conduziu a Fred Benton, gerente da empresa Hudson Valley Canoe Tours desde 1985. Benton é casado com Annika Benton, educadora infantil em Poughkeepsie. O casal tem dois

filhos, Roderick, de nove, e Annaliesa, de quinze anos. Benton aceitou nos levar num passeio matinal pelo Silver Lake, um dos seus lugares preferidos, onde provavelmente o vento nos daria tréguas.

E foi assim que, numa manhã de quinta-feira, nos encontramos com Benton no seu ponto de encontro predileto, o estacionamento do Village Diner, em Red Hook. Esse café “histórico” é revestido de aço refulgente, muito semelhante às canoas usadas nos acampamentos ao longo da Costa Leste, tanto para norte como para sul. Benton acenou na nossa direção. Um homem magro, de cerca de cinquenta anos, com olhos cinzentos e uma espécie de ferradura de cabelo curto emoldurando sua cabeça careca... como um Michael Stipe da canoagem da Costa Leste.

– Durante o verão, faço visitas guiadas a famílias e aos fins de semana dou seminários sobre remo avançado no Jay’s Camping Outlet, na estrada de Mamaroneck, se houver gente suficiente inscrita – explicou Benton, enquanto nos conduzia até o lago na sua picape Ford F-150 verde. Várias canoas estavam amarradas numa plataforma de aço construída na traseira do veículo, empurrando-se pelas sacudidas do vento –, mas assim que o outono chega, começa a baixa temporada; por isso hoje somos só nós.

Estacionamos e ficamos observando Benton desamarrar com agilidade uma canoa e a levá-la até a água. Tinha escolhido a sua preferida, uma *Olde Towne Guide 147*, vermelho vivo, feita de três camadas de poliuretano.

– É um modelo básico e nada caro, mas confio plenamente nele – disse Benton. – Praticamente impossível de danificar, até com um taco de beisebol. Para ser sincero, acho que as de madeira já deviam ser peças de museu.

Fred entregou um remo *Carlisle Scout* a essa remadora. Levou-nos para a água e imediatamente sentimos a agradável sensação do ar puro da natureza, estávamos bem agasalhados e protegidos pelos coletes salvavidas laranjas Extrasport Volksvest. Fred não usava colete e os seus remos eram de plástico preto e já muito gastos.

– Maus hábitos – comentou Fred, sobre a falta do colete e os velhos remos. – Impossível perdê-los.

Prosseguimos o passeio, admirando as folhas esvoaçantes. Fred explicou que Silver Lake tinha uma profundidade de quase cinquenta e cinco metros e que era um dos lagos típicos da região de Hudson Valley.

Era o seu lago favorito, por causa das tílias que emolduravam as margens. Eram árvores jovens, com uma média de apenas quarenta anos, muito firmes e que conservavam a folha durante mais tempo.

Será que Benton conhecia Peter Herman?

– Acho que nos falamos uma ou duas vezes ao longo destes anos – respondeu ele, assim que a margem pareceu já estar a alguns quarteirões de distância, medida de cálculo para uma remadora de cidade como eu. – Não tenho grande vida social. O melhor é fazerem essa pergunta à minha mulher. – Benton pegou o celular para ligar para Annika. Assim que lhe transmitiu a nossa pergunta, se esticou na canoa, me entregando o celular.

– Sim, claro que conheço Peter Herman – respondeu Annika.

– Fred e eu já jantamos várias vezes na pousada dele. É um homem extraordinário. Vocês foram passear no Silver Lake? Não está muito frio?

O nosso inquérito avançou para “Acha que as lições da obra *O casamento é uma canoa* realmente funcionam? Considera-se uma pessoa de sorte por estar casada com um homem que passa os dias remando uma canoa?”.

– Acho que nunca pensei nesses termos – disse ela, pedindo desculpas por não poder falar mais. Ela teve que voltar para sua sala de aula para supervisionar o lanche da manhã (fatias de maçã e queijo).

Esta remadora começou a pensar alto sobre que tipo de perguntas o casal vencedor poderia fazer a Peter Herman e o que teria a canoagem em comum com o amor.

– Não há segredos para um bom passeio de canoa – disse Fred.

– Manter o ritmo das remadas constante. Não enfiar o remo com muita força na água. Deixá-lo mergulhar, com toda a suavidade. – Deduzi que ele estivesse preocupado com os espirros de água gelada com que eu pudesse atingi-lo e procurei remar com mais equilíbrio.

Benton passeava de canoa com a mulher e os filhos? Enchia a canoa com os mantimentos necessários para um dia feliz na água?

– Não, desde que a minha filha é adolescente – respondeu ele, e deixou por isso mesmo.

A remadora insistiu e desfiou uma série de outras lições do *Canoa*. E aquela que diz: “Encontrem tempo para estarem juntos todos os dias, apenas os dois, na canoa de vocês”?

– Boa sorte com isso. – A frequência de remadas de Benton abrandara. Continuou: – É um bom princípio, admito. Por isso acho que Herman até pode ter certa razão. Se eu fosse ele, iria ainda mais longe e acrescentaria que o melhor é sermos fiéis ao modelo antigo da nossa canoa, em vez de o trocarmos por um novo... entende, uma alusão a que o pessoal se deve manter casado com uma pessoa. E talvez até dizer que não é preciso uma canoa cara para desfrutar de bons momentos. – Benton sorriu. – Isto é só começar, depois fica muito fácil! Não me admira que ele tenha escrito isso. Como é aquela sobre a infidelidade?

Observei Benton com curiosidade, parecendo-me que sabia muito mais do que deixava transparecer.

– “Haverá momentos em que olhará para uma outra pessoa com luxúria, e isso pode pôr à prova a força do seu casamento. Mas se quer que a vida seja uma viagem de felicidade, mantenha-se na sua canoa.”

– É essa mesmo. – Benton não fez mais comentários. Cuspiu no lago e ergueu uma sobrancelha, dizendo: – Vamos sair desta água gelada.

Fred nos levou de volta para Village Diner, onde tomamos uma sopa de tomate e comemos sanduíches. Será que frases do *Canoa* se aplicavam ao casamento dele? Poderia Fred nos dar um exemplo? Fred comeu metade de seu sanduíche de queijo derretido e bacon. Depois de algum tempo mastigando, respondeu:

– Uma vez que não sou nenhum pensador metafórico, é a primeira vez que estou diante dessa ideia. Mas agora que nos concentramos sobre esse assunto, eu diria que sim, que as lições se aplicam. Eu passo o dia remando. Pensar no casamento como uma canoa não faz mal nenhum. Sou uma pessoa mais paciente porque compreendo a água. Sei quando o vento está para nos ajudar e quando é preciso que todos reúnam forças e trabalhem em conjunto para se manterem no rumo certo. – Piscou o olho e mergulhou a outra metade do sanduíche na sopa. – Vê? É fácil. O casamento é uma canoa. Faz todo o sentido. Já não posso dizer o mesmo sobre o caiaque. Os amantes de caiaque têm tendência a serem solitários e loucos.

Lá fora, o céu ameaçava chuva e nos despedimos de Fred Benton, que verificava as cordas elásticas que prendiam as canoas. Fred nos disse que no mês seguinte voltaria ao seu negócio de inverno: ajustar as fixações dos

esquis e pranchas de *snowboard* de aluguel na estância de esqui Hunter Mountain.

– Gosto mais do verão – disse Benton –, mas o inverno é sossegado e também não me importo. Dê os meus parabéns aos vencedores do tal concurso! Eu e Annika lhes desejamos as maiores felicidades. Eles deviam vir para estes lados na primavera, que eu lhes faço uma visita guiada... e ainda lhes dou um desconto de cinquenta por cento!

Peter, novembro de 2011

Peter foi até Millerton de carro fazer umas compras na mercearia Pantomime's. Gostava de conversar com o proprietário, Arthur Levin. Arthur tinha construído um teatro no enorme jardim dos fundos da mercearia, tendo-o gerido com sucesso desde o início dos anos 1970 até o começo dos 1980. Mas à medida que Arthur foi ficando mais velho, as exigências de um teatro foram se tornando cada vez mais difíceis de suportar. Agora Arthur era um dos veteranos de Millerton que geria uma mercearia de excelente qualidade com um nome ilógico e tão popular para os turistas como para os habitantes locais.

Peter percorreu os dois corredores da mercearia. Cartazes enormes cobriam as paredes acima das prateleiras, de *A ópera dos três vinténs*, *Oklahoma!* e *MacBeth*, cartazes que, calculava Peter, deviam passar despercebidos aos homens e mulheres que paravam ali para comprar cerveja após os turnos na vidraria Gilmor e nas empresas de recauchutagem da Old Country Road. Ou será que agora já seria o contrário? Peter parou em frente à entrada da cervejaria meditando sobre o assunto, enquanto Arthur debitava os últimos rumores a plenos pulmões do seu poleiro, por trás do balcão na frente da loja.

– Ouvi dizer que você vai embora da cidade – berrou Arthur, do alto da sua plataforma de compensado, fazendo a barriga protuberante, emoldurada por um par de finos suspensórios pretos sobreviventes dos seus tempos de mímico, ficar espremida contra o balcão. Tinha menos de um metro e setenta de altura e usava uma farta barba castanha, semelhante à de quase todos os homens de Millerton, que deixavam crescer no inverno. A roupa era praticamente um uniforme: calças jeans, camisa de gola alta branca-suja e boné vermelho com protetores de orelhas, presos no alto da cabeça.

– Vou?

– Se ouvi, é porque é verdade – disse Arthur sorrindo.

No ar se espalhava o cheiro dos pickles em conserva que o próprio Arthur fazia e dos cachecóis e chapéus sem forma feitos em pura lã pela nova mulher de Arthur, Vanessa, uma nova-iorquina que tinha decidido se mudar para lá depois de um fim de semana com as amigas na pousada. Tinha entrado lá sozinha num sábado à tarde, para comer um sanduíche de atum, queijo cheddar curado e brotos, e saído com a admiração de um homem e a oportunidade de uma nova vida, deixando para trás a metrópole que a desiludira em assuntos de amor.

– Os sopradores de vidro gostam de cerveja clara ou escura? – perguntou Peter.

– Você está falando mesmo de cerveja no sentido literal? Sei lá – respondeu Arthur. – Pergunta ao sujeito que me vem trazer a cerveja. Ou melhor, pergunta ao Henry. Ele sabe dessas coisas.

Peter concordou e pousou o cesto das compras no balcão, estava levando mirtilos secos, chocolate Cadbury, uma caixa de cereais Grape-Nuts, um saco de cenouras baby e uma caixa de leite desnatado.

– E você, como está? – perguntou Peter.

– Eu? O que é que isso interessa? – respondeu Arthur. – Li sobre o seu concurso na *The New Yorker*. – Arthur gesticulou para o laptop pousado entre a máquina dos cartões de crédito e um balde metálico vermelho cheio de guloseimas de xarope. – Bom artigo.

– Que artigo?

– Aquela coisa do “salve o seu casamento”? – Arthur fez a mímica de lançar uma bola ao cesto. – Foi uma excelente ideia. Calculo que há mais de dez anos que Fred Benton não falava tanto com um estranho. Devia ser uma jovem bem jeitosa, essa jornalista. Se eu ainda estivesse casado com a Françoise, tinha participado do seu concurso com um ensaio que deixaria a todos de cabelos em pé. Mas não tenho problemas com a Vanessa. – A voz de Arthur subiu, parecendo até um pouco frívola. – Olhe bem para você! Entre a sua partida iminente e o concurso, é o sujeito mais badalado por aqui.

– Espera aí – disse Peter –, Fred Benton andou falando com jornalistas sobre mim?

– Disse que não o conhecia. Se bem me lembro, você e ele trocaram uns xingamentos no Sally Forth há alguns anos, quando se meteu com Annika,

na época em que eles ainda não tinham oficializado a relação. Mas Fred não é dos que ficam falando mal dos inimigos.

– Porque ele não é pessoa de falar, ponto, como bem disse.

Peter franziu o cenho e agarrou o *The New York Times* e o *Poughkeepsie Journal* da prateleira. Depois pegou também o *Millerton Gazette*, que era um jornal gratuito.

– Pois é, é verdade – disse Peter. – Prometi à Maddie que me mudaria para a Califórnia com ela.

– Admiro-o por isso – comentou Arthur. – Ela me lembra aquela atriz da série *O escritório*, a Mindy Kaling. Olhar firme, bonita, moderna... talvez Maddie não tenha um senso de humor tão apurado, mas o resto é parecido. Ponho na sua conta?

– Sim.

– Então quer dizer que você vai receber os vencedores do tal concurso. Porque não os traz aqui à Pantomime's e fazemos uma coisa legal? Podemos ter uma conversa amena sobre o casamento, para eles verem como é humano. Eu me mostro muito impressionado com você e depois falo para eles de mim e da Vanessa. Oferecemos-lhes *donuts* de sidra. Tiramos fotografias e eu consigo alguma divulgação na imprensa, que pode me ajudar no comércio com os turistas. O que me diz?

– Céus, Arthur! Não sei.

– Mal não há de fazer.

– Não, talvez não. E me mudo logo depois, não é assim? Já que só ouve a verdade...

– É isso mesmo. – Arthur se debruçou sobre o balcão. – Escuta, Peter, se uma mulher quer você, vai com ela.

Peter pegou o saco de papel das compras do balcão, segurando-o contra o peito. O saco era pesado e parecia muito cheio. Ainda não tinha se habituado a fazer compras só para uma pessoa, e ficava sempre na dúvida. Teria feito compras a mais? A menos? Não era capaz de dizer.

– Passou uns bons tempos aqui – disse Arthur. – Agora tem uma mulher que gosta de você e vai embora. Acredite, eu entendo.

– Ainda bem que todos têm uma opinião sobre o lugar onde devo repousar as costas.

– De que mais é que havíamos de falar?

A porta abriu e entrou um jovem casal, com ar de quem esticava as pernas depois de uma longa viagem, talvez vindos da cidade para visitar alguém durante o fim de semana.

– Onde tem café? – perguntou o homem. Arthur sorriu e levantou a mão num gesto de “só um momento”. Peter se aproximou da porta de saída.

– Não fique agarrado a esta terra sem razão – disse Arthur, levantando mais a voz. – Nunca vou me esquecer da vez em que Peter Schumann entrou por essa porta para me convidar para fazer parte do teatro de marionetes de intervenção Bread and Puppet, lá em Vermont, e eu recusei porque queria traçar o meu caminho aqui. Um punhado de gênios prestes a fazer história e eu disse que não! – Arthur fechou as mãos e as ergueu ao teto, decorado com pedaços de papel colorido, provenientes de pinhatas e celebrações do 5 de Maio. – O Peter Schumann viu em mim uma alma gêmea e eu disse que não. Se alguém lhe estender uma mão, você aceita, sabe?

– Sim. Até breve – despediu-se Peter.

– E lembre-se de trazer aqui os vencedores! Eu preparo uma salada de quinoa e outros petiscos e fazemos uma festa. – Arthur se voltou para o casal. – Agora nós, meus jovens, que café desejam? Vou fazer um fresquinho para vocês. E enquanto isso, vou lhes contar a história do homem que está saindo por aquela porta.

Já em casa, Peter ligou o computador de Lisa e leu o artigo publicado na *The New Yorker*.

Bem, pensou, se os vencedores forem tão estranhos como a conversa que o Fred teve com a jornalista, vai ser um sábado terrivelmente longo.

Lançou uma olhada à fotografia em preto e branco emoldurada na parede por cima do interruptor da luz: vovô chegando ao fim do dia, trazendo alguns peixes num balde, usando um colete verde e uma camiseta azul, calças jeans e um Lucky Strike pendurado nos lábios quase perpendicular à margem de grama. Não tinha ainda sessenta anos na época da fotografia e exibia o mesmo ar que Peter tinha agora, exceto pelo fato de ser mais baixo e ter mais barriga. Apenas um homem de certa idade, ocasionalmente simpático e por norma afável, capaz de suportar na morte o peso dos aforismos de Peter. Não um bêbado, graças a Deus. Apenas um vendedor reformado, com uma pensão do exército e algum dinheiro extra da mulher. Uma mulher que, por sua vez, era muito semelhante a ele. Uma

filha que tinha começado sem grandes percalços e que depois se mudara para Nova York sem nenhuma razão de peso. Uma mulher confusa que se tornara mãe de Peter e que morrera de alcoolismo antes de o filho terminar a faculdade.

Peter entrou no escritório e foi buscar o telefone sem fio encaixado no suporte e ficou um momento com ele pousado na mão. Depois ligou para Stella e disse:

– Peço desculpa pelo atraso com que respondo às suas ligações.

– Não se preocupe – disse Stella. Ele a ouviu se levantar e ir fechar uma porta. – Vamos fazer tudo no seu ritmo. Embora tenhamos já agendado o fim de semana da visita dos vencedores e precisemos confirmar tudo com você.

– Li o artigo da *The New Yorker*. Um pouco pretensioso.

– Essa é a palavra exata! Eles são tão pretensiosos. Fazem aquilo que bem entendem. Peço desculpa se alguma coisa que eles tenham escrito o ofendeu. Se quiser, posso ligar para lá e reclamar com alguém.

– Não, não. Certamente é um agente impossível de controlar. E Fred podia ter sido muito pior – disse ele. – Temos uma história antiga.

– Acredito que sim. – Ela soltou uma risada. – Quer me contar?

Peter pensou um pouco. De que serviria lhe contar? Os jovens não precisavam conhecer os mal-entendidos de tantas décadas atrás. Ofensas, na verdade. Tinha levado as coisas longe demais com Annika certa noite no Sally Forth, quando achavam que Fred já estava com a inconsciência do álcool. Estavam enganados, porque Fred abrira um olho e fora na direção de Peter, agarrando-o pelo pescoço e jurando nunca mais esquecer. Uma noite muito infeliz.

– Não vale a pena – disse Peter. – Que bonita a sua risada.

– Muito obrigada.

– Sim, é alta e doce. Tão delicada como uma canoa de balsa de madeira.

– Peter, isso é tão... tão bem colocado, isto é, a minha voz não é nada; mas as suas palavras...

– Deixe só eu passar a outro cômodo da casa, para ouvi-la melhor – disse ele. Já tinha percebido que quanto mais velho parecesse, mais Stella gostava dele. As pessoas tinham mania de passear enquanto falavam ao telefone, sem informarem à pessoa do outro lado para onde iam. E ele também o fazia, sendo sempre tão desajeitado.

– Ouça, está salvando a minha vida – disse ele. – Já sou velho o suficiente para dizer a verdade. Teve a delicadeza de dar o tempo necessário para que eu fizesse o luto e só depois me abordou, de forma brilhante, devo dizer, e aqui estamos nós. Essas pessoas aí na LRB deviam lhe dar uma medalha ou, pelo menos, uma promoção.

– É muito simpático da sua parte, mas estou muito bem como estou. Adoro este trabalho. – Ela estava ofegante.

Peter se encontrava agora na sala de estar da frente, olhando no espelho antigo a papada coberta por uma linha de barba esbranquiçada e o cabelo grisalho espalhado, o corpo demasiado alto meio curvado enfiado nas calças cáqui e na camisa vermelha que fazia comichão.

– Estou ansiosa para falar com você pessoalmente – disse Stella. – Você é uma lenda viva por aqui, sabia? É o sonho de qualquer pessoa escrever um livro que nunca pare de ser reeditado. Não que um novo livro seu não fosse...

– Quem sabe, depois de toda essa história do concurso, eu não me disponha a ir a Nova York? Há muito tempo que não vou.

– Isso seria fantástico! Se não estiver muito ocupado, podemos nos encontrar para um almoço ou para uma bebida. Certamente há muita gente aqui na Ladder & Rake que gostaria de vê-lo. Mas, para já, antes de esse momento chegar, acha que posso confirmar o plano do seu encontro com os vencedores?

– Pode fazer os planos que quiser, à vontade. Adorei a carta da jovem vencedora. Como é que ela se chama? Emily Babson? Um bom nome, sonante. Parabéns pelo seu trabalho.

– Obrigada, Peter. O seu voto de confiança é inspirador! Tenho certeza de que também gostará da nossa fotografia. Posso lhe enviar por e-mail o link para o site dela na internet?

– Fotografia? Não, não. Não quero fotografias. Isso só iria fazer todos os envolvidos se sentirem constrangidos. Não posso aceitar tal coisa.

– Entendo.

Ele notou o desapontamento na voz dela, mas decidiu ignorá-lo.

Começou a remexer no armário, à procura de um blazer que pudesse usar em Manhattan. Mas, espera! Maddie podia ajudá-lo a escolher um casaco. Ela podia escolher um casaco com calma. Por que não pensava nela mais vezes? Eram um casal, não eram?

– Quando isso tudo terminar, podemos conversar sobre um novo projeto – sugeriu ele.

– Ah, Peter, adoráramos...

– Algo sobre como precisamos aceitar com satisfação o futuro à medida que envelhecemos, mesmo que ele mude.

– Sim, sim, absolutamente! Tem certeza quanto à fotógrafa? É que as fotografias são essenciais...

– Está fora de questão.

– Muito bem, então – disse Stella.

– Mas um novo projeto não está.

– Uma troca justa – disse Stella.

Ele percebeu que ela não tinha intenção de dizer em voz alta. Um novo livro? Abanou a cabeça.

Um novo livro era um truque que já tinha usado antes para manipular editores. Aparentemente ainda funcionava. Nada do que fizesse magoaria alguém terrivelmente. Exceto às vezes. Exceto ter magoado uma ou duas pessoas há muitos e muitos anos. Mas uma cenoura na ponta de um espeto nunca fez mal a ninguém, não é? Cenoura... levantou a cabeça de repente, lembrando-se de que tinha deixado a sacola com as compras no banco da frente do carro.

Stella, novembro de 2011

Todas as terceiras terças-feiras do mês, se Helena estivesse no escritório, tirava a manhã para fazer uma série de visitas-surpresa, uma espécie de “gestão em andamento”. A maioria dos funcionários já tinha percebido isso e colocava o aviso no seu calendário do Outlook, mas Stella nunca fora capaz de perceber qual era o dia exato. É claro que, até o momento, a importância era mínima, já que a sua posição na hierarquia não era suficientemente elevada para entrar na lista de visitinhas de Helena. No entanto, por causa do foco generalizado nas suas atividades relativas ao *Canoa*, Stella estava em alerta. E, obviamente, Lucy Brodsky tinha enviado a Stella logo pela manhã um e-mail com o título “Cuidado!”.

Stella não se enganava pensando que recebera o aviso porque Lucy gostava dela. Sabia que a assistente só tinha feito isso porque, se Stella fizesse besteira, Helena ficaria de mau humor durante todo o dia e quem sofria era Lucy.

Stella só teve tempo de surrupiar uma flor do buquê de noivado de alguém do departamento de publicidade e colocá-la numa caneca de café, na sua mesa. Imprimiu uma nova cópia da carta de Emily Babson. Não tinha falado com Emily pessoalmente, ainda não, na hipótese remota de Helena querer repensar a questão do vencedor e rejeitar a primeira escolha de Stella. Não tinha medo da confusão que isso pudesse causar; acreditava ser capaz de dançar conforme a música. Ninguém sabia quem era o vencedor, por isso podiam simplesmente escolher outro. E os advogados internos poderiam lidar com Emily Babson, se ela causasse problemas. O único problema sério era que Stella não tinha um segundo classificado, já que todos os outros participantes pareciam ter vidas tão irremediavelmente estragadas que fazê-los passar pelo fim de semana e depois revelá-los ao público seria um ato tão imoral que ela se recusava sequer a considerar. Não pela imoralidade do ato, mas porque seria um desastre profissional.

Deu uma última volta pelo escritório, para clarear as ideias, rodando os ombros por baixo da camisa de buquês de flores azuis e prateadas. A camisa fora intencional. Queria estar elétrica hoje. Helena iria absorver a sua energia e depois desejar estar mais vezes com ela. Alinhou as citações do *Canoa* no quadro de cortiça, afastando imagens de capas rejeitadas e retirando algumas fotografias onde ela aparecia numa saída noturna com colegas de trabalho, mulheres de quem não era realmente amiga, embora em todas as fotos estivessem de faces encostadas soprando beijos para o ar.

– Toc toc! – fez Lucy Brodsky em voz cantante, em algum lugar do corredor.

– Quem... Olá! – Stella deu um passo atrás, vendo Helena e Lucy entrarem no seu pequeno escritório.

Lucy arregalou os olhos para Stella e depois foi para junto da porta, atenta ao que diziam, como era sua função, enquanto inseria atualizações no iPad, na lista das próximas paradas de Helena.

Embora subvertesse a surpresa, Lucy alertava todos os alvos com uma estimativa da hora de chegada, dando uma margem de um minuto para que todos se encontrassem nos respectivos escritórios e nunca ao telefone, estivessem preparados e não houvesse desperdício de tempo ou, pelo menos, que o tempo de Helena não fosse desperdiçado.

– Olá, olá – saudou Helena assim que entrou, sentando-se na única cadeira em frente à mesa de Stella.

Ela vestia uma camisa de gola alta roxa e tinha na mão a corrente de ouro onipresente. Emanava um aroma floral e leve, que Stella calculava ter sido uma criação personalizada de uma pequena loja perto da Madison Avenue. A cor de seus olhos não perdia aquele tom velado castanho-escuro. Stella se flagrou olhando para eles. Os olhos de Helena, percebeu, eram enganadores. Eram acolhedores e afetuosos. Mas as coisas que Helena dizia muitas vezes não eram assim.

– E então? – começou Helena. – Ouvi dizer que temos um vencedor.

– Temos, sim – respondeu Stella. – E o nosso concurso foi noticiado na *The New Yorker*! Tenho amigos por lá. Gostaria de ler a carta?

Helena balançou a cabeça em sinal de negação.

– Peter Herman leu e gostou? – perguntou ela.

– Sim. Ele tem sido um querido. Ele... – Helena levantou a mão.

– Basta de falarmos no Peter. – Ergueu a corrente de ouro e, em seguida, a largou, fazendo-a bater com um baque contra o esterno. Stella prendeu a respiração e esperou. – O que mais precisa me dizer? – perguntou Helena.

– Muita coisa! – Stella sorriu. – Vamos agendar a visita esta semana. Nós, isto é, eu tenho preparado um conjunto de parâmetros sobre a visita: aquilo que podemos esperar, o que ambas as partes vão dizer logo depois à imprensa.

– Vai haver fotografias ou vídeo?

– Hum, fotografias. Vamos fazer uma sessão de fotos com o casal. No famoso alpendre.

– Também devia ser feito um vídeo. Já tem fotografias?

– Do casal? Sim, encontrei no Facebook.

– Juntos?

– Sim, acho que há uma com os dois juntos.

– Mostra.

Stella fez uma pesquisa rápida usando o teclado. Procurou a imagem enquanto fechava páginas de assuntos pessoais: a sua pequena conta bancária no Greenpoint Savings; uma imagem de uma almofada com uma estampa de ondas azuis e brancas que queria comprar no Etsy; um e-mail que tinha sido escrito a uma das irmãs mais velhas explicando a razão pela qual não ia para casa no Dia de Ação de Graças... sempre com a certeza quase absoluta de que Helena provavelmente não ligava a mínima. A imagem demorou a carregar. Um segundo, dois segundos... Talvez devesse mostrar a almofada a Helena?

– O que a tem entusiasmado ultimamente? – perguntou Stella, numa tentativa improvisada de romper o silêncio e talvez conhecer um pouco daquilo que era importante para Helena.

– Neste momento, estou muito entusiasmada para ver essa maldita fotografia. – A voz de Helena saiu inexpressiva. Stella sentiu um ódio dirigido a ela, bem conhecido... o ódio de uma professora por uma aluna bonita.

– Estou muito entusiasmada! – disse Stella, lembrando-se de imediato de que Helena não gostava nada de mulheres fofinhas. Mordeu o lábio.

– Aqui está! – Stella virou o monitor para Helena.

A foto mostrava Emily Babson e Eli Corelli em uma reunião de beneficência para recuperar o Prospect Park. Eli e Emily juntos numa

colina verde com o edifício branco do conservatório por trás. No crepúsculo. Eli estava vestido com um blazer azul, calças jeans, camisa branca e sem gravata. Emily usava um vestido leve de verão. Não eram gordos nem magros, mas com um ar seguro, confiante. Pareciam, pensou Stella enquanto observava Helena olhando a fotografia, um casal de atores, um par de atores esforçados de uma série de televisão como *Weeds* ou *Mad Men* ou alguma daquelas da HBO. Caras de ar confiante e amigável, de quem as pessoas inteligentes gostavam.

– Se olhar de repente, o marido parece um jogador de polo sul-americano – comentou Stella. – Como aquele tipo, o Nacho, modelo da Ralph Lauren... sabe de quem estou falando?

– Um modelo chamado Nacho? Como os *nachos* que se comem?

– Hum, esqueça. Eles estão casados há cerca de três anos. Estão na casa dos trinta. Ainda não têm filhos. Têm um ar familiar, não acha? Emily poderia ser uma amiga da minha irmã mais velha. Tenho certeza absoluta de que não vão se separar.

– É isso que nós queremos.

Stella não conseguia descobrir se Helena tinha feito uma pergunta, por isso acrescentou:

– Sim?

– São um casal muito bonito, por isso acho que não vai dar resultado – disse Helena. – Espera. Quero dizer o oposto. Servem perfeitamente. O homem é muito bonito. A mulher é bastante atraente. Foi ela quem escreveu a carta?

– Sim, eu... – Stella percebeu que devia ficar de bico calado e deixar Helena falar.

Helena prosseguiu:

– É o concurso mais estranho em que já estive envolvida, isso é certo. De qualquer maneira, está gerando burburinho no mercado. Sempre me dá alguma coisa de que falar no almoço de amanhã com aquela besta arrogante que dirige a Funk e a Whooten Press. Lucy, quem é o próximo? Vem cá.

Lucy virou-se e entrou no escritório, dirigindo um sorriso plástico a Stella, que olhava para ela de olhos arregalados, o aviso de uma semana antes piscando sem parar na sua mente. Helena bocejou e chutou a mesa de Stella.

– Bonita flor – disse Helena. – Gosto de alfazemas.
– Obrigada.
– Quero dizer, a cor. Não gosto especialmente do cheiro que se espalhou por aqui.

Stella esboçou um sorriso.

– Vamos falar com o Richard Glickstein – avisou Lucy.

Helena não pareceu ter ouvido Lucy, mantendo o olhar em Stella.

– O que quero dizer é: a coisa mais importante é manter o Peter feliz. Nós temos uma relação de longa data. Entende o que quero dizer? – concluiu Helena.

– Sim – foi a resposta de Stella. Olhou de relance para Lucy, que lhe dirigiu um aceno rápido, como quem diz: “resposta certa”.

Helena se esticou para cheirar a flor de Stella. Então disse:

– Vem, cheira... – e fez um gesto para Lucy, que imediatamente se inclinou e cheirou a flor. – Vê? Cheira a mofo.

– Tem razão – disse Lucy. – Cheira mesmo.

– E eu sair daqui com isso, então? – perguntou Helena.

– A flor? – disseram Lucy e Stella em uníssono.

Helena ergueu uma sobrancelha para Stella.

– Não. Você. Este concurso. Se for capaz de impulsionar as vendas em trinta, quarenta e cinco por cento, talvez até mudar o padrão de distribuição de modo a conseguirmos algumas grandes redes, entrarmos no Kroger ou nos aeroportos ou no Costco... seria ótimo. Há muito tempo deveríamos ter entrado lá, portanto, é bom. Mas se o Peter deixar de falar com a gente, se ele se desligar da LRB... isso é um problema. Eu não iria gostar nada disso.

Lucy pigarreou. Helena não se virou para olhar para ela.

– Quem? – perguntou Helena.

– Glickstein.

– Certo. Merda. Que um raio me parta. – Helena levantou-se e continuou a olhar para Stella, que ficou paralisada com a doçura nos olhos de Helena. – Com toda a força. Que me rache em duas.

Se ele mencionar o romance que está a escrever, tira-me de lá imediatamente.

– Combinado – disse Lucy.

Helena não se mexeu. Não tirava os olhos de Stella. Disse:

– Mais flores bonitas, é disso que todos nós precisamos. Não de flores velhas do buquê de outra pessoa. Mais flores frescas e mais romance.

– Certo – disse Stella.

– Adeus – disse Helena. – Me informe sobre os próximos passos assim que os tiver definido.

– Vou mantê-la atualizada. – Stella respirou fundo. – Na verdade, estou com esperança de que Peter volte a escrever. Tocamos no assunto de um novo livro nas nossas conversas. Não seria maravilhoso?

– Ora, ora! – Helena sorriu. – Ele diz isso a todas. Não se deixe levar. Embora, claro, uma mulher possa sonhar.

– Então eu vou sonhar – disse Stella, pensando: “Esta maldita coisa pode funcionar!” As fotos eram um grande problema, é verdade, mas ia descobrir como resolvê-lo.

– Tenho certeza de que sim, querida. E lembre-se do que falamos há uns meses.

– O quê? – perguntou Stella, desejando imediatamente não ter feito isso.

Helena limitou-se a sorrir e segurou a corrente de ouro antes de sair da sala. Stella a seguiu até o corredor. E então Helena e Lucy viraram à direita e desapareceram. Stella percebeu que ainda estava acenando adeus.

Extraído de *O casamento é uma canoa*, **Capítulo 6, Falando de companheirismo**

Certa noite, na cozinha, poucos dias antes de terminar a minha estadia, vi o vovô colocar o braço em torno de Bess e dar-lhe um abraço bem apertado. Ela guinchou e esfregou a testa no peito dele. Fui espiar pela janela. Sentia o cheiro de um assado no forno e mantive os olhos no cor-de-rosa forte dos últimos raios de sol que perfuravam as nuvens. O carinho dos meus avós um pelo outro não se parecia nada com o que eu estava habituado a ver em casa entre minha mãe e meu pai.

Ainda nessa noite, mais tarde, tinha planejado me encontrar com a Honey sob um carvalho na orla da propriedade dela. Esperava que houvesse luar e já tinha memorizado o caminho até a árvore. Fazia o percurso mentalmente sem parar, para não ter de pensar em mais nada. Mas naquele momento, ali com os meus avós, não conseguia deixar de sentir uma estranha raiva se apoderando de mim. Agora sei que essa raiva vinha de eu achar que eles estavam exibindo o seu amor, que estavam tentando me empanturrar de amor, porque os meus pais não o tinham para mostrar ou para dar, e os meus avós tentavam me compensar. E senti a indignação do rapaz que percebe que o jogador não está ensinando-o a jogar, mas tentando lhe ensinar matemática. Quando finalmente olhei para eles, ainda estavam nos braços um do outro.

Então disse em voz alta o que estava sentindo, antes de pensar duas vezes:

– Vocês não poderiam ser mais discretos e não passarem a vida se beijando na minha frente?

– Ora, Peter! – exclamou Bess numa voz cantarolante. – Devia ficar feliz de nos ver felizes.

Fiquei olhando para ela porque não achava que ela devesse tomar a felicidade como certa daquela maneira. Ser feliz, pensei, não é assim tão fácil.

Algumas horas mais tarde, vovô me levou até a ponta do alpendre e disse:

– Peter, você deixou Bess incomodada com o que disse há pouco.

– Peço desculpa – respondi, afastando com um encolher de ombros a mão dele.

– Sinto muito que sua mãe e seu pai não se tratem bem. Mas isso não significa que eu e Bess estejamos nos exibindo para você! O que você vê é o modo como realmente somos. Acredite ou não. Na sua vida, você vai ter como objetivo o nosso tipo de felicidade, não vai?

– Sim, vou – respondi. Tínhamos acabado de comer uma banana *split* e meu estômago ronronava de prazer com as nozes, o sorvete e o chocolate quente.

– Vai encontrar a Honey agora?

– Sim, se não se importar.

– Claro que não me importo. Seja carinhoso com a garota da mesma maneira que eu sou carinhoso com a nossa Bess. – Ele se afastou para ir buscar o cachimbo.

Levei muito tempo para ser capaz de acreditar que o verdadeiro amor entre um homem e uma mulher casados é a única coisa que faz as pessoas aguentarem as tempestades da vida, seguras e inteiras. Mas agora quero que essa crença no casamento seja verdade para sempre, enquanto eu for vivo e enquanto este livro me sobreviver, se isso vier a acontecer, continuando sempre presente nas nossas vidas e nas vidas de nossos filhos, também.

O resto da vida é boa. O trabalho árduo que preenche cada dia, as relações familiares, os jogos, passatempos, amizades e todas as outras coisas que fazem de nós o que somos. Claro. Isso é bom. Mas o casamento entre Bess e vovô? Aquele amor casual imprudente e feliz na cozinha? Essa é a única coisa verdadeira que temos de celebrar. Todos os dias. Não concorda, caro leitor?

Honre o seu amor com a consciência de que é a única verdade.

Cante celebrando o seu amor! Grite aleluia da sua canoa!

Stella, novembro de 2011

– Prometeu fotografias à Helena que não vai conseguir entregar? – perguntou Sara Byrd.

– Porque o estúpido do Peter Herman não me deixa! – Stella martelou na mesa com seu pequeno punho. – Ele me ligou esta manhã com mais um monte de restrições. Nada de imagens, nada de gravações. Zero. Tenho medo de irritá-lo, por causa da Helena. Pensei que ia conseguir encontrar uma maneira, mas já passaram vários dias e, aparentemente, não, não consigo descobrir como mudar isso.

Sara Byrd tinha ficado amiga de Stella graças a um par de óculos de sol de duas cores que vira Stella usar uma vez, quando estavam na fila para o buffet de saladas, junto da entrada. As duas acabaram falando da loja Sol Moscot, na Delancey Street e em como era divertido ir lá experimentar armações extravagantes.

– E o evento vai ser este fim de semana?

– Sim. – Stella respirou fundo. Ia acontecer, ela o tinha criado e o controle que tinha sobre a situação era assustadoramente pequeno.

– Uau! Você tem aí um conjunto de problemas nada invejável – disse Sara.

– Eu sei. – Stella cruzou os braços sobre o peito e franziu a testa. – Se, de repente, se transformasse na minha pessoa por meia hora, o que faria?

– Caramba. Deixe eu pensar um minuto.

Stella olhou para Sara com certa inveja. Sara usava um vestido cor de carvão sob um casaco de malha da mesma cor. Tinha uma aparência sexy e inteligente, não tanto de alguém pertencente à área editorial, mas mais como chefe de um departamento comercial que devia bater recordes de vendas. Stella encontrara Sara no elevador e lhe pedira para passar na sua sala depois do almoço. Tinha ouvido dizer que Sara era uma das poucas pessoas que realmente entendiam o funcionamento da LRB. E além disso havia a questão dos óculos, que ela tinha enviado a Sara em um envelope

via correio interno há oito meses. Ela sabia que o gesto tinha sido um exagero, mas que se dane! No começo, Stella queria ficar conhecida por grandes gestos. Depressa descobriu que não podia se dar ao luxo de sustentar esse hábito.

– Gosto dessa sua caneta. – Sara sorriu.

– Esta? – Stella pegou uma caneta preta de madrepérola que havia comprado em Chinatown quando chegara a Nova York depois da faculdade. Prometera a si mesma que a usaria para escrever uma coisa inteligente. Apenas uma coisa inteligente de que nunca se arrependeria. Isso ainda não tinha acontecido. Sara pegou a caneta de Stella e agitou-a no ar.

– Talvez ela se esqueça – disse Sara.

– Não. Lucy está sempre junto quando eu falo com a Helena.

– Ah, a fiel menina do iPad que está sempre tentando ler para mim. Bem, talvez consiga fazer uma montagem no Photoshop deles juntos. Pode cobrar algum favor no departamento de design?

– Sim. Espera. Quero dizer o contrário – disse Stella, lembrando-se da última reunião lamentável com Julie e sua equipe.

– Não conhece a história que está por trás disso, não é? – perguntou Sara lançando a ela um olhar rápido e batendo com a caneta contra a bochecha.

– Que história? – quis saber Stella. – Da Julie e do departamento de design? Eu não me meto com ela.

– Entre a Helena e o Peter. Eles dois têm uma história.

– Não estou entendendo.

– Imagine ela mais nova do que você. Ela gostava de abraçar todos os problemas com os braços, as pernas, o corpo todo, entendeu? Pode ter um ar gélido agora, mas imagina como essa frieza era atraente há quarenta anos. – Sara tamborilou a caneta de Stella contra os lábios. Em seguida, mordeu a ponta.

– Ah, não. – Stella se sentia péssima, mas tentou soar despreocupada. – Me mata. Usa a caneta. Pode me esfaquear com ela. Ela disse e eu não ouvi. Estou condenada à morte.

– Olha, as únicas coisas mais frágeis e protegidas com mais cuidado do que o estado atual do mercado livreiro são os relacionamentos mais antigos da área editorial. A Helena descobriu o Peter Herman. O Peter é

um dos grandes responsáveis por Helen ter se tornado Helena. Quero dizer, no fundo ela era apenas uma pobre menina judia da zona mais escura e violenta do Brooklyn, onde só o mais curioso aventureiro se atreve a entrar. Por vezes um editor tem de criar um escritor, para poder tornar-se um grande editor. Entende? Acredito que Peter pertença inteiramente a ela. Além disso, naqueles tempos, as pessoas trabalhavam de forma mais íntima. Muito mais do que agora. Entende?

Stella esfregou o rosto com as mãos para manter o sangue fluindo.

– Ela me deu essa informação de mão beijada e eu não percebi. Estou brincando com um fogo antigo.

– E as velhas chamas nunca morrem. Mas é mais forte do que isso. Assim que se torna alguém famoso, essa fama parece que fica colada em você. Na verdade, acaba por ser uma chatice tornar as outras pessoas famosas. Isso, mais tudo o que aconteceu no lado pessoal? É uma combinação volátil. Portanto, tenha cuidado...

– Para não me queimar. Entendi. Droga, você é mesmo boa nisso. Stella deu um impulso para a frente na cadeira, derrubando no chão com o cotovelo o *Memories of Youth* de Sofia Coppola.

– Você ainda é suficientemente jovem para que a sua falta de jeito seja encantadora – disse Sara. – Mas isso não vai durar muito mais tempo. Por isso engula isso: se esse concurso funcionar, foi ela que pensou em tudo. – Sara sorriu novamente. – Estou de fato impressionada com todos os meios de comunicação que conseguiu atrair para essa coisa. Stephen King fazendo piada com o concurso na EW? Quem me dera! Embora, admito, você colocou o departamento de marketing para gastar muito dinheiro. Um anúncio na página de livros do *USA Today* não é barato e, confia em mim, danem-se as contas. Quando o pessoal do marketing fica nervoso, começam a gastar de forma arbitrária, o que pode se transformar numa grande chatice.

Stella se levantou. Tinha certa vontade de que Sara fosse embora, se era para estar ali insultando-a. Mas, ao mesmo tempo, precisava desesperadamente de ajuda, e então disse:

– Eu lancei o concurso na frente de uma sala cheia de pessoas. Todos vão se lembrar de que a ideia foi minha. Como posso mudar isso?

– Está maluca? Claro que não pode. Mas se funcionar, todos vão se lembrar de que foi ela... e você devia rezar para que o resultado seja esse.

– Espera! Está dizendo que estraguei tudo antes de ter certeza de que iria funcionar? A Melissa disse a mesma coisa. Com a diferença de que usou uma metáfora horrível.

– A Melissa não é nenhuma maluca. Você vê alguém lhe dizendo o que fazer? Ela é brilhante. – Sara sorriu. – Como vê, dizemos todos a mesma coisa.

– Então, o que é que eu faço?

– O que acha que Helena lhe diria?

– NFM. Não faça merda.

– Claro, isso. O que mais?

– Encontre o romance. Uau! – O tom de Stella era hesitante. – O romance. Foi o que ela me disse para fazer e eu me esqueci...

Stella ficou ouvindo Sara enumerar as várias coisas que ela precisava saber sobre a LRB para poder ser verdadeiramente bem-sucedida dentro da empresa, até o ponto em que Stella começou a achar que Sara soava presunçosa. E, por coincidência, foi nesse momento que Sara se levantou para sair, reforçando a sua incrível presciência.

– Lembre-se: se sua aposta for a errada e a coisa descambar, não deve nunca falar sobre o assunto – concluiu Sara. Virou-se para sair, mas parou.

– Ah... a sua caneta.

– É sua. Fica com ela.

– Ah, obrigada, Stella. Você tem um espírito tão generoso. Admiro isso em você. Vejo você na reunião geral de análise de vendas dos livros de verão: às quatro na sala Gilman!

Stella ligou para o namorado antes de voltar ao trabalho.

– Estava pensando em você – disse Ivan.

– É mesmo? – Stella se sentiu confusa. Será que as pessoas diziam realmente frases como aquela? Os outros namorados que tivera nunca faziam isso. Pela sua experiência, estavam geralmente pensando em outra coisa.

– Adorei ficar vendo-a dormir esta manhã, só respirando. Seu peito subindo e descendo. Lembra como a acordei?

– Lembro – sussurrou Stella. Ele não estava brincando. Stella fechou os olhos. Quais eram as intenções dele? – Você disse que me ama.

– Foi isso que disse. – Não acrescentou mais nada. Estava à espera de que ela também o dissesse. E ela estava quase lá. Ela *estava* lá. Tinha era

muito medo de dizer.

– Ivan, posso ligar pra você mais tarde? Tem alguém batendo na porta. Também não consigo parar de pensar em você. – Desligou o telefone. Ivan era fantástico. Mas às vezes era uma espécie de poeta russo, nada preocupado com o mundo real, o que a deixava nervosa. Ele não fazia ideia da pressão em que ela vivia atualmente.

Stella ficou ali sentada olhando para as citações do *Canoa* e para as provas de capa da nova edição do livro que iam publicar. Gostava de alianças de casamento e do pôr do sol. Essa nova parecia falsa. Era de capa dura numa imitação cor-de-rosa de um moleskine. Quem teria aprovado o cor-de-rosa? Certamente não tinha sido ela que disse sim à cor. E na sobrecapa tinha apenas o título, grande, em papel metalizado com alto-relevo, tão inchado como um boneco Michelin, só o estúpido título enorme e o nome de Peter Herman por baixo em letra manuscrita e o novo *slogan* em rodapé, que ela tinha inventado no meio de mais uma noite de insônia:

“A edição definitiva do livro que já salvou o seu casamento!” Uma frase que escrevera com a sua caneta de Chinatown, baseando-se em estudos que diziam que as pessoas compravam repetidas vezes os mesmos livros de autoajuda sobre problemas em que estavam enredadas e que não tinham esperança de remediar. Como os livros sobre namoro para os eternamente solteiros. Ou os livros de dieta para os perpetuamente gordos. Ah! Fala sério. Escrever aquela terrível frase a tinha deixado imensamente deprimida, por ser um exemplo tão cínico de marketing, e não era ela afinal fundamentalmente uma editora? Merda! Uma vez passara uma tarde inteira durante o Natal na casa dos pais reorganizando o baú de recordações, retirando as fotos de rapazes, ex-amigos e cortes de cabelo que preferia esquecer para que, da próxima vez que viesse de visita e abrisse o baú, se sentisse mais feliz.

Pegou na nova edição do *Canoa*, tentando descobrir como se sentia. Talvez apenas um pouco perturbada com o seu papel naquilo tudo. Desejou não ser tão autorreferenciável e autoanalítica. Voltou a ler a carta de Emily Babson. Pelo menos não tinha os problemas daquela mulher. Chegara à conclusão de que Emily era, pelo menos, cinco anos mais velha do que ela, casada com um cara gato que a tinha traído. Emily estava claramente infeliz. Mas Peter ia resolver tudo, certo? E então Emily e o

marido iriam querer celebrar o fim de semana e ficaria tudo bem. Teria de haver fotografias. Se não em Millerton, então, em Nova York. Porque tinha cedido ao velho estúpido Peter Herman? Ele não era assim tão inflexível. A tática dele fora fazer uma pausa, suspirar, ficar em silêncio ao telefone e, depois, desligar, e ela caíra como um patinho. Mas tinha de mantê-lo satisfeito. Será que as outras pessoas faziam o mesmo? Será que as outras pessoas deixavam as coisas acontecendo só para depois perderem o controle sobre elas? Ou era a única com aquele hábito de se atirar para a frente sem calcular as consequências de suas ações? Mas era tarde demais. Os vencedores iam para Millerton no dia seguinte. E ela tinha de transformar o concurso num sucesso.

Caso contrário, Helena usaria as suas botas Joan & David para lhe dar um belo pontapé. Isso fora o que Sara estivera tentando lhe dizer. Estúpida, estúpida, estúpida. Tinha prometido imensas fotografias logo na primeira reunião. Todos com um ar feliz. Os três teriam de mostrar uma cara sorridente e teriam de se encontrar com Helena e todos os outros em Nova York. Talvez num almoço. Mas isso implicaria que um monte de gente a respeitasse e fizesse exatamente o que ela pedia. E isso, com certeza, não parecia estar acontecendo ultimamente, se é que alguma vez tinha sido assim. Stella deu um murro no próprio braço. E então, porque doeu, deu de novo.

Emily, fim de semana dos vencedores, novembro de 2011

– Só estou dizendo que, quando penso na história da minha vida, da minha jornada, e no que as pessoas poderão imaginar quando pensam em mim, ganhar um concurso de aconselhamento matrimonial não consta na lista – disse Eli. – Não é algo que me imaginasse querendo. – Mantinha as duas mãos no volante, tamborilando um ritmo com os polegares enquanto falava. – E quanto mais velho fico, mais detesto dirigir.

– Eu lhe disse que não me importava em dirigir.

– Você é melhor dando indicações. E a adoro por isso. Eu sou péssimo em localização.

Estavam quase chegando em Millerton, no velho Saab branco, que pertencera ao primo de Eli que desenhava caixas de som e morava num subúrbio à saída de Denver. O iPod de Emily estava ligado à fantástica aparelhagem do carro e iam ouvindo o álbum *Exile on Main Street*. Emily queria sempre ouvir Feist e Eli preferia os Dinosaur Jr. Portanto, ouvir Rolling Stones e Caetano Veloso era a solução de compromisso que tinham encontrado, o que deixava ambos, Emily sabia muito bem, pouco satisfeitos e com vontade de algo mais.

– Veja, já estamos na parte boa do fim de semana. – Emily estendeu a mão e tocou-lhe na coxa. – Nem sabia que pensava sobre a história da sua vida.

– Talvez seja bom. É como se estivesse reescrevendo quem sou agora, antes mesmo de chegar lá. Como se estivesse me tornando mais moderno, público e partilhado.

– Partilhando sua personalidade, ao contrário do seu eu que faz coisas.

Eli assentiu.

– Exato. Nunca penso em mim ou em nós dessa maneira, mas faz sentido. Estamos os dois sendo mais... nós. Não é você me controlando. Sou eu mudando. A nossa saída é a 22, não é?

– É – disse Emily. – Se mantenha à esquerda. Só faltam uns quatrocentos metros.

Pararam num sinal vermelho na Main Street. A agência imobiliária Harris Harvey surgiu à sua direita. Emily olhou para as fotografias de casas de madeira brancas de telhados inclinados e celeiros convertidos em casas expostas na vitrine

– Consegue imaginar ter uma casa de campo aqui? – perguntou ela.

– Lembra que só um de nós vem de um mundo assim, e não sou eu – disse Eli. – Para isso é preciso mais de meio milhão de dólares que nós não temos.

– O meu pai pode querer ajudar. Se tivéssemos um filho. Estamos perto de Boston. Poderia ser um bom lugar para todos nós. Até para Sherry. – Estendeu a mão e tocou em seu rosto. – Não aja como se tivesse tido uma infância desfavorecida.

Eli se virou e lhe deu um beijo no dedo, dizendo:

– Tudo bem. Uma casa de campo... isso poderia ser muito simpático havendo crianças. Para pegar maçã. Muita gente bem simpática vive por aqui. Estranho que não conheçamos mais gente assim.

– Para pegar maçã? – Ela se aconchegou mais nele.

– Adoro sidra. Chegamos.

Eli virou para a entrada da pousada, que ficava um pouco afastada da estrada, num cruzamento aparentemente tranquilo ao fim da rua principal de Millerton.

– Talvez o Peter Herman saiba de alguma casa para comprar – disse Eli. – Aposto que sim.

– Não seria incrível?! – exclamou ela. – E esta cidade é tão bonita quanto aquela mulher da Ladder & Rake prometeu que seria. Como é que ela se chamava? Stella. Um nome sonante.

– É. Para ela, nós somos uma espécie de... – Eli gesticulou à procura da palavra.

– Cobaias – concluiu Emily. – Eu sei. Adoro você por fazer esse esforço, por mergulhar nisso comigo. É muito importante para mim.

– Só porque gosto muito de você. – Eli se esticou e lhe deu um beijo no pescoço. Ela estremeceu quando o nariz frio roçou em sua pele.

– Olha para mim – pediu ela. Estavam os dois sentados no escuro, no carro.

– O que foi?

– Pode ser pessimista. Se se sente incomodado com tudo isso. Não precisa ser todo atencioso constantemente, se não é assim que se sente.

– Está tudo bem – disse Eli. – Estamos fazendo este caminho juntos. Eu entendo. Isto é, vamos ficar hospedados numa pousada no campo. Não vou ficar tendo atitudes distantes ou irônicas. Não sou assim.

– Está usando um monte de palavras que não são habituais para você.

– Estou? – Eli colocou as malas dos dois no ombro e entrou na pousada, onde foram recebidos por uma mulher identificada por um crachá como Jenny, subgerente.

– Entrem, entrem! Deixem-me cumprimentar vocês – disse ela.

– Estamos muito orgulhosos e contentes de tê-los conosco. – Esta Jenny era corpulenta, enfiada num longo vestido de veludo preto, usava um coque que se ela soltasse, os cabelos desceriam até abaixo do bumbum. Tinha óculos de armação vermelho-vivos que acentuavam os olhos delineados a lápis preto. Emily olhou de relance para o estacionamento quase cheio. Voltou a olhar para Jenny e pensou em Jenny Alexandretti. Não tinham falado sobre se ela já se mudara para Los Angeles, mas Emily duvidava. Haveria muita coisa para organizar.

Esta Jenny disse:

– A maioria dos nossos quartos está ocupada por hóspedes que vieram para um casamento. Aliás, dois casamentos. Mas não se preocupem, pois eles estão todos fora, nos jantares de despedida de solteiros. Posso lhes mostrar o quarto de vocês?

– Obrigado – agradeceu Eli. – Eu levo as malas.

– Vão ficar na suíte principal Okabye.

Seguiram Jenny por um corredor, subindo depois um lance de escadas com carpete dourado.

– Isto é um espetáculo – comentou Eli num sussurro. – Tinha me esquecido de que ainda existiam lugares como este.

As paredes e escadarias vermelho-escuros eram pontilhadas com prateleiras repletas de patos decorativos de madeira e reproduções de antiguidades da Guerra da Independência. Havia chaleiras de prata imitando os desenhos de Paul Revere. Havia colchas feitas à mão e pedaços de mantas de retalhos antigas pregadas nas paredes, entre gravuras emolduradas de Hogarth e pinturas a óleo do rio Hudson.

– Depois, quando estiverem instalados – continuou Jenny –, podem descer para jantar na sala de jantar principal. Temos uma história tão longa aqui na pousada com a família Herman, que nos sentimos muito orgulhosos e contentes por fazermos parte deste fim de semana.

– Conhece bem o Peter? – perguntou Emily.

– Se o conheço? É claro! Conheço-o desde pequena.

– E ele é... – Emily queria fazer uma pergunta, mas não tinha certeza se Jenny podia responder.

No entanto, Jenny continuou, como se entendesse. – Ele é uma pessoa amável... e muito sociável. É certo que, depois de a mulher falecer, ele se afastou um pouco da pousada.

– Acha que é pessoa de conversa fácil?

– Sim. Eu diria até que ele se orgulha de ser precisamente assim. – Jenny riu para dentro. – Aqui estamos. – Abriu a porta da suíte Okabye, que estava cheia de móveis de madeira pintada de branco. Havia guardarroupos de ambos os lados da cama e um outro ainda, entre as pequenas janelas que davam para um prado de grama aparada rente e, para além dele, uma pista de corrida.

Ainda se via o estacionamento do lado direito.

– Ficaram no meu quarto preferido da pousada – disse Jenny.

– É lindo – concordou Emily.

– Se precisarem de alguma coisa, estou na recepção. Podem me chamar pelo nome. – Apontou para o crachá e disse: – Jenny.

Assim que ela foi embora, Emily se virou para Eli. Estava sentado numa das cadeiras de palhinha, olhando para ela.

– Ela é engraçada – comentou Emily.

– Gostei dela – disse Eli. – Vê-se que adora o que faz. Pessoas assim são simpáticas.

Emily foi até a mala de viagem, tirou uma blusa e vestiu para se proteger das correntes de ar do quarto. Aproximou-se do marido para beijá-lo.

– Claro que o que disse era tudo fachada. Pergunto-me o que pensará ela realmente de tudo isso. Mas ainda bem que gostou dela.

– Senta aqui no meu colo – disse ele, apoiando o pé calçado com tênis em uma poltrona de vime branca colocada por baixo de uma janela.

– Vamos quebrar a poltrona.

– Então me deixa levá-la para a cama.

– Não está cansado da viagem?

Ele abanou a cabeça, negando. Ela achou que ele parecia uma estrela de rock depois de uma viagem cansativa no ônibus da turnê, com aquele cabelo encaracolado, olheiras e ar melancólico.

– Ele vai ver que estamos muito apaixonados – disse Eli. – Vamos tornar a coisa toda muito difícil para ele. Tipo, ele não vai ter nada para dizer.

– Vai haver muita coisa para conversar. E eu vou partilhar com ele o que aconteceu entre nós. Preciso fazer isso, entende?

– Talvez seja eu quem partilhe. – Eli fez um aceno de cabeça e posicionou o queixo de maneira a parecer sério. – Esse é o cenário que eu tenho imaginado.

– Isso seria fantástico.

– A responsabilidade é sexy?

– Claro. Em você é.

Ela tinha as mãos na camisa dele e começou a lhe puxar pelas calças.

– Aposto que a Jenny está à escuta do lado de lá da porta – brincou Eli. Emily desapertou o cinto dele.

– Então, quem sabe se ela não está também espiando pelo buraco da fechadura? Devia assistir a isto. Gostaria? Gostaria que alguém me visse fazendo isso com você?

– Emily...

– Gostaria?

– Sim, sim, eu gosto disso. Não da outra parte. Só da parte de nós dois. Ninguém precisa ver.

Horas mais tarde, depois do sexo, do banho e de terem jantado, estavam os dois deitados na cama. O jantar fora bom. Tinham ficado na mesa redonda em frente à lareira. Havia velas entre eles na mesa e o menu de degustação era fixo; só lhes perguntaram se havia alguma coisa que não comessem. Todo mundo que trabalhava na pousada sabia quem eles eram, por isso foram tratados de forma mais do que amigável. Era como se as pessoas fossem especialmente solícitas com eles. Muito além da delicadeza profissional, pensou Emily, chegando mesmo ao carinhoso.

Foi prato atrás de prato, com filé mignon em algum lugar no meio de vieiras num molho escuro. Beberam uma garrafa de vinho de Borgonha

que, como lhes foi dito, havia sido especialmente selecionado por Henry Talkington, o atual proprietário da pousada e amigo pessoal de Peter Herman. Depois das tortas de fruta elaboradas terem sido servidas com sorvete, ainda lhes trouxeram pequenos copos de conhaque e raspas de chocolate meio amargo.

Estava um calor agradável na mesa. Eli não parava de dizer o quanto a pele dela parecia resplandecer. Emily ficou corada e até um pouco tonta. Saber que só tinha de subir um lance de escadas para ir para a cama a ajudou a não pensar em mais nada, exceto no amor que sentia.

Fizeram amor novamente. Depois, ficou vendo Eli cair no sono.

– Eu podia engravidar – disse ela. – Acho que chegou a hora.

– Nada poderia ser mais perfeito – sussurrou Eli. – Isso seria fantástico.

Ele estava sendo tão cuidadoso e meigo com ela; nunca o vira assim. Começava a sentir que estavam agora recuperando aquela coisa importante que tinham perdido. Queria que o seu casamento voltasse a ser verdadeiro e a se sentir realmente inscrita, gravada na estabilidade e na bondade.

Ficou deitada de lado junto do marido, sentindo o corpo dele começar a subir e descer. Acariciou seus músculos descontraídos das costas. Ele dormia de forma irregular, uma mão atirada para trás encostada no estômago Emily, os dedos enroscados num punho frouxo, pressionados contra a pele dela.

Peter, fim de semana dos vencedores, novembro de 2011

Maddie apareceu no sábado de manhã e Peter saiu para cumprimentá-la.

– Parece que traz aí uma porção de biscoitos – disse Peter. Ela passou por ele, deixando-o olhar para as nuvens. O tempo ia estar perfeito, fresco e seco, o dia todo. Fresco, pensou Peter. Não havia palavra melhor do que fresco.

– Nem sei como agradecê-la – disse Peter, seguindo-a até a cozinha. – Estava justamente pensando no que havia de lhes servir. Ia ligar para a pousada, mas eles já estão cuidando do jantar. Não queria lhes dar mais esse trabalho.

– Não é nada – disse ela.

– Quatro tipos diferentes de biscoitos?

Ela sorriu. Tinha feito biscoitos de avelã, de cardamomo, de sementes de sésamo e com gotas de chocolate. Arrumou-os de forma a parecerem um dominó caído, com maçãs no meio.

– Maddie, está uma maravilha – disse ele, mantendo o olhar nela, com as mãos enfiadas nos bolsos das calças cáqui. Ela colocou guardanapos, talheres e outras coisas para o chá numa bandeja.

– Eu posso fazer isso – disse ele.

– Encontrei com o Jim Stevenson, ontem, para falarmos sobre a venda da minha casa.

– Como foi?

– Acho que é justo dizer que, em relação aos meus bens imobiliários, não vou me sair mal, independentemente do estado atual do mercado.

– É claro que sim. – Peter pegou num biscoito de sementes de sésamo e comeu. Era incrivelmente leve, como se a receita levasse merengue.

– Infelizmente, o Jim Stevenson não pode me ajudar com o problema que envolve o maior desafio logístico, que é você. – Ela sorriu.

– Não me pressione, amor. Eu estou com você. – Peter se sentou devagar à mesa da cozinha. Maddie se sentou na frente dele, com as costas eretas, cotovelos pousados na mesa, os antebraços e as palmas das mãos estendidos e virados para cima.

– Já sabe o que vai lhes dizer? – perguntou.

– Não tenho um discurso. Reli a carta. Houve adultério. Podemos tocar nesse assunto. Ou não. Depende deles.

– Adultério. – Maddie encolheu os ombros. – É claro. Mas o que pretende fazer se, além desse problema, o marido começar a ficar amedrontado enquanto estiver com você e se tornar maldoso?

– Você está querendo que eu ensaie?

– Nada disso – respondeu ela, sorrindo. – Só queria dizer que já tenho idade suficiente para perdoar o adultério, mas não a maldade, e estou curiosa para saber qual é a sua posição.

– Se ele começar a ser agressivo, eu vou lhe sugerir que pense em como a vida pode ser tão mais harmoniosa se ele abandonar a agressividade.

Maddie ergueu as sobrancelhas e disse:

– Isso não tem grande conteúdo.

– Pode ser o suficiente. Pode achar que é estúpido, mas às vezes tornar as coisas simples pode ser de grande utilidade – justificou ele. – Quando as coisas são simples, até mesmo pessoas extremamente inteligentes como você não têm outro remédio senão compreendê-las.

Ela arregalou os olhos em resposta e desviou o olhar. Não tivera intenção de ser brusco ou de zombar dela e se sentiu envergonhado. Maddie só estava tentando ser gentil. Mas, ao mesmo tempo, sentiu como se tivesse caído em algum tipo de armadilha. Conversar com Stella Petrovic sobre o concurso pelo telefone era divertido. Mas a realidade de enfrentar um casal infeliz... isso poderia ser uma grande trabalhadeira. Percebia exatamente aonde Maddie queria chegar. As pessoas podem ser muito más quando estão infelizes.

– Desculpa – disse ele. – É que eu tenho um estilo. E sei que a mulher já gosta do meu estilo, por isso vou me manter fiel a ele.

– Um estilo?

– Claro. Vai, manda mais um cenário.

– E se ver claramente que eles não se amam? – disse ela quase num sussurro. – E se perceber que se casaram pelos motivos errados e achar

que não deveriam continuar casados?

– Acho – começou ele – que qualquer pessoa é capaz de olhar para um casal e achar que pode ver isso. Mas ninguém consegue saber como é que um casal se comporta na privacidade do lar.

– Eu sei disso. Mas, e se um deles revelar a você em palavras?

Ele não respondeu, tocando no rosto recém-barbeado com a mão.

– Se estiverem muito infelizes, será uma visita muito séria. Mas não se preocupe: eu consigo dizer sempre a coisa certa.

– Gostaria de ouvir o que sai dessa sua cabeça. – Maddie varreu algumas migalhas da mesa para a palma da mão e prosseguiu: – O meu casamento fracassou. Mas nós não procuramos soluções para os nossos problemas num livro. O meu marido me deixou e pronto. Não me deu uma oportunidade de salvar o casamento.

– E talvez tenha sido melhor assim. Não vou defender o meu livro. Não é mágico. Olha, assim que este dia terminar, eu lhe conto tudo o que aconteceu.

– Espero que sim! A minha amiga Carol e o marido, Dan, viram o casal jantando ontem à noite na pousada. A Carol disse que eram pessoas muito atraentes. E que estavam muito risonhos e divertidos.

– Isso é uma boa notícia. Talvez sejam o tipo de pessoa que gosta mesmo é de ganhar coisas? E que a verdadeira vitória neste caso seja só uma visita para acrescentar à história de um casamento feliz.

– Talvez. – Ela olhou para baixo e abanou a cabeça. – Quem me dera que às vezes dissesse todas essas coisas certas a mim. Esteja à vontade para usar um pouco da sua imagem de marca comigo.

Peter a observou com atenção. Gostava tanto dela. Mas não podia fazer de conta que a amava. Isso seria cruel.

– O que mais sua amiga disse sobre eles? – perguntou.

– Disse que a mulher falou de você, do seu livro e de como lhe serviu de inspiração para a vida à medida que foi crescendo. Mas, então, Carol se sentiu mal por estar escutando a conversa alheia e parou. Eles comeram quase tudo o que lhes serviram. E saíram de mãos dadas da sala de jantar. Carol teve certeza de que iam para o quarto fazer amor. Ou isso ou estavam apenas se exibindo para a plateia. Logo, podemos deduzir que existe a possibilidade de eles fazerem um espetáculo do seu amor quando estiverem com você.

– Parece que não precisam de mim para nada!
– Talvez não. Pode sempre falar com eles sobre a comida da pousada, de como é boa.
– Nesse caso, era melhor que passassem a tarde com o Henry.
Ela se levantou, pegou a carteira na mesa da cozinha e inspirou.
– Talvez lhes agrade essa hipótese.
– Posso fazer isso, levá-los para conhecer o Henry e o velho Arthur na Pantomime's.
– Não, Peter. Fica aqui conversando com eles. – Ela estendeu a mão e agarrou a dele. – Acredito que vai levar isso a sério. Mas quero que me prometa que vai. Promete. Mesmo que todos os envolvidos pareçam achar que é apenas uma manobra de diversão, eles são casados e vêm aqui vê-lo. É sério. Seja amável.

Depois de ela sair, pensou em arrumar a casa, mas não tardou a descobrir que havia pouco a fazer. Andou de sala em sala, abrindo e fechando janelas por ter muito vento. Seja amável, disse para si mesmo. Seja amável! Acolha-os nos seus braços e lhes dê amor. Pegou papel e caneta e começou a fazer uma lista das coisas simples que não podia se esquecer de lhes dizer.

*Se ela ficar doente,
cuide dela sem reservas até ela dizer que se sente melhor.
Se ele perder o emprego,
tenha paciência enquanto ele luta contra o medo.
Se o filho de vocês ficar doente,
não aproveitem essa tensão para tratarem mal um ao outro.*

Olhou para as palavras no papel e depois amassou a folha e a atirou no lixo. Foi abrir a porta da frente e ficou ali olhando para a calçada da entrada, apoiando-se com os braços esticados no lintel da porta e balançando o corpo. Certamente seria capaz de ouvi-los e, em seguida, encontrar alguma coisa para lhes dizer que fosse específico da sua situação, algo excelente e único e que, no mínimo, correspondesse às suas expectativas. Já fizera esse papel antes e com sucesso. Ser o mestre do óbvio! Esperou por eles, preparado para fazer a parte que lhe era devida, recordando-se com insistência que devia se dedicar inteiramente ao papel,

porque isso o ajudaria a esconder as partes menos encantadoras de si mesmo que os outros não deviam ver.

Emily, fim de semana dos vencedores, novembro de 2011

– É só porque pensei que flores seriam um presente estranho para um homem – disse Emily. – Acha que fiz mal? – Passava pouco da uma da tarde e estavam no carro, dirigindo-se para a casa de Peter Herman.

– Fez bem – respondeu Eli enquanto dirigia.

– Tem certeza? É uma espécie de jantar. Ou, pelo menos, será mais tarde. – Havia duas garrafas de Pinot Noir num saco atado com uma fita vermelha no banco de trás, que Emily tinha comprado uns dias antes numa adega perto do escritório onde trabalhava.

– Tem certeza de que ele não estava à nossa espera para o almoço? – perguntou Eli.

– Tenho. Passamos a tarde com ele e depois voltamos para o jantar. Não fique nervoso. Tenta manter o espírito aberto. É muito importante para mim que esteja aqui comigo.

– Vou manter a mente aberta – disse Eli. – Prometo.

Durante toda a manhã haviam sido cerimoniosos e tímidos um com o outro. Eli fora dar uma corrida, mas voltara pouco depois para o quarto, dizendo que estava muito vento e que tentaria novamente antes do jantar.

Acabaram por ficar na cama bebendo café e assistindo a grande parte da comédia romântica *Digam o que quiserem*, no canal Starz. Emily desatara num pranto no meio do filme e Eli a abraçara. Perto do final, quando John Cusack segura o leitor de cassetes acima da cabeça e põe a música “In Your Eyes”, Emily desmoronara completamente, porque era impossível não fazer isso. Nesse momento, Eli levantara-se para ir tomar banho, demorando o que ela achou ser muito tempo no banheiro.

– Não podíamos aparecer de mãos vazias – disse Emily.

– Mesmo sendo os vencedores.

– Mesmo assim.

Emily olhou para as instruções escritas num pedaço de papel que segurava firmemente no colo. O mapa intrincado que a outra Jenny lhes tinha feito parecia algo irreal, por isso Emily se sentia como se à saída da pousada tivessem se transformado em personagens de um conto dos Irmãos Grimm.

Vá até a estrada principal, até o fim; siga pela estrada do lago e vire à esquerda na placa que diz “Herman” ☺! Bem, uma espécie de Irmãos Grimm para leigos.

– Não vai haver fotografos, certo? – perguntou Eli.

– Acho que não. Por quê? Está com vergonha?

– Vergonha é o de menos, Emily. Não vamos fingir que esta situação não dá nos nervos de qualquer um.

Emily gesticulou e respondeu:

– Não sei se vai ter um fotógrafo lá. Espero que não. Vai haver publicidade, mas eu posso contornar isso por nós dois, prometo. Tenho de admitir que fiquei impressionada com a dimensão da cobertura de imprensa de que a Ladder & Rake foi alvo. Até parece que o pessoal dos meios de comunicação é receptivo aos livros. O que até faz sentido, não acha? Porque essas pessoas crescem gostando de livros e, às vezes, até chegam a escrevê-los e agora querem ser solidárias e se sentem mal porque parece sempre que aquela indústria que é uma espécie de irmão mais novo menosprezado está morrendo...

Olhou para Eli sentado ao volante. Ele não a estava ouvindo. Estava com a língua de fora, encostada no lábio, absorvendo a beleza da estrada. E então abrandou, dirigindo muito devagar até o topo do caminho de acesso à casa de Peter Herman. Via-se que estava admirando a casa e a vista do lago além dela. Estava muito mais envolvido no momento do que ela... olhem só para ele, com o seu pensamento de ciclista! Seria preciso um livro para sobreviver neste mundo? Não. Mas, considerando toda a tensão por cima da energia, provavelmente precisariam de uma bicicleta. Poderiam falar sobre isso, pensou, se a discussão sobre o casamento se tornasse muito pesada.

– Chegamos. – Eli abrandou ainda mais, deixando o carro apenas deslizar e disse: – Eu te amo, aconteça o que acontecer.

– O que é que isso quer dizer?

Eli estacionou a poucos metros do Subaru que já se encontrava na rampa de entrada.

– Pronta? – Ele se virou e sorriu, inclinando-se para beijá-la. – Isso quer dizer que estou com medo.

– Não deveria. Estou falando sério. Obrigada por fazer isso. – Ela retribuiu o beijo, e os narizes de ambos chocaram.

Ele desligou o motor e ficaram sentados no carro um momento, ouvindo o chilrear dos pássaros. De repente, ela desejou ser mais burra e não tão desesperada por resolver as coisas. Depois, sentiu vergonha e raiva de si mesma por desejar ser mais burra. Era o casamento que estava em jogo. E deviam fazer de tudo para salvá-lo. Talvez fosse uma tola: estaria ela tentando tapar o sol com a peneira? Tentando consertar a traição dele. Provavelmente. Pedindo ajuda a estranhos, à espera de explicações para problemas incontornáveis? Sim, infantil e burra.

– Eli, acha que sou uma idiota por fazer isso, por nos obrigar a fazer isso? Acha que sou uma pessoa burra?

– Burra não é, com certeza...

Ela nem o deixou terminar porque já tinha visto Peter Herman.

Abriu a porta do carro, o que fez entrar uma lufada de ar tão fresco que a fez se sentir em êxtase.

– Olá! Trouxe vinho – disse ela para o ar, acabando por deixar as garrafas no carro, e dirigindo-se para Peter. Planejara se mostrar calma e curiosa, abordá-lo como abordaria Gary Hustwit depois de uma palestra. Mas, em vez disso, se esqueceu de todas as camadas de personalidade que tinha adquirido desde criança e limitou-se a caminhar em direção a Peter.

– Olá aos dois! – Peter Herman desceu os degraus de tijolo, vindo ao encontro de ambos. Ela prestou atenção ao som de cada um de seus passos e ao ruído ao redor, ao vento vindo do lago e ao grasnido e crocitar das aves.

– Olá – disse ela num sussurro.

– Olá! – respondeu Peter; e depois com menos certeza: – Vocês são Eli Corelli e Emily Babson?

– Somos – disse Eli.

– Bem pareceu. – Peter sorriu e lhes lançou uma piscadela.

Ela se sentia acanhada demais para encará-lo diretamente, por isso manteve o olhar nas calças cáqui, camisa de lã azul, nos mocassins

castanhos que deviam ter quase a mesma idade que ela. Ele se inclinou na direção de Emily para lhe estender a mão.

– Sou sua fã – sussurrou ela.

Sentiu uma intensa e imediata adoração por ele, e pela segunda ou terceira vez na sua vida, sentiu como que uma imensa felicidade predestinada. Pensou: “Aqui está ele à minha frente, o homem em cujas palavras tenho me guiado desde criança. Me guiado pelas palavras dele! Surpreendeu-se por estar tão em contato com os seus sentimentos. O que importava que o livro fosse um pouco brega? Tinha a ajudado a crescer! O homem explicara como amar. Ele a ajudara a formar a opinião do que um casamento deveria ser. Sentia a testa quente. Deu um passo atrás e apoiou uma mão no carro para se recompor.

– É um prazer conhecê-lo – disse Eli. – A minha mulher é uma grande admiradora sua e ambos gostamos de ler a sua obra. – Eli empurrou o ombro de Emily para criar mais espaço e apertou a mão de Peter.

– Grande admiradora? – Emily respirou fundo e sorriu para Peter. – É mais do que isso. Eu adoro o seu livro. Desde pequena.

– Está bem, está bem... não precisa me deixar envergonhado – disse Peter. – A sua carta era encantadora. E honesta. Agora estamos aqui. Que coisa, hein?

Emily tentou observar Peter de soslaio. Mas ele parecia conhecer as suas intenções. Virou-se e pegou a mão dela. – Estou dizendo a verdade – disse ele. – Era divertida e triste.

Eli caminhava à frente deles, mas depois desacelerou e se virou. No entanto, manteve distância. Compreendia que esta primeira parte, a parte de conhecer Peter, devia ser dela.

– Vou lhes mostrar a casa – sugeriu Peter. Eli assentiu e entrou no caminho que descia até o lago.

– Nunca escrevo sobre mim, por isso não foi fácil – disse Emily.

– Imagino que sim. Escrever nunca é.

– Isto é, não pensei que alguém fosse realmente lê-la. Foi mais uma espécie de exercício, entende? E agora estar aqui com você, é tão estranho.

– Não se preocupe. – Peter largou a mão de Emily, mas vendo que ela se mantinha perto, colocou-lhe um braço sobre os ombros.

– Já sinto que temos muito que conversar.

– Este lugar é fantástico – disse Eli, chamando a atenção dos dois.

– Vamos até a água – disse Peter. – Não se torna muito mais pitoresco do que é hoje. – Viam o vapor da própria respiração à frente deles e era uma sensação muito, muito agradável saber que podiam estar rígidos de frio agora, mas que em breve estariam dentro de casa quentinhos. Aproximaram-se da água.

– Aí está ela – disse Emily, quando viu a canoa *Old Towne* de Peter, pousada nos cavaletes, junto ao pequeno cais.

– A própria – disse Peter. – A mesma que usei com o meu avô.

– O verde realmente brilha – disse Emily. As paredes revestidas de verde-escuro da canoa pareciam fossilizadas.

Eli foi até o cais, de nove metros de comprimento, feito de madeira lindamente envelhecida, com folhas de morrões-dos-fogueteiros espiando à volta das colunas de sustentação. Viam outras casas que pareciam espreitá-los do outro lado do lago, por trás de árvores cobertas de folhas agora laranja, vermelhas, castanho-escuras e cor de ameixa.

– Acha que podemos ir dar um passeio de canoa? – perguntou Eli.

Peter olhou para Emily e ergueu uma sobrancelha.

– Sim – sussurrou ela. – Vamos mandá-lo passear, só por um tempinho.

– Claro – disse Peter. – Deixe-me ajudá-lo a levar a canoa para a água. Há um remo guardado lá dentro... aqui está ele.

– Há espaço para nós três? – perguntou Eli.

– Por que não vai sozinho? – sugeriu Peter. – Poderá aproveitar mais o passeio, assim.

Eli assentiu e Emily percebeu que ela também gostara da sugestão. O marido estava apreciando a canoa com as mãos. – Olha para isto – disse ele. – Aqui está um design que não muda há bem mais de um século. Uau, olha para estas traves. Tão lindas... OK, vou levá-la para dar uma volta e retorno em dez minutos.

– Não tenha pressa – disse Peter. Ajudou Eli a empurrar a canoa até a água. Eli saltou para dentro da canoa e se afastou, remando.

Emily estremeceu ao vê-lo ir e disse:

– Ele demorou algum tempo para se convencer a vir aqui. Mas agora está sendo muito companheiro.

– Parece ser boa pessoa.

Eli acenou da canoa e gritou:

– Tão suave! – Remou na direção oposta a eles até o meio do lago. Eles deram meia-volta e foram até o alpendre. Sentaram-se nas cadeiras colocadas de cada lado da porta e ficaram observando Eli remar.

– É bom lhe dar esta pausa – disse Emily. – Tenho certeza de que está feliz remando.

– Ele é inteligente – disse Peter. – Vejo que nunca andou de canoa, mas está aprendendo sozinho e com rapidez.

– Eu gosto disso nele. Adapta-se com muita facilidade. Quando lhe disse que isto era importante para mim, vir visitá-lo, embora tenha sido tão estranho ganhar o concurso, ele disse que sim sem pensar duas vezes. Preciso lhe dizer uma coisa. Eu realmente li o seu livro quando tinha onze e doze anos, na época em que os meus pais passavam a vida discutindo antes de decidirem se separar. Costumava me trancar no banheiro, ao lado do quarto deles, a ler e a imaginar que eu era a Honey e que os meus pais não estavam prestes a se divorciar.

– O meu livro não foi escrito para crianças. Deve ter passado por momentos bem difíceis.

Emily assentiu.

– Pergunto-me muitas vezes o quanto ler o seu livro teve influência no trabalho que faço hoje. O meu trabalho é explicar coisas. E o seu também. Com a diferença de que explico como as coisas funcionam. E você explica o amor.

– O amor? – Peter soltou um riso constrangido e encarou Emily.

– Lembre-se: eu só tento explicar o casamento.

Ela ficou apenas olhando para ele, esperando que ele fosse capaz de entender a expressão, que tentava dizer: não há razão para que seja complacente comigo. O que faz é importante: eu sei disso e você também.

– Mas isso que diz sobre quando era criança me lembra que o mesmo foi verdade para mim – disse Peter. – Eu escrevi por causa dos meus pais. Criei este mundo aqui com os meus avós e escrevi sobre isso por causa deles, por causa de todas as discussões e ódio que tinha de aturar em casa.

– É mesmo? Sempre me perguntei sobre isso. Você moldou histórias para adaptá-las ao que imaginava que um casamento deveria ser.

– Algumas foram reais – contrapôs Peter. – De qualquer forma, quando escrevi esse tipo de adaptação pareceu adequada. Hoje em dia entendo que não é verdade. – Peter suspirou. Ela o observou olhando para frente em

direção à grama. Procurou Eli, mas ele estava tão longe agora. Acenou na direção dele, mas ele não viu. – Foi ali mesmo que o meu avô me disse o quanto lamentava a situação da minha mãe e o rumo que as coisas tinham tomado. Ele me abraçou. Isso ajudou. Não nego. Mas não é o que importa agora. O que importa é a Emily, o seu marido e o futuro de vocês. Ambos querem ser felizes. Não é complicado.

– Quem me dera que não. Quando o conheci, a minha intenção era que tudo fosse simples. Mas não tem sido. A maneira como ele e eu somos, não consigo encontrar uma maneira de dizê-lo claramente. Tento manter tudo sob controle, mas parece que me escapa por entre os dedos. Ou é ele quem escapa. Mas ele está tentando não fazer mais isso. É por isso que estamos aqui.

– Parece que ele quer o mesmo que você. E está certa. Ele não está fugindo. – Peter acenou para Eli, que remava de volta ao cais.

Emily protegeu os olhos com as mãos e disse:

– Espero que tenha razão no que diz.

– Hoje vamos moldar algo novo, uma nova maneira para vocês dois viverem. Não vai ser perfeito. Mas vamos construir algo seguro e que seja bom para você. Assim como ambos fizemos para nós mesmos quando éramos crianças.

– Estou tão feliz por termos vencido o concurso! – Emily se levantou. – Eu adoraria. Mas, mesmo que não dê jeito, não se preocupe. Ficarei sempre grata pelo seu livro, aconteça o que acontecer.

– É muito amável – disse Peter. – Nós dois, de certa forma, já demos um ao outro mais do que uma tarde agradável. Agora vamos passar para a parte mais difícil.

– Que lugar fantástico! – exclamou Eli, quando encostou a proa da canoa à doca. – É muito caro viver aqui?

– É basicamente o que consigo pagar! – Peter riu. Virou para Emily e disse: – Deixe-me ajudar o Eli e depois vamos para dentro. Não vamos ficar sentados mais tempo na varanda, hoje não.

Depois de colocarem a canoa no lugar, Eli marchou obedientemente em direção à casa. Emily o viu dar meia-volta por um momento e depois resistir ao desejo de voltar à margem, divertir-se atirando pedras, fazendo-as saltitar na superfície, ou simplesmente ficar observando os peixes e aves ou qualquer outra coisa.

Os três subiram os degraus dos fundos e entraram pela cozinha. A casa estava cuidadosamente limpa. Peter não parou, por isso Emily só conseguiu ver de relance os armários de pinho nodoso e o chão de madeira escura, um par de tesouras com cabo de plástico azul em cima do balcão junto da banca e alguns caules de flores deitadas numa poça de água ao lado.

Foram para a sala de estar e pararam junto de um sofá verde virado para as grandes janelas que davam para a entrada e para o jardim da frente.

– Quero falar abertamente com você – disse Emily. – Sobre a maneira como mostra o amor numa história. Quero falar sobre o seu dom.

– Uma coisa de cada vez. – Peter olhou para ela. – Vamos começar por você e pelo Eli. Mais tarde vamos jantar e poderá me perguntar o que quiser. Tenho ajuda para tratar disso, portanto não precisa se preocupar com o meu talento na cozinha! É coisa que não tenho.

– Querida? – Eli estendeu a mão e tocou no ombro de Emily. – Esta não é uma casa espetacular, exatamente como falamos ontem no carro? Não quer perguntar nada sobre isso?

Mas Emily não olhou para Eli. Sentou-se ao lado dele no sofá, mas não correspondeu seu carinho. Ela só tinha olhos para Peter. Talvez pudesse realmente voltar ao trajeto de vida com que tinha sonhado. E ali estava Peter Herman, pronto para ajudá-los a tentar. O casamento dele e a vida dele eram tudo o que Emily tinha imaginado para si mesma, o casamento que teria, a felicidade das férias, tudo isso. Tudo o que Eli quase pôs a perder estava ali, em Peter.

– Você me ajudou a explicar a mim mesma – sussurrou ela. Nenhum dos homens a ouviu. Ela se virou e sentiu um lampejo de pura esperança quando olhou para Eli. – Vamos começar – disse ela. – Por favor, perdoe o nosso ar estranho. É que não quero desperdiçar um momento que seja.

– Eu deveria começar por dizer que não tenho uma filosofia – disse Peter. – Todo mundo pensa que tenho, mas não. Ainda assim, acredito que possa ser útil para vocês.

Ninguém falou. Eli rodou a cabeça e estalou o pescoço.

– E a frase “O casamento é uma canoa”? – perguntou Emily. – Só isso já é filosofia metafórica.

– É? – Peter sorriu. – Eu acho que é apenas uma “frase de efeito”. Só quero dizer com isto que as histórias do livro não configuram uma

filosofia. Por hoje, talvez possamos tratá-las mais como um ponto de vista, tal como conversamos no alpendre. Entende? Como realmente tudo se trata apenas de ser amável?

– Por favor. – Emily começou a fazer gestos com as mãos na frente dos olhos. – Podemos chamar apenas de filosofia? – Olhando para Peter, apontou para o marido como se dissesse: “vamos simplificar por causa dele”.

– É muito perspicaz – disse Peter. – Tudo bem. É uma filosofia. Quer um biscoito? Foram feitos esta manhã por uma amiga minha. Experimente o de cardamomo.

– Mas acabou de dizer que não tem uma filosofia – disse Eli. – Estou confuso.

Emily viu Eli semicerrar os olhos. Afinal de contas, era um homem de negócios. Capaz de ser um pouco intransigente quando alguém ficava indeciso. E também sabia que por causa dela, queria que o que acontecesse na casa de Peter fosse enriquecedor. Não queria que ela se sentisse enganada.

– Ouça – começou Emily –, nós estamos passando por um momento difícil. Não temos medo de ouvir conselhos sérios.

– Entendo – disse Peter. – Perdoem-me. Estou um pouco enferrujado.

– É claro que vamos ficar em silêncio e completamente mudos. – Emily tentou rir. – A culpa é minha. Começamos depressa demais. – Descruzou as pernas, afastou os joelhos e voltou a uni-los. Usava calças de algodão e sentiu o tecido nas coxas. Via Eli à sua esquerda, inclinado para a frente, olhando para as palmas das mãos.

– Espero que não tenha fotografos – disse ela com jeito de pergunta.

– Vamos deixar isso para lá e você começa – Eli disse a Emily. – Ambos sabemos que você quer.

– Tudo bem – concordou ela. – Eu começo. Vou tentar de novo ir diretamente ao assunto, embora seja muito estranho. Vou confiar em vocês.

– Vá em frente. – Peter falou com a boca cheia de biscoitos.

– Pode confiar que eu vou ouvir e guardar os seus segredos.

Mas ela não falou. Não conseguia escolher o que dizer primeiro. Olhou para os dois homens. A sala era perfeita e silenciosa. Não importava o

quão construído era o momento. Ela entendia aquilo. Era outra coisa. Seria mais fácil sem o Eli ali, pensou. Olhou de rabo de olho para ele.

– Não consigo esperar mais, preciso falar – disse Eli. – Eu sinto a confiança aqui, por isso preciso dizer isto: eu quase acabei com o nosso casamento. – Eli esticou as mãos para a frente, as palmas das mãos para cima, como um homem que tenta encontrar o caminho num quarto escuro. – Eu me envolvi muito no meu negócio e havia uma mulher...

– Jenny – disse Emily. – Quem você contratou um ano e meio atrás.

– Jenny. – Eli balançou a cabeça concordando.

– Espere – interrompeu Peter. – Antes de entrar nesse território, pode me explicar como é que vocês dois estão juntos?

– Tipo, por que é que nos amamos? – perguntou Emily.

– Isso. Exato.

– Diz você – disse Eli. – A Emily é capaz de explicar tudo a qualquer pessoa.

Emily viu que Eli estava corado, os olhos nos tênis, possivelmente irritado por ter se precipitado numa declaração para, em seguida, ser rejeitado tão liminarmente. Emily não tinha certeza da razão por que Peter tinha interrompido Eli daquela maneira. A menos que Peter gostasse mais dela. “E por que não?”, pensou Emily. Peter devia gostar mais dela. Era a vencedora e a fã número um.

– Se ela é capaz de explicar tudo, – disse Peter – então porque não começa com o que há de bom entre vocês dois, Eli? Depois podemos falar sobre o que quase estragou tudo.

Eli empurrou o cabelo escuro para trás e olhou para ambos. Tinha o peito a poucos centímetros dos joelhos.

– Posso tentar – disse ele. Puxou os braços para o pouco espaço existente entre as pernas e o peito, pelo que ficou reduzido à metade do seu tamanho normal.

– Na minha vida, sou uma espécie de operário, cabeça para baixo, um ferreiro trabalhando na sua bancada. Sem nunca olhar para cima. Simplesmente trabalho, faço coisas e tento... festejar a sua concretização. Foi assim que Emily me conheceu. No momento da minha vida em que estava construindo uma coisa, mantendo a cabeça enfiada no trabalho. E ela, ela... me mostrou o resto de mim mesmo. Eu também a fazia feliz. Fazia-a rir e ela é uma pessoa quase sempre muito séria, por isso era uma

coisa boa. Então, nos apaixonamos porque encaixamos de uma forma complementar. É assim que somos bons juntos?

Quando terminou de falar, Eli olhou para Peter, em vez de Emily. E Emily olhou para Peter, também. Ela receava que Peter acusasse Eli de ser irremediavelmente vago e talvez até monótono.

Como ninguém falou, Eli deixou a cabeça cair lentamente, a um ponto que Emily achou que com certeza ele estava se machucando. Estendeu a mão e tocou em sua nuca, sentindo o cabelo oleoso.

– Isso foi bom – disse Emily. – Ainda é a minha estrela do rock.

– Não sei como resolver o problema. – Eli não se mexeu. – Sei o que fiz de mal. Sei que te magoei, Emily.

– Em breve vamos querer falar sobre o problema – disse Emily. – Tenho certeza. Mas o Eli tem razão. Nós nos apaixonamos por mil razões, mas seguramente nos complementamos e somos obcecados um pelo outro, e ele é o homem certo para mim, sabe? Mas eu não imaginava que ele fosse me fazer passar por uma provação destas.

– Eli? – perguntou Peter.

– Eu amo a Emily. Quero que tenhamos filhos juntos e que envelheçamos juntos. Não quero perdê-la por uma coisa estúpida.

– Tenho de ser tão forte! – Emily olhou para os dois e explicou: – Acho que a entonação saiu errada. Eu quis fazer uma pergunta.

Peter ergueu as sobrancelhas dirigindo-se a ela, que abanou a cabeça, como se dissesse: Não, por favor, não me faça explicar.

– Ambos têm de ser. – Peter levou a mão aos lábios, o dedo indicador roçando o espaço acima do lábio superior. Ela o observou passar a mão pela boca para mostrar que o silêncio dele era intencional, para mostrar que ele estava ouvindo. Achou que o gesto parecia falso.

– Devem estar cheios de sede. E eu não ofereci nada. – Peter se levantou e foi até a cozinha, regressando com um jarro de água e alguns copos numa bandeja de plástico.

Havia um grande relógio no corredor e Emily podia ouvi-lo. Ouvia também o que imaginava serem gansos grasnando no lago. Fechou os olhos e respirou fundo. Eli pegou sua mão e ela se sentiu confusa por um momento. Tinha se esquecido de que ele estava ali ao lado.

– Desculpa – disse ela. – Estava só apreciando estar aqui.

– Eu te amo – disse ele.

– Eu também te amo.

– Eu me sinto mal pelo que fiz. Quem me dera poder voltar atrás.

Emily abanou a cabeça em sinal de negação. Mas pensou: Sim, eu quero ficar com você. Disse: – Você não pode. Mas acho que o caminho que estamos seguindo aqui é muito bom.

Assim que Peter voltou a se sentar, Emily disse:

– Isto está ajudando. – Sentiu o cheiro da casa empoeirada. Serviu-se de meio copo de água e bebeu. – Estamos curando as feridas.

– Há mais alguma coisa? – quis saber Peter.

– É isso que quer perguntar agora? – perguntou Emily.

Peter encolheu os ombros, o que a surpreendeu. Talvez ele não tivesse a mínima ideia do que estava fazendo! Talvez já nem sequer se lembrasse de ter escrito o livro. Suspeitava de que tudo o que ele tinha era a vaga lembrança de um abraço do seu avô no jardim dos fundos. Tinha vontade de ir embora naquele momento. E de levar o seu infinitamente justificador marido com ela. Sentou-se o mais à frente no sofá que conseguiu. Já passava das quatro. Quando é que podiam ir embora?

Peter continuou:

– OK, vamos deixar a outra mulher de fora por mais algum tempo. Parece que ela pertence ao passado. Eli, já tocamos no assunto, na coisa má. E quanto a você?

– Quanto a mim, o quê?

– Está feliz? – Peter parou aí. Emily observou sua expressão e viu que ele se sentia confortável com o silêncio. Mudou de opinião outra vez. Peter Herman era sutil. Tinha tudo sob controle. Era brilhante, embora, ao mesmo tempo, terrivelmente estranho! Isso fazia, provavelmente, parte do seu encanto. Seguiu-se um novo silêncio. Emily lutou contra o impulso de falar. Peter era capaz de fazer uma coisa que ela não conseguia. Era capaz de ajudar as pessoas a se descobrirem.

Ela sorriu para Eli. Provavelmente, o marido tinha alguns problemas com ela que o impediam de se sentir constantemente feliz no casamento. Ela se sentia muitas vezes exasperada consigo mesma. Por isso, seria bom descobrir que partes de si mesma ambos poderiam concordar de que não gostavam. A ideia de dizer isso na frente de Peter até era, de certo modo, atraente. Talvez até pudessem encarar os maus hábitos dela como um

fetiche e, pelo menos, assumir a estranheza como algo de novo? A sua tendência a ser controladora. Podiam falar sobre isso.

– E vamos tentar ser honestos – disse Peter. – Aprecio bastante o fato de os dois terem sido honestos até agora.

– Honesto. – Eli esfregou as mãos nos joelhos das calças jeans. – Não, as coisas estão bem com a Emily. Ela não faz coisas de que eu não goste. Eu amo a Emily. Mas menti para ela. Tenho sido um mentiroso. Dormi com a Jenny. Estivemos algumas vezes juntos. Não significou nada e sinto vergonha de mim mesmo. Nós ficamos bêbados e aconteceu. Não teve qualquer significado, como se costuma dizer nesses casos. Estávamos em Los Angeles, numa reunião para conseguirmos um financiamento e correu muito bem. Estávamos hospedados no Mondrian e nos sentíamos superentusiasmados e, por alguma razão, acabamos na cama. Há algum tempo que tinha despertado... aquela coisa animal. Uma estupidez. Mas nós nos controlamos. Paramos. Depois disso, a relação entre mim e a Emily tornou-se tão formal. Eu sei que não é desculpa. É que com a Jenny, eu...

– Por que é que volta sempre a ela? – perguntou Emily. – Por que não consegue parar?

Eli estava de boca aberta.

– Porque quero limpá-la do meu organismo – disse.

– Tudo bem – disse Emily. – Mas não pode se concentrar em nós?

Eli se levantou e sentou novamente. Então se virou para Emily, de modo a que Peter não pudesse vê-lo. E fixou os olhos nela. O céu escurecera. Eram quase cinco da tarde.

– Eu quero ser verdadeiramente perdoado. Antes de mais nada.

– Vamos ter calma – disse Peter. – Muita coisa acaba de ser dita. O perdão é uma coisa muito séria.

Eli não tirava os olhos de Emily. Ela notou o brilho desaparecer e transformar-se em súplica. Interrogou-se, ao devolver o olhar, se o obrigara a esconder seus segredos. Como um menino, pensou. Mas eu o escolhi. Eu sabia que ele era assim.

– Posso ir ao banheiro? – perguntou Eli.

– Sim, claro. É ao virar da esquina, no canto debaixo da escada.

Eli assentiu e saiu. Peter esticou os braços por cima da mesa e pegou nas mãos de Emily.

– Consegue perdoá-lo? – perguntou Peter.

– Sim – respondeu Emily. – Acho que sim. Eu o amo. Uma parte de mim sabia que isso poderia acontecer. As pessoas o acham atraente. Querem cuidar dele. Eu sabia disso quando o conheci. E posso viver com isso. Estava agora mesmo pensando nisso. O que significa que estou dizendo exatamente o que penso.

Peter assentiu.

– O seu coração está suficientemente acelerado para ser perceptível.

– Por favor, nos ajude. Não quero desistir.

– Claro que não. Você é forte, como disse. E não vai desistir. Isso é muito evidente em você. – Emily ficou em silêncio.

Observou Peter ruborizar e se lançar num turbilhão de palavras. – E não precisa fazer isso. Não precisa gerar toda essa dor de acabar uma relação. Pode reconstruir o que tem e será mais forte. É isso que estamos fazendo aqui, sabe bem disso. Eu fiz o mesmo com a minha mulher várias vezes antes de ela morrer. Nós... redecoramos a casa uma vez e sabíamos que, na verdade, estávamos consertando o nosso casamento.

– Gosto disso. – Emily sorriu. – Adoro analogias e metáforas simples. Não as uso o suficiente. Mas o Peter, sim. Admiro isso em você: não tem medo de usar um clichê.

Peter ergueu as sobrancelhas.

– Clichê?

Emily disse:

– No meu trabalho, somos alérgicos a eles. Gastamos metade do tempo tentando subvertê-los, para nos assegurarmos de que o que dizemos é novo. Ninguém vê o valor dos clichês. Mas você vê.

– Entendi. – Peter bebeu um longo gole de água.

A porta do banheiro abriu e Eli voltou à sala de estar.

– Eu te perdoo – disse Emily de supetão. Olhou para ele, vendo a sua boca formar um O.

– Perdoa? – Eli ainda estava de pé.

– Quero trabalhar nisso com você. Sei que já disse isso antes, embora talvez não da forma mais correta. Mas estou dizendo isso agora. Podemos superar isso.

– Parece ridículo dizer isso em voz alta – sussurrou ele –, mas é exatamente o que eu quero.

Emily se virou para Peter. Ela ainda estava no sofá. Eli se sentou ao seu lado.

– Obrigada, Peter – disse.

– É um bom começo – retorquiu Peter. – Todavia, ainda há muito mais para falar. Temos um território inexplorado pela frente. Livre de clichês. – Piscou o olho para Emily.

– Território inexplorado – disse Eli, de repente. – Gosto disso. Sinto-me seguro aqui.

– Nunca diz essas coisas – disse Emily. – Isso é bom. Ouviram um carro se aproximar da casa e, segundos depois, uma batida forte na porta. Peter se levantou de repente e acendeu algumas luzes. Emily percebeu que quase já não eram capazes de ver os rostos um do outro na penumbra do fim de tarde.

– Só um momento. – Peter se levantou e foi até a porta de entrada. – Olá, Jenny! Pode pôr tudo aqui.

– Não, não. Mostre a cozinha. Vou ajudar o Mike. Hoje sou o *sous-chef*!

– Ah, entendi...

– Jenny Alexandretti – disse Emily em voz alta ao se levantar. Agarrou a gola da blusa.

– Vamos ultrapassar isso – disse Eli, automaticamente.

A Jenny da pousada passou por eles, carregando bandejas cobertas de papel de alumínio. Sorriu, mas não disse nada. Ia cantarolando. Emily pensou: ela trouxe o nosso jantar e é fofo que esteja cantarolando! Ela não é a Jenny Alexandretti.

– Acho que devíamos voltar para a pousada para podermos descansar um pouquinho – sugeriu Emily. – Já estamos aqui há um bom tempo. Peter, não queremos sobrecarregá-lo. Não seria correto.

– Então nos encontramos para o jantar daqui a umas horas? – perguntou Peter. – Posso prometer que a refeição será excelente...

– Obrigado, Peter. – Eli estendeu a mão e apertou a de Peter, complementando com uma palmada nas costas. – Nos vemos mais tarde. Sério, muito obrigado.

Eli saiu à frente de Emily, caminhando com determinação na direção do carro.

– Mal posso esperar para voltar a conversar com você logo – disse Emily a Peter. Ainda estava de pé ao seu lado, de braço dado, no alpendre.

– É como disse. Ainda não terminou. E eu já me sinto tão grata a você. Sei que não estou mostrando o melhor de mim. Estou... – Sentiu-se gaguejar.

– Está tudo bem, Emily. É muita coisa para assimilar. Toda esta emoção partilhada pode ser muito confusa. Estou mesmo contente por estar tudo correndo bem. – A voz de Peter era branda e não olhava para Emily. – Tenham cuidado com o Toyota da Jenny. Vê-o ali? Aquela jovem nunca conseguiu aprender a estacionar um carro.

Ela soltou o braço e se afastou, pensando que era presunçoso querer absorver tudo dele em apenas um dia. Peter iria partilhar um pouquinho. Seria o suficiente. Já se sentia incrivelmente sortuda por ter recebido tanto.

– Pronto? – perguntou ela assim que entrou no carro.

Eli manteve-se em silêncio. E Emily ficou introspectiva também, pensando: “Estamos consertando tudo. Vamos ficar bem.”

Eli ligou o carro. Virou-se para Emily e disse:

– Isto foi bom. Emily, é a mulher mais incrível do mundo. Eu me sinto diferente. De verdade.

Peter, fim de semana dos vencedores, novembro de 2011

O telefone tocou meia hora depois de eles saírem. Peter tinha os dois dedos pressionados contra as têmporas e estava olhando pela janela do gabinete de trabalho de Lisa, tentando reunir mais coisas certas para dizer a Eli e Emily quando voltassem para o jantar. Eles estavam se esforçando. Acreditava que o casal era capaz de encontrar alguma felicidade, um dia, talvez com a chegada de um bebê. Gostava de Emily. A firmeza de sua personalidade lembrava-lhe Lisa. O telefone não parava de tocar.

– Sim?

– Peter, olá, é a Stella. Como está?

– Stella. O que posso fazer por você? – Ele assumiu seu tom afetuoso e galanteador. Lisa costumava zombar dele por isso. Talvez devesse falar com Emily e Eli sobre a relação que tinha com Lisa. Como sempre souberam retocar as fendas na fachada que ocorriam naturalmente com a mudança das estações.

– Estou ligando para saber como está indo. Estão no intervalo antes do jantar?

– Estamos, sim. Posso lhe dizer que ofereceu a este velho solitário um sábado muito agradável.

– Ah, é?

Ela era boa. Dizer apenas “ah, é?” era muito inteligente. Pensou que gostaria de conhecê-la um dia. Stella Petrovic. Não tinha medo dele, como tantas outras. Não tinha medo do silêncio, também. E porque tinha se referido a si mesmo como um velho solitário? Não era. Um mentiroso, sim. Solitário, não.

– Esta mulher, Emily Babson... que espírito de vida! É espantosa. Calculo que isso ajude, quando se tem de enfrentar um desafio – disse ele.

Recostou-se na cadeira de escritório de Lisa e acenou um “não, obrigado” a Jenny, que havia aparecido no seu campo de visão e parecia

estar lhe oferecendo uma bebida. Apontou para o copo de água e ela franziu a testa, como quem diz: “Isso é pouco, podemos fazer melhor.” Mas ele insistiu que não com a cabeça e ela desapareceu. Doce Jenny das covinhas. Anos antes, quando bebia a sério, deu-lhe uns abraços de boa noite um pouco longos demais, deixando até as mãos passearem por baixo da roupa algumas vezes durante os verões em que ela trabalhou na pousada, antes de abandonar a faculdade e começar a trabalhar em tempo integral. Tinham passado algumas tardes divertidas na suíte Okabye. Ela parecia não guardar rancor. Mas, na verdade, quem sabe se guardava ou não.

- O quê? – disse ele ao telefone.
- Perguntei que tipo de desafio.
- Agora estão descansando na pousada, só isso.
- Então está tudo ocorrendo conforme o planejado?
- Sim. Certamente.
- Isso são boas notícias!

Peter ficou em silêncio. Saberia Lisa que ele tinha beijado mais do que uma das empregadas? Devia saber. Será que se importava?

Olhou para o tapete bordado azul e branco que cobria a maior parte do chão. Ela era uma mulher maravilhosa. Mas o fato de ser maravilhosa não significava que tivesse muito amor dentro dela.

- O que mais quer saber, Stella?
- Só quero saber se eles estão felizes.
- Estão. Ou, serão.
- Sabe... pediram-nos para filmar, fotografar e gravar tudo, e eu consegui evitar tudo isso – disse Stella. – Gostaria apenas de lembrar que concordei com você quando disse que era inoportuno. Ou seja, eu sei que disse não a tudo isso, mas o que quero dizer é que concordo com você. Nem imagina como a Helena é capaz de ser insistente sobre esse tipo de coisa. Portanto, se não vai haver nada disso, então vou precisar... de você. Talvez alguma coisa escrita por você e pela Emily? Ou uma gravação? Embora fotografias fosse muito melhor.

- A Helena? – perguntou ele. – Ela está supervisionando isso tudo?
- Helena supervisiona tudo. E tem realmente me atormentado por causa das fotos. Nem imagina como grande parte da vida corporativa são as provas materiais. É por isso que tenho esperança de que você possa

partilhar comigo o que está acontecendo. Para eu poder... partilhar com a Helena e o resto da equipe. Porque eu não posso mostrar nada. É claro que posso lhe ligar outra vez amanhã, se preferir. Mas talvez possa tirar algumas fotografias com o celular?

Peter riu.

– Helena. Helen. Conheci-a quando estava descobrindo como ser quem sou. A nossa relação foi muito importante para nós dois.

– Então pode imaginar o que esta situação representa para mim. Por favor, deixe-me dizer a ela que podemos tirar algumas fotos, talvez aqui em Nova York.

– Sim, vá em frente, diga-lhe isso. Diga o que quiser e eu aceito.

– Ah! – Stella suspirou, e ele percebeu que ela não acreditava nele. – Ótimo. Isso é formidável.

– Prometo posar para uma fotografia com os nossos vencedores – disse ele. – Eles vão ficar bem. Embora, a longo prazo, quem é capaz de assegurar isso com os jovens de hoje? Tenho de ir me preparar para o regresso deles.

– Então, o jantar vai ser apenas uma espécie de brinde ao dia?

– Claro, se assim diz. Quero dizer, sim. Chamemos assim.

Stella respondeu com silêncio. Duvidava da palavra dele e ficara irritada! Ele percebeu isso e pensou que ela tinha o direito de ficar irritada. Queria mais do que estava conseguindo arrancar dele. E merecia mais. Disse:

– Será que pode também escrever um relato curto e bem-disposto que eu possa partilhar com os meios de comunicação? Podia lhes dizer para tomarem conta um do outro, como diz no seu livro.

– Fico feliz que tenha me lembrado disso. Tem toda a razão. Vou fazer isso.

– Fico feliz, também, fico contente porque... – Stella começou a apressar seu discurso. Mas Peter já tinha deixado de ouvi-la. Murmurou um adeus e desligou o telefone.

Seria o seu amor com Lisa um grande amor? Era uma pergunta que martelava constantemente seu cérebro, mesmo conhecendo a resposta. Tiveram a Belinda. Belinda era uma espécie de amor.

Tinham tentado ter mais filhos, mas não conseguiram. Amavam Belinda e educá-la tinha sido um milagre cotidiano. Sentia saudades de Lisa... e

de Belinda, queria vê-la. Tinham conversado há alguns dias, mas agora tinha vontade de falar com ela outra vez, e era isso que faria, amanhã. E por que não tinha sido Helena a telefonar, se era uma pessoa tão importuna? Muito ocupada, provavelmente. Sempre fora assim, desde o começo. Atormentava, mas não telefonava. Quando tudo aquilo terminasse, ia ligar para ela. E Maddie? Seria capaz de ligar a Helena de um apartamento em São Francisco? E se Maddie ouvisse? Não era capaz de fazer uma coisa dessas a Maddie. Teria de sair de casa para lhe telefonar, usar um celular... pressionou os dentes com a ponta dos dedos.

– Peter? – chamou uma voz.

– Sim? – Peter levantou-se com esforço, saindo do gabinete escuro e entrando no corredor bem iluminado.

– Mike e eu vamos embora. Não queríamos incomodá-lo...

– Ah, Jenny! Claro, até depois. – Pousou a mão no ombro dela, apertando-o levemente. Não gostava do sorriso dela, de como parecia pensar que agora ele era velho e inofensivo.

Ela se libertou da mão dele e disse:

– Sabe como aquecer tudo? Quer ver o que temos preparado para você?

Peter seguiu Jenny até a cozinha, que agora cheirava igual a cozinha da pousada.

– Olá, Mike. O Henry está tratando você bem?

– Melhor do que você, grandalhão!

Os três conversaram durante alguns minutos e Peter os acompanhou até a porta, depois de ter sido instruído sobre como arrumar o pernil de cabrito no prato e aquecer e servir os demais, as couves-de-bruxelas com bacon, as fatias de polenta e a sopa de castanhas.

– Claro que sei cuidar de tudo isso. Vou arrumar estes pratos melhor do que imaginam, antes de voltarem amanhã! Agora, vão! Com o meu eterno agradecimento...

Depois de saírem, Peter ficou na porta da cozinha com as mãos enfiadas nos bolsos. O que costumava dizer aos casais que o encurralavam, de vez em quando, nos restaurantes da cidade? O que dizia sobre o casamento quando promovia o livro e nas poucas palestras que dera?

Pensou nas suas antigas receitas e jurou a si mesmo que o seu desempenho iria ser melhor do que o da tarde. Mencionara todos as suas

frases de efeito favoritas. Iria se esforçar ao máximo para ajudá-los a tapar cada uma das fendas da infidelidade do marido. Devia isso a todos.

Não redecorem juntos uma casa nos primeiros cinco anos de casamento.

Só vivam com os sogros como último recurso.

Não passem muito tempo só com um outro casal.

Façam as refeições em casa juntos, quantas vezes puderem.

Preparem o café da manhã um do outro nos dias importantes de cada um: no dia de uma grande apresentação no trabalho; no dia em que o seu cônjuge tem um teste de acesso ao próximo nível.

Não deixem as roupas espalhadas pelo chão do quarto.

Flertem com outras pessoas em festas.

Essas e dezenas de outras do mesmo tipo. Seu exército de pequenos comentários veementes. Sentia orgulho, não de algum em particular, mas deles como um todo. Ia escolher os mais apropriados e aplicá-los ao casal vencedor. Faria até os exercícios com eles, se quisessem. Mas se sentia empacado em alguma coisa. O que seria?

Foi então que percebeu o que o incomodava: Eli parecia orgulhoso da traição. Não estaria até um pouco exultante? Sim, era isso que parecia errado. Sentia-se exultante e talvez um pouco rebelde. Ainda bem que tinha conseguido esconder isso de Stella. Porém, pensou com um sorriso, porque é que Stella se importaria? A curto prazo, o concurso só poderia ser um sucesso. E ninguém se incomodaria que a mulher, Emily, tivesse se casado com uma besta arrogante. A culpa não era de mais ninguém, exceto dela. Não era estúpida. Tinha transmitido isso mesmo durante a tarde, que escolhera essa vida para si mesma. Gostava de Emily e a compreendia. Ela amava o marido. Assim como Lisa o tinha amado.

Decidiu se certificar de que durante a noite se ateria nas frases de efeito, em vez de se precipitar para uma intimidade que conduzia a toda aquela sinceridade aterrorizante. Foi buscar uma garrafa de Johnnie Walker Black Label que guardava no aparador na sala de jantar, ao lado dos melhores rótulos de vinho. Por outro lado, poderia contar algumas histórias sobre a relação dele com Lisa. Embora fosse arriscado, achava que algumas das coisas que tinha passado com ela se assemelhavam à situação de Eli e

Emily. Bebeu um gole de uísque num copo de água. Sim. Parte da sua vida real parecia se aplicar.

Emily, fim de semana dos vencedores, novembro de 2011

– Aonde vai? – perguntou Emily.

Emily estava deitada na cama com as cobertas puxadas para cima. Tinham feito amor novamente. Muito sexo. Parecia que, além de todo o constrangimento e nova honestidade, Eli estava tentando provar o seu amor por meio do sexo. Para parar de pensar nisso, ela fechara os olhos. Estava meio adormecida quando o ouviu se mexendo.

– Quero ir correr um bocadinho. Vi um caminho ali atrás e me disseram que se estende até o norte por alguns quilômetros.

– OK – Emily se sentou na cama. – Não vou dormir.

– Se quiser, dorme. Temos tempo.

– Não quero – disse ela. Olhou em volta. Havia roupas espalhadas por toda a parte. Tinham desarrumado o quarto todo.

Aquele tipo de caos não era habitual neles, pensou.

Eli vestia shorts e uma *sweatshirt* da Oberlin. Calçou os tênis e apertou o cadarço.

– Vai estar frio – disse ele. – Mas ficarei doido se não fizer exercício. Quem me dera ter trazido uma bicicleta.

– Vai levar o celular?

– Sim, para o caso de me perder.

– Me beija – pediu ela. Sabia que o tom era melancólico, como se tudo dependesse de um beijo.

O beijo dele foi bom, mas rápido, e depois de o marido sair, ficou ouvindo o ranger das escadas de madeira enquanto ele descia. Atirou-se para trás nas almofadas. Sem fome, sede, nem vontade, realmente, de falar.

Mas sabia que daí a vinte minutos iria querer tudo isso. Nada de televisão. Agora não. E, no entanto, estava escuro e frio, um tempo estranho para ir correr. Onde diabos ele iria? Respirou fundo e

interrompeu os pensamentos. Ele precisava fazer exercício. Isso era verdade e ela acreditava. Estava tudo bem.

Ligou para Sherry, que atendeu ao primeiro toque.

– Então, como é que ele é? É tudo com o que sonhou?

– Está mesmo curiosa ou só está tentando tirar sarro de mim?

– Emily, você acha que eu não li o livro? Sei que brinco com você sobre isso, mas o livro fez tanto parte do meu crescimento como do seu.

– Sim, sim, tem razão – disse Emily, feliz por ver a irmã tão carinhosa e defensiva.

– Então, como ele é?

– Cauteloso. Já desempenha esse papel há tanto tempo que acho que não gosta de sair dele. E eu estou exigindo muito dele. Nós estamos. Não vou dizer que não estou adorando o fato de finalmente conhecê-lo, porque estou. Valeu mesmo a pena.

– Ele é viúvo, certo? É atraente?

– Por favor. É da mesma idade que meu pai. Além disso, ele não considera o que escreveu um clichê, acredita?

– Leva tudo a sério?

– Completamente. Isto é, eu adoro cada pedacinho do livro, mas tenho a noção de que é um pouquinho cafona. Mas ele... ele acha que o que escreveu ainda é muito relevante. E quando conversamos, é como se estivesse bem ali conosco, no nosso casamento. Ele mergulhou de cabeça, o que talvez seja o que precisamos. Perdoei o Eli pelo que fez. Na frente do Peter.

– Pensei que já tinha feito isso...

– Antes foi uma espécie de improviso. Agora é pra valer. Estamos começando a ser felizes de uma forma real. – Emily se enrolou na colcha e foi até a janela. Lá fora não havia nada além de escuridão em todas as direções. Não conseguia sequer ver o estacionamento. Como ele poderia estar correndo?, pensou. Ia bater contra uma árvore.

– Não sei por quê, mas o seu tom me parece cético – comentou Sherry.

– Eu sei, estou feliz, mas ao mesmo tempo cética. Estou nervosa. Temos feito sexo como loucos.

– Onde está o Eli?

– Foi correr.

– O quê? Ah, OK, correr. Vamos jantar na segunda-feira e aí me conta tudo.

– Sherry? – Emily respirou fundo. Sabia que não devia exigir tanto da irmã. Percebia que ter vontade de falar com ela agora não era um bom indicador de como as coisas estavam correndo.

– O quê?

– Gosta de mim? Acha que sou uma pessoa divertida?

– O quê? Claro que sim. Do que está falando?

– Às vezes acho que ele encara o nosso casamento como um dever. Não quero que ele se sinta assim, como se fosse o trabalho de casa.

– Hum, eu acho que um casamento é trabalho de casa. É por isso que me mantenho longe dele.

– Não diga isso. É verdade, mas não diga isso.

– Ele te ama. Você vai ficar bem. E fico feliz por ter decidido fazer essa loucura.

– Foi uma ideia idiota e talvez um pouco perigosa.

– Não. É catártica. Você realizou um sonho. Estou cheia de inveja. E... Emily?

– O quê?

– Se pensar bem, é até sedutor.

– Agora tenho certeza de que estou me apoiando demais em você, se sente necessidade de dizer isso – disse Emily.

– Bem, pelo menos parece que está fazendo algo que é bom para você. Se não sedutor, bom, pelo menos, é como uma limpeza, só que muito especial e única para você.

– Para. Eu te ligo amanhã, quando chegarmos em casa. Jantamos na segunda, está combinado.

Emily entrou no banheiro e abriu o chuveiro.

O banheiro era grande. Havia rosas pintadas nos azulejos brancos. Eli ainda não tinha voltado. Por alguma razão, trancou a porta do banheiro. Queria voltar a um tempo com Eli, a algum momento, antes do último verão, pensar em como era o sexo nessa época, que faziam coisas novas e riam juntos e ficavam desajeitados um com o outro de manhã, enquanto escovavam os dentes. Como voltar nesse ponto?

A água estava gostosa e ela tomou um banho mais quente do que deveria. Não queria regressar a esse ponto. A ideia era mais seguir em

frente para combinar esse prazer com a confiança que tinham adquirido... hoje cedo. Talvez fosse um pouco ambicioso. Mas era isso que ia pedir a Peter. Como fazer isso. Daí a pouco, daí a uma hora, mais ou menos. Ela amava o marido. Se ele era capaz de aguentar aquele dia, iriam trabalhar juntos para alcançarem o ponto que ela era capaz de lhe descrever.

Peter, jantar dos vencedores, novembro de 2011

– É tão bom estar aqui sentada nesta bela sala de jantar à luz das velas com vocês dois – disse Emily. – Os meus dois homens preferidos.

Emily sorriu com cuidado. Ambos pareciam pensativos, com a cabeça curvada para a frente, parecendo tão pesada que precisavam das mãos para apoiá-la. Eli estava imóvel, mas Peter parecia tentar constantemente emergir do estado sombrio em que tinha mergulhado.

– Ainda bem que arranjei velas – disse Peter. – Normalmente, nunca consigo encontrá-las. – Ele ocupava a cabeceira da mesa.

Emily e Eli estavam um de cada lado, um de frente para o outro.

Peter tinha lhe oferecido um uísque quando chegaram, porque tinha um copo na mão quando abriu a porta. Não tinham tomado a sopa porque Peter se esquecera de aquecê-la e ficara com um aspecto granuloso e um pouco suspeito. Brincaram com o esquecimento de Peter e passaram diretamente ao pernil de cabrito, que, como todos puderam perceber estava frio por dentro. Peter se confundira também com o tempo de aquecimento da polenta, de maneira que as fatias redondas estavam duras e brilhantes, como rodas tiradas de um caminhão de brinquedo.

– Coma mais couves-de-bruxelas – disse Peter. – Nessas não toquei. – Peter trouxera o copo de uísque para a mesa. Emily e Eli tinham mudado para vinho. – Se a carne não estiver cozida o suficiente, posso pô-la novamente no forno – disse Peter.

– Não, não, está ótima. Tem mesmo um sabor caseiro – disse Emily.

– É muito amável – disse Peter. – Aposto que o vinho que nos deixaram é muito bom. Eles trouxeram várias garrafas, por isso não se acanhe em pedir mais. Foi o meu amigo Henry, lá da pousada, quem o escolheu. Fez um curso noturno há uns anos, no Instituto Culinário do Hyde Park. Com um... como se chama? Um enólogo... acabaram ficando amigos.

– Esquecemos o vinho que trouxemos! Acho que ainda está no carro. – Emily se levantou. – Vou buscá-lo.

– Por favor, não vá – disse Peter. – Está frio lá fora. E lembrem-se do estatuto de vocês. Vocês são vencedores. Por isso, descontraia, sente-se.

Ela obedeceu. Peter gostava da formalidade dela. Emily usava um vestido de lã cinzento e um casaco de malha azul-claro. Eli estava afundado na cadeira, vestido com uma camisa vermelha e calças jeans. Estavam no campo, afinal. Peter percebeu que provavelmente Emily deveria ser sempre mais formal do que o marido.

– Dá muitas caminhadas em volta do lago? – perguntou Eli. – Costuma tirar foto das aves?

– Tinha esse hábito com a minha mulher, Lisa. Não tirávamos fotos, já que as aves faziam parte do nosso cotidiano. Para que tirar fotos? Mas caminhávamos sempre de mãos dadas. – Peter uniu as pontas dos dedos. – Espero que vocês dois tenham o hábito de andar de mãos dadas.

– Temos. – Eli se serviu de um pouco mais de cabrito, embora ainda tivesse muita comida no prato. – Ultimamente, cada vez mais. O que é engraçado, já que a maioria dos casais faz isso cada vez menos à medida que envelhece.

– Você foi casado muito tempo, não foi? – perguntou Emily a Peter. – Quarenta anos?

– Quase. – Peter fez um aceno de cabeça. Estava de boca cheia e sabia que isso o fazia parecer carrancudo.

– Sinto muito – disse Emily. – Deve ser difícil para você falar sobre esse assunto.

– Não precisa se desculpar. Fico contente por falarmos da Lisa. Quero falar sobre ela. Nós não fomos sempre felizes. – Peter observou a sala de jantar. Não recebia pessoas para um jantar naquela sala há anos. Lisa a usava como uma espécie de segundo escritório. As gavetas de baixo do aparador estavam repletas de papéis que precisavam ser analisados e depois guardados no gabinete dela. Ou jogados fora, mais provavelmente. – Mas, também, ninguém é constantemente feliz. Mas não é isso que quero dizer. Querem ouvir o que tenho para dizer? – perguntou.

– Claro que sim – respondeu Emily.

– Ela e eu... eu vim aqui para me casar com ela e fiz isso de uma forma intencionalmente dramática; portanto esse ato, acho que estava destinado a

tornar-se parte da vida do meu livro. Sei como eu estou sentindo minhas palavras aqui, mas ouçam-me... ela parecia a vida certa para mim. Por isso, nós dois nos esforçamos muito para nos adaptar ao mundo um do outro. Como vocês dois estão fazendo. Queríamos mais filhos, mas acabamos por só ter um. A Belinda. Há um quadro dela que mandamos pintar. – Peter apontou para uma pintura a óleo de uma Belinda de oito anos ajoelhada na margem do lago Okabye.

Tinha um rostinho redondo e os olhos e orelhas grandes de Peter.

Emily e Eli fizeram um aceno e sorriram para a imagem.

– Vocês querem ter filhos? Já devia ter perguntado.

– Temos pensado nisso. Talvez em breve – disse Emily.

Mordeu o lábio e não olhou para Eli. Peter terminou o que restava do uísque e empurrou o copo para longe.

– Assim que se tem filhos, passa a ser diferente – disse Peter. Baixou a cabeça e sorriu para Emily. – Outro clichê. Mas entendemos as pressões que uma criança gera e demos espaço um ao outro para crescermos. Os anos 1980 foram difíceis para nós. A minha transição para os quarenta... no final dos anos 1980... nessa época, eu bebia muito. Fiz algumas coisas erradas. Como você, Eli.

– Eu não bebo muito – disse Eli.

– Referia-me à outra coisa que falou esta tarde.

– Ah, isso – respondeu Eli. Peter viu Eli franzir o cenho e se esforçar para ter em mente que deveria se sentir mal pela traição. Peter pensou: o melhor é deixá-lo estar. Vou continuar a falar e essa vai ser uma maneira de deixar este pobre homem em paz.

– A minha mulher. Ela sabia o que eu vinha fazendo. Tivemos alguns anos em que os nossos silêncios tinham um tom agressivo. Mas depois a Belinda nasceu, como já disse, e tínhamos construído uma vida juntos. Nunca tive intenção de magoar Lisa.

Peter ficou em silêncio. Emily não estava olhando para ele, ou para Eli. Estaria sendo demasiado vago? Demasiado sincero? Ambos? – Vou parar – disse. – Vocês não vieram aqui para isso.

– Como é que ultrapassaram tudo isso? – perguntou Eli. – Agora que tocou no assunto, o melhor é aproveitarmos. Parece relevante. – Eli empurrou o prato e usou o garfo para se servir de mais couve-de-bruxelas.

– Deixamos que o outro cometesse grandes erros – disse Peter. – Ela sofreu bastante, na época em que eu passava muitas noites bebendo num bar chamado Sally Forth, na nossa pousada de Hudson. Isso foi há muito tempo. E o negócio não correu bem. Perdemos muito dinheiro e lutamos muito para superar essa perda. E eu sofri com a frieza dela. Ela precisava de uma boa dose de controle que se transformou num braço de ferro silencioso entre nós. Mas nunca pensamos em nos separar. Seguimos em frente. Não parece assim tão mau, não é? Cedermos um ao outro? O meu avô e a Bess não fizeram isso, acho. Lembro que se divertiam muito juntos. Escrevi sobre isso o melhor que pude. Mas, na minha vida, acho que escolhi não me deixar abater. Vocês dois poderiam fazer o mesmo. – Peter parou mais uma vez. Estendeu a mão para o copo de uísque, mas não viu a garrafa na mesa e se forçou a não ir buscá-la. Continuou: – A relação de vocês é promissora. Não precisam ouvir todos esses problemas pessoais. Não foi para isso que vieram aqui. Vamos nos ater ao que escrevi no livro.

– Não, essa extrapolação é boa. E nós também estamos melhorando nas partes do casamento que acabou de mencionar – disse Emily.

– Cedendo. Persistindo. Estou gostando de que o Eli faça tantas perguntas. Ele nunca faz isso. – Emily sorriu para o marido. – Eu também tenho perguntas. Como fazer do casamento um espaço seguro, onde possamos nos divertir, como o seu avô e a Bess? Como é que uma vida como a deles realmente funciona? Não nos grandes momentos. Eu quero saber o que acontece nos pequenos.

– Quer dizer nos intervalos. – Peter sorriu. – Quer saber o que deixei de fora.

– Não é o que todo mundo quer? – disse Emily com uma gargalhada.

– O nosso casamento é um espaço seguro, não é? – perguntou Eli. – Nós nos divertimos, não?

– Antigamente, sim. Agora estamos reconstruindo – disse Emily.

– Ah! – Eli se inclinou para trás na cadeira. – Obrigado por me corrigir. – Pigarreou.

Peter o observou. Ainda não o tinha visto se comportar daquela maneira. Emily e Eli olhavam um para o outro, ambos de olhos muito abertos, como que circundando o outro sem se mexer. Como gatos, pensou Peter, dando-se conta subitamente de que estava se esforçando por encontrar as

palavras certas para dizer. Pensou que poderia lhes ensinar a melhor forma de se darem bem. Mesmo que os entediasse, seria bom... levaria os problemas deles a um desfecho adequado. Percebia que eles queriam ser sinceros um com o outro e se recriminou por trazer o assunto à tona, tudo porque estupidamente se desviara do plano original e começara a falar de Lisa. Ninguém precisava ouvi-lo contar a vida que teve com Lisa.

– No meu livro... – começou Peter, mas Emily cortou.

– Peter, desculpe. Só um segundo. Eli está zangado comigo, não está, Eli? Está chateado pelo que fiz? – Emily respirava pela boca e olhou para Eli. – Por tê-lo corrigido?

– Por que me faz tantas perguntas? – perguntou Eli. – Não pode confiar em mim? Eu não sou passivo. Se estou chateado, digo.

– Isso é bom, Eli – Peter falou rapidamente. – A tarde foi um grande compromisso. Posso calcular que ainda tenha alguns comentários a fazer. Eu teria. Por isso, sim, fale. Lembro-me de que, na maioria das vezes, meus avós não hesitavam em dizer o que pensavam. Mas nunca foram ofensivos ou agressivos. Nunca.

– E eu? – perguntou Emily. – Posso desabafar algumas coisas?

– Sim, pode. – Peter sorriu. – Alguns minutos não vão fazer mal. Desde que sejam ambos gentis e solícitos. Assim como o meu avô e a Bess sempre foram.

Eli franziu a testa e olhou para o prato cheio. Peter viu Emily inspirar e expirar. Deu-se conta de que havia fechado as mãos em punho, por baixo da mesa, tinha esperança de que o pior já tivesse passado, mas, ao mesmo tempo, sabia que não.

Não pretendia conduzi-los a esse território. Foi em frente e derramou vinho no copo de uísque. Ou será que sim?

Emily afirmou:

– Como sabemos, Eli, você fez uma coisa e depois tentou escondê-la de mim, por isso eu não acredito totalmente no que disse sobre a confiança. Ainda não.

– Esta coisa – disse Peter, apontando para a polenta. – Posso tentar aquecê-la, talvez amoleça. A comida fica melhor como marmita. Mesmo na própria refeição. Ao longo dos anos, tenho descoberto que é verdade, posso garantir.

– Marmita? – perguntou Emily. – Desculpe. Claro que é verdade. Pensamos assim sobre comida também.

– Isso é bom – disse Peter. – Quer que abordemos a sua pergunta sobre o espaço seguro? Eu não sou grande fã da honestidade sem limites. Em alguns aspectos, uma bondade contínua se opõe. Entende? E, mais, eu gosto de certo mistério no casamento. Esqueça o que eu disse sobre Lisa. A dor de perdê-la ainda está muito fresca em mim. Dito isto, uma base de sinceridade é fundamental. Vê a beleza nesta ondulação? Mas vocês dois estão num bom caminho. Não deviam se preocupar com essas coisas.

– Sim, estamos num bom caminho – disse Emily. – Em parte, graças a você, Peter, e ao que falamos esta tarde. – Voltou os olhos para Eli. Estivera muito tempo sem tocar na carne fria ou na polenta. Mas agora via que, enquanto não estava olhando, ele tinha praticamente engolido toda a comida do prato sem pensar. Ainda assim, não tinha comida na boca e estava de olhos arregalados; contemplando a pintura de Belinda, ou pelo menos olhando nessa direção. Não era uma pintura feia, pensou. Tinha um pouco de Wyeth. Eli estava imóvel.

– Eli, vamos voltar a ficar em sintonia – pediu Peter. – Vamos voltar aonde estávamos esta tarde, quando nos separamos.

– Não posso.

– Por que não? – perguntou Emily.

– Porque não estamos em sintonia no nosso caminho. – Eli pousou as mãos na mesa. – Simplesmente não estamos.

– O que quer dizer? – perguntou Emily. – Pode explicar? Ou está simplesmente observando que ainda estamos trabalhando nisso e que eu estou sendo presunçosa porque, na verdade, devemos ser cautelosos, como temos dito? Faria sentido, se é isso que está dizendo.

– Emily, talvez agora seja um bom momento para Eli encontrar suas próprias palavras – disse Peter, desejando logo em seguida não ter feito isso. Acrescentou: – Espere. Deixe-me ir só ali um momento...

– Pode parar de esmiuçar tudo o que eu digo? – disse Eli. – Eu quero entrar num espaço seguro, como passamos a vida dizendo, para podermos voltar a construir algum mistério sedutor entre nós. Não me interpretem mal. Acho muito bom que estejamos fazendo isso. Estou, tipo, mais empenhado nisso do que qualquer um de vocês, acho. E estou realmente avançando em algumas coisas. Primeiro, em relação à Jenny. E eu sei,

Emily, que quer que eu pare de falar na Jenny. Mas eu não quero. Nós tínhamos alguma coisa. Algo real. E eu matei isso assim que nasceu porque sou casado com você e te amo.

– Eli? – Emily abanou a cabeça. – Compreende o que está dizendo? Porque, se sim, não vê como isso me destrói? Quer mesmo dizer isso?

– Acho que sim.

Peter observou Emily. Ela tremia um pouco, os ombros e a cabeça oscilando. E, de repente, ficou imóvel.

– Este território está todo errado – disse Peter. – Vocês estão interpretando tudo mal. – Estendeu as mãos para pegar as deles, mas não chegou a lhes tocar. Ambos tinham se afastado dele e da mesa. Ficou com as mãos à sua frente, porém, e sentiu as costelas encostadas na borda da mesa. Tentou mostrar que aquela posição era propositada, inclinado para a frente, na direção deles. Mas não importava, porque eles não estavam olhando para ele.

– Talvez ache que está sendo amável soando tão cruel. Você se esforçou muito para este casamento dar certo, não é? – perguntou Emily a Eli. – Acha que se esforçou demais? Está cansado do dia longo? É esse o problema neste momento?

– Eu quero salvá-lo – murmurou Eli.

– Estamos nessa situação extrema? Eu o perdoei. Não sei como consegui, mas perdoei. Agora estou nos conduzindo de volta. Quero dizer, estamos. Se estamos interpretando mal as coisas, então vamos corrigir isso. Agora.

– Claro. – Eli olhou para Peter, para a posição dele, e o imitou. Levantou as mãos, com as palmas para cima, de maneira a ficarem nos lados do rosto. Empurrou o prato e se inclinou sobre a mesa. – Vamos fazer isso. Mas... merda, ouve uma coisa primeiro: eu estive com algumas mulheres.

– Então, Eli! – Peter levantou a voz. – Já disse coisas que magoaram a Emily, mais do que possa imaginar, acho. Não vamos partilhar mais do que deveria ficar escondido.

– Por que não? – perguntou Eli. – O que quer dizer com “deveria ficar escondido”?

– Na sua vida? – perguntou Emily. Ela estava muito quieta. – Claro. Teve uma vida antes de mim. As mulheres o adoram.

– Eu não sei por quê. Mas não consigo resistir. E digo sim. Você sabe disso, não sabe?

– O que é que me está perguntando? Se eu sei o quê? – perguntou Emily. Ela estava cada vez mais rígida na cadeira. Eli ainda tinha o corpo inclinado e baixo.

Peter rangeu os dentes e disse:

– Acho que deviam parar por aqui. Vamos voltar atrás. Acho que fizemos o que devíamos esta tarde e que devemos ficar por aí, se querem a minha opinião.

– Não é só a Jenny – disse Eli.

– Não é só a Jenny – repetiu Emily.

– Estive com outras. Quero estar casado com você. Jenny acha...

– A Jenny acha? Tem falado com a Jenny sobre tudo isso?

– Peço desculpa. – Peter se levantou. – Vamos fazer uma pausa. Vou levar os pratos para a cozinha e a Emily pode me ajudar.

– Não. – Emily se precipitou na direção dele e o agarrou pela mão. – Fique, por favor. Eu o ajudo a arrumar tudo depois. Por favor, fique.

Eli estendeu a mão para ela, do outro lado da mesa e disse:

– Pega na minha mão, não na dele.

– Não – disse Emily. Peter se sentou. Disse:

– Vocês dois precisam se afastar um do outro. Parecem dois lutadores num ringue. Posso lhes dizer que no casamento não há lugar para comportamentos como esses. Disso podem ter certeza.

Emily lançou um olhar intenso a Eli.

– Diz o que tem a dizer e logo veremos se o que estamos fazendo é lutar.

– Então agora é um teste.

– Fala de uma vez, Eli! Não é só a Jenny? Do que está falando? Como é que isso pode ser curar as feridas? Isso é uma sangria. Você é tão estúpido!

– Obrigado – disse Eli com um aceno de cabeça. – Obrigado por me lembrar que é assim que se sente em relação a mim.

– Sinto muito. Peço desculpa – disse Emily.

– Isso não me pareceu um pedido de desculpas sentido. E o Peter. – Eli projetou o queixo na direção dele. – Aqui está o Peter, com o seu livro, que eu li, e o seu casamento razoável de que acabamos de ouvir falar. Ele acredita que é capaz de salvar tudo. Então me salva. Eu traio. Estamos

juntos há mais de cinco anos e eu dormi com outras mulheres. É uma coisa que eu faço. As mulheres gostam de mim! Eu quero parar. Quero sossegar com você. Acho que é isso que quero.

– Acha que é isso que quer. – A voz de Emily era muito baixa. – Eu vou continuar aqui sentada muito quieta segurando a mão do Peter agora. Espero que não se importe.

– Eu posso ficar de mão dada – disse Peter. – Mas não estou gostando nada do rumo que esta conversa está tomando.

– Tudo bem – disse Eli. – Faça o que acha que precisa fazer. Eu te amo, mas é como se não conseguisse chegar até você! Você quer uma coisa ideal, essa besteira de que ele vive falando. E isso para mim não é real. Nunca foi. Mas eu vejo como as outras pessoas são e quero agradá-la, por isso digo sim a você, mas ao mesmo tempo...

– Encontra um escape em outro lugar. Vários.

– Sim, foi isso que fiz. Jenny não se preocupa com essas coisas de casamento, esses convencionalismos.

– E é porque sou controladora. Porque controlo tudo. Você não gosta disso, não é?

– É. Não gosto.

– Não gosta. Nem sequer gosta de mim! Por que é que eu devia perdôá-lo por isso? Não gosta de mim! Por que devo perdôá-lo?

– Não precisa. Isso é impossível. Nem eu sei porque estou aqui. É melhor eu ir embora.

– Então decida ir embora – disse Emily.

– Ele não vai a lugar nenhum – disse Peter. – Isso não será necessário. – Peter olhava só para Eli, que não tirava os olhos da mulher. Podia imaginá-lo claramente dirigindo cheio de raiva de volta para Nova York. Eli estava se preparando para esse resultado. Peter o via. A pior coisa que poderia acontecer! O pior cenário possível.

– Vamos nos acalmar – aconselhou Peter. Emily ainda agarrava sua mão e ele tentou mexê-la, com cuidado. Mas Emily não o largou. – Acham que conseguem encontrar uma memória de um tempo feliz que passaram juntos? Vamos falar sobre isso. E então, se conseguir, combino as memórias de vocês com um capítulo do meu livro.

– Telefonou à Jenny quando foi correr, não foi?

Eli abanou a cabeça e respondeu:

– Você me procurou. Foi atrás de mim. Você me encaixou na sua história. Detesto isso, essa mania que tem de explicar a nós mesmos. Mas quero que isso funcione. Estou dizendo que quero que isso funcione.

– Como pode dizer isso? Não está sequer fazendo sentido! E o que está dizendo que eu fiz não é assim tão ruim. Se me amasse, ficaria feliz com a forma como sou. Não o perdoo, nem pela Jenny, nem certamente por tudo o que disse esta noite. Outras mulheres? Quantas mulheres?

– Isso não é importante. – Eli respirou fundo. – Não vamos ficar enumerando.

– Mas tem se esforçado tanto este outono! Qual é a verdade, Eli? O dia de hoje é que foi demais? É isso? Está emocionalmente esgotado?

– O dia de hoje seria um desafio para qualquer homem – apressou-se Peter a dizer.

– Não – disse Eli. – Está negando o que realmente sou. Quer me encaixar em alguma coisa onde eu não caibo. Eu quero. Estou sempre tentando. Hoje me espremi todo para tentar caber. Mas não encaixo.

Emily largou a mão de Peter e disse:

– Quero que vá embora!

Eli se levantou.

– Você fica? – perguntou.

– Se ele deixar.

Ambos olharam para Peter, à cabeceira da mesa. Peter interveio:

– Isto não é o que nenhum de nós pretendia. Mas ainda é possível voltar atrás. Por favor, vamos tentar.

– Não é o que pretendíamos? – perguntou Eli. – O que importa? A vida não funciona assim.

– Por favor, fique – pediu Peter. – Eu o ajudo a navegar em direção a um lugar melhor.

– Ele não deve ficar, se não quer – disse Emily. – É um mentiroso. Tem conversado com a Jenny esse tempo todo. Agora entendo. Mente para mim e mente para si mesmo.

– Não. – Eli abanou a cabeça. Peter franziu o cenho e pensou: Ela está certa. Eli mente. Porque, de momento em momento, ele não sabe quem é.

Emily se virou para Peter e disse:

– Até posso imaginar: todos o viram ao telefone lá fora. Correndo em círculos e conversando com outra mulher. Todos na pousada o viram

fazendo isso. Não quero voltar para lá! É humilhante!

– Uma parte de mim quer corrigir isso – disse Eli.

– Eu voltaria a dizer que está mentindo – disse Emily. – Mas começo a perceber que isso implicaria que você fizesse alguma ideia do que é a verdade. E não faz.

– Em que é que isso me torna diferente dele? – Eli projetava o queixo na direção de Peter.

– Eu não disse que tornava. Talvez eu esteja errada em gostar dele, também. Em adorar o livro dele. Mas esse erro não dói tanto. Porque ele não está ameaçando me abandonar. Ele não está de pé olhando para mim. Eu me casei com você. Você é o meu marido. Obviamente, não posso controlá-lo. Vai ou fica. A decisão é sua.

– Fique – disse Peter. – Vocês sabem que há uma saída para isso.

– Não juntos – disse Eli. – Ela tem razão. Metade do tempo engano a mim mesmo.

– Então vai – disse Emily. – Eu pego um ônibus, ou algo assim. Encontro o caminho de volta. Por favor, vai.

– É isso que quer?

– É isso que você quer, Eli. Corre. Você quer correr.

– Para de me dizer o que eu quero!

– Então, por favor, vai. – Emily se levantou e saiu da sala de jantar. Peter ouviu seus passos, a súbita incerteza sobre para onde ir. Então calculou que ela tivesse visto o banheiro debaixo da escada, onde entrou e trancou a porta. Eli não se mexeu de onde estava. Peter não se levantou da cadeira.

– Eu não queria que isso acontecesse – disse Eli. – Quero que saiba que lamento muito. Você esteve bem. Criou um espaço seguro.

Peter não disse uma palavra. Lentamente, levantou-se.

– Por que não tira uns cinco minutos para si mesmo? – sugeriu Peter. – Acredito que podem fazer as pazes. Se quiser, eu vou lá em cima ou para a cozinha enquanto fica pensando. Então ela sai do banheiro e vocês voltam a conversar.

– Posso perguntar por que acha que conseguiremos consertar tudo?

– É como eu disse. Eu estive com outras mulheres, também, durante o meu casamento. A minha mulher sofreu por causa disso. Eu agi de maneira muito errada. Mas superamos tudo.

Eli assentiu e disse:

– Sinto muito. Seu livro é muito bom, mas seu casamento não me parece tão bom. Aperta minha mão?

Peter estendeu a mão, mas Eli se inclinou e lhe deu um abraço rápido. E, de repente, Peter sentiu uma suspeita de Eli, suspeitou daquele abraço masculino sem significado. Peter o acompanhou até o átrio de entrada. Eli saiu rapidamente da casa e desceu as escadas. Ligou o carro e tirou-o da rampa de entrada com um movimento suave e intencional, como um rio que de repente é capaz de arrebentar o dique. Peter voltou para a sala de jantar. Olhou para os pratos, mas não tocou neles. Apagou as velas. Pensou: está tudo acabado. Nunca devia ter falado de mais nada senão do maldito livro.

Foi esperar por Emily na sala de estar. Encontrou a garrafa de uísque lá e preparou uma dose generosa num copo novo, pensando: é só uma coincidência. A garrafa estava aqui por acaso. Não estava à procura dela. Sentou-se e esperou por Emily. Não iria incomodá-la à porta do banheiro, uma vez que sabia por experiência própria que isso só fazia uma mulher chorar mais.

Passaram-se vinte minutos até ela sair e se sentar na poltrona perto dele, que Lisa costumava usar.

– Vi Eli ir embora pela janela do banheiro – disse ela.

– A única coisa que consigo pensar neste momento é o que vamos dizer a eles? Podemos mentir ao seu contato da editora. Àquela mulher horrível, Stella. Posso mentir, não tenho problemas. A última coisa de que preciso é dela me fazendo perguntas.

– Agora não importa. Depois tratamos disso.

– Espere, quero lhe dizer uma coisa. Não vou sugerir que mesmo depois de tudo isto acontecer, você ainda tenha todas as respostas – disse ela. – Eu sei que não. Mas seja como for, significa muito para mim. Tem um significado muito importante, tanto você como o seu livro. Não pode negar isso.

Peter tentou lhe dirigir um sorriso. Pensou: será possível passar um só dia em que não me digam o que posso e não posso fazer?

Disse:

– Não nos preocupemos comigo agora, e com o que eu sou ou não sou.

Ele olhou pela janela, para a rampa de entrada escura, e ficou surpreso por o marido de Emily realmente não estar lá. Lembrou-se de quando abandonou o almoço na pousada com Maddie e Henry há algumas semanas. Abanou a cabeça. Se um homem acreditar que pode estar encurralado, ele foge.

– Ele não está na pousada – disse Emily. – Eu liguei para lá. Sinto muito. Peço desculpa por ficar tanto tempo no banheiro. Tentei ligar para minha irmã também, mas ela está trabalhando. É atriz e nesta peça tem de usar umas correias, porque no final, flutua por cima do palco, e isso leva certo tempo para colocar, por questões de segurança. Ela é que devia estar me ouvindo agora.

– E os seus pais? A sua mãe?

– Ligo mais tarde. Ela não queria que eu fizesse isso. Ainda não estou preparada com a reação dela.

– Não saia daí – disse ele. – Vou buscar o seu vinho.

Foi à sala de jantar buscar o copo e a garrafa, e quando ia pousá-los na mesinha ao lado dela notou que estava toda encolhida na poltrona.

– Precisa de um cobertor. – Apressou-se em ir buscar a manta macia que estava sempre no assento da janela e a cobriu com ela.

Emily estendeu uma mão que ele pegou, ajoelhando-se na frente dela. Bebeu um gole de vinho, mantendo os olhos nos dele. Quando Peter viu que ela parara de tremer e sossegara, afastou-se e foi se ajoelhar na frente da lareira. Colocou fogo na parte debaixo dos troncos que já estavam lá e depois se sentou, de frente para o lume.

A luz tênue se espalhou por todo o piso da casa.

– Não posso acreditar que isso está acontecendo – disse ela. – Eu sou boa pessoa! Pode não compreender porque só viu um lado de mim. Mas não sou uma pessoa terrivelmente controladora. Eu sou, tipo, sólida. Não decepção as pessoas.

– Eu sei que é boa pessoa – disse ele. O fogo pegou e ele voltou a se sentar na cadeira.

– Eu queria que ele me amasse da mesma forma que eu o amava. Que estivesse tão apaixonado por mim como nos primeiros tempos em que estivemos juntos. Sabe, para vivermos a promessa que fizemos um ao outro. Como você diz. É pedir muito?

– Você sabe que não – disse Peter. – É só que... para ser completamente sincero, parece que essa vida que você construiu era uma em que ele não era capaz ... em que não encaixava.

– Mas você não é assim tão diferente dele. Como conseguiu?

Peter olhou para o chão.

– Eu não acho que tenha conseguido sempre. Olhe, você sabe o que quer. E ele não podia lhe dar o que quer. É uma mulher maravilhosa. Se ele quer fugir, que fuja. Ninguém deveria ter de perseguir um homem que foge.

– Não posso acreditar que viemos vê-lo para aprendermos a manter um amor verdadeiro e um casamento feliz, e ele foge.

– Só tenho uma pena imensa que você tenha saído magoada – disse Peter. – Ninguém queria isso. Acredite em mim.

Emily tinha começado a olhar fixamente para Peter e ele desejou que ela parasse. Sabia o que aquele olhar significava.

– Tem alguma história sobre o amor verdadeiro? Pode me contar? Estou precisando – pediu ela.

– Já disse que o meu livro não é sobre o amor verdadeiro. É sobre como ter um bom casamento. São conceitos um pouco diferentes, não acha?

Ela suspirou profundamente e ele pôde constatar o desapontamento em seu rosto, na expressão do olhar. Estava tão feliz à tarde. Agora observava-a enquanto ela o ouvia dizer coisas sem significado.

Emily pediu:

– Conte-me uma história de qualquer maneira, por favor. Algo que não esteja no livro.

Peter desviou o olhar. A sala tinha ficado mais quente. Sabia que deveria apenas preencher o silêncio, mas não conseguiu resistir.

Falou de seu próprio passado:

– Imagine um casal em Nova York. É outono. Eles estão se apaixonando. Mas o homem acredita que tem obrigações em outro lugar. Eles estão passeando pelo centro, de mãos dadas... – Continuou a história, falando sobre um casal que se separou porque o homem fugiu. Tentou suavizar o final da história, para mostrar que qualquer amor vale a pena, para amenizar o triste fim, para que a noite terminasse de uma forma igualmente obscurecida. Tinha esperança de que Emily, de alguma forma,

conseguisse consertar o seu casamento. Não tinha certeza se conseguiria, mas esperava que sim.

– Então, eles simplesmente acabaram? – perguntou Emily. – Mas você ficou com a sua mulher. Foi casado com ela para sempre.

– Isso é verdade. Fui – respondeu Peter. Afastou-se até a lareira e empurrou os troncos para separá-los. Estava com raiva de si mesmo, outra vez, por deixá-la empurrá-lo da simples mensagem que deveria partilhar. Mas agora não podia parar. Disse: – Ninguém queria que esta noite terminasse assim. Era para ser...uma conversa agradável. Não isto.

Emily tinha a cabeça entre as mãos e murmurou:

– Sim, mas aconteceu. O que acha que aconteceu?

– O que você acha?

– Que explodimos – disse ela. – Estávamos sendo tão cuidadosos e, de repente, explodimos.

– É tarde. Vou chamar um táxi. Se o amor de vocês for real e verdadeiro, ele vai voltar e vão conseguir reparar tudo juntos. Isso eu posso lhe assegurar.

De olhos arregalados, Emily procurou o rosto de Peter. Ele queria que ela parasse com aquilo, mas não queria dizê-lo em voz alta. Foi chamar um táxi e podia sentir o olhar dela o seguindo.

Ela o chamou:

– Peter? Mas o que... o que acabou de dizer não é óbvio? Ele vai voltar ou não?

Peter comprimiu a boca para baixo.

– Ouça, nunca ninguém disse que eu era um gênio. Na verdade, a maioria diz o oposto. Vamos até o átrio da frente, onde possamos ver os faróis do táxi.

Assim que se levantaram, ele se aproximou e a abraçou, dizendo:

– O seu casaco me faz lembrar uma camisa que a minha mulher fez. Espere aí.

Foi ao armário do corredor e encontrou a grande camisa azul-celeste salpicada de branco e cinzento que a mulher usava nas noites frias. Estava cuidadosamente dobrada e ficou feliz por não a ter dado juntamente com todo o resto. Tinha pensado em dá-la a Belinda, mas sempre se esquecia. Belinda não se importaria. Se lhe contasse a história do que acontecera neste concurso estúpido ela iria entender.

– Quer ficar aqui esta noite? No quarto da minha filha Belinda?

Entregou-lhe a camisa.

– Agora vejo que não é nada como a que tem vestida. Mas foi a minha mulher que a fez. Por favor, fique com ela.

– É linda. Não posso ficar aqui. Se eu ficasse aqui hoje, nunca mais ia querer sair.

Tinha os olhos cheios agora, mas em vez de decepção, eram lágrimas.

– Está exausta com tudo isso. Esta é a única coisa que posso lhe dar. Nos quartos da pousada há muitas correntes de ar. Ela adorava esta camisa.

– Ele não está lá fora, atrás de mim. É ele?

– É apenas o táxi, subindo a rampa.

Peter a abraçou novamente. Ela estremeceu contra o peito e o ombro dele.

Emily, fim de semana dos vencedores, novembro de 2011

No táxi, no caminho de volta à pousada, envolveu a camisa no pescoço. Perguntou-se por que se recusara a passar a noite no quarto de Belinda. Seria melhor lá do que no quarto que tinha acabado de partilhar com Eli.

Não tinham chegado a conversar sobre aquele verão especial com os avós e como tinha realmente sido. Mais um arrependimento. Quase disse ao taxista para voltar. Mas não o fez.

Observou o taxista meio corcunda atrapalhado com o celular. Ouviu-o telefonar à mulher, a dizer que em breve estaria em casa. E sentiu a primeira pontada de seu novo estado. Mas não. Não estava realmente sozinha. Ainda não. Achava que se se distanciasse o suficiente, seria capaz de se ver como a única vítima de uma partida excêntrica, uma tentativa de marketing equivocada. Infelizmente, tinha apanhado todos de surpresa, até a si mesma, ao negar o problema profundo em que estava mergulhado o seu casamento.

A pousada estava tranquila quando entrou. O jovem de camisa branca e gravata frouxa que lhe entregara a chave estava ao telefone, murmurando a uma namorada. Não olhou para ela.

Aquilo era uma loucura! A loucura acompanhou-a na subida até o quarto vazio no fim do segundo lance de escadas.

Uma vez dentro do quarto, tirou o casaco, mas manteve o camisão enrolado ao pescoço. Sentou-se numa das poltronas junto da janela e esperou. Não tinha verificado o estacionamento para ver se o carro estava lá. Eli poderia... poderia o quê? Dormir dentro dele? Olhou lá para fora. Nenhum carro. Levantou-se e foi buscar o celular. Eli tinha tentado ligar para ela. Ficou com o telefone na mão sem se mexer, depois se enroscou novamente na grande poltrona, fechou os olhos e adormeceu. Um telefone tocou e ela olhou em volta, confusa, pelo toque estranho do telefone do quarto. Atendeu.

– Sinto muito – disse Eli. – É tudo culpa minha. Eu te amo e vou sempre me arrepender da forma como lhe tratei. Sinto muito. A culpa é inteiramente minha. Embora reconheça que isto faz parte da minha jornada, sei que houve erros ao longo do caminho. E esses erros magoaram outras pessoas. Magoaram você. Mesmo a apenas algumas horas de distância, eu consigo ver isso. Mas quero que saiba que me esforcei muito.

– A sua jornada? – perguntou ela. Achou que ele soava como se estivesse lendo algo que alguém tinha lhe escrito. Admitiu em silêncio que há vários dias notava que havia algo de errado com a linguagem dele. Só não se permitira desconfiar.

– Tudo bem – disse ela. – É muito bom saber isso tudo. Obrigada. – Desligou. A Jenny Alexandretti é uma péssima escritora, pensou.

Qualquer outra pessoa já o teria deixado há muito tempo. Emocionalmente indisponível. Traía. Não retribuía o amor. Um homem incrivelmente atraente e encantador. Pernas grossas como troncos de árvores antigas. Mas, após os primeiros momentos de amor, momentos que ela agora compreendia pertencerem mais a ela do que a ele, nunca mais buscou-a para fazerem coisas juntos. Nunca mais fora dar passeios de bicicleta com ela. Agora tinha fugido. Que ousadia dizer que lamentava.

Não fora culpa dela. Fora? Certamente não era assim tão controladora. E como poderia perdoá-lo? Não podia. E como podia ter pensado que participar de um concurso ia resolver alguma coisa? Será que podia ter sido mais estúpida? E estar mais perdida do que se sentia agora?

Stella, novembro de 2011

Na quarta-feira de manhã, Stella Petrovic entrou no elevador do escritório e fechou os olhos. Apesar de o dia de trabalho ainda estar começando, não queria pensar em mais nada, exceto no que tinha acontecido com Ivan antes de ter de sair apressada de casa.

Quando as portas do elevador se fecharam, lembrou-se de estar olhando para a parte de baixo do queixo dele, a tensão no pescoço, toda a felicidade de Ivan impulsinando o corpo dela. Tinha gozado alguns minutos antes, mas naquele momento só se lembrava de olhar para ele, enquanto se amavam. Depois virou-se para o lado, viu o despertador e disse assustada: “Goza logo!” E, numa tentativa de sorriso: “Se não gozar logo, vou chegar atrasada ao Livre pensamento/novo faturamento!”

Ao ouvir isso, Ivan soltou uma gargalhada. Ela o empurrou para se libertar. Ele caiu da cama, o pênis ainda duro como uma perna de cadeira, e rolou para o chão. Stella aproveitou a oportunidade para saltar da cama e correr para o banheiro, certificando-se de que se mantinha pelo menos a mais de um metro do alcance dele.

– Espera! – exclamou ele, ainda deitado no chão, nu, excitado e rindo.

– Não, tenho de ir. Nem tenho tempo para tomar banho, porra.

– Eu não estou pronto! – gritou ele. – E te amo!

– Eu também te amo, Ivan. Mas não acho que a Helena Magursky considere uma boa sessão de sexo uma desculpa aceitável para chegar mais tarde do que ela.

– Como é que sabe?

– Tem razão! Não sei. Sou doida a esse ponto.

Ela lutou para vestir as meias e uma saia xadrez vermelha, mais uma camisa branca com um padrão de losangos que tinha comprado no mercado ao ar livre do McCarren Park, duas semanas antes, e de que não gostava. Olhou para um macacão de veludo azul que adorava, mas que

não usava fora de casa havia dois anos. Podia vestir aquilo. Não, não podia.

– Está linda – disse Ivan. – Ele estava de pé à porta do banheiro. Ela se virou, sorrindo e notou que, pela terceira vez na vida, estava apaixonada.

– Espera – disse ela. – Eu te amo. É aqui que está o romance, não é?

– Sim. – Ivan parecia confuso com aquela evidência. Ele era uma pessoa sutil, ela sabia... e não gostava de ser assim tão direto na linguagem, por causa de sua propensão para a poesia russa, calculou Stella. Mas ele também se adaptava a ela. Por quê? Porque a amava. Amava-a de verdade.

– É claro que é aqui que o romance está – murmurou ela enquanto lhe beijava o pescoço. E então, caíram outra vez na cama.

Agora, no elevador, ela esticou a mão para coçar a perna e sentiu um pouco de esperma ali, debaixo das meias, o que certamente ia lhe dar comichão durante toda a reunião. E, talvez, sentir o cheiro? Definitivamente, se transpirasse. Céus! E ela fazia parte da agenda, bem no início: “Atualização sobre o *Canoa*”.

Então, estava apaixonada, de verdade. E estava metida em uma confusão, de verdade. Não tinha qualquer plano, além da esperança de haver um e-mail ou uma carta da mulher, Emily Babson, ou, menos provável, daquele terrível Peter Herman. Mas quando conferiu o e-mail no celular, não havia nada.

Atualização sobre o *Canoa*.

Ela não tinha. Poderia dizer: “Está acontecendo!” Mas não. Estava enrascada e sabia, mas se atrasar e ter de inventar alguma coisa? Isso faria dela uma pessoa mal-educada e mentirosa. Mais valia ir diretamente ao RH para a palestra sobre os benefícios da empresa.

Juntou-se ao desfile de mulheres e poucos homens que se dirigiam para a Dreiser Room. As pessoas ainda estavam se acomodando e terminando as conversas quando ela se sentou.

Helena exclamou:

– Vamos começar! Vamos começar. Desculpem se estou atrasada. Mas todos vocês estão acostumados a isso, não é? Quarenta anos do mesmo, por isso é melhor que estejam. Acredito que já passamos o nosso fim de semana dos vencedores. – Olhou para Lucy, que fez um aceno. – Então, em que ponto estamos? Temos um par feliz de casados que podemos apresentar à Diane Sawyer? Um divertido e verboso Peter Herman que

pode ir com eles e falar sobre como os ajudou a resolver o problema? Estamos aqui todos curiosos para saber. Quem é que pode nos contar?

– Acho que posso – Stella ouviu a própria voz e tentou se manter focada. Se as coisas tivessem corrido bem, alguém do marketing já teria intervindo e começado a vangloriar-se. Esse era o plano de Stella. Mas as coisas não estavam correndo bem. E Stella enfrentava uma sala silenciosa sem qualquer apoio. Sentia-se terrivelmente verde e como se estivesse fora do próprio corpo.

– Quem está falando?

– Sou eu, Stella.

– OK, eu. Está bem. Fale.

– A minha atualização ainda não está exatamente pronta – disse Stella.

– Não entendo. O fim de semana já aconteceu, não foi?

– Sim, já.

– E ainda assim, nenhuma atualização a partilhar! – Helena manteve o riso no fundo da garganta. Houve risinhos por parte dos lugares-tenentes dela. Uma jovem a três cadeiras da cabeceira da mesa, que Stella não reconheceu, fez deslizar uma folha de papel pela mesa até parar na frente de Helena. Helena olhou para ela de relance e, em seguida, deixou cair a cabeça até ficar num ângulo reto em relação ao corpo. Todos ficaram em suspenso. A testa de Helena bateu no papel. Ela bateu com a testa no papel várias vezes, como se estivesse realizando um ritual.

– Céus! – Helena murmurou ao levantar a cabeça. – Isto está certo?

A mulher não identificada assentiu.

– Acabei de saber que os anúncios para este concurso no *USA Today* nos custaram uma boa parte do orçamento do marketing desta empresa. Parece que ficamos excessivamente entusiasmados. Independentemente disso, depois de gastarmos dinheiro para fazer coisas, com a esperança de aumentar as vendas, gostaríamos de uma atualização.

Quarenta e sete mulheres e nove homens assentiram com a cabeça.

– Terei uma atualização coesa que possa apresentar na semana que vem – disse Stella.

– Coesa, hã? Isso vai ser especial. Haverá fotografias?

– Mr. Herman não permitiu que houvesse imagens.

– Sem fotos? Mas eu pensei que... tudo bem. Lá se vai o maldito século XXI. Se ele não acabar no Terry Gross, pelo menos, quando toda esta

merda acabar, eu própria lhe dou um murro no nariz. Tenho mesmo de lhe telefonar. A palhaçada acabou. – Helena baixou a voz. Todos se inclinaram para ouvi-la e ela continuou: – Credo, quase um quarto de milhão de dólares, um descontrole, numa porcaria de um concurso e não temos nada para mostrar. Merda. Que grande merda. Lucy? Não vamos esquecer o telefonema.

Lucy concordou e anotou que Helena deveria telefonar a Peter Herman. Stella interrogou-se sobre isso, pois devia ter havido alguma falha de comunicação nas últimas semanas sobre esse exato telefonema. Continuava a ser adiado. Ou talvez os dois velhos bêbados estivessem brincando com ligações sem sucesso? Abanou a cabeça. Mas se Sara Byrd estivesse certa, era capaz de entender por que Helena tinha dificuldade em fazer a ligação.

Depois de um momento, Helena continuou:

– Então vamos ter de esperar uma semana para que... Stella? Isso não me parece bom. Em vez disso, vamos trazer todos os participantes para uma reunião. Assim sempre mergulhamos na fossa até o fundo!

Stella sorriu e acenou com a cabeça. A vulgaridade da palavra *fossa* ficou suspensa na sala como flatulência que todos sentiam o cheiro, mas ninguém queria mencionar.

Stella disse:

– Sim, sim, claro.

– Sim! Sim, claro que sim! Como acabei de dizer. E não vamos pensar em trazer os participantes. Vamos trazê-los e ponto final. Acabou o pensar. Vamos tratar de fazer! Agora passemos ao ponto seguinte. – Helena olhou para Lucy, que acenou com a cabeça uma vez para Sara Byrd.

Sara Byrd avançou:

– Tenho uma proposta, chamada “Espadas das mulheres solteiras: uma análise das sete características que mantêm as mulheres solteiras e incapazes de encontrar maridos”. As características são os diferentes tipos de espadas e o lema é algo do tipo: “Senhoras, baixem suas espadas!” O interessante é que é escrito por um professor de estudos medievais da Universidade de Princeton, por isso tem uma espécie de espírito do tipo Joana d’Arc encantador. Mas é incrivelmente anti-Joana d’Arc. Obviamente não é para mim, mas pensei em falar nele...

– Parece extraordinário – disse Helena. – Muito do tipo “o que podemos aprender com a Idade das Trevas”. Confirme comigo mais tarde e quem estiver interessado vá falar com a Sara depressa. Sabemos que existe público para o aconselhamento matrimonial, não é, Stella?

– O quê? Sim – apressou-se Stella em responder. – Certo!

O grupo sorriu e espalhou-se um burburinho, esperando que Helena continuasse. Stella fez questão de manter os olhos pregados nas mãos. O grupo concentrou a atenção num novo romance promissor sobre um vidreiro que se apaixona por uma patinadora de gelo e Stella atreveu-se finalmente a olhar para cima. Do lugar onde estava, encostada à parede, olhou para o outro lado da mesa repleta de altos funcionários, para as cerca de dezoito mulheres alinhadas na parede à sua frente, a quase cinco metros de distância. Embora estivessem de boca fechada, estavam rindo dela. Outra editora ansiosa desperdiça a sua oportunidade. Agora, seria muito mais fácil para elas terem a sua.

Desde a manhã de domingo que tentava ligar para Peter e ninguém atendia o telefone. Emily Babson também não atendia o dela. E nunca chegara a falar com o marido, Eli.

Não tinha fotografias. Nada, exceto a carta de participação e aquelas breves e quase adoráveis, mas em última análise, conversas muito ligeiras ao telefone com Peter Herman. Em todas elas, ele tinha prometido lhe dar as novidades e agora estava inacessível. Suspirou e levou as unhas aos lábios, mas fez questão de não roê-las. Precisava delas em condições para as próximas entrevistas de emprego. Talvez pudesse se tornar uma agente literária? Estremeceu diante da perspectiva aterrorizante. Uma vida de trabalho recheada de idiotas atrevidos como ela? Obviamente, aquela coisa na perna tinha aquecido e começava a dar comichão. Não se atreveu a tocar o local. Pensou em Ivan e ficou irritada consigo mesma por se sentir feliz no preciso momento em que sua carreira estava entrando pelo cano.

– Quem era aquela mulher com a folha de papel? – sussurrou a pergunta ao assistente de marketing à sua direita, escondido atrás de um cartaz em tamanho real de Pete Sampras, sorrindo e apresentando o seu novo livro *A Surprise or Two, but Mostly Pete*.

– É a nova gestora de negócios. Trata da contabilidade à medida que as despesas entram. Ouvi dizer que vão chamar de Monitorização dos Gastos

Correntes. Estúpido, não? Ou seja, é isso que significa monitorização. Estão tentando otimizar o trabalho de limitar o orçamento dos editores.

– Ótimo – disse Stella. – Não faltava mais nada.

– Chiu! – O assistente deu uma cotovelada em Stella.

Stella olhou em volta da sala e tentou entender a conversa.

Todos riam com apreço de algum comentário feito por Helena, e Stella se juntou ao coro. A brincadeira parecia ser à custa de Lucy. Stella procurou Lucy com os olhos e a viu encostada a uma coluna na lateral da sala, fingindo tomar notas. Parecia infeliz e estava tremendo. Teria perdido o lugar? Parecia que sim.

Stella se atreveu a olhar para Helena. Foi então que uma coisa estranhíssima aconteceu. Helena olhou diretamente para Stella e sorriu. E piscou o olho? Seria mesmo possível? Mas o sorriso era real e Stella entendeu o que era. Uma última oportunidade.

Peter, novembro de 2011

Onde estava o maldito livro? Lisa guardara um exemplar nas prateleiras, em algum lugar. Se não conseguisse encontrá-lo, teria de ir ao porão e abrir uma caixa. Vinha evitando o porão. Procurou nas estantes, passando os olhos pelos livros de jardinagem, o Ovídio, o Krishnamurti, o Galbraith e os manuais de investimento. Durante alguns minutos não conseguiu encontrá-lo entre todos aqueles grandes livros de filosofia e economia que nunca tinha lido.

Mas, então, saltou à vista: várias edições, todas em fila. Tirou uma ao acaso, uma edição de 1981 que não era mais feia do que as anteriores ou posteriores, e que continha os exercícios na parte de trás. Os malditos exercícios. Não tinha sequer perguntado a Emily e Eli se os tinham feito. Ali de pé, flexionou as longas pernas e folheou de forma aleatória o seu próprio livro... o livro ao qual deveria ter se atido. Encontrou o que procurava.

Enfiou um dedo para marcar a página e leu o capítulo 8:

Sobre o pecado:

– O *twist* que nunca vi chegar foi o *twist and shout*! – O vovô gostava de dizer que era a sua... piada sobre *rock'n'roll*.

Achei engraçado a primeira vez, e continuei a rir depois, como Bess fazia. Mas, por fim, descobri que a piada também fora concebida como uma espécie de código para o adultério. Ele nunca disse: olha o que aconteceu aos seus pais por causa do adultério. Mas eu começava a ser capaz de compreender isso muito bem. Nessa noite, Bess tinha ido jogar *bridge* na sala dos fundos da biblioteca e vovô e eu ficamos vendo o pôr do sol juntos na canoa. Ele bebia uísque *Jack Yukon* de uma garrafinha de cobre e eu estava talhando meu pedaço de pau.

– Alguma mulher bonita vai virar sua cabeça um dia, pode ter certeza. Vai fazer *twist*. E *shout*!

O grito áspero que se propagou pelo lago era como o crocitar de um corvo. Ainda o ouço quando vejo uma mulher bonita de meia-calça e saia justa passar por mim numa rua cheia de gente no meio do dia.

– As meninas bonitas são agradáveis de ver – disse eu, pensando na Honey. – Quero dizer, como é que podemos evitar querer estar com muitas garotas?

– Não pode evitar querer. Vai cometer adultério. É um fato da vida, como praticar esporte. Vai continuar a praticar esporte quando for mais velho, não vai, Peter?

– Sim.

– Pelo menos, futebol. Você deve jogar no ensino médio, ou basquete, para saber o que é fazer parte de uma equipe, aprender a confiar nos companheiros de equipe e trabalharem em um objetivo comum. Mas deve se lembrar disto: mesmo que não fique com uma mulher que não seja sua esposa e a ame, certamente vai olhar para uma mulher com desejo. Isso é adultério.

– Adultério – disse eu. E não vou mentir... dizer aquela palavra em voz alta me fez sentir bem e ilícito.

O pouco que eu sabia! Como eu era inocente. Mas o meu avô sabia desde o momento em que desci com esforço daquele ônibus na Main Street, com a minha mala verde camuflada cheia de camisetas brancas e calças jeans. Eu era um livro em branco, pronto para qualquer tipo de impressão, boa ou má.

Mas tudo o que eu aprendi naquele verão era bom. Especialmente isto:

Haverá momentos em que irá olhar para outra pessoa com luxúria, e isso pode pôr à prova a força do seu casamento. Mas se quer que a vida seja uma viagem de felicidade, mantenha-se na sua canoa.

Peter fechou o livro e riu alto de seu próprio absurdo. A arrogância que devia ter tido ao escrever aquela balela! No entanto, as pessoas gostaram. E Emily Babson... acreditava realmente naquelas coisas. Como era possível? Ela parecia inteligente. Talvez só estivesse sendo gentil. E então tudo tinha explodido à volta dela. Ele havia faltado à promessa que lhe

fizera. Mas, e os exercícios? Talvez fossem o núcleo que sustinha o verdadeiro valor e tudo o que os rodeava eram apenas cascas. Talvez os exercícios fossem a desculpa perfeita para telefonar para Emily. Ia lê-los e depois ligaria para ela, porque queria falar sobre eles. Poderia dizer que ela e Eli deveriam fazer um exercício. Imaginou os dois em seu apartamento no Brooklyn. Provavelmente sem falar um com o outro esta semana, mas, talvez, quem sabe, vivendo cada dia com a esperança de salvarem o casamento.

Demorara muito a escrever os exercícios quando haviam pedido, em 1977. Mas a Ladder & Rake já nessa época também não o largava, querendo expandir o alcance do livro. O final dos anos 1970 foi um período de vendas frutífero para o livro, porque a crise de energia tinha criado muitos problemas conjugais entre as pessoas que gostavam do conceito de livros como o *Canoa*. O tipo de pessoas que estava farta de ouvir falar do sexo selvagem que os tipos de bandas de *rock* como o Led Zeppelin e respectivos fãs adolescentes pareciam cultivar. Pessoas que adoravam filmes como o *História de Amor* e desejavam que houvesse mais livros e filmes como esse, que as ajudasse a ultrapassar os anos difíceis, eram o público de Peter. E ele não se importava com nada. Era um grande público.

O melhor que podia fazer era propor exercícios curtos. Decidiu fazer com que cada um não tivesse mais do que uma dúzia de palavras. Deixar os leitores descobrir o resto por si mesmos. Embora tentasse não se mostrar incomodado, ressentia-se da insistência da LRB em adicionar os exercícios. Não o dizia em voz alta, mas começara a pensar no seu livro como um *koan*. Criou alguns exercícios e os mostrou a Lisa. Ela concordou que eram razoáveis e inofensivos. Havia experimentado todos eles, e ninguém tinha saído magoado. Então, se aprofundasse um pouco, poderia pensar em adicionar alguns exercícios a um programa cuja base não era inteiramente lógica. Fazer aquelas pequenas coisas era parte da sua vida. Não eram mentiras. Claro, também não eram realmente exercícios:

1. Eliminar um traço de personalidade. Se há algo que o seu parceiro não gosta, mude.
2. Oferecer o jantar um ao outro. E não só no restaurante local.

3. Beijarem-se na boca durante um minuto ou mais, todos os dias.
4. Ficar namorando no estacionamento depois do filme encostados ao carro e, em seguida, passar para o banco traseiro.
5. Informar a pessoa amada de todas as pequenas coisas sobre si que irão ajudá-lo(a) a compreendê-lo(a) melhor. Por que está guardando segredos? O seu amor precisa saber.
6. Desculpar comportamentos de que não gosta. Se o seu parceiro não consegue apagar o traço de personalidade, aceite-o.
7. Não ser sovina com dinheiro. A morte é certa.
8. Ir dançar em algum lugar que seja ligeiramente perigoso.
9. Fazer uma viagem a um lugar próximo, onde já passou dezenas de vezes e encará-lo como umas férias de cinco estrelas.
10. Andar de mãos dadas no supermercado.

Todo mundo queria mais. Mais conselhos. Especificidades. A LRB achava que ele deveria dar dicas sobre o mercado bolsista. Mas ele não entendia nada sobre como investir dinheiro, por isso não respondeu. Sabia que não ter dinheiro conduzia aos piores períodos da vida de casado, destruindo muitas vezes casamentos que eram estáveis. Peter acabou por ir ao *Wall Street with Louis Rukeyser* para falar sobre estabilidade. Helena publicou de imediato um panfleto com base nos exercícios, que foi aprovado pela American Society of Certified Public Accountants.

Nada disso podia ajudar Emily. Peter pegou uma edição mais recente.

No outono de 1993, depois de Belinda sair de casa para começar seu primeiro ano em Berkeley, ele refez os exercícios. Isso aconteceu porque estava fazendo compras no ShopRite à saída da cidade e um pacote de papel higiênico Charmin de seis unidades chamou sua atenção. Reparou que a espessura dos rolos era diferente e que a linguagem na embalagem parecia mais concisa e elegante do que se lembrava. Mais enfática, mais consciente e deliberada na chamada de atenção e pedido posterior para que o consumidor fizesse a compra. Aquele outono revelara-se tranquilo, por isso decidiu se dedicar a refazer os exercícios que sempre o incomodaram. Além disso, estava grato por ele e Lisa terem sobrevivido ao feitiço dos anos negros e ainda estarem juntos, e quis comemorar esse fato.

Enviou as alterações para a Ladder & Rake, e eles ficaram felizes por reverem a última edição e lançarem um comunicado de imprensa. Também venderam os primeiros direitos de publicação para a revista *Woman's Day*.

Os novos exercícios eram completamente diferentes e se pareciam ainda menos com exercícios. Na verdade, eram uma espécie de mandamentos:

1. Escutar e respeitar cada palavra da pessoa amada.
2. Aceitar. Aceite o amor que lhe é oferecido como um todo. Não o analise demasiado nem peça demasiado para reafirmar o amor que já lhe foi dado.
3. Dar. Dar completamente. Falar abertamente, partilhar totalmente, e não esconder nada.
4. Ficar namorando no estacionamento.

Tinha sido um período de quinze anos difícil, durante o qual ele deixara de ser um homem de trinta e poucos anos, de riso fácil, a quem faltava uma verdadeira visão do mundo, para passar a ser um homem de quarenta e poucos anos que não tinha perdido por completo o senso de humor, mas que vivia com um sentimento crescente de ser muitas vezes o alvo das piadas. A Pousada Hudson fora um projeto que tivera tanto de inútil como de doloroso. Ele não fazia ideia do que as pessoas de Nova York, que vinham de visita a Hudson por causa das antiguidades, queriam de uma pousada ou de um restaurante, e ficou mais ferido do que jamais poderia admitir ao descobrir a sua completa inépcia para a sofisticação.

Os leitores escreveram para a Ladder & Rake, dizendo que preferiam o primeiro grupo de exercícios. Seria possível uma edição com ambos os grupos? A Ladder & Rake realizou o pedido dos leitores, porque estavam contratualmente autorizados a fazê-lo. Ele foi verificar e descobriu que eles podiam fazer o que bem entendessem. O que deixou Peter muito chateado. Foi durante o desacordo que se seguiu que ele parou de escrever de vez e quebrou o contato com a Ladder & Rake e a então casa-mãe, a Baron Holdings.

A Ladder & Rake tentou desesperadamente restabelecer a ligação com ele durante mais de um ano, mas acabou por desistir. O CEO da Baron

Holdings finalmente encerrou a questão, enviando uma carta manuscrita a Peter sugerindo que o tempo curaria a ferida.

Peter não respondeu, embora concordasse. Ficou surpreso com o quanto o livro e o seu legado eram importantes para ele. E lembrou-se disso agora... independentemente das críticas que fizessem ao seu livro, faria sempre parte dele. As suas lições estavam gravadas nele; preocupava-se com elas e era responsável por elas. Era responsável por elas mesmo quando falhavam, o que, obviamente, tinha acontecido com Emily Babson e o marido, Eli Corelli. Ou não, ele é que tinha falhado em relação a Emily. O livro não.

Aquele concurso ridículo fora uma arrogância. Se alguma vez fosse sequer recordado, seria conhecido como a cereja em cima do bolo, o último prego no seu caixão. De repente, sentia-se preparado para sair de Millerton com Maddie. Estava pronto, mas tinha uma longa lista de coisas a tratar primeiro. Tinha de se sentar com Henry e resolver a questão da pousada. Visitar a filha algumas vezes. Alugar a casa a alguém em quem confiasse... talvez até à Jenny, que seria uma excelente caseira. E ainda começar a se sentir melhor, mais satisfeito com tudo o que tinha prometido a Maddie. Era longa a lista de coisas que precisava fazer. Ainda assim, mesmo que deixasse a cidade, odiava ter de admitir o seu fracasso em relação a Emily Babson. Tinha de lhe telefonar. Essa ligação era prioritária, estava no topo da lista.

Emily, novembro de 2011

Emily estava sentada na fila de trás do auditório Tishman na New School. Estava enrolada no casaco azul-marinho e tremia de frio. Calculava que se encontravam a cerca de um terço de uma palestra que tinha se transformado num pesadelo, dada por um artista inglês chamado Ryan Gander. Ele começou por explicar que o que ia fazer era, na verdade, um “exercício de associação livre”, não uma palestra. Emily tinha olhado para outro membro do grupo 111, quando ele começou, e ambos torceram o nariz ao estilo preguiçoso de Gander.

– Uma ponte de corda – disse ele. – Um arco no novo Yankee Stadium, uma história infantil de Oscar Wilde. – Por trás dele era projetada uma série de desenhos a pastel de meninos e meninas. As crianças tinham olhos grandes dirigidos à multidão e completamente alheios ao que ele ia dizendo. O programa explicava que eram desenhos dos seus amigos de infância. Condenados a participar dos seus espetáculos sem sentido para sempre?, interrogou-se ela. Ou será que tudo aquilo funcionava? Talvez sim. No seu estado atual, tinha perdido a capacidade de discernir. Limpou o nariz que estava escorrendo e baixou a cabeça quando sentiu o celular vibrando.

Qual era o problema com a gramática? Até mesmo Ryan Gander, cujos óculos de Elton John ocupavam todo o espaço entre um bigode anos 1970 do tipo estrela pornô e um crânio careca, parecia saber quando usar um apóstrofo.

– Central Park. Amamos você, floresta urbana. A beleza das bicicletas novas...

Ela abanou a cabeça em sinal de negação e baixou-se para pegar a bolsa. Bicicletas não. Ultimamente parecia que os ciclistas estavam constantemente querendo atropelá-la. Pouco antes de chegar ali, tinha discutido com um homem numa bicicleta que atravessara um sinal vermelho no cruzamento da Sixth Avenue com a Thirteenth Street.

Por favor? Outra mensagem de Eli.

Também não respondeu a esta, a sua oitava ou décima mensagem, e sentiu um nó no estômago. Os pensamentos brotaram em sua mente, o fim intransigente já tão familiar. Ele não ia voltar. Então, não queria falar com ele. Olhou novamente para o telefone.

Pode, por favor, me dizer se está bem?

Se estou bem? Não.

Não respondeu à mensagem.

– A velha magia que é Stonehenge. Sou inglês, por isso construo um novo ritual a cada dia com pedras antigas. Agora vamos olhar para um novo trabalho de Andy Goldsworthy...

Voltou a fazer que não com a cabeça, empurrou as pesadas portas e deslizou para o átrio acolhedor. Pensou: “Eu não preciso lhe assegurar que estou bem e não sei qual é o meu problema por alguma vez ter escolhido ficar com alguém que se atreve a fazer tal pergunta. Uma pergunta que se sente obrigado a fazer para não se sentir culpado! Você me deixou em Millerton. Fugiu. Seu merda. Fugiu! Essa era a pergunta e você respondeu. Foi embora. E antes disso, me traiu. Então, não. Não tem o direito de saber se estou bem ou não.”

Era noite de quinta-feira, e tinha sobrevivido a quatro dias desde o fim de semana dos vencedores. Ali do átrio de entrada enviou uma mensagem a Sherry: *Pode se encontrar comigo agora? A minha palestra terminou cedo.*

Sherry respondeu à mensagem com um não. Estava fazendo a leitura de um novo texto de um amigo. Emily encolheu os ombros e achou que o melhor era ir andando para o restaurante. Ficara tomando um copo de vinho no bar, sozinha. Uma nova atividade que já lhe parecia irritantemente familiar. Emily andou apressada pela rua. O horário de verão já tinha chegado e Eli continuava longe. Olhou para o céu e achou a escuridão profundamente resoluto.

Virou para leste na Twelfth Street. Tentou desesperadamente concentrar seus pensamentos num novo projeto quase *pro bono*, felizmente não relacionado com as suas tarefas cotidianas, que se centrava no *rebranding* dos parques de Nova York. Tinha aceitado a tarefa, além do seu trabalho regular, pois agora tinha tempo. A pessoa que dirigia o projeto com ela tinha contratado Susan Sarandon, Jay-Z e outras celebridades para

fazerem *spots* de trinta segundos sobre os seus parques favoritos. O Sonic Youth tinha gravado uma música rítmica e doce sobre o Tompkins Square Park. Cantarolou-a enquanto caminhava. Desejou que Susan Sarandon fosse sua amiga. Susan Sarandon sabia o que era um coração partido e como lidar com ele. Pensando bem, até Kim Gordon sabia.

O restaurante chamava-se Tony's Hot Spot, no cruzamento da Second Avenue com a Eleventh Street. Sentou-se no balcão e pediu um copo de *merlot*. Atrás do balcão estava uma mulher com tatuagens previsíveis que a deixou sossegada. Mas, então, chegou um homem que se sentou a dois bancos de distância e que ficou olhando para ela enquanto esperava pelo seu martíni. Ela enfiou a mão na bolsa, à procura de alguma coisa que pudesse servir de escudo para afastar o homem e encontrou o *Canoa*. Ainda o levava consigo para todo o lado e não era capaz de abandonar o hábito, mesmo depois de tudo o que tinha acontecido. O homem tomou um gole da bebida e fez um *ahhh!* Ela o odiou imediatamente por isso.

Pegou o *Canoa* e olhou mais para o fundo da bolsa. Havia contas. Eli não tinha voltado ao apartamento dos dois e ela fantasiava em meter as contas todas num envelope e enviá-las. Mas isso seria uma atitude mesquinha, e sabia que iria se arrepender, por isso não o fez. Além disso, era muito cedo para essas coisas. Por cima estava uma conta da AT&T. A conta do celular, na qual vinham discriminadas as ligações feitas por ambos nos respectivos iPhones. Número, hora e duração. Pensou na honestidade da gaveta das meias dele; abriu o envelope e espalhou as páginas no balcão do bar.

As ligações de Eli estavam ali, com data e hora, até a manhã de segunda-feira. Ele não estava ligando para os pais enquanto se debatia naquele fim de semana em Millerton. Não. O que ela há muito suspeitava era verdade. Passou os olhos pelo mês. Havia dezenas de ligações curtas e longas para diferentes números que não conhecia.

Três minutos. Quarenta e dois minutos. Saltou para o fim de semana de Millerton. Precisamente à hora em que tinha ido correr havia uma chamada de vinte e seis minutos para um número começado por 310, que ela sabia perfeitamente ser de Los Angeles. O telefone de Jenny. Aquelas folhas de registo de telefonemas preenchiam os momentos da sua ausência tão hábil e inegavelmente que ela quase sentiu pena de Eli, sentindo-se quase solidária com a sua incapacidade alucinante para descobrir o que

raios vinha fazendo. Mas à medida que as páginas passavam, as ligações tornavam-se regulares, revelando que, eventualmente, sim, ele tinha feito a sua escolha e descoberto o que queria fazer.

As lágrimas que caíram enquanto olhava para a conta de telefone machucavam seu rosto, como se fossem salgadas demais ou fossem compostas por ácido. Limpava-as com os guardanapos do bar e, em seguida, examinava as manchas, vendo a cor, a textura ou o cheiro. O que esperava? Que fossem cor de laranja e cheirassem a fumo, impregnadas de *kung pao chicken*? Talvez. Havia definitivamente algo suspeito nas suas lágrimas. Ela juntou as páginas da conta, amassando-as. Enfiou a mão na bolsa, passou por um livro de Eckhart Tolle que sua professora de ioga lhe dera depois de ela ter tido um ataque de choro na aula uns dias antes, tirou o *Canoa* e folheou. Bebeu um gole de vinho e leu:

Sobre a cura depois de uma desavença:

– Você e vovó nunca disputam?

Estava com o avô na canoa. De manhã muito cedo, o tempo estava fresco e ainda havia uma neblina pairando sobre a água que nunca deixei de confundir com a fumaça de um incêndio. Ainda não tínhamos colocado a isca nas linhas. Estávamos apenas ali sentados, ouvindo a manhã.

– Não é uma palavra bonita, não é, Peter? Disputar? Se você cortar algumas letras soa como uma coisa feia.

– Como um palavrão?

– Sim, exatamente como um palavrão. Trouxe o chapéu?

Pus o meu boné dos New York Yankees. Nesse dia de agosto, tinha finalmente me livrado da queimadura e o meu nariz tinha passado de rosa e sardento a um bronzeado escuro. O meu cabelo tinha mudado de cor, também. Ficara de um castanho areia, em vez do castanho-escuro de quando cheguei. E nessa época eu já estava apaixonado por Honey... se é que um rapaz de doze anos é capaz de sentir esse tipo de amor.

– Sabe qual é a melhor parte de uma discussão? – perguntou o vovô.

– Fazer as pazes – disse eu.

– Sim. E o que é fazer as pazes?

– Não sei.

Nessa época, já tinha aprendido que a sinceridade era valorizada acima de todo o resto e, por isso, não saber uma resposta era melhor do que adivinhar. Os meus avós não apreciavam a habilidade. A conversa filosófica que explicava a maneira que tinham escolhido para viver era como o pão preto – densa e quente e honesta e forte e pronta para absorver qualquer desafio que viesse.

– O perdão está no coração, no ato de fazer as pazes. Porque, se não é capaz de perdoar, não consegue fazer as pazes.

– E se... e se alguém realmente nos magoa?

Nesse momento, eu estava pensando numa outra garota: uma garota de olhos verdes de Manhattan, chamada Irene. Alguns meses antes, na primavera, antes de conhecer a Honey, tinha dito à Irene que gostava dela e ela me dissera que também gostava de mim. Mas, então, um garoto mais velho chamado Charlie Gimmelstop disse à Irene que gostava dela, e ela pensou melhor e depois disse aos dois que gostava mais dele do que de mim. Fui posto de lado.

Entendo agora que a minha pergunta não era sobre mágoa. Era sobre traição.

– Mesmo que alguém o magoe de verdade, pode perdoá-lo. Mas em relacionamentos sérios, como um casamento, as pessoas procuram não ferir o outro terrivelmente porque, bom, eles prometeram que não o fariam quando se casaram. Mas, às vezes... que diabo, constantemente... há pequenas coisas que correm mal, pequenos momentos de esquecimento ou em que somos ignorados, ou em que as pessoas se descuidam do carinho com que deviam tratar o outro. Mas se ambas as partes da relação praticarem o perdão, então a mágoa não se acumula, entende? Em vez disso, há paz. E a paz é sempre o melhor objetivo.

Nessa altura, a névoa que eu pensava ser fumaça tinha levantado e o dia ia ser quente.

– Perdão absoluto. Não é fácil chegar lá, é certo. Mas é o que devemos ambicionar. Entende?

Fiquei quieto. Não, eu não entendia.

– O perdão absoluto traz a paz. Da mesma maneira que uma chamada meiga faz um cão se aproximar. Certo como a passagem das estações, como os Yankees jogarem um excelente beisebol. O perdão absoluto é o melhor e mais rápido caminho para a paz.

– Tudo bem – eu disse, virando o meu boné para trás. Era uma grande coisa a se ouvir. Não tenho certeza se apreendi totalmente o que ele disse, na época. Eu não tinha vontade de perdoar a garota, Irene. Nem pensar.

– Tudo bem, é a sua resposta? É magnífico! Um dia vai entender. Agora vamos parar de falar e fisgar um peixe, para variar!

Depois de uma discussão, apenas o perdão absoluto coloca a sua canoa novamente no bom caminho.

Emily pousou o livro, sabendo que, embora ainda faltasse muito, ia ficar tudo bem. Um dia ela seria capaz de perdoar Eli. Isso não a fazia se sentir melhor, mas era verdade. Depois de ele tirar as coisas de casa, assinarem os papéis e pagarem os advogados.

O telefone de Emily tocou outra vez. Espantou-se por conseguir ouvi-lo, mesmo com a nova música do Kanye West aos berros no bar. Não reconheceu o número. Mas pensou: suavidade, perdão. Atende. Provavelmente é engano. Não faz mal. Se fosse Eli telefonando de um número desconhecido, tudo bem, podia desligar o telefone na cara dele.

– Alô.

– Alô. – Uma voz de homem.

– Pois não?

– Estou falando com Emily Babson?

– Sim.

– Aqui é Peter Herman.

Ficou sem fala um momento. Tinha-o fechado numa gaveta na sua cabeça e não imaginava que voltasse a ter algum contato com ele.

– Escute, gostaria de ir aí e conversar.

– O quê? – A música ficou mais alta e ela mal conseguia ouvir.

– Vou me mudar para a Califórnia, mas antes de ir, devo-lhe uma visita.

– Não precisa fazer isso – respondeu ela.

– Já está na hora de eu ir à cidade. E quero estar com você e com o Eli. Você está bem?

Percebeu como lhe era difícil manter uma conversa telefônica e sentiu-se culpada. Olhou para os joelhos. Tinha-os firmemente juntos e pressionou-os contra o bar. Já começava a doer. Sentiu uma mão no ombro

e ali estava Sherry, sorrindo, prestes a pedir desculpa pelo atraso, mesmo não estando atrasada. Emily fez um aceno de “espera um momento”.

– Por favor. Preciso saber. Está bem?

Emily respondeu: – Não, não estou bem. E não vou vê-lo com o Eli.

Sherry abanou a cabeça e passou a mão nas costas de Emily. Pegou o copo da irmã e bebeu um gole.

– Então converso só com você. Estarei aí lá por terça ou quarta-feira. Podemos combinar um encontro na quarta-feira à noite?

– Não pode apenas me dizer ao telefone o que fazer? Viu-nos juntos. Essa é a parte insana. Viu-nos juntos e nos viu desmoronar. Acabou, certo? Ou não é verdade? Viu algo entre nós que deseja me contar? É isso?

– Não, Emily. Só quero falar com você.

– Espere. – Ela colocou o braço livre à volta da irmã. Peter Herman estava ao telefone. Queria ajudá-la. Ela queria dizer: diga-me o que fazer agora, neste instante. Sentiu-se gaguejar ao telefone, esforçando-se para ouvi-lo, percebendo que só a respiração dele ao telefone já lhe incutia um pouco de esperança.

– O Eli não está dormindo em casa. E isso está me assustando, tipo, muito mesmo. Por favor. – Ela fechou os olhos com força, protegendo-os de uma brisa súbita e arenosa que entrou pela porta aberta do bar. – Estava lá conosco. É capaz de me dizer o que fazer agora?

Sherry franziu a testa e percorreu o bar com o olhar.

– Sabe que não posso fazer isso. Gostaria de ter alguma magia para partilhar com você – disse Peter. – Mas devíamos conversar. Volto a te ligar em breve, assim que chegar aí. Terça-feira à tarde. Ou quarta-feira. Ainda não tenho certeza. Até breve, Emily.

– Quem era? – perguntou Sherry quando Emily pousou o telefone no bar. Sherry tinha uma mão na barriga e outra em volta de Emily. Estava sempre preocupada em ficar com barriga quando não estava trabalhando. Emily não se mexeu. Queria que a irmã a abraçasse.

– Peter Herman.

– Oh, Céus! Essa besta hipócrita! Não pode deixá-la em paz?

– Sherry! Não seja tão teatral... desculpa! – Emily tapou a boca. Era a pior coisa que podia dizer à irmã.

– Tudo bem. Isto é, tanto faz.

– Escuta. Estive vendo a minha conta de telefone. As ligações do Eli estão lá. Esteve sempre em contato com a Jenny durante todo o tempo em que estivemos juntos em Millerton. Agora tenho certeza.

– Ele é uma besta. – Sherry suspirou. – Eu não devia ter falado assim sobre o Peter Herman. Estava sendo um pouco teatral. O Eli é que é a besta quadrada.

– Mentiu para mim o tempo todo. Mentiu para si mesmo, também, acho.

– Odeio o Eli, Emily. Mesmo.

– Mamãe me pediu desculpa por ter me chamado de controladora. Ela concorda que o que ele fez é imperdoável. Ele não estava realmente comigo, sabe?

– Sei. – Sherry abraçou Emily com mais força.

– Tive de tomar a pílula do dia seguinte. Conte para você, não?

– Sim. – Sherry continuava a abraçar a irmã. – Eu sei, Emily.

– Devia ter casado com Gordon. Agora estaria em Oregon com ele e dois filhos, passeando num... numa trilha rochosa.

– Para com isso – disse Sherry.

Emily olhou para o bar, todo de madeira escura e espelhos. Ela e a irmã iam comer lá mais para o fundo do restaurante, numa mesa com vela e uma toalha estampada de quadrados vermelhos e brancos, e iam beber muito mais vinho e comer coisas embebidas em molho vermelho. Podiam ser gulosas juntas. Não importava.

Sherry disse:

– Céus, às vezes gostaria de não ter de ficar em Nova York quando não estou trabalhando. Este lugar parece perfeito quando estou feliz, mas agora parece um pouco morto.

– É um bom restaurante. – Emily pegou mais alguns guardanapos do bar e começou a rasgá-los em pedacinhos; flagrou-se no ato e enfiou tudo na bolsa.

– Eu sei que é. Mas eu nem sempre quero o bom.

Emily ficou olhando para a irmã. Sherry devia saber se Eli estava com Jenny agora.

– Eu quero. Eu quero sempre o bom – disse Emily.

– Emily, eu sei que sim – afirmou Sherry.

Sherry puxou a irmã para mais perto e, como Emily ainda estava sentada no banco alto do bar, enterrou a cabeça no peito de Sherry. Emily

começou a chorar outra vez porque percebeu pelo silêncio da irmã, pelo fato de não ter ficado chateada com o seu comentário sobre ela ser teatral e pela notícia da terrível conta de telefone não tê-la surpreendido, que Sherry acabava de confirmar que, sim, Eli estava com Jenny agora. E teve de aceitar que o seu casamento acabara, mais uma vez.

Stella, novembro de 2011

– Está vendo, é um problema – disse Melissa Kerrigan, na segunda-feira à tarde, encostada à porta do escritório de Stella, de casaco cor-de-rosa atirado sobre os ombros, os braços cruzados no peito. Stella pensava que o problema era a incapacidade de Melissa de fazer um relatório direto. Fora por isso que Stella tinha inventado o concurso do *Canoa* e fora também por isso que ficara tão próxima de Helena. Sim, porque tinha ficado muito livre. Tinha vontade de gritar: O problema é você Melissa! Você... não devia gerir pessoas. Mas sabia que tinha exigido da liberdade. Queria jogar e ganhar. Por essa razão, Melissa tinha lhe deixado sozinha.

– Eu sei. Concordo – disse então Stella. Olhou para os ombros de Melissa, que eram largos. Ela tinha sido capitã da equipe de polo aquático na faculdade. Stella não fazia ideia de por que tinha conhecimento disso.

– Eles não falam com você? – perguntou Melissa. – Nem uma palavra de nenhum deles?

– Um manto de silêncio. – Stella levantou a mão como se fosse testemunhar em tribunal.

– Corre o boato de que ela deixou o marido por ele. Isso é verdade?

Stella encolheu os ombros. Tinham-lhe feito a mesma pergunta várias vezes ao dia durante a última semana. Se fosse verdade, isso fazia dela uma espécie de engenheira da catástrofe. Todos a bordo do trem do desastre! O meu nome é Stella Petrovic e serei sua condutora!

Melissa fez uma careta e afirmou:

– É tudo muito público, é o que eu acho.

– Era essa a intenção – notou Stella. – Isto é, não quero ficar na defensiva.

– Não, claro que não.

– Ouça, eu vou levar isto até o fim. Até pode funcionar. – Stella sorriu e disse a si mesma que Helena provavelmente não gostaria de ver uma diretora torturando uma potencial estrela em ascensão.

– Sim. – Melissa sorriu. – Talvez tenha razão. Talvez devesse fazer uma lista das formas pelas quais isso pode funcionar.

– Obrigada pela dica.

– Viu qualquer outra coisa no fundo do catálogo que lhe pareça interessante?

– Algumas. – Mas estava mentindo. Tinha achado que o *Canoa* era o seu bilhete para sair do fundo do catálogo e não procurara mais.

– Que bom! E material novo? – Os braços de Melissa ainda estavam cruzados.

– Hum, sim. Há um novo livro sobre o valor das amizades para as mulheres que me parece interessante.

– Isso é muito bom. Se lhe vier às mãos um livro de dietas, estamos precisando. Não tem uma amiga na *People*? Acha que pode descobrir quem está magro e quem ainda podemos conseguir a bom preço?

– Posso tentar.

– Faz isso. Estou aqui, se precisar de mim. – Melissa deu meia-volta e desapareceu.

Stella encostou a testa na mesa e esperou que uma ideia simplesmente saltasse para fora, como um arrote, como acontecia sempre com Helena. Até se contentaria com uma cuspidela, ali mesmo na sua saia. Mas é claro que nada aconteceu, exceto se sentir estranha e com a cabeça acelerada.

O telefone tocou – uma linha externa.

– Aqui é Stella.

– Stella, aqui é Emily Babson.

Stella quase engasgou. Precisava que Emily lhe contasse tudo, que aparecesse na televisão, caso contrário, o concurso teria sido um fracasso e Stella não tinha certeza se poderia sobreviver a isso. Disse:

– Emily? Olá!

– Peço desculpa por não ter retornado suas ligações.

– Não, não! Tudo bem. Como está? Como está o casal?

– Não é por essa razão que estou lhe telefonando.

– Tudo bem – disse Stella.

– Estou ligando porque quero informá-la de que o Peter Herman vem me visitar.

– Visitar, como? Um encontro amoroso? – Stella mordeu o lábio e abanou a cabeça espantada consigo mesma.

- O quê? Não!
- Desculpe, desculpe. Estou brincando. É esta tensão dos últimos tempos. Então, ele vai estar aqui em Nova York?
- Sim. Enfim, liguei só para que soubesse.
- Então e... há mais alguma coisa que gostaria de partilhar, sobre se o Peter os ajudou ou não? Isso também me ajudaria muito, sabe?
- Hum... não.
- Por favor, não pode me contar o que aconteceu em Millerton? – Mas Stella só ouvia a respiração de Emily ao telefone. – Quer se encontrar comigo para uma bebida? – perguntou Stella.
- Acho que sim. Preciso lhe explicar a minha situação – disse Emily, mas dando a ideia de que uma bebida com Stella era a última coisa que queria.
- Isso seria ótimo. Podemos nos encontrar amanhã à noite. Tenho uma coisa marcada, mas vou cancelar.
- Stella mencionou um bar no Brooklyn e ficou contente por, pelo menos uma vez, o nome ter lhe surgido num ápice, justamente quando precisava. Descansou um segundo com os olhos fechados, sentindo uma réstia de esperança.
- Então o telefone tocou novamente. Lucy Brodsky. Não havia nada a fazer senão atender.
- Lucy disse:
 - Pensei que gostaria de saber que Peter Herman vem a Nova York por alguns dias. A estadia vai entrar para as despesas da Helena. Ele telefonou para o escritório dela por engano. Acho que perdeu seu número.
 - Tudo bem – disse Stella. – Na verdade, já sabia da visita, mas obrigada por me avisar.
 - Entendi. Helena me disse para lhe dizer que está contente. Vamos ter uma reunião no café da manhã da quinta-feira, às dez horas. É para estar lá ao lado dos vencedores do concurso. Não há razão para informar os departamentos de vendas e marketing até sabermos mais detalhes.
 - Claro. Pode me enviar os detalhes da reunião por e-mail?
 - Ah, com certeza.
 - Obrigada, Lucy. – Stella sorriu. – Isto ainda pode dar certo, não acha?
 - Hum. Não sei prever coisas desse tipo.
 - Ei, Lucy... Como está? Tudo bem com você?

- Do que está falando? Ainda estou aqui, não estou? Então, estou bem.
- Lucy desligou.

Stella inclinou a cadeira para trás, pousando os pés na mesa, e sorriu. Todos iam aparecer. A réstia de esperança cresceu. Grandes riscos! O importante era isso. Num minuto estava presa ao escritório, morrendo de tédio com a tagarelice da chefe, e um par de telefonemas mais tarde e algumas boas decisões depois, tinha de organizar um café da manhã importantíssimo e escrever um comunicado de imprensa sobre um concurso de grande sucesso. Não tardaria, ia estar numa reunião com Helena, que lhe estenderia um contrato de três anos e um grande bônus. Na sexta-feira, já podia estar sentada num carro preto dirigindo-se para o centro para um almoço no Locanda Verde com o novo e elegante CFO da Suécia de quem todo mundo falava, e a namorada loira, estudante de pós-graduação de estudos cinematográficos na NYU. Ambos querem saber tudo sobre essa coisa criativa maluca que ela faz na área editorial. Sim, vamos pedir uma boa garrafa de vinho. Que se dane, vamos pedir duas! Espetacular. Presa a um trabalho ingrato que não vai a lugar nenhum? Que se dane! Stella ia passar por cima de Melissa Kerrigan, provavelmente lá para o fim da primavera, se não mais cedo. Presa? Nem pensar.

Peter, novembro de 2011

– Então, agora a resposta é sim? – Henry riu.

– Sim. Com os mesmos valores que conversamos há algumas semanas – disse Peter. Estavam do lado de fora da porta do pequeno escritório de Henry, atrás da zona de recepção da pousada.

– Compreendo que esteja tentando fazer alguma coisa. Mas gosto muito de você para ficar com o seu dinheiro hoje. Quer uma vitamina? – Henry contornou Peter e começou a andar para o restaurante.

– Uma o quê?

– Ah, por favor, sabe perfeitamente o que é uma vitamina.

Ainda não era meio-dia. Um pouco cedo demais para o almoço. Peter parou no átrio central e olhou em volta. Um casal atravessou a porta da frente exibindo sorrisos tensos e com roupas de festa de casamento em sacos de lavanderia pendurados nos ombros. Peter avançou solicitamente e segurou na porta para eles passarem. Jenny estava treinando uma nova funcionária na recepção e a observou enquanto avaliava a forma como a novata recebia o casal. Henry pusera todos os empregados para usar crachás com o nome. Peter pensou que lhes dava um ar empresarial demais. As pessoas deveriam ser capazes de se apresentar pelo nome e pronto.

– Vamos até a varanda e deixemos as pessoas fazerem o seu trabalho – disse Henry. – Vamos pedir uma *club sandwich*. Não te faz nada bem, mas eu sei que é isso que quer.

Assim que se sentaram a uma mesa tranquila ao lado da saída de emergência, Henry instalou-se e concentrou a atenção em Peter. Tirou os óculos, deixou-os cair no bolso da camisa e cruzou as mãos.

– Então, vamos recomeçar – disse Peter. – Pensei no assunto e quero que compre a minha parte.

– E a Maddie?

– O que tem ela? Vamos nos mudar. Está resolvendo os últimos pormenores agora. Mas ela não é relevante para o assunto presente.

– Tudo bem, então. Mas, Peter, não há pressa no negócio.

– Pensei que havia. Pensei que queria as minhas ações para poder reconstruir, voltar a expandir para Hudson e ter sucesso onde eu fracassei. Estou errado?

– Não está errado, exceto na parte do fracasso. Mas eu também andei pensando sobre o assunto. E acho que velhos amigos não devem forçar o outro a se apressar.

– Então e agora? – disse Peter. – É muito cedo para comer. Isso é urgente?

Henry estendeu a mão e apertou um interruptor na porta de emergência.

– Não.

Saíram para caminhar um pouco nos terrenos da pousada, começando pelo estacionamento, inclinando-se ambos para coletar bitucas de cigarro e embalagens de bala. Em seguida, atravessaram o gramado até a grande cerca de madeira e contornaram o perímetro da propriedade.

– Maddie está arrumando a casa – disse Peter. – Jim Stevenson vai tratar da venda. Ele é muito bom.

– Ele vai conseguir um bom dinheiro para você pela casa de campo, tenho certeza. Com a ligação dele à Sotheby's Great Estates, obtém um alcance enorme. Pode vendê-la por dois milhões ou mais. Dois milhões e meio. Imagino que não pensou na sua casa dessa maneira.

– Ainda não estou pronto para isso, não acha? Sem pressa, como diz. Além disso, a minha casa só vale cerca de um terço disso. Talvez metade, se o mercado estiver em alta, coisa que não se vê há anos.

Henry desviou o olhar e sorriu.

– Precisa de alguma coisa de Nova York? – perguntou Peter.

– Vou lá amanhã ou depois.

– O que eu poderia precisar de Nova York?

Passaram por uma abertura na cerca e pararam num campo adjacente, que a pousada usava para casamentos com tendas. O sol se escondeu atrás de uma nuvem e Peter enfiou as mãos nos bolsos, virando as costas ao vento. Henry lhe fez um gesto para regressarem.

– Pelo menos, vamos tomar um café. Você... conhece bem São Francisco? – perguntou Henry.

– Dizem que a comida é boa. Chamam de movimento dos alimentos frescos, acho.

– Não, está falando é de *slow food* – explicou Henry. – Eu ensinei uma piada ao pessoal acerca disso; parece que estamos na moda. A nossa cozinha já era muito lenta!

– Ha! – disse Peter. – Lembra que há um estilo que não o leva a lugar nenhum com o pessoal sofisticado que visita Hudson.

Voltaram pelo estacionamento. O céu começou a ficar cinzento. Peter vivia em Millerton há quase quarenta anos e nunca tinha se habituado ao silêncio que vinha com o vento.

– O que mudou, Henry? Queria-me fora do seu negócio e que começasse uma nova vida. O que mudou?

Henry coçou o nariz.

Peter prosseguiu:

– E eu tenho estado, de fato, lendo o meu maldito livro, por isso não diga essa frase.

– Acho que...

– Acha o quê?

– Calma. – Henry riu. – Não se chateie com o seu velho amigo Henry. Acho que, se tiver sorte, vai descobrir por si mesmo outra vez. Diz que vai para o Oeste com a Maddie. E isso é bom. Mas é melhor ter certeza absoluta de que é o que realmente quer.

– É.

– Bem, eu não sou seu terapeuta. – Henry acenou ao motorista de um caminhão de entrega de roupa de cama, que estava entrando pelos fundos da pousada. – E não vou adiantar mais nada.

– Mas, então, e o nosso negócio?

– Acho que não vamos chegar a um acordo hoje. Só isso. Quando eu ganhar coragem para abrir em Hudson, você estará entre a dúzia de pessoas a quem vou telefonar. – Henry riu e deu-lhe uma palmada nas costas. Peter percebeu que ele estava escondendo alguma coisa. Henry não era uma pessoa intrometida. E adorava Peter. Ele sabia disso.

– Sem negócio hoje – disse Peter. – Não entendo.

– Que saco, Peter. Tem sido um ano difícil. Todos sentimos a falta da Lisa. Ela fazia parte de nós.

– Todos sentimos a falta dela – disse Peter. – Sim, é verdade. Mas o que não está me dizendo?

– Pelo amor de Deus! – Henry abriu a porta de emergência para a sala de jantar e voltou a fechá-la, enquanto ainda estavam do lado de fora. Os dois homens ficaram cara a cara.

– Nunca teve jeito para a blasfêmia, não? – perguntou Peter.

– Não, nunca. OK! Já não aguento mais. Confesso que estava dando ouvidos à Maddie, e não a você. Ela é que estava me dizendo o que fazer. Foi por isso que lhe propus o negócio. E é um negócio um tanto estúpido, se pensarmos bem. Mas eu estava agindo de acordo com a vontade dela. Você sabe que eu ouço sempre as mulheres em primeiro lugar.

– Era isso que fazia com a Lisa. – Peter fez um aceno de cabeça e, finalmente, abriu um sorriso.

– Especialmente com ela.

Peter olhou para longe, para além do estacionamento e perguntou:

– O que mais?

– Já que traí a confiança da Maddie e me sinto mal o suficiente, vou acrescentar algo da minha autoria. É bom que esteja apaixonado por ela, se você vai em frente com ela. É o que tenho a dizer.

– Acho que vou com ela – disse Peter. – É o que ela quer. – Fez um gesto para que Henry liderasse o caminho para dentro. Peter observou o ar carrancudo do velho amigo enquanto se esforçava para abrir a porta.

Henry disse:

– Bem, agora já falei demais, depois de ter prometido a mim mesmo que não o faria. Vou cuidar dos seus interesses aqui. E se voltar, volte.

Peter inspirou o cheiro agradável da sala de jantar e sorriu.

– Obrigado.

– Tudo bem, então. – Henry desviou o olhar. – Já me arrancou a verdade. Agora vai fazer o favor de almoçar comigo. Estou dizendo que quer um *club sandwich*, quando na verdade sou eu que quero. Pode pedir o que quiser, não quero saber.

– Vai sentir a minha falta, não vai?

– Em parte é isso – disse Henry. – Em parte é isso.

Stella, novembro de 2011

Na terça-feira à noite, Stella se encontrou com Emily no Stanislaw & Daughters, um restaurante não muito distante do lugar onde moravam.

Stella entrou e reconheceu Emily de imediato, a única mulher sozinha no bar. Já tirara o casaco e tinha um copo de água à sua frente. Em pessoa, Emily era ainda mais perfeita do que nas fotografias que Stella encontrara. Usava até pérolas com um casaco de malha preto e calças jeans. Tinha o cabelo preso num rabo de cavalo e o rosto parecia suave, para não dizer recatado. Ela tinha sido realmente a pessoa certa para vencer o concurso, pensou Stella.

Podia imaginar Emily num palco, talvez até mesmo numa conferência de vendas, conversando com Peter Herman. Stella só precisava fazer o seguinte: convencer Emily de que tinha a obrigação de levar a coisa até o fim com a LRB. Talvez Stella conseguisse descobrir uma maneira de deixar o marido aparentemente ausente de fora. O marido sonhador bem casado, mas desdenhoso de publicidade. Havia precedentes para isso. Podia funcionar. Concentre-se, disse Stella a si mesma. Isso ainda pode dar certo.

– Que bom conhecê-la, Stella – disse Emily, assim que ela se acomodou no banco alto. – E obrigada por sugerir este lugar. Não venho vezes suficientes a Bushwick.

– Teve dificuldade em encontrar o lugar?

– Tive, mas encarei como um desafio.

– Sinto muito. – Stella lhe dirigiu o sorriso mais culpado que conseguiu. Estavam na extremidade do bar em L, perto das grandes janelas da frente que davam para o cinzento industrial da Moore Street. Escolheu um banco entre Emily e a saída.

– Foi o primeiro lugar em que pensei. Deveria ter pesquisado melhor.

Emily assentiu.

– Tudo bem. Eu me perco sempre nos trens. Já aprendi a aceitar isso.

– Tem sorte. Eu vivo neles – disse Stella, percebendo que Emily a observava. Deu-lhe tempo para isso. Embora aquilo pudesse fazer com que Emily desgostasse ainda mais dela. Stella era, pelo menos, cinco anos mais nova, de lenço com padrão de tigre e botas pretas pontiagudas. Tinha encontrado uma saia comprida preta no guarda-roupa já muito antiga e agora a usava tantas vezes quanto possível, sem ser acusada de vestir a mesma roupa todos os dias.

Emily a olhava com tanta intensidade que Stella começou a se perguntar se ela seria capaz de ver o que restava da *hippie* de Virginia por baixo daquela roupa meio Bonnie e Clyde.

– Vamos deixar que o barman escolha algo para nós? – sugeriu Stella, com a esperança de que Emily a deixasse assumir a liderança. Emily encolheu os ombros em aprovação.

Começaram com meia garrafa de um vinho branco recomendado pelo barman, um jovem de camisa quadriculada que Stella reconhecia vagamente de festas que frequentara logo após a faculdade.

O vinho não era grande coisa e parecia que nunca mais acabava.

Stella achou que era uma quantidade infinita de vinho.

Emily levantou a mão e chamou a atenção do rapaz de camisa xadrez:

– Isto é bom, mas talvez seja um pouco doce para mim – disse-lhe. – Tem alguma coisa com mais acidez? Levei muito tempo para decidir e agora entendi que o que eu queria realmente era vinho tinto. Por isso, se não se importa, troque este por um tinto e vamos manter a coisa simples. Um *merlot*.

– Para mim também – disse Stella, acenando com veemência. – Quero o mesmo que ela. – Ficou surpreendida com o tom de Emily, ao mesmo tempo hesitante e um pouco manipulador. Mas, pensando bem, percebeu Stella, Emily soava como a sua carta.

O telefone de Emily tocou.

– Desculpe – disse Emily. – É trabalho. Preciso atender. – Ela se curvou e começou a escrever.

Stella olhou em volta. O bar era tão novo que ainda cheirava a limpo, um misto de tinta fresca e sabonete de frutas. Uma lufada de cheiro de banha de porco veio de uma porta da cozinha. Isso fez com que Stella se sentisse melhor. Pensou: a única coisa que não se encaixa neste quadro é Emily. Havia uma mesa na parte de trás se enchendo com o que pareciam

ser modelos alemães. Os homens sentados ao balcão eram todos atraentes, do tipo carpinteiro jeitoso. Todo mundo que Stella conhecia parecia querer se casar com homens assim.

O tipo de homem que veste calças jeans escuras, tão tesas como uma lata e que se acha muito bem assim. Stella achou que Eli Corelli se encaixaria num lugar como aquele. Talvez no final da bebida, quando se sentisse mais solta, Emily lhe agradecesse por ter descoberto aquele lugar. Diria que mesmo não sendo o seu tipo de lugar, traria o marido ali. Sim, pensou Stella, eles poderiam jantar naquele local, assim que tudo estivesse melhor. E seria a LRB a pagar.

Aproveitou para observar Emily. Concentre-se! O que tinha acontecido em Millerton não importava, ela tinha de convencer Emily a dizer que Peter os tinha ajudado, a ela e ao marido. Tinha de conseguir.

Emily ergueu o olhar.

– Tudo certo. Mas vamos esperar primeiro pelo nosso vinho.

O barman trouxe dois *merlots* diferentes para provarem.

Escolheram um e Emily agradeceu. Ele sorriu e se afastou para servir outras pessoas que tinham se sentado ao balcão.

– Então é editora? – perguntou Emily, sem olhar para Stella.

– Sou. Na maioria das vezes.

– Mas também se dedica ao marketing?

– Somos obrigados agora.

– Trata muito da área dos livros de autoajuda, esse tipo de coisa?

– Sim, é parte do que faço. Você é RP?

– Pode chamar assim, se quiser.

– Como chamaria, então?

Emily respondeu:

– Sou consultora de *branding*. – Fez um ruído com a garganta, como se estivesse doendo.

– Certo. Quero dizer, estou familiarizada, sabe. Pesquisei-a no Google. Sei o que faz.

– Não há dúvida de que trabalhou com o devido zelo. – Emily não sorriu. – O melhor que pôde.

– Está incomodada com alguma coisa? – perguntou Stella, parando, colocando a língua entre os dentes e mordendo-a com força. Ajustou mais o lenço no pescoço.

– Ainda bem que pergunta – disse Emily. – Sinto-me na obrigação de lhe contar o que correu mal.

– OK, ótimo. – Stella bebeu um pouco de vinho e deixou a língua presa entre os dentes para se forçar a não interromper.

– De quem foi a ideia do concurso, que mal lhe pergunte? – quis saber Emily.

– Foi minha – balbuciou Stella.

Emily olhou para ela e abanou a cabeça. Stella retribuiu o olhar. Emily era mais alta do que ela. Até os olhos eram maiores.

Emily prosseguiu:

– Eu tinha receio de me lembrar de algo parecido com isso quando comecei a minha carreira, como fazer as pessoas ganharem alguma coisa que provavelmente iria estragar suas vidas, como um barco que não podiam se dar ao luxo de manter ou aprender a navegar. Mas então percebi que não devia me preocupar, porque nunca seria capaz de fazer algo tão terrível.

– Desculpe?

– Estou dizendo – disse Emily, olhando fixamente para Stella – que sei qual é o limite. Os limites da manipulação. Além dos quais não se deve ir. Você não.

– Podemos voltar um pouco? – perguntou Stella. – Me desculpe, mas fiquei muito confusa agora.

– O que aconteceu é que não funcionou. – Emily bebeu um gole de vinho. – Eu adoro o livro *O casamento é uma canoa*. E gosto do Peter Herman. Muito. É um bom homem. Mas não gosto do que você fez.

Stella apontou para o próprio peito e arregalou os olhos.

– O que eu fiz?

– O concurso. Como fez de mim uma idiota. A rapidez com que fez isso.

– Eu não...

– Fez, sim. O meu casamento acabou.

– Ah, Deus! – exclamou Stella, tapando a boca com a mão.

– Já conheceu o Peter Herman?

– Hum... não – disse Stella. – Ouça, sinto muito. Não fazia ideia...

– Não me conhece, não conhece o Peter, e agora vem com desculpas? Não parece uma atitude um pouco hipócrita?

– Espere, espere. Deixe-me dizer só uma coisa. Peço desde já mil desculpas. Mas estamos nos adiantando. Não acha que há uma hipótese, quero dizer, você é casada e as pessoas casadas passam por momentos muito difíceis, mas que há uma boa hipótese de ficar tudo bem?

– Não. – Emily respirou fundo duas vezes e continuou: – O meu casamento acabou. Peço desculpa se pareço dramática com uma estranha, que é o que você é para mim, mas a verdade é esta.

– O que aconteceu?

– O meu marido. Ele me trai. É uma pessoa horrível. E você é como uma aranha viúva-negra e o nosso casamento ficou preso na teia do seu jogo de marketing sórdido.

– Ah, não! Sinto muito – disse Stella. – Mas também não acho que esteja sendo totalmente justa em relação a mim.

Emily fechou os olhos e começou a chorar. Disse:

– Eu ainda gosto desse maldito livro.

Stella viu Emily morder com força o interior das bochechas. Estendeu o braço e deu-lhe uma palmadinha amável nas costas, sentindo-as quentes e úmidas.

– Não me toque! – disse Emily. – O problema é que eu acreditava. Acreditava que poderia me casar e ser feliz, como diz o livro.

– Ninguém... nenhum de nós queria isso.

Emily deixou cair o queixo e ficou olhando para ela. Endireitou as costas, o que revelou a Stella o ponto a que estavam inclinadas sobre o bar. Stella se endireitou de repente também e bateu com os joelhos contra a madeira do bar.

– Nenhum de nós? – perguntou Emily.

Stella limitou-se a abanar a cabeça.

– Aposto que parecíamos bons, não foi? O Eli e eu? Encontrou uma fotografia nossa no site Guest of a Guest ou no Patrick McMullan, ou em algum lugar desses? Não fazia ideia do que estava acontecendo no meu casamento.

– Nós não fomos à sua procura. Você participou. Escreveu um e-mail ao Peter.

– Nunca deveria ter feito isso. – Emily terminou o vinho. – Quando escrevi isso, pensava que tudo iria se resolver. Sabia que o que escrevesse

poderia ser usado, mas mesmo assim escrevi. Foi uma decisão estúpida. Mas você deve ter lido milhares de e-mails tão terríveis como o meu...

– Ouça, não vejo por que deva ser eu a culpada aqui. Não fui eu quem fui para a cama com o seu marido.

– O quê?

– Por favor. – Stella fechou os olhos e inclinou a cabeça na direção do bar. – Sou uma idiota. Desculpe. Realmente não queria dizer isso.

– Mas acabou de dizer.

– Nunca quis lhe causar mal algum. Isto é, será realmente comigo que está zangada? Eu sou apenas uma editora. Fui instruída para encontrar uma nova fonte de receitas nos livros do nosso fundo de catálogo.

Emily olhou para Stella e balançou a cabeça para trás e para diante. Pegou o casaco e a bolsa, pendurada por baixo do balcão.

– Eu também gosto do livro – disse Stella. – Talvez não da mesma maneira, mas eu o acho divertido. Gostei de ler.

Stella entendeu de repente que Emily tinha querido conhecê-la para poder dar um rosto à sua dor. E, como Stella tinha sido tão completamente desprovida de tato, o processo tinha levado menos de um copo de vinho.

Emily ficou de pé, já afastada do banco, e disse:

– Estava apenas fazendo o seu trabalho. Vou embora agora.

– Será que pode, pelo menos, me dizer quando vai estar com o Peter? Porque talvez eu devesse vê-lo também. Ou seja, antes da reunião de quinta-feira na LRB.

– Ele é adulto. Se quiser falar com você, ele liga.

– Você vai à nossa reunião?

– Sim, acho que vou. Por incrível que pareça. – As narinas de Emily ficaram muito abertas. Stella não sabia o que fazer. Deixou-se ficar sentada, perfeitamente imóvel, admirando a estatura de Emily, a elegância, o porte e a forma como a encarava. Pensou que não se importaria de ser como ela dali a uns anos. Embora, para ser sincera, nunca teria entrado no concurso que havia criado.

– Eu vou ao grande encontro de vocês. Vou lá para me certificar de que a pessoa a quem você responde acabe com este concurso de uma vez.

– Gostaria que não fizesse isso – disse Stella num ápice.

– Estou farta de fazer o que você quer, involuntariamente ou não.

Stella ficou vendo Emily ir embora. Virou-se para o bar, para o barman de camisa xadrez, que estava de braços cruzados a pouco mais de um metro de distância. Ele descruzou os braços e sorriu.

– Estava transtornada – comentou ele. – Ela está bem?

– Não. Acho que está se separando do marido – respondeu Stella.

– Isso é terrível. – Ele pegou o copo de Emily e verteu o resto de vinho na banca atrás do bar. Disse: – Quer beber mais alguma coisa? Isso é uma coisa muito triste.

– Claro que é triste – disse Stella.

– Não, é mesmo muito triste. Ela parecia profundamente magoada. E não parecia que merecesse.

– Uau! – disse Stella. – Percebeu tudo isso só de olhar para ela. – Tentou uma gargalhada.

– Eu ouvi tudo muito bem. – Ele sorriu o mesmo sorriso irônico de que ela se lembrava de quando tinha entrado. – Nada dói tanto como ter de lidar com alguém que nos engana.

– A culpa não é minha – disse Stella.

– Pois, acho que lhe deixou isso bem claro – disse o barman.

Stella não respondeu, ficou observando-o servir-lhe um novo copo de vinho.

– Criei uma grande confusão, não foi? – perguntou Stella.

O barman fez deslizar o copo pelo balcão e assentiu, dizendo:

– Parece que sim.

Uma hora depois, Stella ainda estava no bar. Normalmente, independentemente da situação em que estivesse metida, gostava muito mais de si mesma do que naquele momento. Fosse qual fosse a perspectiva através da qual tentasse ver as coisas, não conseguia descobrir como consertar todas as peças partidas do que havia tentado construir.

Bebeu um gole do terceiro copo de vinho. Escreveu uma mensagem a Emily dizendo que estava contente por terem se encontrado e agradecendo-lhe por ter vindo. Disse que lamentava muito, mais uma vez.

Mantenha-me informada, por favor! Stella mandou a mensagem. E dez minutos mais tarde outra: *Vai me manter informada?*

Emily não respondeu.

– Quer mais alguma coisa? – perguntou o barman.

– Pode me trazer o cardápio? Que cheiro é este de bacon? Se não comer alguma coisa agora, vou ter ainda mais problemas.

No dia seguinte, Stella entrou na reunião da manhã com dor de cabeça e de estômago, mas sem uma única solução.

– Vejo que temos a nossa atualização do *Canoa* na agenda – disse Helena, mexendo na folha que tinha em frente. – A mulher do *Canoa*? Onde está?

A sala ficou em suspenso enquanto Helena procurava Stella, encostada à parede ao fundo da sala.

Todos puderam ouvir o sussurro rápido de Melissa Kerrigan:

– É Stella que trata do *Canoa*. Stella Petrovic.

– Estou aqui!

– Stella Petrovic, no fim da reunião vamos conversar. – Outra pausa. – Stella Petrovic. Hum... Petrovic o que é, afinal? Que tipo de nome? É polaco?

– A família do meu pai é do Montenegro. O pai dele havia mudado o sobrenome para Peterson, mas o meu pai voltou a usar o original. – Tem muito a dizer a mais de cinquenta pessoas que não gostam de você, pensou Stella. Mas, que importava? Era apenas mais uma a acrescentar à lista de coisas em que não pensava antes de falar.

– Que tipo de trabalho faz o seu pai? – perguntou Helena.

– É encanador. – Stella mordeu o lábio. A última vez que falara com o pai, ele dissera-lhe que andava projetando fontes para a Duke, por isso não faltava muito à verdade. Paisagista soava demasiado delicado e Helena não gostava de coisas delicadas.

– Realmente, um encanador que chama a filha de Stella. Que simpático. Aposto que há aí história para um livro. O meu pai era da Polônia e vendeu apólices de seguro de vida aos pobres vizinhos judeus em Boro Park durante cinquenta anos. Caiu morto na mesa com a renovação assinada de uma apólice nas mãos, e sempre disse que era isso que queria. No início da minha carreira, eu achava que devia esconder o meu passado, mas agora o aceito com orgulho. Assim como a minha filha. Somos todos pessoas trabalhadoras, não somos? Pessoas que se aplicam no trabalho.

– É isso mesmo – disse Lucy Brodsky, acenando vigorosamente com a cabeça.

Helena ergueu uma sobrancelha a Lucy e disse:

– Sim, somos. OK, vamos avançar. Não temos atualizações gerais?

– O *Dust in the Mirrors, Blood on the Stairs* venceu o prêmio PEN/Faulkner – informou um editor da Ladder & Rake Perpetuals.

– É nosso?

– Não, é da Knopf.

– Bem, então não me parece que seja um assunto pertinente, Fran, mas é bom saber – disse Helena.

A reunião continuou. Stella não se distraiu. Mas também não esteve muito atenta. Tentava imaginar o que poderia dizer quando ficasse sozinha com Helena. Quase podia garantir a reunião da manhã seguinte. Mas não completamente. E não completamente não era uma garantia. Não fazia ideia de como impedir Emily Babson de matar o concurso. Cinquenta minutos podiam passar tão discretamente, pensou Stella, como lágrimas caindo no tapete.

Imaginou prisioneiros inocentes incapazes de dormir enquanto os culpados roncavam felizes no beliche ao lado. E perguntou-se qual deles seria ela.

– Terminamos? Acho que sim – disse Helena.

Stella se levantou e se dirigiu para frente da mesa. Esperou que a multidão se dissipasse. Algumas pessoas permaneciam junto de Helena só olhando, sem sequer estarem cientes de como eram obcecadas. Lucy Brodsky fez sinal a Stella para que se aproximasse.

– Ah, o *Canoa* – disse Helena. – Atualiza-me.

– Bem – disse Stella –, tem sido uma semana interessante...

– Tudo bem. Eu faço a atualização – disse Helena. – Alguém me disse que o nosso homem, Peter, vem a Nova York. Sei que estará em uma reunião marcada para amanhã de manhã. Vamos fazer uma hora e pouco de reunião e descobrir como obter o maior retorno possível para o monte de dinheiro que atiramos ao nosso velho companheiro *Canoa*. Mas vamos fazê-lo de forma acolhedora e agradável. Primeiro, vemos com o que estamos lidando. Entendido? Fiquei sabendo que os vencedores são perdedores.

– Sim – respondeu Stella. – Posso perguntar onde ouviu isso?

– Não, não pode. – Helena deu um passo atrás e colocou a mão na cintura. A corrente de ouro não balançou. Ela disse: – Como é que acha

que cheguei a ser quem sou? Não prestando atenção? Sabendo menos do que as pessoas que respondem a mim?

E então Helena sorriu. Stella respirou fundo. Era tão confuso!

Nunca tinha sido tão fascinada por alguém tão cruel com ela. Mas Stella admirava os olhos de Helena e o seu ar quando parecia estar zangada com alguém porque gostava dessa pessoa e esperava que fosse excelente. Helena era irresistível.

Helena disse:

– A reunião acontecerá aqui. O Esme da publicidade vai ficar sentado ao fundo. E um assistente da minha equipe para tirar notas. A Lucy serve.

Stella sorriu para Lucy e se perguntou que coisa estúpida teria ela feito para sair das suas boas graças.

– Vou preparar uma ordem de trabalhos. – Stella deu um passo atrás.

– Vamos fingir que já está pronta.

– Hum, na verdade, não há necessidade de fingir.

– Já transformei maiores montes de esterco em vasos de tulipas. – Helena falou abruptamente, com os olhos castanhos sorridentes e acolhedores e, na opinião de Stella, traindo o seu tom estridente. Helena gostava dela! Tinha certeza. E então Stella ficou observando Helena girar nos calcanhares e caminhar apressada por um corredor bege revestido de molduras com capas importantes, representando os livros que pertenciam a ela mais do que a ninguém.

Pelo menos, pensou Stella, eram mais espirituosas uma com a outra do que Helena parecia ser com os outros. Mas talvez todos se sentissem assim. Talvez esse fosse o dom da liderança? Não, Stella tinha certeza de que Helena se preocupava em lhe dar mais atenção. Stella tinha estragado um concurso. E depois? Não tinha, pelo menos, provado que era inteligente? A inteligência não era um bem valioso?

Enquanto se dirigia para o elevador, entretinha-se com alguns pensamentos: “Eu realmente gosto da Helena e ela gosta de mim. Se eu conseguir ultrapassar isso, posso imaginá-la fazendo de mim a sua confidente, uma jovem amiga que fica ouvindo as grandes decisões e que realmente conhece o que se passa na empresa.” Então se lembrou do que Sara Byrd dissera e pensou na melhor forma de lidar com o caso que Helena devia ter tido com Peter quando eram jovens.

Espera!

Percebeu que só precisava levar Peter até Helena e isso a deixaria feliz. Por que Helena se importaria com um casal infeliz do Brooklyn? Não se importaria, com certeza! Nem daria atenção a Emily, mesmo que ela aparecesse. E, além do mais, a LRB desperdiçava milhões de dólares em marketing mal concebido constantemente! Qual era o problema? Esses últimos pensamentos lhe vieram à cabeça com a força de um pensamento matutino. Abruptamente e com uma camada posterior de satisfação. Peter vinha a Nova York. Ele era uma pessoa normal... estava curioso e vinha a uma reunião que era, em última instância, sobre ele e o seu livro. Helena queria vê-lo e Stella tinha conseguido isso. Já tinham vendido centenas de exemplares do *Canoa*. OK, era apenas um monte de pensamentos juntos. Mas não seria apenas uma grande e repentina junção sináptica de um pensamento que era totalmente coeso? Stella entrou no elevador e sorriu.

Sussurrou:

– Não tem de quê, Helena.

Peter, novembro de 2011

Peter ficou hospedado no Algonquin porque era onde Lucy Brodsky da Ladder & Rake o havia colocado, a pedido dele. Gostava do lugar, e quando vinha de visita a Nova York, evitava se desviar do que já conhecia. Atirou a mala em cima da cama do quarto que dava para uma passagem para corrente de ar, pensou em dormir e não o fez, e foi para o bar da entrada ler os jornais. Era quarta-feira e a tarde já avançava.

Queria ver Emily e acertar as coisas com ela, desculpar-se, pelo menos. Por causar à pobre jovem qualquer dor adicional. Por que tivera de ser ganancioso quando Stella lhe telefonara da primeira vez? Por que não se mudara definitivamente para a Califórnia com Maddie, sem se envolver em toda aquela confusão? Pensou em Maddie. Ela tinha considerado ir para Nova York com ele, mas estava muito ocupada arrumando a casa. Ele havia prometido ajudá-la quando retornasse de Nova York. Mas teria ele inconscientemente dissuadido Maddie? Estaria apenas curioso sobre Helena?

Sentou-se numa cadeira em um canto, perto das janelas, e viu um gato malhado laranja dormir ao lado de um vaso de palmeira.

– É um gato jovem? – perguntou ao empregado.

– Essa é a Matilda – explicou ele. – O que deseja, senhor?

O empregado estendeu um guardanapo em cima da mesinha de mogno do lado direito e colocou um prato de aperitivos. Peter olhou para o amendoim, *pretzels* em miniatura e batatas fritas e pensou: “Que diabos, estou de férias. Vou comer tudo.”

– Traga-me um uísque com soda, por favor. Um Johnnie Walker Black Label. Estou hospedado aqui no hotel. Matilda, hein?

Pegou o celular e olhou interrogativamente para a tela.

Ouviu uma mensagem de voz de Stella Petrovic, pedindo, por favor, que ligasse quando chegasse à cidade. Dizia que estava ansiosa para conhecê-lo pessoalmente na reunião da manhã do dia seguinte. E que Helena

também queria muito vê-lo. A mensagem toda era estranha, com aquele estilo hesitante e calculado de discurso que Stella usava. Tivera a intenção de chegar um dia mais cedo e passear um pouco, talvez ir ao Met ou ao Frick, ir a um dos lugares aonde Lisa gostava de ir. Mas duvidou se devia passar mais tempo em Nova York do que precisava, por isso só naquela manhã se dignara a ir para a estação.

Fechou o telefone. Ficou brincando com ele nas mãos mais um pouco e reparou que o ícone de mensagem não tinha desaparecido.

A filha, Belinda, tinha deixado uma mensagem. Ouviu-a dizendo que esperava que ele tivesse feito uma viagem tranquila até Nova York e sugerindo que na viagem de volta pudesse lhe fazer uma visita e jantar com ela e a companheira, Jancy.

Telefonou para Belinda e confirmou que iria jantar com ela, provavelmente na noite seguinte. Ligaria novamente para confirmar.

Sentia saudades de Belinda e disse isso a ela.

Depois ligou para Maddie.

– As arrumações estão correndo bem. Já está quase tudo embalado! – A voz era alegre. Perguntou-se o motivo, já que ela não era normalmente uma pessoa de voz alegre. – Volta amanhã ou na sexta-feira?

Ele respondeu que não tinha certeza.

– Peter, quero lhe dizer como me sinto feliz por ter decidido vir comigo. É, sem dúvida, a coisa mais romântica que um homem já fez por mim.

A sintaxe soou estranha, mesmo além da incapacidade ou falta de vontade dela de usar contrações. Mas não mencionou esse fato, preferindo simplesmente concordar com ela e depois desligar o telefone. Sentia cada vez mais medo de Maddie. Não queria desiludi-la. Sempre detestara desiludir as pessoas. Esse tinha sido o bem supremo, ao longo de tantos anos, na sua vida com Lisa. Fossem quais fossem as besteiras que fizesse, ela o amava. Não seria capaz de desiludi-la. E ele adorava isso. Dependia desse tipo de aceitação da parte dela. Era uma pessoa perdida e insatisfeita antes de Lisa, e estaria provavelmente perdido para sempre outra vez sem ela. E, se na relação deles faltara o verdadeiro romance, bem, tinha sido uma troca justa e sabiam disso. Afundou-se mais na cadeira, sentindo um pouco de vergonha e surpresa por ter sido preciso vir a Nova York para que um pensamento tão simples lhe viesse à cabeça.

Talvez ficar um pouco embriagado não fosse má ideia. Bebeu um longo trago de uísque, acabou de comer as batatas fritas e passou para o amendoim. Lisa não deixava entrar batata frita em casa e Maddie também não queria que ele comesse. Sentia-se como uma antiga locomotiva da linha Hudson chegando pela última vez à Grand Central, mergulhando fundo numa crise gastrointestinal de sal, hidratos de carbono e álcool. Depois de pedir outro uísque, telefonou para Emily.

– Sim?

– Já cheguei em Nova York. – Fez uma pausa. – Como o combinado. Se não posso vê-la com o seu marido, vejo-a sozinha. Por acaso, não está no centro?

– Onde você está, Peter?

– No Algonquin, no bar da entrada.

– Podemos nos encontrar, mas por pouco tempo. Tenho um compromisso marcado para mais tarde.

Ela estaria lá em menos tempo do que levava para terminar outra bebida. Ajustou a fivela do cinto para não machucar sua barriga. Fez ruído com o jornal e se certificou de que era capaz de sentir os dedos dos pés à vontade nos sapatos Rockport.

Emily chegou muito mais cedo do que ele poderia imaginar. Mais alta e mais magra do que se lembrava. Só tinham passado dez dias? Poderia uma mulher adquirir um olhar assombrado em dez dias?

Levantou-se para cumprimentá-la, mas ela se virou e se afastou. Falou com o garçom e, em seguida, arrastou uma grande poltrona marrom para junto dele, ignorando o ambiente, em vez de pedir desculpa; de qualquer modo, a multidão de executivos estava alheia ao que se passava, inclinada na direção uns dos outros, tentando ignorar a mulher que batia em seus joelhos com uma poltrona. Um contrabaixista e um pianista começaram a afinar os instrumentos a alguns metros deles. Ela deixou cair a carteira e a afastou com o pé.

– Emily. – Peter mordeu o lábio, tentando encontrar a personalidade que usara com ela e o marido.

– Eu deveria ter lhe perguntado isso ao telefone. Antes de tudo, quero saber: está se encontrando comigo para cumprir alguma obrigação com a sua editora?

– Claro que não.

– Tem certeza? – Os olhos dela estavam inchados ao redor das pálpebras, e a camisa de gola alta preta e calças pretas que usava lhe davam um ar fúnebre.

– Sinto certa responsabilidade em relação a você. A você e ao seu marido. Eu me comprometi a ajudar.

– Queria vê-lo. Mas acho que é melhor acabarmos com isso da ajuda.

Aproximaram as cabeças, puxando as poltronas com eles. Reparou que os lábios dela estavam recém-pintados, mas secos nos cantos.

– O que quer dizer?

– O meu casamento acabou.

– Por favor, não diga isso, Emily.

– Ele me deixou por outra mulher. Você o viu fazendo isso. – Ela se afundou na poltrona. – Agora entendo que ele estava tentando permanecer casado à sua frente. Estava lutando contra ele mesmo. Mas desistiu e eu o perdi. Você viu.

– Tenho de lhe dizer uma coisa. – Bebeu um gole da bebida.

– Por favor, sem mais palavras recicladas. Eu adoro o seu livro. Mas quando diz o que está nele em voz alta... acho que é melhor as palavras ficarem no livro.

– Não, o que quero dizer não está no livro. O meu casamento foi muito feliz. Isso é verdade. Mas a minha mulher, Lisa, teria ficado melhor se tivesse me deixado. Eu não lhe dei tudo o que deveria. Fui cruel sem motivo. Fui mulherengo. E Eli, se ele não está preparado para lhe dar tudo... Não estou aprovando o que aconteceu. Lamento muito o que aconteceu.

– Sim. – Emily olhou para os sapatos. – Nós já percebemos isso. Você e o Eli são um pouco parecidos.

– Essa doeu – disse Peter.

Emily sorriu apenas para o garçom que lhe trazia o vinho.

Peter disse:

– Mal posso esperar para conhecer a Stella, a jovem que começou tudo isso.

– É certamente uma personagem. Uma editora que não é capaz sequer de editar a si mesma. – Emily bebeu um longo gole e ficou com o copo na mão.

– Você já a conheceu?

– Sim. Ela me faz lembrar como eu era na época em que conheci o Eli, quando não conseguia descobrir a diferença entre a minha carreira e a minha personalidade. Mas já ultrapassei essa fase. Ouça, percebi uma coisa. Não é com você que eu me importo. Como poderia me importar com você se não o conhecia? É com o livro.

– Eu não sou o livro. – Peter sorriu, mas sabia que não podia esconder a tristeza que sentia.

– Ah, sim, não é.

– Então vai ao encontro de amanhã?

– Vou. Porque é aí que tudo vai terminar. – Emily acenou com a cabeça e comprimiu os lábios. – Esse tipo de encontro é importante. Vou lá ajudar a acabar com a coisa toda. E, claro, reforçar a mensagem de não querer meios de comunicação envolvidos.

– Sem publicidade. Não seria correto.

– Realmente acreditei que éramos um casal feliz quando entrei no concurso. Fui sincera, juro. Tenho muita pena de que as coisas tenham tomado este rumo.

– Não é você que precisa se desculpar. – Peter olhou para a bela jovem que tanto admirava... o cabelo escuro cortado numa franja reta sobre os olhos, mas caindo suavemente por cima dos ombros. Muito bem vestida e tão educada, quando deveria estar desfeita em lágrimas. Era horrível.

– Não fique tão triste – disse ela. – Entendo agora que ele iria me deixar de qualquer maneira. Isso só reafirmou a decisão.

– É essa a palavra certa?

Emily concordou com um gesto de cabeça e disse:

– É.

– Então, peço desculpa pelo meu papel.

– As histórias sobre a sua infância são tão boas. Adoro a forma como as escreveu. Elas me ajudaram a superar alguns momentos difíceis. As partes que acontecem na canoa são bastante... mágicas. Eu sei que não é brilhante, mas o livro se tornou uma parte de mim.

– Todas essas histórias da canoa vieram de outra pessoa, na verdade. – Peter acenou com a cabeça e pigarreou. – Não é bem uma mentira, mas parecido, o que é muito pior.

– Por favor – disse ela. – Eu não quero saber os seus segredos. Não iria suportar.

Ela se levantou. Mas ele não. Baixou os olhos na direção de Peter, e ele percebeu com honestidade que não havia necessidade de mais nenhum momento de ligação entre eles. Pensou: vou vê-la amanhã de manhã e depois nunca mais. Pensou em Maddie. Estaria de volta a Millerton no fim do dia seguinte, depois de jantar com a filha. Ajudaria Maddie a embalar caixas de lenços. Cauteloso, sempre com receio de decepcioná-la.

– Mais uma vez, peço desculpa – disse ele. – Nunca deveria ter me envolvido em toda aquela conversa sobre o livro por simples capricho.

– Quando uma fã como eu se aproxima muito da fonte, acho que é o que acontece. – Torceu a alça da bolsa em volta do braço.

– Então vai à reunião? – perguntou, já se sentindo um pouco bêbado. Por que se importava? E já não tinham falado sobre isso?

– Não perderia essa oportunidade – disse Emily. – Adeus.

– Já tem de ir?

– Tenho. Se não for, vou chegar atrasada em uma palestra no Harvard Club. A Chelsea Clinton vai entrevistar algumas das primeiras mulheres-piloto de caças do Paquistão e não quero perder o início.

Depois de ver Emily sair, Peter foi passear pela Third Avenue e encontrou o tipo certo de bar irlandês onde se podia comer um hambúrguer e beber cerveja, sentado num banco, olhando para qualquer coisa que todos estivessem vendo na televisão. Acabou por ser um jogo dos Rangers. A comida que pediu ia fazê-lo sofrer no dia seguinte. Já começava a se arrepender da viagem, envergonhado por, apesar das boas intenções, tê-las usado como desculpa para seus erros.

– Tenho de me levantar – disse, sem se dirigir a ninguém em particular.

Mas, ao mesmo tempo, até tinha se levantado, não tinha? Tinha tentado ajudar e isso valia alguma coisa. Estava ali em Nova York e contatara Emily, a vencedora do concurso. Estava sendo honesto, no mínimo. Divorciando-se, finalmente, do maldito livro.

Ficou lá fora na calçada, depois de ter comido, encostado a um parquímetro, apoiando o queixo com a mão e observando os carros subindo a Third Avenue, pensando em que direção era o hotel. Ele não era ninguém especial. Apenas um cara já de certa idade vindo do Norte, que precisou vir um dia em negócios ao centro da cidade, não sentindo o tempo frio, uma vez que não era nada comparado às noites no lago Okabye.

Pensou nas noites em que ele e Helena se encontravam para uma bebida depois do trabalho. Conversavam sobre o livro e a publicação que ocorreria em breve, brindando ao que esperavam ser o seu primeiro grande sucesso. Eram noites maravilhosas. Mas já nessa época se preocupava com o que aconteceria quando a deixasse. Ela insistia em dizer que tinham o futuro inteiro pela frente. Ele adorava essa expressão. Adorava que ela não tivesse medo de dizê-la. Mas sabia que ela adorava algo que Peter não era, e ele não queria passar a vida inteira fingindo. Mas, estaria mesmo certo disso? Teria também enganado a si mesmo com isso? O que ele era de verdade? Não sabia.

Agora, olhando para trás, para a confusão que tinha criado, sentia-se um palerma sentimentalista sob o verniz cínico. Ou, pensou a caminho do hotel, seria o contrário? De qualquer forma, o sentimentalismo estava bem entrelaçado com o cinismo. Como uma bengala doce. Em noites como aquela, quase não conseguia perceber onde terminava um e começava o outro. Como é que as mulheres eram capazes de suportar essa atitude de um homem? Mas sabia que, de alguma forma, elas conseguiam.

Stella, novembro de 2011

Ivan não estava em casa quando chegou e... droga! Stella estava mesmo precisando dele. Ele andava completamente inacessível e ela não fazia ideia do motivo. Talvez estivesse exagerando e ele estivesse apenas trabalhando? Precisava relaxar. Sentia o corpo doendo. A cabeça doendo. O cérebro doendo.

O mais estranho foi que, no final do dia de trabalho, quando já estava pensando em outras coisas, tinha comprado um novo livro. Encurralara Sara Byrd para falar do tal livro ao estilo Joana d'Arc e descobrira que tinha sessenta páginas e, apesar de ter qualquer coisa de medieval, na realidade era uma análise de traços de personalidade. Mas também tinha muitas metáforas espantosas sobre o uso de uma espada numa discussão e como o namoro era um campo de batalha; achava que a coisa toda era um tanto sexista e lhe dava náuseas, mas enfim. Ela gostava de livros sobre traços de personalidade. Tinha sido agressiva ao telefone com o agente e fechara o negócio. Ouvira dizer que o autor era tímido e imprevisível. Grande surpresa.

Stella estava preocupada com Emily e com o que ela poderia fazer, mas não conseguia parar de pensar em Helena. Helena tornara-se uma constante para ela; vivia nos seus sonhos, devaneios e fantasias do futuro.

Precisava realmente que Ivan chegasse e fizesse amor com ela, e a ajudasse a não passar mais uma noite em branco antes da grande reunião. O grande momento da verdade. Mas é claro que também sabia que o encontro era apenas um preâmbulo para outra coisa, algo que, possivelmente, seria muito bom. Mesmo que o concurso fosse considerado um fracasso, ainda era uma ideia inteligente, não era? Dependendo, claro, de como Helena se sentisse. E não podia acontecer nada de realmente muito grave na reunião, não é? Nunca acontecia nada nas reuniões, pelo menos não nas reuniões de que ela participara.

Estava na mesa da cozinha bebendo um *rioja*, pensando como costumava ouvir Gram Parsons e fumar um baseado em um pequeno cachimbo branco de cerâmica com as amigas e como sentia falta dessa parte de si mesma. Como estava longe de tudo isso, principalmente agora que só pensava na carreira. O quanto dependia de Ivan para se divertir agora. E antes que percebesse, estava lendo o *Canoa*. Tinha adquirido o hábito de folhear o livro à procura de frases inspiradoras. Encontrou:

*O compromisso mantém a sua canoa estável.
Comprometa-se e nunca mais andará em círculos.*

*A mão do vovô abraçando Bess era uma promessa.
Eles remariam juntos durante a tarde.*

*O amor diário deve navegar pela minha história
até chegar a você, caro leitor.*

Frases horríveis! Frases viciantes. Frases inegáveis. E havia tantas como estas. Como se houvesse um mistério. Como se houvesse um código. Começara a ter esperança de que a reunião com ele fosse uma enorme decepção. Ele seria um completo impostor. Pior ainda seria se ele acreditasse totalmente na sua falsidade. Como um pastor de televisão. Talvez usasse um grande anel de diamantes. Ou um Rolex de ouro. Talvez ficasse citando nomes de antigas pessoas famosas que tinha conhecido, como Diana Ross, Joe Torre ou Lorne Michaels. Esperava não gostar dele para ficar desapontada e não se sentir tão mal em relação à porcaria do concurso. Para que pudesse voltar lenta e obsessivamente a construir a sua carreira e a aproveitar o que lhe restava da sua jovem vida.

Começou a ler o capítulo 9:

Ceias:

Flagrei os dois se beijando uma vez. Bess ia levar uma sopa quente a um amigo na cidade que tinha pegado uma gripe de verão. Vovô estava no canto perto da porta dos fundos, enchendo com todo o cuidado sua caixa de apetrechos de pesca para uma pescaria ao luar. Eu estava lendo um dos

livros da série The Hardy Boys: *The Mystery of the Chinese Junk*, sentado à mesa da cozinha, e eles não me viam. Mas eu, sim.

– Traz um sorvete para o menino – disse ele.

– Qual?

– De chocolate... não, morango. Traz os dois!

– Claro que sim – sussurrou ela.

Ela colocou a panela que tinha nas mãos na prateleira do canto, e ele pousou com cuidado a isca que tinha tratado dentro da caixa. Foi então que se beijaram, e eu fiquei muito quieto observando.

Ela colocou a mão no peito dele e pediu:

– Mais um.

Quando terminaram o beijo, que parecia não ter fim, Bess saiu pela porta dos fundos e percorreu o caminho de terra até o Pontiac. Vovô ficou ali de pé um momento, ainda sorrindo para os próprios sapatos, e eu tive o pensamento repentino: “que velhote encantador.” Ser tão feliz. E com o quê? Mas agora que estamos mergulhados nestas páginas, acho que o leitor e eu entendemos.

– Vamos, Peter. Vamos entrar naquelas águas e apanhar a nossa ceia.

– Está bem – respondi.

O amor deles era tão grande e forte como uma casa antiga. E aprendi outra coisa, logo em seguida. Se não puder fazer mais nada, se estiver cheio de pressa para ir visitar um amigo e fazer compras e a vida ocupada parecer buzinar à sua volta... lembre-se: está na hora de se refugiar na sua casa e no seu casamento. Lembre-se de cuidar bem das pessoas que ama e que o amam.

Não há problema em pousar os remos e amarem um ao outro.

A canoa irá encontrar o caminho.

Frases como aquela faziam Stella se lembrar do que tinha visto primeiro no livro, que resultara numa sessão de namoro com Ivan no estacionamento. As frases não eram horríveis. Era estúpido da parte dela pensar assim! Depois das reservas iniciais, tinha ficado seduzida, não tinha? Havia verdade no *Canoa*. Foi para a cama, caindo num sono ansioso e suado.

– Olá, amor. – Ivan a beijou na testa. Tinha os olhos cansados e o cabelo bagunçado, mas cheirava bem. Já sentia a respiração mais calma. Amá-lo tão intensamente a assustava, mas, pelo menos, sabia o suficiente para não retraindo os sentimentos. Ele perguntou:

- Quer vir comigo até a cozinha?
- Tenho de descansar. Tenho aquela reunião amanhã.
- A grande reunião! Vai levar o revólver?
- Não seja bobo!

Ivan se sentou na cama e desamarrou os sapatos. Ela adorava a visão da parte superior de suas costas sobressaindo sob a camisa.

- Por onde andou, afinal?
- Estava com outra mulher, numa sessão de sexo cheia de emoção. Está com sede?

Ela fez uma careta, levantou-se e o seguiu até a cozinha. Pegou a garrafa de vinho e bebeu, com a cabeça apoiada na mão. Ivan lhe tirou a garrafa. Ela sentiu o próprio cheiro nele, nas mãos e na camisa. Ele não tinha estado com outra pessoa. Sorriu para ele.

– Sou uma idiota – disse ela. – Estava editando um filme, não é? Desculpa.

– Você é uma monstrelha muito estranha em alguns aspectos, mas eu te amo.

- Fica comigo, mesmo que eu perca este emprego?
- Especialmente se mandar esse estúpido emprego pelos ares!

Ele riu. – Podíamos nos mudar para Buenos Aires e nos darmos bem com o pessoal certinho. Podíamos comer pratinhos de chouriço e polvo e depois dançarmos tango até as três da manhã.

– Eu ficaria com ciúmes de todas as argentinas se vivêssemos lá – disse Stella. – Por que levo estas coisas do trabalho tão a sério? O problema é que a Helena me deixa elétrica. Ela é tão...extraordinária. E não vou perder o emprego. Eu adoro o trabalho. Se este encontro correr bem, vou poder fazer o que quiser.

- A que horas é a reunião?
- Amanhã, às dez.

Caminharam de volta para o quarto.

- Lembre-se de não meter os pés pelas mãos.
- Vou ficar quieta. Pode apostar.

– Claro que sim – disse ele. Ela podia vê-lo erguer uma sobrancelha e sorrir, mesmo no quarto escuro. Ela realmente o amava.

Era fantástico. Ou não. Começava a sentir que era o mais importante.

Peter e Emily e Stella e Helena, novembro de 2011

Menos de um minuto depois de Peter se anunciar à recepcionista, Lucy Brodsky apareceu. Peter a achou tão jovem que as roupas de escritório contrastavam com o rosto. O tecido do blazer parecia ter mais experiência do que ela.

– Sou sua grande fã, de você e do seu livro. – O aperto de mão era desconfortável de tão firme.

– Obrigado. – Peter procurou os olhos dela. Lucy desviou o olhar.

– É verdade. Empresto o livro para todas as minhas amigas. Nem imagina como os seus conselhos são atemporais. Ou talvez imagine.

– Não tenho certeza... – Agora que se encontrava no espaço físico da editora, adotou os tons suaves e surdos que usara há quarenta anos... para ultrapassar aquele momento estranho. Agitou as sobrancelhas e tentou parecer confuso. O gesto pareceu fazer Lucy se sentir mais à vontade. Por isso repetiu.

Ela sorriu e disse:

– Por favor, siga-me. O encontro será na Dreiser Room.

Ela os conduziu por filas de cubículos e, em seguida, através de um longo corredor até uma sala de conferências que estava mais quente do que a zona de onde vinham. Estavam sozinhos.

– Café? Água?

– Não, obrigado, para mim nada. – Andou em volta da comprida mesa de reuniões e se debruçou sobre uma janela. Olhou para a sua esquerda e teve o vislumbre de um canto do Central Park.

– Gosta deste novo escritório? – perguntou Peter.

– Só conheço este. Estou aqui há cerca de um ano e meio, desde que me formei na Carleton. É em Minnesota.

– Os antigos escritórios da Ladder & Rake tinham um ar muito mais... deselegante.

– Os escritórios na Park Avenue? Acho que isso foi antes de eu nascer – disse Lucy.

– Também havia livros por todo o lado. Onde estão os livros agora? Só vejo aqueles nos armários de vidro.

– Não se pode tocar nestes. De qualquer forma, os livros de papel não são muito ecológicos e a Ladder & Rake é uma empresa verde.

– Mas...

– Eu sei – disse ela, mais para si mesma. – Não comece a dizer “mas” neste negócio ou vai enlouquecer. – Lucy andava em volta da sala, mudando as cadeiras de lugar.

– Trabalha para a Helena?

Ela se endireitou e respondeu:

– Diretamente.

Emily Babson entrou com outra jovem que usava uma camisa com padrão de losangos e um lenço de leopardo e talvez um batom um tanto escuro. Teriam a deixado esperando em outro lugar? Parecia estranho. Voltou a agitar as sobrancelhas e Emily pareceu ficar primeiro confusa e depois irritada.

– Desculpe, Emily – disse ele, em vez de olá. – E a moça é a Stella? – Aproximou-se e apertou a mão das duas.

Emily disse:

– É engraçado vê-lo num escritório.

– Para mim também – respondeu Peter. – Não fico em um lugar como este há pelo menos uma década. Talvez até duas.

Stella era mais baixa e, obviamente, mais nova, com uma idade talvez entre Lucy e Emily. Abria a boca e, em seguida, em vez de falar, engolia ar. Finalmente, disse:

– É realmente um prazer conhecê-lo, depois de nos falarmos tantas vezes ao telefone. Só acho...

E então Helena entrou na sala por outra porta, andando apressada e falando.

– Olá, olá, olá! – Os olhos estavam postos em Peter. Ele caminhou na direção dela antes mesmo de perceber o que fazia. Mas tinha consciência de que não deveria mostrar tanta intimidade. Por isso parou e voltou ao seu lugar na janela. Não se viam há tanto tempo.

– Bom, ainda bem que decidimos serem apenas cinco ou oito de nós, ou o que seja. Meu Deus, é uma sala de conferências gigantesca para personalidades tão pequenas! Espera. Quero dizer o oposto. Deixem-me olhar para os rostos encantadores de vocês, de todos.

Todos os presentes na sala olharam para Helena, enquanto ela se sentava numa cadeira à cabeceira da mesa. Lucy se sentou imediatamente à sua direita. Helena manteve o silêncio e Peter recuou no tempo lembrando-se de quando eram muito jovens e ela tinha começado a aprender a fazer aquilo. Por meio da combinação de gritos e silêncio repentino, tornava qualquer conversa dramática, portanto levar um copo de água com ou sem gelo para a cama podia transformar-se numa discussão acalorada. Já era capaz de tudo isso aos vinte e quatro anos.

– Peter, meu caro... novamente juntos! Acho que tenho de estar um pouco mais perto! – Levantou-se e dirigiu-se a ele. Agora que tinha sido convidado, afastou-se da janela e aproximou-se dela.

Ele sorriu e se inclinou, e se beijaram no rosto. Como podia uma pessoa ter o mesmo perfume floral há quase quarenta anos? Seria impossível. Mas não para ela. Olhou de relance para a mão e para as pulseiras de diamantes nos pulsos, e pensou na sua infinita ambição, na fortaleza que construía para si mesma no alto de um prédio de escritórios. Usava uma corrente de ouro estranhamente grossa no pescoço. Ele vivia afastado há tanto tempo. Tanto tempo. O cabelo dela agora era grisalho, mas os olhos tinham o mesmo tom de castanho profundo. Sem pensar, estendeu a mão. Queria tocar em seu rosto. Mas ela deu um passo atrás, ainda com os olhos nele.

– Está ótima, Helena – disse ele.

– Obrigada. Fico feliz em vê-lo. Tive saudades, Peter Herman. – Ela assentiu com a cabeça e sentou-se novamente, não à cabeceira, mas numa cadeira perto da janela. Peter sentou-se a seu lado.

Helena disse:

– Agora, assim é que eu gosto. Uma boa reunião consistente com poucas pessoas, onde podemos ter uma conversa honesta e franca sobre onde estamos e para onde precisamos caminhar.

E então todos se inclinaram para Helena e começaram a falar ao mesmo tempo. Peter se sentiu esmagado pelo falatório. Será que Lisa se referia a Helena quando lhe disse para não ficar apenas com Maddie? Será que Lisa

desejava que ele voltasse para Helena? Sim. A mulher poderia ter sido calculista a esse ponto sobre a vida dele, no fim da dela.

O caso com Helen voltava à mente como imagens fotográficas: os dois na cama do apartamento dela na East Seventy Second Street, depois ela gritando com ele no pátio da Lever House, na Park Avenue, quando os escritórios da Ladder & Rake ficavam do outro lado da rua. Estavam em 1975. Saíam de um almoço com alguém e ele estava pedindo desculpa. Estava dizendo que o que tinham nunca fora sério. Que havia ido embora e se casado e que acreditava no casamento. Que o livro podia ser uma espécie de filho entre eles, não podia? Algo que tinham criado juntos e que os faria se sentir orgulhosos. Mas não, estava tudo errado e ela ficara furiosa com ele. A criança era uma analogia horrível, especialmente para uma mulher que ainda não tinha filhos. Ainda agora, tantos anos depois, lamentava profundamente aquela escolha de palavras.

– Nada mais do que umas trepadas, foi? – gritara ela.

Trazia um livro de bolso de capa dura marrom-claro nas mãos com o qual bateu nele, uma e outra vez. E depois caiu em seus braços, chorando.

– Eu podia te amar – disse ela. Peter sabia que ela queria dizer “eu te amo”.

Ele tinha se libertado dela, dito que lamentava. Caminhara para a Grand Central, entrando no trem para Millerton, esperando como louco que ela não ficasse muito decepcionada com ele.

– O que acha, Peter? – dizia ela agora.

Ela pousou a mão em cima da dele. Usava anéis de ouro e diamantes em vários dedos, mas não tinha aliança de casamento. Sem dúvida divorciara-se de um segundo ou talvez um terceiro marido.

Ele sorriu. Ali estava ela de novo, depois de tanto tempo, sentada ao lado dele. E daí a poucas horas, ele estaria de novo a caminho da estação Grand Central, indo embora.

– Não sei o que pensar – disse ele, voltando ao “eu” que criara há tanto tempo.

– Penso que podemos refazer o concurso – disse Stella subitamente. – Tenho certeza de que sim.

A atenção da sala focou-se nela. Mas ela parou tão depressa quanto começou, talvez percebendo que ninguém tinha pedido sua opinião. Peter a achou uma mulher cativante. Claro, ela era exatamente como Helena.

Embora Stella fosse muito menos estridente e mandona. Imaginou que a carreira de Stella seria mais um ricochete do que a de Helena havia sido.

Peter disse:

– Stella me lembra a Helena, quando era jovem. Ela era linda, como a Stella. E sem rodeios! Era impossível uma palavra...

Stella abriu a boca e empalideceu.

– Sinto-me lisonjeada – sussurrou.

– Todos nós admiramos muito a Helena – disse Lucy.

– Então, e o concurso? – perguntou Emily. – Eu só estou aqui porque quero ter absoluta certeza de que isso acabou. – Peter percebeu que ninguém tinha prestado atenção nele.

– Ela tem razão – disse Peter. – Deveria acabar.

– Pode falar pelo seu marido? – perguntou Helena.

– Hum – fez Emily, olhando em volta.

– Para esta finalidade? – perguntou Helena.

– Estamos nos separando. – Emily confirmou com um gesto de cabeça. A face e a testa enrubesceram. Mas ela ficou muito quieta, até que disse: – Por isso mesmo, queremos manter a privacidade e não ter mais nada a ver com o assunto. Certamente concordarão que este é o caminho certo a seguir. Foi por isso que me forcei a vir aqui.

– Lamento muito – disse Helena. Os olhos mostraram um vislumbre de tristeza e, em seguida, virou o pescoço e olhou pela janela. O blazer coral não se mexeu. – Acho que todos concordamos que os nossos vencedores do concurso recém-separados não seriam um grande sucesso na televisão ou em episódios on-line. Na verdade, este resultado não serve para nada, não é?

– Não tenho certeza de que qualquer um de nós jamais fosse à televisão, Helena – disse Peter. Sorriu de novo para Stella.

– Verdade, Peter? – perguntou Helena. – A Stella pensou que sim. Ela me vendeu essa ideia. Na verdade, me prometeu. Não falou com a Stella, Peter?

Peter olhou para o Central Park e disse:

– Tenho certeza de que prometi a Lua e as estrelas à Stella. Sempre que alguém da LRB telefona eu digo que sim, não é?

– Ele me prometeu – disse Stella, tamborilando os dedos na mesa. A sala ficou em silêncio.

– Conversamos depois – disse Helena a Stella, que ficou de novo imóvel.

– Hoje não tem bolinhos? – perguntou ele.

– Podemos... – Lucy Brodsky começou a se levantar da cadeira. Mas Helena fez um gesto com o queixo para a esquerda e Lucy se sentou.

– Não há bolinhos, Peter. Estamos tão ocupados correndo como loucos, preocupados com você e o seu livro que não temos sequer tempo para comer! – Helena soltou uma gargalhada.

– Então, o que fazemos? – perguntou Peter. – Eu fiz a minha parte.

– Certamente – disse Helena. – Eu sabia que Stella estava mentindo pra mim. Fazendo promessas que não podia cumprir. E nós temos o seu livro. Ou devo dizer, ainda temos. Temos conseguido um aumento substancial de vendas nestas últimas semanas, o que é ótimo. Agora que despertamos a consciência, o boca a boca vai manter o sucesso durante um bom tempo. Não poderia estar mais contente. E você também devia estar, Peter. Queria mais dinheiro e conseguiu. Não importa que tenhamos pago para participar desta catástrofe, esse não é o problema.

Peter olhou para Stella, que tinha começado a se afundar na cadeira. Ela esticou a língua e lambeu um ponto entre os lábios e o nariz.

– Então, qual é o problema? – perguntou Peter. Helena olhou para ele e disse:

– Há algumas coisas que eu odeio. Uma delas é a traição. Odeio traição. Mas uma coisa que odeio mais ainda é trabalhar com alguém que faz promessas que não pode cumprir!

– Não estou entendendo – disse Peter. – Que promessas? Estou dizendo que fui eu que as fiz, não ela.

– Peter, é um inferno trabalhar com pessoas que prometem e depois não cumprem suas promessas. Um inferno. Stella um dia vai entender isso.

– Helena – interveio Peter –, por favor...

– Não. – Helena abanou a cabeça. – Isso foi longe de mais. A Stella levou isso longe de mais. Ela não sabe como gerir autores, ou livros. – Peter sentiu as outras três mulheres na sala olhando para ele e Helena, imóveis. – Nós tratamos das repercussões. Sem dúvida que tudo quanto é meio de comunicação nos dias de hoje vai atirar algumas flechas à boa e velha LRB, mas nós já resistimos ao pior. Os twitters e tudo o mais. Vão causar uma confusão enorme. Vou ter uma conversa com o advogado hoje

à tarde sobre como sair do concurso sem haver vencedores – afirmou Helena. – Outra coisa, Peter: podemos esperar outro trabalho seu? A Stella havia me dito que deu a entender que haveria um segundo livro. Ou foi uma das mentiras dela também?

– É melhor eu ir embora – disse Emily.

Helena se virou e olhou para Emily.

– Sim, pode ir. Vamos deixá-la com a sua piedade... a sua privacidade – disse Helena a Emily. – Por favor, esqueça-se de nós. Desfrute do livro deste bom homem e esqueça a máquina por trás dele. Se alguém dos meios de comunicação a abordar, tenho certeza de que será sofisticada o suficiente para lidar com o assunto. A partir deste momento, não a incomodaremos mais. Sinto muito pelo seu casamento.

– Tudo bem – disse Emily. Peter viu a sua cara de choro em dois lugares ao mesmo tempo: naquela reunião de negócios horrível e nas ruínas do seu casamento. Levantou-se e se dirigiu a Emily.

– Sinto muito, Emily – declarou. – Sinto muito.

– A culpa não é sua. – Ela caminhou até a porta, parou e depois se virou, como se estivesse à espera de alguma coisa.

– Acho que está na hora de eu ir também. – Peter seguiu Emily até a porta. – Adeus, Helena.

Ele viu Helena se levantar.

– Só mais uma coisa – disse Helena.

– O que é? – perguntou Peter. Olhou novamente para Lucy e Stella, ambas com as mãos cruzadas na frente delas e os olhos erguidos, silenciosas e ansiosas, como meninas numa sala de aula.

– Escuta. – A voz de Helena estava mais calma agora. – O seu livro não é propriamente aquilo a que chamaríamos de êxito. Eu o mantive nas livrarias todos estes anos sem grandes vendas porque sou nostálgica. Às vezes até eu me espanto, o que posso fazer? Vamos encerrar o concurso, como já disse. Peço desculpa por tê-lo encorajado. Deveria ter dito não à proposta dela. – Fez um gesto com o queixo na direção de Stella. – Mas não. Deixei que ela mentisse para mim.

Stella, que tinha permanecido calada assistindo, disse:

– Mas eu encontrei o amor.

– Ah é? – perguntou Helena. – Bem, então, esse será o seu consolo.

Stella se limitou a anuir e olhar para a mesa.

– Você o manteve vivo todos estes anos? – perguntou Peter a Helena.

– As pessoas gostam dele. Mas as pessoas gostam de muita porcaria e só Deus sabe como perdem o interesse, esquecem e começam a procurar uma coisa nova mais depressa do que peixinhos dourados. Lucy?

– Sim?

– Pode acompanhar os nossos convidados?

– Emily, Peter, por favor, venham por aqui.

– Adeus, Helena – disse Peter. – É sempre bom vê-la.

– Mantenha-nos atualizados sobre o novo livro, está bem? – Mas ele pôde ver que ela estava franzindo a testa, segurando as lágrimas e recusando-se a olhar para ele.

– Sim, sim, farei isso.

Ele a observou, saltando-lhe novamente à vista a corrente de ouro estranhamente grossa. Era como uma armadura, pensou.

Uma mulher tão encantadora e poderosa. Tantos anos depois e ele ainda se sentia atraído por ela, ainda fugia dela. Não conseguia entender.

Seguiu Lucy pelo corredor. Emily já estava à espera do elevador.

– Espere por mim, Emily – chamou ele.

Helena vinha atrás dele.

– Peter? Só mais uma coisa.

Virou-se para ela. Helena lhe lançou um olhar flamejante e, se ele não a conhecesse, se nunca a tivesse conhecido, teria achado que estava prestes a gritar com ele. Mas não era isso. Ganhara coragem suficiente para dizer algo importante. Ele adorava aqueles olhos.

– Você fez um péssimo trabalho em manter contato. Nunca ligou.

– Eu sei. Desculpa.

– Nunca esqueço as promessas das pessoas.

Peter sorriu e pensou no amor constante que tivera com Lisa.

Pensou nas noites com Helena. Ela o tinha levado à loucura e ele tinha fugido daquela intensidade. Escolhera uma vida mais tranquila.

Depois de um momento, ele disse:

– Eu tinha medo de decepcioná-la. Tinha certeza de que a decepcionaria.

– Não precisava ter se preocupado com isso.

– É tarde demais?

Ela franziu o cenho. Estava abismado com o quanto gostava da sensação de tê-la à sua frente, ali no corredor. A maneira como pareciam não conseguir deixar o outro ir, mesmo agora. E então ela sacudiu rapidamente a cabeça e foi embora.

– Bem, isso não correu exatamente como imaginei – disse ele, em parte para Emily, que estava muda, em parte para Lucy Brodsky, que tinha os braços cruzados com força sobre o peito.

– Pode começar a escrever um blog – sussurrou Lucy Brodsky a Peter. – Conte a verdade sobre o que aconteceu aqui. Todos nós iríamos lê-lo. Não vamos ficar aqui para sempre. Este lugar não é nosso dono.

– Ah, é? – disse ele. – Hum, isso é mais para você, não? Eu não sou blogueiro. E, além disso, este lugar não é culpado pelo que correu mal.

Logo depois, Peter e Emily estavam do lado de fora, na Fifty-Seventh Street, no meio de um vento tempestuoso de Ação de Graças e de dezenas de turistas.

Ele tomou as mãos de Emily nas suas.

– Emily, não se preocupe, vai ficar bem – disse.

– Talvez um dia. E aquela moça horrível, a Stella? Ainda está lá em cima.

– Imagino que neste momento já tenha percebido que não se encaixa na posição. Se não percebeu, Helena se encarregará de esclarecer.

– Daqui a um tempo, quando eu olhar para trás para tudo isso, vou sentir que me ajudou a atravessar um momento difícil. Você me ouviu. Ofereceu uma camisa para mim.

– Não lhe fiz bem nenhum.

– Isso não é verdade. Esteve lá quando precisei, Peter Herman. Não pode negar!

Extraído de *O casamento é uma canoa*, **Capítulo 11, Sobre o fim**

No dia 25 de agosto daquele verão maravilhoso, a um dia apenas do fim da minha visita, eu sabia que tinha de terminar com a Honey. Mas não queria fazer um péssimo trabalho e magoá-la. Por isso pedi conselho ao vovô.

Saímos para o lago para pescar umas trutas e conversar sobre o assunto. Já era quase fim da tarde quando ganhei coragem para lhe fazer a pergunta. Os raios do sol tocavam os olmos que rodeavam o lago. Nessa época, eu já era capaz de remar com perfeição, e assim fiz, enquanto vovô enfiava a linha na vara de pesca. Quando paramos, eu disse o que precisava dizer, sobre o quanto gostava de Honey e como gostaria de vê-la novamente, mas que sabia que, por causa da escola e da distância que nos separava, deveria lhe dizer que acabara. Apesar de não ser nada disso que nenhum de nós queria.

– Peter, é preciso haver fins para podermos encontrar novos começos. Os finais não são um problema. O que não está certo é tratar mal as pessoas, não importa se deixamos de amá-las. Isso também não nos dá o direito de as tratarmos tão bem como se fossem as pessoas mais importantes na nossa vida. Sabe o que distingue um verdadeiro cavalheiro?

– Não.

– O que distingue um verdadeiro cavalheiro é mostrar a mesma deferência e bondade ao rapaz engraxador da Second Avenue e à rainha da Inglaterra.

Eu assenti, com a consciência de nunca ter falado com nenhum dos dois.

– Nunca tive uma ruptura com Bess, mas se tivesse, não seria indelicado. Não importaria o que tivesse acontecido. Agora vamos pensar na sua mãe. Ela teve algumas separações muito ruins. Sejam os honestos, é verdade.

Voltei a assentir, porque ainda não era capaz de admitir que a minha mãe tinha sido casada com um homem que a maltratava.

E que esse homem era o meu pai.

– Houve homens com quem ela se relacionou na vida, sem entrar em muitos detalhes, porque ainda é um garoto, houve homens que não foram amáveis com ela, e só falar nisso faz doer meu coração e não gosto. Não gosto de saber. Mas não há nada a fazer. Entende? É algo que não desaparece.

Meu cabelo tinha crescido muito e eu estava sempre o jogando para trás e assim fiz naquele momento, e talvez isso me fizesse parecer um pouco mais orgulhoso, como se tivesse mais atitude do que realmente tinha.

– Você não quer se tornar como um desses homens que trataram mal a sua mãe, não é?

Não foi a primeira vez naquele verão que engoli as lágrimas, e disse:

– Não, senhor.

– Então vai se encontrar com essa menina e seja gentil com ela. Seja honesto. Vai voltar para casa e não vai vê-la mais. Na vida, é preciso finais. Ela sabe disso também. E não deve tentar contorná-los ou fugir. Isso é um comportamento covarde e, no momento, até pode fazer você se sentir aliviado, como se o seu coração continuasse a bater, ao fugir de uma responsabilidade. Mas esse momento de covardia vai ficar com você para sempre e nunca conseguirá esquecê-lo. É mais profundo do que uma tatuagem de marinheiro ou uma cicatriz de uma facada. Fica dentro de você, se não fizer o certo, e nunca mais se livra dele. Por isso me promete que nunca vai fugir de um fim sincero. É capaz de prometer a mim, Peter?

– Prometo que não – respondi. E a próxima coisa que tinha a dizer foi dita, porque tinha de ser. – Está me ajudando e me dando tantos conselhos por causa do meu pai, e da maneira como ele e a minha mãe estão acabando? Prometo que não vou ser como ele. Nem sequer gosto dele.

– Não diga isso. Ele é seu pai. Mas, sim, em parte – disse vovô. – Em parte. Não podemos consertá-lo e fazê-lo se comportar corretamente agora, podemos? Tudo o que podemos é fazer esse trabalho com você.

– Então, tenho de ir lá e lhe dizer adeus? E só tenho de ser gentil? Dizer apenas que gosto realmente dela, mas que não podemos continuar? É isso?

– É isso mesmo. Não há problema em se separar, e não há problema em acabar. E deveria saber disso. Mas deve fazer isso honestamente, e dessa

maneira não precisará viver com remorsos. Vamos lá, vamos voltar. Os peixes não mordem assim tão tarde. Já devem estar dormindo. Nós dois sabemos que sim.

Mais tarde, depois de eu ter ido ver a Honey, nós nos sentamos à mesa da cozinha para comer escalopes de frango com pão de alho e espaguete com molho de tomate. Bebemos água gelada em copos altos. Para sobremesa havia gelatina, tão cheia de fruta fresca que mal podia suportar a pressão e o peso.

Eram quase oito e as luzes começavam a se acender nas casas ao redor do lago. Pensei: esta é minha parte preferida do dia. Depois pensei: há muitos momentos do dia que são os meus favoritos aqui. E, olhando para trás, para esse tempo, gostaria que toda a minha vida pudesse ser preenchida por esses momentos suaves.

Se tiverem de pôr um ponto final na viagem de vocês, sejam tão gentis e honestos um com o outro como quando começaram.

Stella, novembro de 2011

Stella entrou no escritório alguns minutos depois das nove da manhã de sexta-feira, muito mais cedo do que o habitual, mas não teve importância. Foi demitida de imediato.

Ficou chocada ao descobrir que não sentia ódio por Gina Adams, do RH, que chegou com Melissa Kerrigan, que mal via há dias, e que também, por incrível que pareça, não odiava. Não sentiu ódio quando Gina lhe disse que ela teria plano de saúde durante noventa dias, mas que, independentemente disso, deveria fazer um novo plano imediatamente. Não sentiu ódio por Melissa, que viera especialmente para este evento, já que normalmente não vinha às sextas-feiras, só para dizer adeus.

– Mesmo que a LRB considere uma reestruturação departamental, em vez de uma demissão, a questão é que eu tenho alguma responsabilidade – disse Melissa.

Gina olhou para Melissa, enquanto Stella observava. Gina usava um enorme anel de noivado e Stella tinha ouvido dizer que ela se ia casar com um gestor de fundos e que ficaria rica, e que apenas se mantinha no RH da Ladder & Rake porque era uma pessoa que gostava das relações humanas. Gostava de incentivar as pessoas a cumprirem o seu potencial e provavelmente um dia iria dirigir todo o grupo de RH da LRB.

Stella viu que Gina estava olhando para Melissa e pensando: “É péssima em lidar com este tipo de situação.” E não se importava que Stella reparasse porque, há dez minutos, Stella deixara de pertencer à empresa.

– Tenho tempo para arrumar a minha mesa?

– Sim – disse Gina. – Pode fazer isso agora.

– Adeus, Stella. – Melissa avançou como se fosse abraçá-la e Stella recuou.

– Pelo outro lado, por favor – disse Gina, numa voz cantante, colocando a mão no braço de Melissa.

– Sinto muito – disse Melissa.

Stella mordeu a língua para não dizer que estava tudo bem. Até parece que ia absolver a sua superiora direta da culpa.

– Volto já com uma caixa para as suas coisas – disse Gina, depois de Melissa ter ido embora.

– Seria possível me trazer duas caixas? – Stella tinha os braços cruzados sobre o peito. Queria dizer algo prolixo como “E que tal um abraço?”, mas teve medo que o tiro saísse pela culatra e desatasse a chorar na frente de Gina.

Gina respondeu:

– Vou ver o que posso arranjar.

Stella olhou em volta. Tinha as citações do *Canoa* no quadro de cortiça. O melhor seria deixá-las lá. Queria levar um monte de porcaria que tinha acumulado nos seus catorze meses na Ladder & Rake, mas sabia que não seria capaz de embalar tudo. Havia um Tupperware no parapeito da janela que tinha trazido com frango de casa. Estava limpo. Atirou-o para dentro da bolsa.

Uns minutos depois, fez um intervalo na ação de despejar livros aleatórios que nunca iria ler para as duas caixas que lhe trouxeram, para usar o telefone do escritório e ligar para Ivan.

– Acabou – disse ela.

– O quê?

– O meu trabalho. Fui despedida.

– O quê? Isso é uma loucura! Você adora esse trabalho e é boa no que faz. O que aconteceu?

Ela respirou fundo. Era aquilo. Era tudo o que precisava ouvir.

– Helena decidiu que eu menti para ela. Talvez eu tenha. Enfim, é apenas um emprego estúpido – disse ela. – Um emprego é uma coisa meio estúpida para se adorar.

– Quer que eu encontre você agora? – perguntou ele.

Imaginou-se sentada num táxi com as caixas, a caminho de casa para aquele lugar em Astoria onde tinham se refugiado – essa era a palavra certa. Definitivamente tinha de passar algum tempo limpando a casa. Comprar uma adega. Talvez até construir uma.

– Stella? Querida?

– Hum, não, acho que não vale a pena nos encontrarmos agora. Não preciso lhe pedir para fazer isso. Liga quando sair do trabalho, está bem?

Desligou o telefone. Sentiu-se mais velha e cansada do que o habitual, um pouco mais pesada. Sentia-se outra pessoa. Quem seria? Sentia-se como... se fosse Emily. Por um momento, se sentiu exatamente como Emily. Tinha acreditado em alguém e essa pessoa a tinha magoado. Espera. Afastou o pensamento. Não era nada como Emily. Não agora, pelo menos. Agora ela estava apaixonada. E o que havia de errado em ser como Emily? Achava que Emily Babson era uma pessoa sincera, que acreditava que as pessoas eram inerentemente boas. Não havia nada de errado nisso.

Voltou a ligar para Ivan.

– Mudei de ideia. Preciso de você agora. Pode vir até aqui, na entrada da Ladder & Rake? Assim me ajuda com as caixas e podemos ir a algum lugar agradável tomar uma bebida chique.

– Sim, querida. Já estava vestindo o casaco. Vou já para aí.

Peter, dezembro de 2011

Peter sabia que estava começando a superar a questão do concurso e o resultado catastrófico quando começou a pensar em frases tão ruins que o faziam rir em voz alta: “O amor é simples, doce e amargo como os sanduíches de atum com alcaparras e limão da Pantomime’s”.

Achou que estava saindo do luto e dizendo adeus a muita coisa e, mais, imaginou que isso significava que estava caminhando em direção a algo bom, em breve. Numa noite escura de sexta-feira tinha encontrado a cítara no armário do corredor. Queria levar aquele belo objeto para fora de casa.

Atravessou a cozinha, desceu os degraus dos fundos e foi até a ponta do cais. Ficou ali no frio gélido. Observou o brilho do luar cintilar na superfície de madeira brilhante da cítara. Não se ouvia o mínimo som, exceto o ruído da água. Levantou a cítara e olhou para ela, apreciando a sensação na mão. Em seguida, ajoelhou-se e mergulhou o instrumento na água fria. Ergueu a mão vazia, branca e lúida na frente do rosto.

Tinha sido muito difícil, ao voltar de Nova York, algumas semanas antes, dizer adeus a Maddie. Anjulee tivera o bebê e estava na hora de Maddie partir. Disse a Maddie que não iria se mudar para São Francisco com ela. Esperava que ela respondesse que sempre tinha esperado esse final. Mas, em vez disso, ficou profundamente surpreendida e magoada, e não parava de chorar.

– Não posso continuar a fazer coisas que realmente não quero fazer – disse Peter a ela.

Achou que ela era capaz de entender. Em vez disso, ficou furiosa com ele e tinha usado essa fúria para partir às pressas, para longe dele e de Millerton, para sempre.

Escrevera a Helena um bilhete curto, pedindo para vê-la em breve. Quando estiver preparada, escreveu. Ela não tinha respondido por escrito, nem telefonado. Achou que não devia insistir mais. Embora, nos últimos dias, começasse a considerar voltar a contatá-la. Em breve.

Ali no cais, disse a si mesmo que conseguia ouvir os avós. Era possível. Alguns trechos do livro vinham deles. Alguns eram verdade. Não muitos. Mas alguns.

Cinquenta anos antes, onde estava? Chorando no quarto, no apartamento dos pais no cruzamento da Third Avenue com a Sixty-Third Street enquanto eles se divorciavam. E depois, algumas semanas mais tarde, assistindo calmamente à vida dos avós durante as semanas de férias. Eles o viram sentado, sem fazer nada. Disseram-lhe para ir pescar. Deram-lhe uma vara. Apontaram na direção do lago. Não se afogue, Peter. Havia um vizinho que tinha uma canoa que ele podia usar. Embora talvez tivesse um buraco no meio. Não tinham certeza. Se tivesse, ele devia aprender a consertá-lo, caso contrário iria se molhar.

Conseguira consertar a canoa sozinho, usando instruções que encontrara num livro no antigo quarto da mãe. Chamara o avô para ver a canoa flutuar e o velho tinha ido pescar com ele algumas vezes. Tinham conversado na canoa. Ele se esforçara para fazer Peter se sentir melhor. No final do verão, o avô tinha comprado a canoa do vizinho por cinco dólares e Peter ainda a tinha... exatamente a mesma canoa.

Às vezes, havia frango e legumes para o jantar. Torta de sobremesa. Outras vezes, quando iam dormir cedo e se esqueciam dele, Peter preparava um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia e se sentava para ler na cozinha. Como faria esta noite, cerca de cinquenta anos mais tarde. Eram dois velhotes muito simpáticos. Não falavam muito, mas quando o faziam eram sempre amáveis e, sim, ele apontara algumas das coisas que tinham dito e algumas delas faziam parte do livro.

Às oito da noite se deu conta de que ainda estava no cais. Sentiu-se gelado e voltou para casa. Viu os faróis de um carro reluzirem no lago e ouviu o barulho de pneus na entrada de cascalho.

Após alguns momentos de confusão, correu pelo caminho até o alpendre de trás para ver quem era. O motor do carro tinha parado. Maddie? Henry tinha lhe dito que ela deixara a cidade há uma semana, para sempre, sem dizer adeus. Talvez fosse o Henry? Embora normalmente ele telefonasse primeiro.

Ouviu o chiar e o estrondo da porta da frente abrindo e fechando. Encontrou Helena Magursky de pé na cozinha, encostada na pia. Usava um sobretudo escuro e tinha os braços cruzados sobre o peito.

– A porta estava destrancada – disse ela. – Entrei.

Ele ficou parado, observando-a.

– Vejo que sim.

– De quem estava à espera? Da Madre Teresa?

– Da Sophia Loren – disse ele com uma risada. – Mas você serve. É mais bonita do que ela, afinal.

– Por favor. Se esse fosse o caso, teria passado a minha vida em iates em vez de salas de conferências. – E também teria um belo bronzado.

Ele sorriu.

– Recebeu a minha carta. Estou feliz por ter vindo.

– Estava sempre pensando em lhe telefonar. Mas de alguma forma telefonar não era o suficiente. Levei algumas semanas para ter coragem de dirigir até aqui. Não me importa que me desaponte. É tarde demais, como disse. Eu sei o que devia esperar de você. E tenho sido paciente.

Peter sorriu e disse:

– Não há nada no livro sobre a paciência. Decidiu deixar isso de fora? Guardar a paciência para você? O livro é seu, Helena. Você sabe disso.

– Acho que incluímos um pouco de paciência, na verdade. Mas quem quer falar sobre um livro? – perguntou ela. – Conheço um cara num bar e ele me conta histórias piegas sobre o divórcio dos pais e algumas de semanas tristes que passou sendo alvo do que imaginava poder ser alguma sabedoria que os avós tinham partilhado com ele. Eu lhe digo que poderia escrever um livro sobre isso e dormimos juntos. Um caso maravilhoso, aliás. Um dos meus preferidos de sempre. Fazemos das suas memórias um *best-seller*. Nós nos separamos de forma muito desagradável e, muitos anos depois, aqui estamos nós.

E então ela se calou. E esperou. Ele a beijou, profundamente, e havia paixão. Estavam tão perto um do outro agora, ouvindo o ritmo da respiração um do outro. Peter não podia deixar de sentir como era diferente com Maddie.

Ele recuou, mas manteve a mão na dela.

– Não consegui parar de pensar em você.

– Peter! Não acabei de citar a nossa história horrível? Não estou aqui para tentar voltar ao passado. Estou aqui porque me escreveu. Gostei de vê-lo em Nova York.

Ele a beijou novamente, com mais intensidade.

Helena disse:

– É verdade que não tem saído da minha cabeça nos últimos meses. Achei que poderia ser bom nos conhecermos outra vez. Nenhum de nós mudou muito, por isso não deve haver muitas surpresas. Mas não me interprete mal. Não pode se casar comigo. Perdeu a sua oportunidade.

– Como sabia que eu estava sozinho?

Ela riu e respondeu:

– Tenho as minhas fontes. Não foi difícil de descobrir. O que achava? Que eu saltaria para dentro do carro e viria dirigindo até aqui sem saber o que esperar? Acha que eu sou alguma idiota romântica?

Peter não largava a mão dela.

– Vamos até a varanda um momento.

No domingo, Peter levou Helena à pousada para o *brunch* e para apresentá-la a Henry, que afinal fora a Hudson. O dia estava cinzento, por isso pediu a Jenny que arranjasse alguém para acender o fogo e os dois se sentaram na grande mesa redonda em frente à lareira. Pediram Bloody Mary, omeletes e torradas. Peter flagrou Helena fazendo uma careta para o papel de parede.

– Acha que devia dizer ao Henry para substituí-lo? – perguntou.

– Eu não disse isso.

– Já o critica. E ainda nem sequer o conhece.

– É o meu trabalho – disse Helena. – Mas gosto do fogo.

Ficaram olhando para as chamas e, depois, Peter perguntou:

– E as jovens? Stella e Emily?

– A nossa ex-editora e a vencedora do concurso? Vão ficar bem. Eu demiti a moça. Passava a vida tropeçando e batendo nas coisas, era o que fazia. Tentei avisá-la, mas ela não me deu ouvidos.

– Você foi muito cruel – disse Peter.

– Não, não fui. Ela vai arranjar outro emprego em três tempos.

– Como pode ter tanta certeza?

– Para com isso, Peter. Ela estava descontrolada. Disse a ela para encontrar o romance e ela fez uma confusão de tudo. Além disso, mentiu pra mim. Eu sei o que estou fazendo. Só digo o oposto do que quero dizer se for minha intenção. Não critique o meu caráter.

– Desculpa. Não devia ser brusco.

– Com certeza não devia. – Mas ele percebeu que ela não gostava de falar daquela maneira. Pelo menos, não com ele.

– Sabe – disse Peter –, o meu casamento foi bom. Mas você continua a ser a tal.

– Eu também tive alguns relacionamentos. E casamentos. Pode apostar nisso. – Ela levantou uma sobrancelha e piscou o olho. – A minha filha acha que eu sou louca. Mas está feliz por mim.

Peter bebeu um gole do Bloody Mary.

– É melhor nós dois irmos com calma.

Helena encolheu os ombros.

– Não precisamos ir com calma. É relaxante estar com alguém que o conhece antes de conhecer a si mesmo. Seria impossível nos magoarmos agora, não acha?

Peter sorriu e não disse nada.

– Venho aqui na próxima semana também – disse ela. – Para espairer. O que acha da ideia?

– Continue a aparecer e eu faço uma revisão do livro.

Helena levantou as sobrancelhas.

– Isso seria bom, não seria? Mas você diz isso a todas.

– Faça, sim – garantiu Peter. – Se me ajudar, desta vez pode ser que concretize.

Emily Babson, meados de abril de 2012

Emily tirou alguns meses para ficar completamente sozinha e, depois, começou a ter encontros românticos com vários homens.

Nenhum deles foi bom. Parou e passou mais tempo fazendo ioga.

E então, depois do Dia dos Namorados, assim que aperfeiçoou a posição do pino, recomeçou. Ela e Eli tinham concordado em assinar os papéis do divórcio. Ela achava que seria fácil. Pelo contrário, foi terrivelmente feio durante alguns dias, depois de o pai dela sugerir que devia considerar o valor da sua contribuição para a Roman Street Bicycles. E depois voltou a ser fácil, assim que descobriu que qualquer que fosse a parte do valor que lhe cabia da empresa de Eli, não era o suficiente para lutar. Sofreu a perda de um conjunto de talheres de prata que ele disse que a família dele queria. Houve uma noite extremamente difícil, a de voltar para casa e ver que toda a roupa dele e a poltrona de camurça vermelha de que ela nunca gostara já não estavam lá.

Depois das férias de Natal, ouviu dizer que Eli dividia o tempo entre Los Angeles e Nova York. Esperava que ele e Jenny fossem felizes juntos. Bem, não esperava exatamente. Mas, pelo menos, tinha deixado de querer saber deles. E jogara fora a conta do telefone.

Teve um encontro com um homem chamado Jesse Michaelson no início de abril. Tinha sido um casinho. Ele era compositor e tinha sido professor de Sherry, quando ela estava na faculdade. Foram mantendo contato e ele perguntava sempre por Emily, que conhecera uma vez, há uma década. Sherry disse que ele não assentara com ninguém, por algum motivo, talvez por estar tão envolvido consigo mesmo. Toda aquela música na cabeça. Mas talvez goste dele, disse ela. Emily só conseguia pensar no pouco que sabia sobre música. De que fariam?

Encontraram-se à porta do Carnegie Hall. Jesse tinha bilhetes para o ensaio geral dessa tarde de um quarteto de Londres. Podiam se sentar bem no fundo da sala, onde poderiam sussurrar. Quando olhou para ele, pensou

numa fatia de pizza comida rapidamente na rua depois de uma festa onde não havia comida suficiente. Não era glamoroso, mas bom. Ele usava uma camisa branca de botões da Brooks Brothers, tão velha que já tinha bolinhas, e um blazer de *tweed* verde. O nariz parecia grande.

– Trouxe uma garrafa de sidra. – Jesse mostrou a garrafa prateada, guardada no bolso de dentro do casaco. – Ainda está quente.

Emily sorriu e se perguntou sobre como teria ele descoberto que gostava de sidra. Entraram e ficaram no átrio. Ela não disse nada. Chegara à conclusão de que estava farta de preencher os silêncios dos homens. Não era obrigada a deixá-los confortáveis.

– Quais foram as repercussões de todo aquele desastre do *Canoa*? – perguntou ele.

Ela respondeu:

– Não está mesmo com rodeios.

– Não. – disse ele.

Ela o observou. Usava docksiders sem meias e Emily pensou que ele devia ter frio. Tinha um peito de pássaro. Porque estavam mesmo tendo aquele encontro? Mas ela tinha tendência em resistir até o fim. Ele disse:

– Eu sei que pode não parecer, mas me mantenho atualizado. A última informação que me chegou foi que você e o velho escritor estavam apaixonados.

– Fique à vontade. – Ela franziu o cenho. – Acredite no que quiser.

– Como é que tanta informação escapa? Nunca entendi essa parte.

– A Ladder & Rake não fez isso – disse ela. – Eles queriam que toda a história do concurso fosse esquecida. Mas alguém encontrou um site que pagava cinquenta dólares para provar que tínhamos sido os vencedores, eu e o meu ex. E essa foi uma revelação hilariante, já que havia provas de que tínhamos nos separado. Por isso havia algo de que as pessoas podiam rir. Aí está a sua resposta.

– Tem certeza de que não trocou o seu marido pelo Peter Herman?

Emily olhou para Jesse antes de perceber que ele estava brincando. Então riu e, subitamente, relaxou. Ele não estava com ciúmes ou sendo preconceituoso. Era um bom começo. E não sentia necessidade de explicar por que tinha participado do concurso e ganhado.

A música era maravilhosa. Havia um violoncelo e adorava o som do violoncelo. Ficou atônita quando muito naturalmente começaram a flertar,

na parte de trás da sala de concertos quase vazia. Perguntou-se o que pensaria Peter Herman, e não entendia por que pensava nisso, já que ele não teria uma explicação melhor para a atração do que qualquer outra pessoa.

Mais tarde, iria perceber que não havia problema em pensar em Peter, em pensar nele apenas como um homem bom que conhecera, que tentara ajudá-la na época em que o seu casamento terminara. Iria descobrir isso ao mesmo tempo que perceberia que continuava a ser incapaz de viver sem as suas várias edições de *O casamento é uma canoa*.

Estava em casa novamente, horas mais tarde, depois de terem comido hambúrgueres com queijo num restaurante no térreo de um hotel ao fundo da rua do Carnegie Hall, depois de se separarem e ele a ter beijado. Sozinha, parabenizou-se por não precisar ajudar Jesse a fazer nada, nem com a carreira nem com a sua capacidade de se fazer entender. Nada. Ele ficou de mão dada com ela enquanto terminavam o vinho.

Ligou para ela no dia seguinte, e foi engraçado e confiante ao telefone. O nome completo dele era Jesse Edward Michaelson. JEM. Gostava. Era um nome majestoso sem ser conservador.

– Acho que até nem foi um mau encontro – disse ele.

– Isso é terrivelmente gentil da sua parte.

– Quer tentar de novo? Talvez na terça-feira?

– Terça-feira – disse Emily. – Claro.

Gostava de Jesse. No entanto, levaria muito, muito tempo até ser capaz de ter alguma coisa mais séria com ele. Havia aspectos negativos. Ele andava muito mais depressa do que ela. Usava pulseiras de corda em ambos os pulsos. Mas era capaz de aprender a viver com isso. Desde que ele nunca tivesse ciúmes ou fosse mau.

E não a traísse. Podia sentir, imaginando-se a caminhar apressada por uma rua da cidade com Jesse, aquele possível retorno a um estado de felicidade.

Na vez seguinte que o viu, percebeu que era mais alto do que ela, mas não muito mais alto, e que o nariz não era grande, mas reto, do tipo romano. Era bonito, mas não tão bonito que se tornasse incômodo.

– Como compõe uma música? – perguntou ela.

– Essa pergunta não será um pouco ampla? – perguntou ele. – Quero dizer, por onde quer que comece?

– Por onde quiser – disse ela. – Mas posso já lhe dizer que gosto de um homem capaz de dar uma boa explicação.

Peter Herman, Millerton, Nova York, final de abril de 2012

Peter ouviu Helena descer calmamente as escadas. Ele ainda estava no gabinete de Lisa, trabalhando na nova introdução para o livro.

Ele disse em voz alta:

- Vou já para a cama. Só preciso de mais dez minutos.
- Vou fazer chá. Onde guarda o mel?
- Na despensa, se houver, mas vem aqui um momento. Quero lhe mostrar a nova carta de abertura.

Ela entrou e pousou as mãos em seus ombros. Leu o que estava escrito na tela. Ouvia a sua respiração suave e a puxou para mais perto, colocando os braços dela ao redor do seu pescoço, para que ela se inclinasse e aninhasse o queixo no seu ombro, permitindo-lhe sentir o aroma do cabelo dela. A proximidade que tinha descoberto com Helena o fazia sentir frio na barriga e euforia. Era um sentimento novo para ele, a maneira como se tocavam e como eram lentos ao se afastarem. Não sabia por que eram tão felizes juntos, mas tinha experiência suficiente para não questionar a sua sorte.

- Hum – disse ela. Endireitou-se, mas Peter não a largou.
- E então? Está bom?
- Acho que sim.
- Não é isso que querem?
- Talvez seja um pouco doce. Até para você.
- Acha mesmo? – Ele se virou para trás e estendeu a mão, tocando em seu queixo. – Acho que sempre tive dificuldade em perceber o que é doce demais.
- Não fica com esse ar malicioso comigo, Peter Herman – disse ela. – Deixa isso para amanhã. Acho que consigo tirar seu cheiro de açúcar queimado e chegar ao que realmente quer dizer. Deixe-me fazer isso antes de enviar. Não queremos que cause uma má impressão.

– É mais do que justo – disse Peter. – Eu escrevi o que quis dizer. Mas posso esperar até que dê uma olhada.

Excerto da introdução da edição revista e comentada de *O casamento é uma canoa*, rebatizado como *O amor é uma canoa*, fevereiro de 2013

Caro leitor:

Talvez Hank e Bess Latham não estivessem tentando me ajudar a entender o casamento, afinal. Quem pode nos ajudar com essa difícil missão? Eu não. Eles também não podiam. Eu era um garoto. Foi apenas um verão que passamos juntos.

Vou continuar a partilhar os seus pensamentos e histórias. Sei que eles acreditavam que o amor chega a todos. Posso escrevê-lo agora, nesta minha idade avançada, com os olhos bem abertos e a cabeça erguida. Esteja aberto ao amor quando ele chegar. Não fuja dele como um jovem foge de uma obrigação assustadora.

O amor é mais tolerante do que imaginamos. O amor não é tão inconstante e cruel... não tão duro como o casamento pode ser. O amor é paciente. O amor é bondoso. O amor pode ser flexível. O amor nos dá outra oportunidade.

Agradecimentos

O meu primeiro reconhecimento e agradecimento vai para Suzanne Gluck, que fez uma pressão imensa, e durante muito tempo. Ela é uma força da natureza. Tenho uma grande dívida com ela. Estou grato a Sarah Crichton pelo seu charme e sabedoria, pela sua defesa e edição. É uma pessoa maravilhosa. Fico feliz em conhecê-la e mais feliz ainda por ter tido a oportunidade de trabalhar com ela.

Muitas pessoas da WME leram o livro e me ajudaram, incluindo Laura Bonner, Cathryn Summerhayes, Shana Kelly, Caroline Donofrio, Eve Atterman e Anna DeRoy. Jonathan Galassi, Jeff Seroy, Kathy Daneman, Dan Piepenbring e Nick Courage; e muitos outros na FSG me surpreendem com o seu bom humor, a sua amabilidade e a sua inabalável determinação em manter as grandes tradições da publicação. Agradeço a Rodrigo Corral por ter lido, por ser um bom amigo e por ter me oferecido uma capa maravilhosa. Joshua Furst, Kate Christensen, Gabrielle Danchick, John Wynne, Harris Schrank, Linda Schrank e Faith Childs leram e partilharam comigo os seus comentários úteis.

Reconheço e agradeço ao meu grupo da Razorbill, a Don Weisberg e à equipe da Penguin Young Readers, e à Penguin, por me fazerem sentir em casa e por terem paciência comigo pelo tempo que precisei para escrever e publicar este romance.

Lauren Mechling trabalhou ao meu lado em cada página deste livro. É uma excelente revisora e uma escritora brilhante. Quando este romance é bom, é bom por causa dela, e quando é maçante, a culpa é minha. Sou grato a você por me ajudar a me tornar um escritor melhor. Mas sou grato, acima de tudo, por estar casado com ela. Também ao nosso filho, Henry Chester, que é realmente adorável.

Índice

CAPA

Ficha Técnica

Introdução de O casamento é uma canoa de Peter Herman, publicado pela Ladder & Rake Books, outubro de 1971

Emily Babson, julho de 2010

Peter Herman, julho de 2010

Stella Petrovic, julho de 2011

Extraído de O casamento é uma canoa, Capítulo 1, Primeiro dia

Peter Herman, agosto de 2011

Extraído de O casamento é uma canoa, Capítulo 2, Sobre o desejo

Emily Babson, agosto de 2011

Peter Herman, início de setembro de 2011

Emily Babson, início de setembro de 2011

Extraído de O casamento é uma canoa, Capítulo 3, Casamento e intimidade

Peter, setembro de 2011

Um concurso de aniversário da obra O casamento é uma canoa

Emily, setembro de 2011

Stella Petrovic, outubro de 2011

Extraído de O casamento é uma canoa, Capítulo 4, O que é o casamento?

Emily, outubro de 2011

Peter, outubro de 2011

Emily, outubro de 2011

“Bases roubadas”, de O casamento é uma canoa, com novo prefácio para a terceira edição, lançado pela primeira vez numa publicação em série durante seis domingos consecutivos, em julho e agosto de 1982, na revista Parade

Emily, 21 de outubro de 2011

Stella, novembro de 2011

Emily, outubro de 2011

Stella, novembro de 2011

Extraído de O casamento é uma canoa, Capítulo 5, Sobre começos

Extraído da revista The New Yorker, 14 de novembro de 2011, Seção Talk of the Town

Peter, novembro de 2011

Stella, novembro de 2011

Extraído de O casamento é uma canoa, Capítulo 6, Falando de
companheirismo

Stella, novembro de 2011

Emily, fim de semana dos vencedores, novembro de 2011

Peter, fim de semana dos vencedores, novembro de 2011

Emily, fim de semana dos vencedores, novembro de 2011

Peter, fim de semana dos vencedores, novembro de 2011

Emily, fim de semana dos vencedores, novembro de 2011

Peter, jantar dos vencedores, novembro de 2011

Emily, fim de semana dos vencedores, novembro de 2011

Stella, novembro de 2011

Peter, novembro de 2011

Emily, novembro de 2011

Stella, novembro de 2011

Peter, novembro de 2011

Stella, novembro de 2011

Peter, novembro de 2011

Stella, novembro de 2011

Peter e Emily e Stella e Helena, novembro de 2011

Extraído de O casamento é uma canoa, Capítulo 11, Sobre o fim

Stella, novembro de 2011

Peter, dezembro de 2011

Emily Babson, meados de abril de 2012

Peter Herman, Millerton, Nova York, final de abril de 2012

Excerto da introdução da edição revista e comentada de O casamento é uma
canoas, rebatizado como O amor é uma canoa, fevereiro de 2013

Agradecimentos